

RECOMENDAÇÕES

“Do Sinai a Sião é um relato concreto de um aspecto muitas vezes esquecido da segunda vinda de Jesus. Muitos desconhecem as profecias “debaixo do nosso nariz durante todo este tempo” sobre Israel e as nações gentílicas. Deus cumpre Suas promessas redentoras no tempo e no espaço, nos desertos quentes e nos caminhos empoeirados, não em platitudes amorfas e super-espiritualizadas. Este livro lhe permitirá ver, cheirar e tocar com vivacidade e ouvir Jesus durante seu retorno. Isso fará com que você O ame mais”.

— ALAN E. KURSCHNER, Phd, Eschatos Ministries

“Joel Richardson escreveu um livro verdadeiramente único sobre o retorno de Jesus. Este estudo deve ser cuidadosamente considerado por todos os estudantes sérios das Escrituras. Ele trata de muitos detalhes negligenciados a respeito do retorno de Jesus encontrados tanto no Antigo como no Novo Testamento. Oro para que este livro seja uma bênção para vocês”.

— R. T. KENDALL, Autor Best-Seller e Professor

“Joel Richardson realmente me desafiou sobre o que eu pensava saber sobre a segunda vinda de Jesus Cristo”. A forma como Seu retorno está ligado à história do Êxodo é especialmente esclarecedora”. Ao longo do livro, não pude deixar de imaginar as grandes representações que o autor tão habilmente apresentou”.

— MATTHEW BRYCE ERVIN, Pastor na Igreja Evangélica Luterana Zion, Worland, Wyoming,
e Professor Conselheiro no Seminário Teológico Tyndale

“Desde o momento em que me tornei um seguidor de Jesus, fui ensinado ansiar por seu retorno. Mas admito que, ao longo dos anos, essa ansiosa antecipação tem altos e baixos. Joel Richardson reacendeu magnificamente a esperança bíblica da iminente vinda de Jesus. Do Sinai a Sião demonstra que o romance da redenção está profundamente enraizado nas Escrituras do Antigo Testamento, e o Espírito Santo é seu Grande Arquiteto que deixou intencionalmente suas impressões digitais para que nós descobríssemos. Este livro vai ajudá-lo a estruturar o passado bíblico e colocar seus olhos em nosso futuro sensacional”.

— SKIP HEITZIG, Pastor da Igreja do Calvário, Albuquerque, Nm,
e Autor Best-Seller de *The Bible From 30,000 Feet*

“Com base nas Escrituras e na tradição judaica, Joel Richardson delineou um cenário plausível para o dia do Senhor. Escrito em seu habitual estilo envolvente, ele traz à vida as possibilidades da Parusia de Cristo. Quando esta era chegar ao fim, acredito que o Senhor usará este livro para fazer com que o corpo de Cristo deposite mais plenamente sua esperança na revelação de Cristo Jesus”.

— JOHN HARRIGAN, Missionário e Autor de *Evangelho de Cristo Crucificado:
Uma Teologia Do Sofrimento Antes Da Glória*

Há muito a aprender com este livro. Ele está repleto de exposição de Escritura, especialmente a seção das Escrituras que não é estudada pela maioria dos cristãos, os profetas do Antigo Testamento. Richardson lança luz em passagem após a passagem, explicando habilmente como as mensagens dos profetas se encaixam com outras partes da Bíblia para revelar o que vai acontecer na Segunda Vinda de Jesus Cristo. Acho que também vim a amar mais a Deus ao ler este livro e fui lembrado que Ele é um Deus fiel, sofredor, perdoador e compassivo.

— LARRY PETTEGREW, Professor Doutor e Pesquisador em Teologia,
Seminário Teológico Sheperds

“Joel Richardson tem uma capacidade incrível de nos trazer uma compreensão sistemática de seu estudo da Bíblia. Há um grande nível de profundidade e meticulosidade. Este estudo sobre textos bíblicos que podem ser interpretados como referindo-se à segunda vinda de Yeshua é profundo. Ele nos leva a lutar com as interpretações que ele apresenta, pois usa provas para apoiar suas interpretações. A apresentação de Richardson mostra que a segunda vinda do Yeshua pode ser mais complexa do que as concepções defendidas por muitos. Um processo de conduzir Israel para fora do cativeiro, para lutar contra as nações e finalmente terminando no Monte das Oliveiras é apresentado. Não estou convencido de que todas as suas conclusões sobre os textos em questão estão corretas, mas estou convencido de que muitas estão. Também estou convencido de que ele cria um caso convincente, mesmo em pontos em que eu possa discordar. O ponto-chave sobre este livro é que ele pode ser um meio para aumentarmos nossa paixão pelo retorno de Yeshua e para abraçar os julgamentos e a libertação que fazem parte deste retorno. Na Bíblia, o dia do Senhor é o dia da intervenção de Deus no julgamento do perverso e libertação para Seu povo. Temos um quadro muito completo de textos que são relevantes para a compreensão daquele dia”.

— DANIEL C. JUSTER, Fundador e Diretor da Tikkun International

“Este é de longe o melhor livro que eu já li sobre a narrativa bíblica no que diz respeito à segunda vinda de Jesus. Recomendo-o veementemente. Eu conheci Joel Richardson há quase trinta anos, e tenho testemunhado sua fome implacável de devorar a Palavra de Deus. Durante estes muitos anos, ele tem sido consistente em sua devoção amar a Jesus, saborear Sua beleza e ser uma testemunha fiel da verdade. Eu tenho sido inspirado pela profundidade da compreensão que o Espírito lhe deu ao longo destes muitos anos. Joel é um presente precioso para o corpo de Cristo nesta geração”.

— MIKE BICKLE, Casa de Oração Internacional de Kansas City (IHOP-KC)

“Desde os meus primeiros dias como crente no Messias, ler sobre o retorno de Jesus foi algo que eu muitas vezes evitei. Por quê? Porque eu imaginava que se as pessoas que são muito mais inteligentes do que eu poderiam ter opiniões tão diferentes sobre quando e como esse dia glorioso aconteceria, seria uma perda de tempo para mim até considerar a possibilidade de descobri-lo. Decidi deixá-los discutir sobre os detalhes de o retorno do Senhor, enquanto prosseguia com temas que eu entendia como mais importantes e relevantes. Entretanto, quando seu amigo escreve um livro brilhante sobre um tema que você não gastou muito tempo estudando, o mínimo que você pode fazer é lê-lo, certo? O livro que você está segurando em suas mãos irá informá-lo, desafιά-lo e fazê-lo crescer em relação à questão que será o ponto culminante dos tempos. Ele dará vida a um assunto que deve fazer com que nossos corações ardam em antecipação, ao considerarmos o dia do retorno do Messias. Obrigado, Joel, por escrever este livro. Meus dias de minimizar a importância desta questão fundamental estão acabados, graças à sua mente brilhante, sua caneta habilidosa, e seu coração para ver Israel receber de volta seu rei”.

— SCOTT VOLK, Fundador e Diretor do Ministério Together For Israel

“É sempre uma alegria ler o que Joel Richardson tem a dizer, especialmente sobre o tema da segunda vinda de nosso Senhor. Mais uma vez ele entregou um estudo fascinante que começa no Sinai e vai até Jerusalém. Mesmo que Joel não se revele 100% correto em todas as avenidas que explora, seu trabalho certamente deve ser cuidadosamente considerado. Suas explicações são bem pensadas. Peço-lhes que aproveitem este trabalho desafiador sobre o que acontecerá quando Cristo retornar”.

— WALTER C. KAISER, Jr., Presidente Emérito do Seminário Teológico Gordon-Conwell Hamilton, Massachusetts

“A sabedoria e a capacidade de Joel de conduzir os leitores a temas profundos dentro das Escrituras é surpreendente. Sua abordagem é sólida ao transmitir a brilhante imagem tecnicolor do assunto mais importante e urgente de todos: o retorno glorioso de nosso Senhor Jesus. Joel acertou em cheio novamente em *Do Sinai à Sião!* Este é seu melhor livro até agora e estou certo de que inspirará tanto admiração quanto lágrimas, como me inspirou. Minha oração é que seu coração arda de amor santo à medida que você encontra o belo Jesus nas Escrituras”.

— VICTOR VIEIRA, Diretor Executivo da Abase.org, Vitória, Brasil,
Autor de *Escatologia Essencial*

“A cada dia, sinto-me cada vez mais grato ao Senhor pelo que Ele tem feito em minha vida através do ministério de meu irmão Joel Richardson. Como pastor de uma jovem congregação, pregar o evangelho e promover uma comunidade centrada no evangelho é meu principal objetivo. Há uma tentação, no entanto, de deixar os elementos escatológicos dos ensinamentos de Jesus fora de nossa mensagem, como tantos hoje argumentam que escatologia é dispensável. Joel me ensinou como a escatologia realmente proporciona a própria estrutura para toda a história da redenção, tal como pintada ao longo do As Escrituras. Compreender as narrativas que cercam o Sinai é como uma explosiva revelação em meu espírito. Saber que o Êxodo é um arquétipo de redenção e uma sombra do que Jesus vai fazer na parusia, sinto-me obrigado a dizer-lhes que este livro é central para sua vida individualmente, bem como para dar um passo à frente na “Ecclesia semper reformanda est”.”

— NGELO BAZZO, Líder Sênior do Movimento Convergência, Brasil



Rua Paschoal Delmaestro, 622
Sala A - Jardim Camburi
Vitória - ES
29.090-460
Tel: (16) 99713-9174
shop@abase.org
www.abase.org

Coordenação:
Victor Vieira

Tradução:
Muniki Andrade

Revisão:
Karine Bonjardim

Capa:
Mark Karis

Diagramação:
Eduardo C. de Oliveira

DO SINAI A SIÃO

•

Copyright © 2020 by Joel Richardson

Título original em Inglês: *Sinai to Zion*,
por Joel Richardson

Publicado em inglês por Winepress Media
Leawood Kansas

•

Copyright © 2020 Base Livros

Publicado no Brasil com a devida autorização por:
BASE LIVROS
abase.org/livros

•

**TODOS OS DIREITOS NA LÍNGUA PORTUGUESA
RESERVADOS À ORGANIZAÇÃO DA BASE.**

Este livro ou partes deste livro não poderão ser reproduzidos de nenhuma maneira, guardado em sistemas de arquivo, transmitidos de qualquer forma por quaisquer meios (eletrônicos, mecânico, fotocópia, gravação ou qualquer outro) sem autorização prévia por escrito da Organização da Base, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Richardson, Joel

Do Sinai a Siao : a história não contada do
triunfante retorno de Jesus / Joel Richardson ;
[organização Victor Vieira ; tradução Muniki
Oliveira]. — 1. ed. — Vitória, ES :
Base Livros, 2021.

Título original: Sinai to Zion

ISBN 978-65-88783-05-4

1. Bíblia - Profecias 2. Bíblia - Interpretação
3. Cristianismo 4. Escatologia - Ensino bíblico
5. Jesus Cristo 6. Jesus Cristo - Ressurreição
7. Novo Testamento 8. Teologia I. Vieira, Victor.
II. Título.

21-56429

CDD 236.9

DO
SINAI A SIÃO

A HISTÓRIA NÃO CONTADA *do*
RETORNO TRIUNFANTE *de* JESUS

JOEL RICHARDSON





PARA MINHA ESPOSA, AMY

“Quem vem subindo do deserto apoiada em seu amado?”

(CÂNTICO DOS CÂNTICOS 8:5)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos seguintes amigos que analisaram as primeiras versões deste manuscrito e acrescentaram comentários, correções e contribuições valiosas: Jim e Penny Caldwell, Coy e Georgia Stone, Deb Hurn, Thomas Boehm, Derek Peters, Kathy Phillips, Jay Straub, Shane Meredith, Bill Scofield, Steve Carpenter, Reggie Kelly, Mike Neibur, Shane Meredith, Taryn McGray, Chuck Tresler e Nick Uva. Gostaria de agradecer especialmente a Stephen Holmes pela contínua troca de idéias e rara paixão pelo livro de Deuterônomo. Agradeço a Travis Snow por algumas contribuições muito úteis em relação ao lugar do retorno de Jesus. Um enorme agradecimento vai para Biff Van Cleve pela leitura cuidadosa de múltiplas versões do manuscrito e por oferecer uma tremenda quantidade de informações essenciais. Eu também gostaria de cumprimentar Bernd Krebs por ser uma torcedora tão paciente enquanto este livro estava sendo feito. Do Sinai a Sião, querida! A todos os meus parceiros financeiros e apoiadores da oração, agradeço sinceramente do fundo do meu coração. Seu apoio trouxe vida a este livro. Mais uma vez, eu gostaria de agradecer a Geoff Stone por contribuir com sua excelente habilidade de edição e Mark Karis por seu talento na criação de outra capa fantástica. Como sempre, eu gostaria de agradecer a minha

esposa Amy por seu infinito apoio e paciência, uma vez que a criação deste livro se arrastou por um longo período. Por fim, eu gostaria de agradecer ao desejado do meu coração, a única fonte de vida, Jesus, o Messias. Que este livro possa despertar um grande avivamento de fome por sua vinda, e que lhe traga mais glória e adoração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: RECUPERANDO O CLAMOR MARANATA	1
---	---

PARTE 1: A ALIANÇA MATRIMONIAL NO SINAI

1	O ROMANCE DO ÊXODO	9
2	YHVH SE INCLINA	13
3	YHVH ELIMINA A COMPETIÇÃO	20
4	YHVH O PROVEDOR	25
5	O PEDIDO DE CASAMENTO	30
6	ALIANÇA MATRIMONIAL NO MONTE SINAI	35
7	ATÉ QUE A MORTE NOS SEPRE	48
8	A NOIVA ADÚLTERA	57
9	SÍNTESE DOS TEMAS DE CASAMENTO NO ÊXODO	70

PARTE 2: RESTAURAÇÃO DA ALIANÇA MATRIMONIAL

10	AS MALDIÇÕES DA ALIANÇA	81
11	O TEMPO DA ANGÚSTIA DE JACÓ	88
12	A SALVAÇÃO NACIONAL DE ISRAEL	101
13	A REUNIFICAÇÃO FINAL DE ISRAEL NA TERRA	117
14	O RENASCIMENTO DO ISRAEL MODERNO NA PROFECIA	129

15	GRAÇA NO DESERTO	137
16	A ALIANÇA DE CASAMENTO RENOVADA	149
17	O BANQUETE DE CASAMENTO	161

PARTE 3: O RETORNO TRIUNFANTE DE JESUS

18	A BÊNÇÃO DE MOISÉS	179
19	A CANÇÃO DE DÉBORA	189
20	O GRANDE SALMO PROCESSIONAL DE DAVI	196
21	UM CAMINHO NO DESERTO	218
22	A ORAÇÃO DE HABACUQUE	238
23	A PROFECIA DE ZACARIAS	253
24	A PROFECIA DE ENOQUE	268
25	O RETORNO DE JESUS NO NOVO TESTAMENTO	274
26	ONDE JESUS RETORNA?	285
27	O RETORNO TRIUNFAL DE JESUS	297

	APÊNDICE A: A DERROTA DO LEVIATÃ	337
--	----------------------------------	-----

	APÊNDICE B: O SINAL DA VINDA DO FILHO DO HOMEM	351
--	--	-----

	NOTAS	365
--	-------	-----



INTRODUÇÃO

RECUPERANDO O CLAMOR MARANATA

Lu amo Jesus. Eu adoro folhear os Evangelhos para poder conhecê-lo melhor. Adoro orar através de seu Sermão da Montanha, suas parábolas e seus ensinamentos severos. Adoro estudar Sua vida e ministério, e a maneira como Ele interagiu com diferentes pessoas. Talvez mais do que qualquer outra coisa, porém, eu amo pessoalmente estudar o que a Bíblia tem a dizer sobre Seu retorno. Não há nada que me agrade mais do que meditar sobre esta gloriosa realidade futura. Sim, Jesus veio, mas Ele também está voltando. Minha relação com Jesus não é apenas de estudar quem Ele era, mas de olhar com alegria para vê-lo com meus próprios olhos e encontrá-lo face a face. Desde o início da Bíblia até o fim, o retorno de Jesus e o estabelecimento de Seu reino é o foco principal de toda expectativa, anseio e esperança. É por isso que o apóstolo Pedro nos exortou a “colocar sua esperança completamente sobre a graça de ser trazido até você na revelação de Jesus Cristo” (1Pe 1:13). Essa é, também, a razão pela qual, ao concluir o livro de Apocalipse, o apóstolo João declarou que “O Espírito e a noiva” (e qualquer outra pessoa que tenha ouvidos para ouvir) estão gritando “Venha!” (Ap 22:17). É, também, por isso, que o clamor da igreja primitiva foi não simplesmente “Aleluia” (Louvado seja o Senhor) mas, também, “Maranata!” (Vem, Senhor Jesus!).¹

Se os profetas bíblicos, o Novo Testamento, o próprio Espírito Santo e a igreja primitiva colocaram tanta ênfase no clamor pelo retorno de Jesus, por que então isso recebe relativamente tão pouca atenção dentro da igreja cristã moderna? Por que tornamos isso uma questão tão secundária e até negociável? Por que damos muito menos atenção a isso do que a própria Bíblia dá? Enquanto a esperança do retorno de Jesus e as glórias de Seu reino deveriam ser o foco principal de todos os crentes, para a maioria cristãos modernos é muito mais uma nota lateral. Sem dúvida, *isso deve mudar*.

Se os profetas bíblicos, João Batista, Jesus, os apóstolos e a igreja primitiva proclamaram a vinda de nosso Senhor, então a igreja moderna deve voltar a fazê-lo com o mesmo vigor. Estou convencido de que, se a igreja priorizar a meditação, o ensino sobre e enfatizar a esperança do retorno de Jesus, colheremos frutos tremendamente bons. Sem dúvida, encontraremos um grande incentivo para nossos espíritos. Eu, pessoalmente, sei que isto é verdade, porque eu já experimento constantemente. Como disse o escritor de Hebreus, “Esta esperança que temos como âncora da alma, uma esperança segura e inabalável” (Hb 6:19). Quando as tempestades desta vida nos testam, a boa nova de sua vinda se tornará nosso fundamento imutável e sólido como uma rocha. Cristãos de hoje, em vez de termos nossas mentes presas no infinitos ciclos diários de notícias destacando a última tragédia, afronta, ou injustiça, devemos aprender a redirecionar nossa atenção para as boas notícias de que quando Ele chegar, este vigente sistema perverso chegará a um decisivo fim. Esperemos que seja em breve. As Escrituras não apenas nos inspiram a constantemente nos encorajamos uns aos outros a respeito de Sua vinda, mas devemos fazê-lo “e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia” (Hb 10:25). A vinda de Jesus e o julgamento a seguir é também um poderoso motivador para a santidade. Como disse o apóstolo João, “Mas sabemos

que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos. E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1Jo 3:2-3). Finalmente, o próprio Jesus relacionou integralmente a mensagem de Seu retorno e a conclusão da Grande Comissão entre os povos não alcançados da Terra. A Grande Comissão é um mandato que se estende até “o fim dos tempos” (Mt 28:18-20). É a linha de chegada que devemos cruzar coletivamente antes que este sistema perverso atual chegue ao fim. Pois, como Jesus também disse: “E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim” (Mt 24:14). Quanto mais recuperarmos uma paixão inabalável por Seu retorno, mais a Igreja estará ansiosa para terminar a Grande Comissão.

Este é, então, o propósito e a esperança deste livro: recuperar algumas das maravilhas e a majestade da história de Sua “gloriosa aparição” (Ti 2:13 NKJV). No entanto é, na verdade, muito mais do que isso. Também procuraremos mostrar a história do Antigo Testamento de sua vinda. Do início ao fim da Bíblia, uma gloriosa narrativa está sendo contada. É uma história de grande promessa, fracasso e, finalmente, restauração completa. Este livro representa uma tentativa de comunicar partes da maior história que já foi contada, como era para ser ouvida. Procuraremos ver Sua vinda através dos olhos dos patriarcas, dos profetas, dos apóstolos e dos primeiros discípulos. O que significa primeiro que procuraremos recuperar a própria natureza judaica da história. Os próprios apóstolos eram judeus, afinal de contas, e ver o retorno do Messias através de seus olhos requer a compreensão de seu contexto original. Quando Jesus ou os discípulos falaram da vinda do Messias, muito antes mesmo de existir qualquer Novo Testamento, tinham apenas o Antigo Testamento como referência. Nós faremos o mesmo. Enquanto examinaremos, é claro, o que o Novo Testamento tem a dizer sobre o retorno de

Jesus, a maior parte de nossa atenção será direcionada para o Antigo Testamento. Como veremos, de Moisés a Malaquias, o Antigo Testamento está repleto de visões sobre a vinda de Jesus. De fato, os textos que vamos examinar são algumas das descrições mais belas, detalhadas, ricamente texturizadas em tecnicolor de Seu retorno em toda a Bíblia.

O que torna este livro único, e o que me deixou infinitamente entusiasmado é seu foco especial em explorar a conexão entre o Êxodo e o retorno de Jesus. Como veremos, a história fundamental do Êxodo é a chave que desbloqueia uma compreensão adequada da segunda vinda. Enquanto o livro do Êxodo conta a história do Êxodo histórico, a Bíblia também fala de um segundo Êxodo nos últimos dias. É esse conceito de Êxodo final, definitivo ou maior que forma a própria espinha dorsal da história do retorno de Jesus. Considerando que Deus desceu há tanto tempo em uma nuvem espessa, em chamas de fogo, com o piscar de relâmpagos, o disparo de trombetas, e um forte terremoto, assim também está se aproximando rapidamente o dia em que Jesus voltará em uma nuvem espessa, em fogo abrasador, com o clarão de relâmpagos, o estrondo de trombetas e um forte terremoto. Além disso, da mesma forma que o Senhor conduziu Seu povo através do deserto do Êxodo, assim também Jesus marchará pessoalmente diante do Seu povo em uma gloriosa procissão através do deserto quando Ele retornar. Embora raramente considerada pelos cristãos modernos, esta perspectiva foi entendida, acreditada e ensinada por Jesus e pelos apóstolos. Embora a história do retorno de Jesus seja a mais importante e maravilhosa em toda a Escritura, até mesmo muitos estudantes dedicados das Escrituras e de longa data nunca ouviram a história completa ser contada. É por isso que eu coloquei o subtítulo neste livro de “A história não contada do retorno triunfante de Jesus, o Messias”. É por meio do entendimento da história do Êxodo e da aliança

INTRODUÇÃO

feita no Monte Sinai que a beleza multifacetada de Jesus é demonstrada de uma forma verdadeiramente inigualável. Através deste estudo, veremos Jesus não apenas como Aquele que estava preso nas vigas da cruz de Gólgota, mas também como o guerreiro ardente, libertador e noivo Deus do Sinai, que está voltando para salvar Seu povo. Escrever este livro revigorou meu espírito e me inspirou como quase nenhuma outra coisa na minha vida. Minha oração mais sincera é que todos que lerem também sejam preenchidos com um novo entusiasmo e paixão por Jesus e Seu glorioso retorno. Que o Senhor use este livro para ajudar recuperar aquele clamor ardente de oração da igreja primitiva:

“Maranata, vem Senhor Jesus!”





PARTE 1

A ALIANÇA MATRIMONIAL NO SINAI

Nosso estudo começa com o levantamento da história do Êxodo, a partida milagrosa de Israel do Egito, e a aliança com Deus com no Monte Sinai. Esta é, de longe, a mais significativa e imponente história em todo o Antigo Testamento. Aqui encontraremos algumas das revelações mais fundamentais da personalidade e caráter do Senhor em toda a Bíblia. Como João, o apóstolo, declararia mais tarde: “Deus é amor” (1Jo 4:8). Não devemos nos surpreender então de saber que no coração do conto épico do Êxodo há uma história de amor. No entanto, longe de qualquer romance de conto de fadas, esta história também é dolorosamente real. Muitas partes são confusas, de partir o coração, e muito feias. A história de Israel é pontuada por ciclos de compromisso zeloso, seguidos por recuos e infidelidade descarada. No entanto, há muito mais. É também uma

aventura épica e uma história de guerra, repleta de conteúdo gráfico. Longe de um romance higienizado, descafeinado ou florido, nesta história de amor o noivo, literalmente, chega ao casamento em uma nuvem espessa, com flashes de relâmpagos e em fogo abrasador. Muito mais do que um príncipe encantado perfumado, este noivo é um guerreiro. Por causa de seu amor incessante por sua noiva, ele é levado a tomar algumas ações extremas. Ele é quem Ele é e faz o que Ele faz por causa do amor. Na verdade, é Sua paixão ardente por Sua noiva o fio mais consistente que percorre todo o Livro do Êxodo. Assim, como estamos prestes a ver, a história do Êxodo gira em torno do tema de Deus como o Esposo perseguindo Israel, Sua noiva.

O ROMANCE DO ÊXODO

A maioria dos cristãos está familiarizada com referências à igreja como a noiva de Cristo. No entanto, muitos não estão cientes de que foi com Israel, a linhagem escolhida, que o Senhor começou a usar este tipo de linguagem. O plano de redenção do Senhor, com um objetivo de chegar às pessoas de todas as línguas, tribo, povo e nação, começou com Israel. É por isso que Jesus declararia mais tarde que “a salvação é dos judeus” (Jo 4:22). É muito importante, para os cristãos, reconhecer o fato de que a imagem do noivado e do casamento, a linguagem do marido e da esposa, não começa no Novo Testamento. Ela começou com o Êxodo no Monte Sinai. Como estamos prestes a ver, a aliança entre Deus e Israel no Sinai apresenta todos os elementos mais importantes de um casamento ou cerimônia de noivado - uma cerimônia judaica, é claro. Esta aliança com os israelitas era de fato um pacto de noivado, selado no soppé da montanha. E como a história do Êxodo leva a um casamento, não nos surpreende saber que a mesma começa com um namoro.

O NAMORO COMEÇA

No início de qualquer romance, certamente antes de qualquer casamento acontecer, há um processo de cortejo e busca. Isso

é quando o futuro noivo se prepara para conquistar o coração da mulher que ele ama. Isso é quando o futuro noivo esperançoso parte para conquistar o coração da mulher que ele ama. Qualquer homem que espera fazer de uma mulher sua esposa deve primeiro ganhar sua admiração, seu amor e sua confiança. É claro que poucas coisas são mais destrutivas para ganhar a confiança de uma mulher do que a indecisão. Nenhuma mulher quer se casar com um homem que está questionando seu comprometimento com ela. Na história do Êxodo, Deus se mostrou como sendo a antítese da indecisão. Desde o início da história, o Senhor deixou absolutamente claras Suas intenções para Israel. Várias vezes Ele declarou Seus planos de forma clara. Ele ia libertá-la da escravidão aos falsos deuses do Egito, para tomá-la como sua e para ser seu Deus para sempre. Israel vivia no Egito há quatrocentos anos, muito desse tempo como uma classe escrava, e agora havia chegado o momento de cumprir a palavra que o Senhor havia falado a Abraão há tanto tempo:

Deus disse a Abrão: “Saibas, decerto, que peregrina será a tua descendência em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos, Mas também eu julgarei a nação, à qual ela tem de servir, e depois sairá com grande riqueza”. (GÊNESIS 15:13-14)

Na medida em que Bíblia transita do Gênesis para a história do Êxodo, somos informados da resiliência de Israel sob tremenda dificuldade: “quanto mais [os egípcios] os afligiam, mais eles se multiplicavam e quanto mais se espalham” (Ex 1:12; cf. Gn 35:11). Então, o tempo tinha chegado; o Senhor levantou Moisés para conduzir Israel para fora do Egito. É aqui que nosso estudo da história começará, com a ordem do Senhor a Moisés:

Portanto dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, e vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, e vos livrarei da servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes juízos. E eu vos tomarei por meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios. (ÊXODO 6: 6-7)

A promessa começa e termina com Deus declarando Seu nome: “Eu sou YHVH”. É sobre Seu próprio nome que Ele faz a seguinte promessa tripla: (1) libertar Seu povo da escravidão, (2) adotá-lo como Seu escolhido, e (3) liderá-lo e dar-lhe a terra prometida. Em suma, essa foi uma reiteração das promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó. Isso é o que vemos, pelo menos na superfície. Os exegetas judeus, no entanto, há muito reconhecem esta promessa como tendo fortes tons de compromisso conjugal. De acordo com Nahum Sarna, autora do livro *The JPS Torah Commentary: Exodus*:

Esta declaração prefigura a aliança a ser estabelecida no Sinai. A fraseologia sugere a instituição do casamento, uma metáfora bíblica familiar para o relacionamento entre Deus e Israel. Os dois primeiros verbos, l-k-h, “tomar”, e h-y-h le-, “ser (de alguém)”, ambos são usados em conexão com o matrimônio; o segundo é também a linguagem característica da aliança¹.

EU OS TOMAREI

Dentro da frase “Eu vos tomarei para ser meu povo” (Ex 6:7), a palavra chave é “tomar” (em hebraico: *laqach*). Esse termo é frequentemente usado especificamente para o casamento muitas vezes ao longo de toda a Bíblia. Por exemplo, Abrão e Naor “tomaram esposas para si” (Gn 11:29); a mãe

de Ismael, Agar “tomou uma esposa para ele da terra do Egito” (Gn 21:21); Isaac “tomou Rebeca e ela se tornou sua esposa” (Gn 24:67); e Esaú “tomou suas esposas das filhas de Canaã” (Gn 36:2). Curiosamente, esta é também a palavra usada quando se disse que “Enoque caminhou com Deus; e ele não estava, pois Deus o levou” (Gn 5:24). Assim, desde o início da história do Êxodo, O Senhor perseguiu Israel, Ele usou uma linguagem que apontava para uma relação muito especial, até mesmo a relação conjugal. Ele declarou Seus planos e intenções de “tomar” Israel para Si e torná-la Seu próprio povo escolhido e especial. Assim, como é o caso da corte tradicional, o Senhor declarou claramente Suas intenções e planos. Ele não estava em busca de Israel para nenhuma relação temporária ou comum. O Senhor estava afastando Israel de todas as outras nações ou povos do mundo para ser Seu povo único e exclusivo.

CONCLUSÃO

É fundamental que compreendamos como o tema principal do Gênesis e o tema principal do Êxodo estão relacionados. Em Gênesis, o foco era o plano do Senhor de criar um povo escolhido através do qual Ele traria o prometido (Gn 3:15). Agora que o povo escolhido havia sido apresentado, era hora de Ele o levar das nações para separá-lo como um povo santo, preparado para cumprir sua vocação. Através de Israel, o prometido viria. Através d’Ele viria a redenção de multidões de toda língua, tribo, povo e nação. Através d’Ele viria a restauração de todas as coisas. Antes que isso pudesse acontecer, porém, o Senhor tinha que cultivar em Israel uma cultura adequada para dar origem ao Messias. Para fazer isso, Ele se aproximaria dele da maneira mais íntima possível. Ele os tornaria Seu. Israel se tornaria Sua noiva e Ele seria seu marido.

YHVH SE INCLINA

levando em conta que a história do Êxodo é contada e estruturada como uma história de amor, é apropriado que o Senhor tenha dado o pontapé inicial com algumas demonstrações sérias de Sua superioridade absoluta. Primeiro, Ele escolheu uma luta, iniciando um confronto muito direto de frente com o Faraó, o governante mais poderoso do mundo, bem como com seus famosos mágicos e sacerdotes. Este não foi um confronto casual. Ao contrário, foi um confronto total até a morte. Tudo começou com a demanda muito direta: “Que os filhos de Israel saiam de sua terra” (Ex 7:2). Embora fosse o Senhor (através de Moisés) a fazer as exigências, era também a intenção do Senhor provocar o Faraó em um confronto. O Senhor declarou: “Eu endurecerei o coração do Faraó” (Ex 7:3) e, assim, o Faraó recusou as exigências de Moisés. As razões do Senhor eram claras:

Eu, porém, endurecerei o coração de Faraó, e multiplicarei na terra do Egito os meus sinais e as minhas maravilhas. Faraó, pois, não vos ouvirá; e eu porei minha mão sobre o Egito, e tirarei meus exércitos, meu povo, os filhos de Israel, da terra do Egito, com grandes juízos. Então os egípcios saberão que eu sou o Senhor, quando estender

a minha mão sobre o Egito, e tirar os filhos de Israel do meio deles. Assim fizeram Moisés e Arão; como o Senhor lhes ordenara, assim fizeram. (ÊXODO 7:3-6)

Dessa forma , o Faraó de fato recusou as exigências do Senhor, e YHVH trabalhou. Embora normalmente ouçamos falar de dez “pragas”, elas são melhor denominadas de “sinais milagrosos” e houveram, na verdade, onze. Através destes onze sinais, o Senhor sistematicamente travou uma guerra contra o Faraó e seu reino, demonstrando Sua superioridade absoluta sobre os deuses mais poderosos do mundo. Os egípcios altivos aprenderam rapidamente o quão impotentes eles e seus deuses eram comparados ao poder de YHVH, o Deus dos Hebreus. Não entraremos em uma ampla discussão sobre cada sinal, mas, para referência, eles se desdobraram na seguinte ordem:

1. O cajado de Moisés vira uma serpente;
2. O rio Nilo se transforma em sangue;
3. Enxames de sapos;
4. Infestação de mosquitos;
5. Infestação de moscas;
6. Morte do Gado Egípcio;
7. Erupção de tumores;
8. Saraiva;
9. Gafanhotos;
10. Escuridão;
11. Morte dos primogênitos.

Os sinais foram projetados para demonstrar progressivamente o poder e superioridade de YHVH sobre os deuses do Egito. Em relação ao tema de O Senhor essencialmente criar

uma briga, é apropriado que O Senhor tenha descrito Suas próprias ações como “estender sua mão” ou “esticar sua mão” contra o Faraó e seus exércitos. Através das pragas, Deus estava dando um grave golpe nos poderosos egípcios.

LEMBRE-SE

Como a praga final – a morte do primogênito – trouxe terror e caos para a terra do Egito, os egípcios estavam suplicando a Israel que partisse. Antes disso, porém,

Fizeram, pois, os filhos de Israel conforme à palavra de Moisés, e pediram aos egípcios jóias de prata, e jóias de ouro, e roupas. E o Senhor deu ao povo graça aos olhos dos egípcios, e estes lhe davam o que pediam; e despojaram aos egípcios. (ÊXODO 12: 35-36)

Antes da sua grande oportunidade, o Senhor já havia predeterminado que as gerações futuras comemorariam para sempre o que Ele estava prestes a fazer. Assim, antes mesmo do vôo do Êxodo decolar, O Senhor instituiu a Páscoa e a Festa dos Pães Ázimos. Através dessas festas, todos os que estiveram presentes e todas as gerações futuras depois disso reservariam um tempo para lembrar as coisas milagrosas que o Senhor fez quando Ele conduziu Israel para fora do Egito: “Lembraí-vos deste mesmo dia, em que saístes do Egito, da casa da servidão; pois com mão forte o Senhor vos tirou daqui” (Ex 13:3).

A partir de então, Israel foi ordenada a observar essas festas como um lembrete perpétuo dos poderosos atos de YHVH: “E acontecerá que, quando o Senhor te houver introduzido na terra dos cananeus, e dos heteus, e dos amorreus, e dos heveus, e dos jebuseus, a qual jurou a teus pais que te daria, terra que mana leite e mel, guardarás este culto neste mês” (Ex 13:5). Antes de Israel partir do Egito, estava claro que Seu propósito era trazê-los para a terra prometida a eles

através da Aliança de Abraão. Então, depois de terem entrado na terra, eles deveriam celebrar estas festas para que nunca esquecessem de tudo o que o Senhor tinha feito por eles.

Sete dias comerás pães ázimos, e ao sétimo dia haverá festa ao Senhor. Sete dias se comerá pães ázimos, e o levedado não se verá contigo, nem ainda fermento será visto em todos os teus termos. E naquele mesmo dia farás saber a teu filho, dizendo: Isto é pelo que o Senhor me tem feito, quando eu saí do Egito. E te será por sinal sobre tua mão e por lembrança entre teus olhos, para que a lei do Senhor esteja em tua boca; porquanto com mão forte o Senhor te tirou do Egito. Portanto tu guardarás este estatuto a seu tempo, de ano em ano. (ÊXODO 13:6-10)

Hoje, a Páscoa e a Festa dos Pães ázimos juntos compreendem o feriado mais antigo e mais celebrado continuamente na face desta terra, tendo sido lembrada por cerca de 3.500 anos.

YHVH APARECE: A COLUNA DE NUVEM

Após a fuga do Egito, YHVH continuou a colocar Seu poder em exibição completa, desta vez através de uma manifestação física real de Sua presença. Embora seja difícil imaginar exatamente como tudo isso teria realmente acontecido, a narrativa do Êxodo descreve de uma maneira bastante simples:

E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os iluminar, para que caminhassem de dia e de noite. Nunca tirou de diante do povo a coluna de nuvem, de dia, nem a coluna de fogo, de noite. (ÊXODO 13:21-22)

A “coluna” é uma parte absolutamente fascinante e fundamental da história. Embora a coluna se manifestasse de várias formas, as Escrituras parecem consistentemente descrever uma única coluna. A mesma coluna tomava tanto a forma de fogo à noite como de nuvem durante o dia (Ex 14:24). Não somos informados exatamente até que altura a coluna se estendia, embora sejamos informados que foi da nuvem que YHVH “olhou para baixo para o exército dos egípcios” (Ex 14:24). No Salmo 105:39, aprendemos que foi através desta coluna que o Senhor “estendeu uma nuvem por cobertura”, indicando que o topo da nuvem era extremamente largo, suficientemente grande para fornecer sombra do sol para toda a congregação. Curiosamente, enquanto o livro de Números se refere, por vezes, à coluna, o termo muito mais frequentemente usado é “a nuvem”, dando a impressão de que sua forma era muitas vezes mais parecida com uma tenda, na maioria das vezes pendurado no céu acima deles, enquanto às vezes como se movendo à frente deles (Nm 9:15-23; 10:11,12,34; 11:25; 12:5,10; 14:14).

Aqui é onde as coisas se tornam verdadeiramente fascinantes. Em Êxodo 14:19, é revelado que na verdade “a coluna” é uma manifestação de Deus: “E o anjo de Deus, que ia diante do exército de Israel, se retirou, e ia atrás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles, e se pôs atrás deles” (Ex 14:19). Os termos “o anjo de Deus”, “o anjo do Senhor”, ou outras variações têm surpreendido os intérpretes judeus ao longo da história. Por um lado, é um anjo e, por outro lado, é na verdade o próprio Deus. Neste caso, esta manifestação única foi uma coluna, uma nuvem e um anjo. Alguns capítulos depois, a coluna é descrita novamente como um anjo cuja voz deveria ser obedecida e na qual residia o próprio nome de Deus (Ex 23:20-23). Esse é um ponto tão essencial. Mais tarde discutiremos o fato de que este anjo-nuvem era realmente Deus, o Filho, uma manifestação pré-encarnada de Jesus.

O objetivo da coluna era vigiar os israelitas, para guiá-los para a terra prometida, e para que pudessem viajar grandes distâncias, sem restrições devido à escuridão da noite ou ao calor do dia. Imagine que tipo de deslumbramento os israelitas devem ter sentido enquanto caminhavam e olhavam para esta maravilha inexplicável, esta manifestação gloriosa do anjo do Senhor, que pairava no céu acima e diante deles.

PRESOS CONTRA O MAR

Do alto de uma história tão espantosamente milagrosa, como a vida real tantas vezes, o elemento humano falível faz a coisa toda desmoronar. Os israelitas tinham acabado de testemunhar um golpe de Deus contra os egípcios com as dez pragas. Isso foi sucedido por semanas de olhar e seguir a nuvem, uma manifestação física, aberta, do Deus Todo-Poderoso. No entanto, apesar de tudo isso, após um vislumbre do Faraó e seus exércitos tropejando em direção a eles, o medo tomou conta dos israelitas, e eles começaram a desejar em voz alta que nunca tivessem saído do Egito:

E aproximando Faraó, os filhos de Israel levantaram seus olhos, e eis que os egípcios vinham atrás deles, e temeram muito; então os filhos de Israel clamaram ao Senhor. E disseram a Moisés: Não havia sepulcros no Egito, para nos tirar de lá, para que morramos neste deserto? Por que nos fizeste isto, fazendo-nos sair do Egito? Não é esta a palavra que te falamos no Egito, dizendo: Deixa-nos, que sirvamos aos egípcios? Pois que melhor nos fora servir aos egípcios, do que morrermos no deserto. Moisés, porém, disse ao povo: Não temais; estai quietos, e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais os tornareis a ver. (ÊXODO 14:10-13)

Pode ser fácil para nós olharmos para trás nesta história e nos perguntarmos como os israelitas poderiam ter duvidado tão rapidamente da capacidade do Senhor de protegê-los. Duvido, no entanto, que alguém que leia este livro já teve toda a fúria do exército mais poderoso do mundo vindo contra si e sua famílias. Louis Ginzberg, estudioso do Talmude, descreve a cena: “A mente dos egípcios não estava de modo algum voltada para o despojo ou para o saque[...] O único e determinado propósito deles era exterminar Israel, kith e kin”.¹ Em tempos de grande sofrimento, fraquezas humanas muito reais inevitavelmente emergem. Se a opção de voltar ao Egito tivesse estado sobre a mesa, se houvesse alguma porta de fuga, os israelitas a teriam tomado num piscar de olhos. Foi por desígnio divino, no entanto, que não houve saída natural. Como declarou o salmista, assim fizeram os israelitas: “[Senhor], tu me cercas, por detrás e por diante, e puseste sobre mim a tua mão” (Sl 139:5 ESV). Tudo isso fazia parte do plano do Senhor para demonstrar Seu inigualável poder sobre os Exércitos egípcios. Ao permitir que os israelitas ficassem presos contra o Mar Vermelho sem rota de fuga, o Senhor aproveitou a oportunidade para demonstrar sua capacidade e seu compromisso de cuidar dos israelitas - mesmo que isso significasse rasgar o próprio oceano pela metade.

Por mais persistentes que os israelitas fossem em se renderem ao medo e à murmuração, muito mais persistente foi a determinação do Senhor para libertá-los dos egípcios. O Senhor tanto os repreendeu como os tranquilizou através de Moisés, seu porta-voz: “Não temais; estai quietos, e vede o livramento do Senhor, que hoje vos fará; porque aos egípcios, que hoje vistes, nunca mais os tornareis a ver. O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis” (Ex 14:13-14). O compromisso do Senhor com Seu povo foi expresso através de muito mais do que meras palavras, mas também através da ação. Em relação ao que Ele estava prestes a fazer, foi um ato extremamente extravagante.

YHVH ELIMINA A COMPETIÇÃO

Agora, chegamos à parte mais icônica da história do Êxodo. Com o exército mais poderoso do mundo correndo em direção a eles de um lado e o mar do outro, o Senhor falou com Moisés e lhe ordenou: “levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e fende-o, para que os filhos de Israel passem pelo meio do mar em seco” (Ex 14:16). Há uma divertida lenda judaica que conta o seguinte relato:

Deus falou a Moisés, dizendo [...] [t]ome a vara que eu dei a você e vá para o mar em minha missão, e fale assim: “Eu sou o mensageiro enviado pelo Criador do mundo! Descubra seus caminhos, ó mar, para Meus filhos, para que eles possam atravessar no meio de ti em solo seco”. Moisés falou para o mar como Deus lhe tinha proposto, mas este lhe respondeu: “Não farei de acordo com tuas palavras, pois tu és apenas um homem nascido de mulher, e, além disso, eu sou três dias mais velho que tu, ó homem, pois eu fui trazido a existência no terceiro dia da criação, e tu no sexto”. Moisés não perdeu tempo, mas levou de volta a Deus as palavras que o mar havia dito, e o Senhor disse: “Moisés, o que faz um mestre com um servo intratável”? “Ele o bate com uma vara”, disse Moisés. “Faz assim!” ordenou

Deus. “Levanta a tua vara e estende a tua mão sobre o mar, e o divide.”¹

Tradições extra-bíblicas à parte, as Escrituras nos informam que depois que o Senhor ordenou a Moisés que levantasse sua vara, o anjo do Senhor se moveu entre Israel e os exércitos egípcios. Então o Senhor entrou totalmente no modo “choque e temor”:

Então Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o Senhor fez retirar o mar por um forte vento oriental toda aquela noite; e o mar tornou-se em seco, e as águas foram partidas. E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco; e as águas foram-lhes como muro à sua direita e à sua esquerda. E os egípcios os seguiram, e entraram atrás deles todos os cavalos de Faraó, os seus carros e os seus cavaleiros, até ao meio do mar. E aconteceu que, na vigília daquela manhã, o Senhor, na coluna do fogo e da nuvem, viu o campo dos egípcios; e alvoroçou o campo dos egípcios. (ÊXODO 14:21-24)

É fascinante notar que os egípcios estavam plenamente conscientes de que Deus estava lutando por Seu povo: “Então os egípcios disseram: ‘Vamos fugir de Israel, pois o Senhor está lutando por eles contra os egípcios’” (Ex 14:25). Os egípcios sabiam que estavam em apuros, mas não sabiam que já era tarde demais para escapar. Os portões do Mar Vermelho tinham sido abertos, e as águas eram como duas grandes paredes em ambos os lados. Finalmente, com os israelitas em segurança na margem oposta e os egípcios atrás deles, a maior armadilha da história estava prestes a se fechar sobre eles. Assim, o Senhor, mais uma vez, ordenou a Moisés:

E disse o Senhor a Moisés: Estende a tua mão sobre o mar, para que as águas tornem sobre os egípcios, sobre os seus carros e sobre os seus cavaleiros. Então Moisés estendeu a sua mão sobre o mar, e o mar retornou a sua força ao amanhecer, e os egípcios, ao fugirem, foram de encontro a ele, e o Senhor derrubou os egípcios no meio do mar, Porque as águas, tornando, cobriram os carros e os cavaleiros de todo o exército de Faraó, que os haviam seguido no mar; nenhum deles ficou. Mas os filhos de Israel foram pelo meio do mar seco; e as águas foram-lhes como muro à sua mão direita e à sua esquerda. Assim o Senhor salvou Israel naquele dia da mão dos egípcios; e Israel viu os egípcios mortos na praia do mar. E viu Israel a grande mão que o Senhor mostrara aos egípcios; e temeu o povo ao Senhor, e creu no Senhor e em Moisés, seu servo. (ÊXODO 14:26-31)

Assim, os poderosos egípcios, os que tinham acabado de causar tanto o medo e o terror no coração de Israel, foram levados para o próprio fim. O Senhor certificou-se de que a destruição de Seus inimigos e a libertação de Seu povo fosse, literalmente, um sucesso estrondoso. Porque YHVH desejava a devoção exclusiva de Israel, para ser o “único”, Ele começou por limpar o campo de jogo. Ao afogar o Faraó e seus melhores guerreiros de elite no Mar Vermelho, o Senhor não só demonstrou sua superioridade sobre os deuses do Egito, mas também, literalmente, eliminou a concorrência.

O HINO DE VITÓRIA DE MOISÉS

Após essa vitória inimaginável, Moisés ficou tão extasiado que ele e o povo irromperam em uma canção de vitória espontânea. É dito que: “Então Moisés e os filhos de Israel cantaram esta canção para o Senhor” (Ex 15:1). A canção é chamada por muitos nomes: a Canção de Moisés e Miriã, a Canção

de Miriã ou, simplesmente, a Canção de Moisés. Meu título favorito é o Hino da Vitória de Moisés. Independentemente de como a chamamos, ela está entre as mais gloriosas e belas canções de toda a Bíblia. Segundo o estudioso do Antigo Testamento Douglas Stuart, as primeiras palavras da canção, “Eu vou cantar”, também podem ser traduzidas como, “Eu devo cantar” ou “Deixe-me cantar!”². A canção então assume um tom muito pessoal, pois o nome de Deus “YHVH” é usado catorze vezes ao longo do tempo. O hino celebra triunfantemente a completa e total destruição do exército do Faraó, incluindo as unidades de elite - os SEALs da Marinha ou Boínas Verdes (Ex 15:4). Eles estavam indefesos para se oporem ao poder e à ferocidade do Deus de Israel: “YHVH é um guerreiro; YHVH é seu nome” (Ex 15:3). A canção foi um sucesso tão instantâneo que a irmã de Moisés, Miriã, começou imediatamente a ensiná-la às mulheres de Israel:

Então Miriã, a profetisa, a irmã de Arão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamboris e com danças. E Miriã lhes respondia: Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou; e lançou no mar o cavalo com o seu cavaleiro. (ÊXODO 15:20-21)

Ginzberg apresenta outro relato tradicional e muito agradável de como a canção foi inspirada pelo Espírito Santo para ser cantada de forma antifônica entre Moisés e o povo:

A canção junto ao Mar Vermelho era tanto a canção de Moisés como a de todo Israel[...] Em virtude do espírito de Deus que os possuía enquanto eles cantavam, Moisés e o povo se complementavam mutuamente um ao outro, de modo que, assim que Moisés falava metade do verso, o povo o repetia, e complementava com a segunda parte. Assim, Moisés começava com o meio

verso: “Cantarei para o Senhor, porque Ele triunfou gloriosamente”, e assim o povo respondia: “O cavalo e seu cavaleiro lançou ao mar”. E nesta sabedoria desenvolvia toda a canção.³

Se há alguma verdade nisso, não podemos saber. Independentemente disso, é emocionante imaginar juntar-se à celebração que se seguiu à medida que Moisés, Miriã e todos os povos se regozijavam e cantavam de todo o coração para YHVH, tendo acabado de experimentar pessoalmente o maior milagre coletivo de toda a história da redenção! De fato, o evento foi tão importante que a Canção de Moisés foi cantada no encerramento de cada serviço matinal de sábado⁴. Muitos, também, vêem a canção como tendo um componente profético, apontando para as futuras vitórias de Israel sob o Messias. Como afirma o grande comentarista judeu Alfred Edersheim: “Assim, esse grande evento não é realmente solitário, muito menos seu hino sem um eco. Tem sido uma profecia para todas as épocas, um conforto e uma canção antecipada de vitória garantida”.⁵

CONCLUSÃO

Em conclusão, vamos resumir: através do Êxodo, YHVH entrou em um profundo namoro com Seu povo, Israel. Seus primeiros atos consistiam em salvar sua futura noiva do fardo da escravidão. Através das onze pragas/sinais milagrosos e do inesquecível milagre no Mar Vermelho, Ele mostrou Seu poder, Sua ferocidade e Seu ciúme por seu povo. Depois de testemunhar todas essas coisas, certamente eles estariam confiantes de que, tendo YHVH como seu Deus, ninguém jamais seria capaz de lhes causar danos. Por mais fantástico que fosse contemplar todas essas coisas, no entanto, a revelação pessoal do Senhor de Seu caráter ainda estava longe de estar completa.

YHVH O PROVIDOR

Através dos muitos eventos milagrosos do Êxodo até o Monte Sinai, o Senhor ganharia o amor e a confiança de sua futura noiva. Porque Ele estava atrás do coração de Israel e de sua confiança, Ele a cortejou não apenas através de poderosos atos de poder, mas também de atenciosos atos de compaixão. Depois de serem milagrosamente levados ao lado oriental do Mar Vermelho, os israelitas começaram a caminhar pelo deserto em direção ao Monte Sinai. Embora eles não precisassem mais temer os egípcios, ainda enfrentariam grandes provações, cuja principal delas era o suprimento suas necessidades mais básicas de alimentos e água. Em um deserto tão desolado, como o Senhor seria capaz de prover para um número tão grande de pessoas?¹ Apesar de todas as maravilhas que o povo havia acabado de testemunhar, não demorou muito para que sua fome levasse o melhor de si. Mais uma vez eles reclamaram com Moisés de forma bastante dramática. Quem dera tivéssemos morrido por mão do Senhor na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne, quando comíamos pão até fartar! Porque nos tendes trazido a este deserto, para matardes de fome a toda esta multidão” (Ex 16:3). O Senhor foi, mais uma vez, mais que paciente com eles, apesar de sua absoluta falta de gratidão ou confiança

n'Ele. Em vez de emitir-lhes uma reprimenda muito merecida, Ele graciosamente supriu suas necessidades. A glória de YHVH apareceu na nuvem, e Ele falou a Moisés, dizendo:

Tenho ouvido as murmurações dos filhos de Israel. Fala-lhes, dizendo: Entre as duas tardes comereis carne, e pela manhã vos fartareis de pão; e sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus. E aconteceu que à tarde subiram codornizes, e cobriram o arraial; e pela manhã jazia o orvalho ao redor do arraial. E quando o orvalho se levantou, eis que sobre a face do deserto estava uma coisa miúda, redonda, miúda como a geadá sobre a terra. E, vendo-a os filhos de Israel, disseram uns aos outros: Que é isto? Porque não sabiam o que era. Disse-lhes pois Moisés: Este é o pão que o Senhor vos deu para comer. (ÊXODO 16:11-15)

Assim, através da provisão milagrosa de seu Deus, o povo comeu carne e pão feitos de maná e ficaram satisfeitos, pelo menos por um tempo. Embora tivessem muita comida, logo em breve ficariam com sede. Eles se encontrariam novamente necessitados quando chegassem ao lugar chamado Refidim, pois “não havia água para o povo a beber” (Ex 17:1). E assim, como que por reflexo, eles voltaram quase imediatamente a reclamar com Moisés e a fazer exigências: “Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós e aos nossos filhos, e ao nosso gado?” (Ex 17:3). E, mais uma vez, como num reflexo, o Senhor mostrou compaixão para com Sua futura noiva:

Então disse o Senhor a Moisés: Passa diante do povo, e toma contigo alguns dos anciãos de Israel; e toma na tua mão a tua vara, com que feriste o rio, e vai. Eis que eu estarei ali diante de ti sobre a rocha, em Horebe, e tu ferirás a rocha, e dela sairão águas e o povo beberá.

E Moisés assim o fez, diante dos olhos dos anciãos de Israel. (ÊXODO 17:5-6)

A partir das tradições judaicas, Flavius Josephus, no primeiro século historiador judeu, dá uma descrição expandida muito interessante daquele dia milagroso:

Eles foram para Refidim, angustiados até o último grau por sede; embora nos dias anteriores eles tenham encontrado algumas pequenas fontes, agora no entanto encontraram a terra totalmente desprovida de água, eles estavam em um caso maligno. Eles voltaram novamente sua ira contra Moisés; mas ele a princípio evitou a fúria da multidão, e depois se comprometeu a orar a Deus, suplicando-lhe, que como ele havia lhes dado comida quando eles estavam na maior necessidade, assim ele lhes daria bebida, uma vez que o favor de lhes dar comida não tinha valor para eles pois eles não tinham nada para beber: e Deus não demorou muito a dar-lhes, mas prometeu a Moisés que lhes arranjaria uma fonte, e abundância de água de um lugar que eles não esperavam nenhuma; então ele ordenou que ele batesse na pedra que eles viram ali com sua vara, e dela receberiam muito mais do que eles queriam: pois ele tinha cuidado que aquela bebida chegasse até eles sem nenhum trabalho ou esforço. Quando Moisés recebeu esta ordem de Deus, ele foi ao povo, que esperava por ele, e o considerava; pois já viram que ele estava saindo rapidamente de sua eminência. Assim que ele veio, ele lhes disse que Deus os libertaria de seus presente sofrimento, e que lhes havia concedido um favor inesperado; e informou-os, que um rio deveria fluir da rocha para o bem deles; mas eles ficaram maravilhados com aquela audiência, supondo que precisavam cortar a rocha em pedaços, agora eles estavam angustiados por sua sede e por sua viagem – enquanto Moisés, apenas feriu a rocha com sua vara, abriu uma passagem, e

de lá rebentou água, em grande abundância, e muito cristalina; mas eles ficaram surpresos com este feito magnífico e, por assim dizer, mataram sua sede diante dos seus olhos. Então eles beberam esta deliciosa água doce; e a qual parecia ser, como era de se esperar que Deus era o doador. Eles também ficaram admirados como Moisés foi honrado por Deus; e fizeram agradecimentos de sacrifícios a Deus por sua providência para com eles. Agora que a Escritura que se encontra no templo, nos informa, como Deus predisse a Moisés, que a água deveria ser derivada da rocha daquela maneira.²

Em seu comentário, Philo também menciona o milagre do água fendida da rocha, juntamente com todos os outros milagres de provisão. A razão pela qual o Senhor forneceu todas essas coisas de uma maneira tão sobrenatural e compassiva foi para deixar Israel com um testemunho perpétuo e “prova” de que os mandamentos que estavam prestes a receber eram de fato da mão de Deus:

Depois de terem se encontrado em necessidade de alimentos essenciais, e esperando ser destruídos pela fome e pela sede, eles devem de repente ter se encontrado em meio à abundância de todas as coisas necessárias, brotando espontaneamente ao seu redor; o próprio céu chovendo sobre eles alimentos chamados maná e como tempero fino para essa carne uma abundância de codornizes do ar; e a água amarga sendo adocada de modo a se tornar potável, e a rocha íngreme jorrando nascentes de água doce; então eles não podiam mais olhar para o Nilo com admiração, nem estar em dúvida se essas leis eram as leis de Deus, tendo recebido uma prova tão manifesta disso por meio das provisões, pois agora haviam encontrado alívio para sua escassez e também de todas suas expectativas anteriores.³

CONCLUSÃO

Nos dois capítulos anteriores, observamos as poderosas demonstrações de poder do Senhor. Através das pragas no Egito e da divisão do Mar Vermelho, o Senhor estava colocando Seu poder em plena exibição diante de Israel e das nações. Depois de ver todas essas coisas, Israel estaria totalmente confiante na capacidade de YHVH de protegê-los. Então, fornecendo cordornizes de forma milagrosa, maná e água da rocha, o Senhor também demonstrou Sua ternura e cuidado com Sua amada. O Senhor deixou claro para Sua futura noiva que Ele era plenamente capaz e totalmente disposto a cuidar dela. Não somente Ele é um protetor eminentemente capaz, mas também o mais compassivo dos provedores. Como o verdadeiro amor exige, o Senhor provou a Si mesmo, tanto em palavras como em atos. Por trás de todas as ações do Senhor estava sua determinação de provar à sua futura noiva que só Ele é digno de sua total confiança, devoção sem reservas e amor de todo o coração. Apesar de sua natureza inconstante, quando Israel chegou à montanha no Sinai, já estava tão pronto quanto jamais estaria. O momento do pedido havia chegado.

O PEDIDO DE CASAMENTO

Vimos anteriormente como YHVH havia declarado Sua intenção em “tomar” Israel como Sua. Agora, “No terceiro mês após os filhos de Israel terem saído da terra do Egito”, finalmente chegaram ao Monte Sinai (Ex 19:1,2). É onde YHVH foi além de simplesmente tornar Suas intenções claras e na verdade propôs a Israel: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha” (Ex 19:5). A palavra aqui para “propriedade” é uma palavra hebraica muito especial: *segullab*. Ela se refere ao bem mais estimado e mais precioso de um rei. Em essência, estava sendo oferecida a Israel a oportunidade de ser a jóia da coroa de YHVH. A última sentença chama a atenção para o fato de que, embora todas as nações e povos do mundo pertençam a Deus, Sua intenção era separar Israel como um povo especial, chamado de forma única acima de qualquer outro.

UM REINO SANTO DE SACERDOTES

O verso seguinte desenvolve sobre a natureza específica do pedido e, portanto, a vocação de Israel: “e ser-me-eis um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19:6). Entrelaçado com o chamado de Israel para ser o tesouro de YHVH estava

o chamado para se tornar um reino de sacerdotes. Como sacerdotes, eles deveriam servir como mediadores, representantes ou embaixadores de Deus para o resto do mundo. O chamado foi tanto coletivo quanto individual. O convite para se tornar um reino foi feito para cumprir as promessas feitas tanto a Abraão como a Judá. O Senhor havia prometido a Abraão que Sua semente “possuiria” a terra prometida (Gn 15:18-21). Para possuir a terra, Ele teria que governá-la. Assim a semente de Abraão seria, necessariamente, um rei. Todo rei, é claro, precisa de um reino. Além disso, o Senhor prometeu claramente a Judá que um rei viria de sua linhagem e governaria sobre todo Israel (Gn 49:8-10). Assim, se Israel aceitasse a proposta na base do Monte Sinai, o programa do reino prometido por Deus seria iniciado. O plano do Senhor para consertar tudo, para restaurar o Jardim do Éden, para curar o cosmos, não era mais um mero conceito. No Sinai, a promessa de desfazer os danos feitos no jardim começaram a tomar forma.

DEUS AMOU O MUNDO DE TAL MANEIRA QUE ESCOLHEU ISRAEL

Existe aqui um ponto tão importante que precisa ser um pouco desvendado. O Senhor convidou Israel para se tornar um reino especial, distinto de todas as outras nações do mundo. Isso muitas vezes se torna uma questão de confusão ou mesmo ofensa aos cristãos gentílicos. Será que isso significa que os gentios são menos valiosos aos olhos de Deus do que os israelitas? Certamente não. Como disse o apóstolo Pedro, “Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas; Mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo” (Atos 10:34-35). A razão pela qual o Senhor escolheu Israel foi para servir como “um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19:6). Um sacerdote atua como mediador entre Deus e o homem. Israel estava sendo chamado para funcionar como um povo exclusivamente

dedicado a YHVH, que O apresentaria ao resto do mundo. Como Stuart diz com tanta precisão:

Não deviam ser um povo para si mesmos, desfrutando de seu relacionamento especial com Deus e não prestando atenção ao do resto do mundo. Ao invés disso, eles deveriam representá-lo para o resto do mundo e tentar trazer o resto do mundo até ele.¹

Esse chamado foi uma clara reiteração do que o Senhor já tinha declarado centenas de anos antes a Abraão, “Eu farei de você uma grande nação [...] e em vós todas as famílias da terra serão abençoadas” (Gn 12:2-3). O propósito do Senhor desde o início era abençoar “toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5:9). A razão pela qual Deus chamou Israel e os fez especiais é porque Ele ama cada nação! Assim pode-se dizer, com toda certeza, de acordo com o estudioso anglicano Christopher J.H. Wright, que “Deus amou tanto o mundo que Ele escolheu Israel”.² Eles foram chamados para servir como nação sacerdotal, como embaixadores e representantes especiais de YHVH. Os leitores do Novo Testamento reconhecerão este chamado para ser um “reino de sacerdotes”, uma frase que foi usada pelo apóstolo João para se referir a todos os crentes, tanto judeus como gentios. No livro de Apocalipse, nos é dito que Jesus “nos fez ser um reino, sacerdotes de seu Deus e Pai” (1:6; cf. 5:10). O Senhor primeiro chamou Israel para ser um povo único que teria a função sacerdotal. Hoje essa vocação permanece, e também foi aberta à comunidade coletiva dos servos de Jesus – o Messias –, judeus ou gentios. Se você é discípulo de Jesus, então, como Israel, foi chamado a ser o representante de Deus, Sua testemunha e Seu embaixador da bênção para o mundo.

ISRAEL ACEITA O PEDIDO DE YHVH

Finalmente, chegamos à resposta de Israel ao pedido de YHVH. Embora o Senhor não tenha de fato se ajoelhado, não deixou de ser um pedido de YHVH para entrar em uma relação especialmente íntima. A resposta do povo foi uma aceitação retumbante ao pedido de Deus: “E veio Moisés, e chamou os anciãos do povo, e expôs diante deles todas estas palavras, que o Senhor lhe tinha ordenado. Então todo o povo respondeu a uma voz, e disse: Tudo o que o Senhor tem falado, faremos. E relatou Moisés ao Senhor as palavras do povo” (Ex 19:7-8a). A oferta não foi aceita apenas pelos representantes dos anciãos, mas também por todas as pessoas que disseram “sim” com entusiasmo ao pedido. No entanto, por mais emocionante que isso tenha sido, Sarna revela de forma fatídica que Israel aceitou a proposta, “mesmo antes de ouvir os termos da aliança”³. Pois, como veremos, grande parte da história posterior de Israel fica muito aquém do seu entusiasmo inicial. Sim, sem dúvida, muitos ao ler isto reconhecerão sua própria inconstância no comportamento de Israel.

Embora YHVH soubesse que Israel ficaria aquém do cumprimento seu compromisso, ainda sim ele o aceitou com grande alegria. Vemos a feliz resposta do Senhor no relato do Deuteronômio, onde Ele declarou:

Ouvindo, pois, o Senhor as vossas palavras, quando me faláveis, o Senhor me disse: Eu ouvi as palavras deste povo, que eles te disseram; em tudo falaram bem. Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem, e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos para sempre. (DEUTERONÔMIO 5:28-29)

Apesar do fato de que o Senhor sabia que Israel tropeçaria mais tarde e não conseguiria viver plenamente à altura de tudo aquilo com o que se comprometera, Ele ainda acolheu com muito entusiasmo e afirmou seu “sim” coletivo.

CONCLUSÃO

Quando Israel chegou ao Monte Sinai, YHVH havia revelado Ele mesmo como o Deus Soberano de todo o mundo, sem comparação em poder e, no entanto, terno em misericórdia e cheio de compaixão. Tanto em palavras como em atos, Ele havia demonstrado sua capacidade de proteger e prover. Ele havia escolhido Israel para ser Seu único e exclusivo dentre todas as nações do mundo. Então, lá na base da montanha, o Senhor propôs à Sua futura noiva esperançosa. Se ela dissesse que sim, Ele prometeu que ela seria Sua preciosa e mais estimada propriedade. Não é de se admirar que as pessoas tenham respondido tão positivamente. Como uma jovem que olha com entusiasmo nos olhos de seu futuro marido e diz “sim!”, Israel respondeu com grande entusiasmo. Seu compromisso, no entanto, foi assumido antes que eles realmente ouvissem com o que eles estavam concordando. Logo, os detalhes reais da aliança seriam revelados.

A ALIANÇA MATRIMONIAL NO MONTE SINAI

Agora que toda a assembléia havia aceitado entusiasmamente a proposta de YHVH de ser Sua preciosa propriedade, o tempo para a cerimônia de noivado propriamente dita havia chegado. A fim de realmente compreender isso, devemos entender algumas coisas sobre os costumes e rituais relacionados ao casamento e ao noivado de uma perspectiva bíblica. Embora ainda haja muitas semelhanças entre um casamento bíblico e formas modernas de casamento, também existem algumas diferenças bastante significativas. Na maioria das culturas ocidentais modernas, antes de qualquer casamento, há o processo de noivado. Tradicionalmente, isto começa com a proposta na qual o homem coloca-se de joelhos, apresenta um anel à sua possível futura noiva e pergunta se ela concordará em se casar com ele. Se ela aceitar a proposta, ele coloca o anel em seu dedo. Em contraste, ao invés de noivado, a antiga cultura do Oriente Próximo da Bíblia praticava o “noivado formal (betrothal)”. Assim como o noivado, o betrothal precedia o casamento em si. O noivado, no entanto, é apenas um acordo verbal para eventualmente se casar. Não se trata de uma questão juridicamente vinculativa. Betrothal, por outro lado, é, na verdade, uma condição juridicamente vinculativa na

qual o casal é visto como sendo casado. A distinção, entretanto, é que o casal de noivos ainda não consumou o casamento e não vivem juntos. No entanto, ao longo deste período, a infidelidade é considerada como adultério.¹ Em Deuteronômio, o Senhor declarou a penalidade para qualquer mulher desposada apanhada tendo relações sexuais com um homem. Ambos deveriam ser apedrejados até a morte como adúlteros: “a moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porquanto humilhou a mulher do seu próximo; assim tirarás o mal do meio de ti” (Dt 22:24). Em outro lugar, em Gênesis 19:14, os homens noivos das filhas de Ló são descritos como seus “genros”. E em Mateus 1:18-20, devido a Maria ter engravidado durante o período do noivado, ela foi exposta tanto à acusações de adultério quanto à potencial a pena mortal se ela tivesse sido considerada culpada.

Como o noivado formal (betrothal) se distingue do casamento? Em termos mais simples, o noivado é a primeira fase da aliança matrimonial. A segunda fase é a consumação do casamento, morar juntos, compartilhar todos os bens e compartilhar a mesma cama. Dentro das páginas da Bíblia, esta distinção entre noivado e casamento é vista quando Jacó exigiu de seu sogro Labão: “Dá-me minha mulher, porque meus dias são cumpridos, para que eu me case com ela” (Gn 29:21). Embora ainda não tivessem consumado o casamento, Jacó já se referia a Raquel como sua esposa.

RITUAIS BÍBLICOS DE ALIANÇA MATRIMONIAL

Há algumas outras práticas e rituais comuns à cerimônia bíblica de casamento que também precisamos entender. A primeira é a *mikvá*, que era uma lavagem ritual ou purificação à qual deveria se submeter antes da cerimônia de casamento. Outro elemento essencial de qualquer cerimônia de casamento judaica é o *ketubá*. O *ketubá* é um contrato legalmente vinculativo que contém as obrigações de ambas as

partes. Ele é lido em voz alta e assinado durante a cerimônia de casamento. Curiosamente, a mais antiga referência clara a um contrato de ketubá judeu é encontrada no século III a.C., no Livro apócrifo de Tobias:

Então Raquel convocou sua filha Sarah. Quando ela veio a ele, ele a pegou pela mão e a deu a Tobias, dizendo, “Leve-a para ser sua esposa de acordo com a lei e o decreto escrito no livro de Moisés[...] Então ele chamou sua mãe e disse-lhe para trazer material de escrita; e ele escreveu uma cópia de *um contrato de casamento*, declarando que ele a havia dado como esposa para ele de acordo com o decreto da lei de Moisés. Então eles começaram a comer e beber. (TOBIAS 7:12-14 NRSV, grifo do autor)

Embora não possamos saber ao certo quando esta prática de escrever um Ketubá como contrato de casamento começou, de acordo com o rabino do segundo século Simon ben Gamliel, ela vem dos tempos bíblicos antigos.² Independentemente de suas origens, a prática de recitar o Ketubá no casamento acabou evoluindo para a troca de votos que vemos na maioria dos casamentos modernos. Outro elemento essencial e notório de qualquer casamento bíblico ou judeu é o chupá. Um chupá em sua forma mais básica significa simplesmente “um dossel” ou “câmara”.³ Nos casamentos judaicos, o chupá é a estrutura sempre visível na qual a noiva e o noivo ficam em baixo ou dentro enquanto lêem e assinam o ketubá. Finalmente, há um *signal* visível. Nos tempos modernos, esse sinal, na maioria das vezes, é o anel de casamento. Como veremos, no Monte Sinai houve outro sinal visível que foi dado. Na verdade, todos estes elementos importantes do casamento bíblico são encontrados na aliança do Sinai. Vamos continuar a seguir a história até o Monte Sinai, onde, como

veremos, YHVH de fato entrou em um noivado formal (Betrothal) com seu povo, Israel.

O RITUAL MIKVÁ

O primeiro componente da cerimônia de noivado bíblico é o mikvá. Antes que a cerimônia pudesse começar, YHVH ordenou que o povo se lavasse e consagrasse para a cerimônia: “Disse também o Senhor a Moisés: Vai ao povo, e santificá-os hoje e amanhã, e lavem eles as suas roupas (Ex 19:10). É claro que, para que houvesse um casamento, tinha que haver também um noivo. Como tal, o Senhor declarou que “ao terceiro dia o Senhor descera ao Monte Sinai à vista de todo o povo” (v. 11). Por causa da santidade da presença do Senhor, o povo foi advertido a não pisar na montanha para que não fosse morto. O método era por apedrejamento ou alvejamento com flechas. Parece que a forma de execução foi especificada para evitar até mesmo entrar em contato com o desobediente. Como a própria montanha tornou-se um espaço sagrado, o estudioso do Antigo Testamento Gordon J. Wenham explica sua fascinante transformação em uma espécie de templo sagrado:

O Monte Sinai está prestes a se tornar um lugar sagrado, onde somente aqueles autorizados por Deus podem entrar. Como o tabernáculo, cuja construção é ordenada em Êxodo 25-30, o Monte Sinai é dividido em três zonas. O cume corresponde ao mais profundo sanctum, o Santo dos Santos, ao qual somente Moisés poderia ir para encontrar o Senhor.⁴

A vasta multidão de pessoas foi autorizada a vir apenas ao pé da montanha, mas, mesmo assim, não até que ouvissem o toque do shofar: “quando a buzina do carneiro soar um longo sopro, eles subirão à montanha” (Ex 9:14). Depois

de receber estas instruções, “Moisés desceu da montanha para o povo e o consagrou e eles lavaram suas vestes”. Ele disse ao povo: “Estai prontos ao terceiro dia; e não vos chegueis a mulher” (Ex 19:14-15). Assim, a futura noiva realizava o ritual de limpeza mikvá. A cerimônia de noivado havia começado. O rabino Shlomo Yitzchaki (mais conhecido simplesmente como “Rashi”) diz sobre este momento: “Quando eles vinham se apresentar aos pés da montanha, Ele vinha ao encontro deles como um noivo vem para receber uma noiva”.⁵ O imaginário conjugal da aliança, embora muitas vezes esquecido pelos comentaristas cristãos, é amplamente reconhecido pelos exegetas judeus.

O CHUPÁ

Desde o início da cerimônia podíamos esperar ver outro sinal evidente de qualquer cerimônia de casamento bíblica ou judaica: o chupá. Trata-se da cobertura ou toldo especial sob o qual os noivos se encontram. No caso do casamento no Sinai, o chupá foi providenciado pelo próprio Deus:

E aconteceu que, ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um somido de buzina mui forte, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. (ÊXODO 19:16-17)

O próprio YHVH tinha coberto a montanha inteira com uma espessa nuvem. Como vimos anteriormente, quando a nuvem da presença do Senhor conduziu e seguiu os israelitas através do deserto, ela era suficientemente grande para servir como um dossel que oferecia sombra para toda a multidão dos israelitas. Agora, o grande dossel de nuvens se moveu e repousou sobre a montanha. Há também outra frase

usada aqui que podemos perder na maioria das traduções em português. Quando diz que eles estavam “ao pé da montanha”, uma interpretação mais literal do hebraico diz essencialmente que eles estavam “debaixo da montanha”. Assim, lá no sopé da montanha, debaixo do chupá, a noiva de YHVH estava diante dele. A ideia de que o Senhor pretendia usar especificamente a imagem de um chupá aqui não se perdeu em profetas posteriores. Isaías, por exemplo, extrai do imaginário presente na aliança do Sinai e o aplica à era messiânica (Is 4:4-5). Assim como foi no Monte Sinai, assim será no Monte Sião quando o Messias estiver presente. Tal como será quando o Messias estiver presente, assim foi no Monte Sinai. O próprio Senhor estava realmente presente, tendo descido em uma nuvem e fogo:

E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente. E o somido da buzina ia crescendo cada vez mais; Moisés falava, e Deus lhe respondia em voz alta. E, descendo o Senhor sobre o monte Sinai, sobre o cume do monte, chamou o Senhor a Moisés ao cume do monte; e Moisés subiu. (ÊXODO 19:18-20)

Embora a grande teofania fosse acompanhada por vários fenômenos, nuvens e fogo parecem ser as características mais proeminentes. Depois do Sinai, ambos aparecerão inúmeras vezes ao longo de toda a Bíblia. Eles já estiveram presentes quando Deus fez o pacto com Abraão e pessoalmente apareceu como “um forno fumegante e uma tocha ardente” (Gn 15:17). Como discutiremos na Parte 3, ambos os elementos serão uma característica proeminente para quando Jesus voltar.

O NOIVO CHEGA

Finalmente, após a longa, dolorosa e exaustiva jornada do Egito, o momento do casamento havia chegado. O estudioso bíblico anglicano do final do século XIX Donald Spence Jones captura o drama deste momento tão aguardado:

Todas as preparações necessárias tinham agora já sido feitas. Os sacerdotes, assim como o povo, tinham “se santificaram”. Um temor saudável de “atravessar” a cerca, e de “tocar” o monte havia espalhado entre o povo. Moisés tinha voltado do campo para o cume do monte; e tanto ele como o povo estavam atentos para ouvir as palavras da “aliança”, que lhes tinha sido anunciado.⁶

Embora Ele estivesse com eles desde o início, numa manifestação muito mais palpável, o Deus Noivo do Sinai tinha chegado. Agora, pela primeira vez, Ele falou diretamente com toda a multidão: “Então Deus falou todas estas palavras, dizendo: ‘Eu sou o Senhor o vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito, da casa da escravatura’” (Ex 20:1-2). É interessante notar que Deus não começou apelando à Sua autoridade como Criador de todas as coisas; em vez disso, Ele recordou-lhes de Sua terna misericórdia, de Sua bondade e de seu histórico comprovado como libertador, protetor e provedor. É também espantoso notar que as palavras da aliança não foram comunicadas por meio dos lábios de Moisés. Embora ele tivesse servido até este ponto como um mediador entre Deus e Israel, a cerimônia de casamento não tinha, por assim dizer, um sacerdote oficiante. O próprio YHVH estava falando da montanha. A cerimônia havia começado.

OS VOTOS DE CASAMENTO

Anteriormente fizemos referência ao ketubá – o contrato juridicamente vinculativo que, em qualquer casamento bíblico ou judeu, era tanto lido em voz alta como assinado. Não se sabe se na época do Êxodo um contrato de casamento formal era comum ou não. O que é claro, porém, é que a leitura em voz alta da Torá é abordada dentro da narrativa bíblica como um contrato de casamento. Os Dez Mandamentos, então, podem ser vistos como um resumo dos votos matrimoniais. Eles formam o quadro legal e o próprio fundamento da aliança do Sinai. Eles também compreendem o que os comentaristas alemães Keil e Delitzsch chamam “o núcleo e a essência da lei”.⁷ Em outras palavras, os Dez Mandamentos são uma representação da plenitude da Torá. A natureza distinta e fundamental dos Dez Mandamentos também é vista no sentido de que eles são a única parte da Torá que foi realmente escrita sobre pedra pelo próprio Deus: “E [YHVH] deu a Moisés quando acabou de falar com ele no monte Sinai as duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus. (Ex 31:18; cf. Dt 5:22; 9:10; 10:4). Mais tarde, ao citar apenas dois mandamentos (amar a Deus e amar o próximo), Jesus resumiu ainda mais a essência da Torá, afirmando: “Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas” (Mt 22:40 KJV).

Os Dez Mandamentos não devem ser entendidos apenas como “leis”. Quem se referiria aos seus votos de casamento como “leis”? A palavra *devarim* é melhor traduzida como as “palavras” ou “pronunciamentos” de Deus. Como diz Stuart, “O que o capítulo contém[...] é mais parecido com o conteúdo de uma constituição nacional do que apenas com o conteúdo de uma seção codificada da lei algo do tipo”.⁸ A aliança foi feita entre YHVH e todo o povo, tanto coletivamente como individualmente.

Em Deuteronômio 5:6-18, os Dez Mandamentos são repetidos com algumas ligeiras variações, nenhuma das quais afeta o seu significado. Neste relato, adoro a referência que diz que YHVH “Face a face o Senhor falou conosco no monte, do meio do fogo” (Dt 5:4). O poder poético desta história é demasiado para se capturar com palavras. Do fogo, o Deus Noivo do Sinai falou as condições da aliança – os votos de casamento – para o seu amado povo.

O PRIMEIRO E SEGUNDO MANDAMENTOS

O primeiro mandamento serviu de base para todos os outros: “Não tereis outros deuses diante de Mim” (Ex 20:3). Este deveria ser um casamento estabelecido em absoluta exclusividade. O profeta Isaías reiteraria mais tarde esse belo tema: “Porque o teu Criador é o teu marido; o Senhor dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; que é chamado o Deus de toda a terra” (Is 54:5).

Qualquer casamento saudável deve ter limites bem definidos e bem defendidos. Numa relação exclusiva, não há lugar para nenhuma parte externa ou para terceiros. Como tal, a segunda “palavra” continua o tema do primeiro. É especificamente porque só YHVH foi o seu Deus que nunca “farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso” (Ex 20:4-5a). Algo que é inato dentro da humanidade é a tendência dos adoradores para criar uma representação terrena de seu objeto de adoração. Nos tempos antigos, isso significava quase sempre algum tipo de estátua ou escultura. A segunda ordenança que proíbe a criação de ídolos não deve ser entendida como uma proibição contra a criação de qualquer forma de arte ou representação de um ser humano ou animal. Se fosse o caso, então o Senhor mais tarde iria

contradizer a si mesmo, pois dentro do desígnio divino para a futura Arca da Aliança, por exemplo, YHVH ordenou que imagens de querubins fossem colocadas no topo (Ex 25:19; 37:8). Quando as vestes sacerdotais foram feitas para Arão, a bainha da peça de vestuário foi decorada com sinos e romãs artesanais (Ex 28:33-34; 39:24-26). Numerosos outros exemplos de sanção do Senhor para a criação de artigos ou imagens representando coisas na terra poderiam ser citados. A questão é dupla. Primeiro, creio que é importante que o povo de Deus nunca pense que o seu Criador se opõe à criatividade. Como um eterno artista, acredito que o povo de Deus realmente permite que a criatividade flua através de si particularmente como uma forma de culto. Cada um de nós é aquele pequeno bebê que pega um giz de cera e começa a rabiscar em quase tudo o que se vê. A razão pela qual nós somos criativos desde o nascimento é porque todos nós fomos criados à imagem do nosso Criador. É muito simples. Quando somos criativos, estamos na realidade sendo como Ele. Em segundo lugar, deve-se enfatizar que a segunda “ordenança” diz respeito especificamente à idolatria. Do ponto de vista da aliança, qualquer adoração dada a outro deus era infidelidade a YHVH; era adultério espiritual.

O TERCEIRO MANDAMENTO

O mandamento seguinte diz respeito ao uso adequado do nome de YHVH: “Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão, pois o nome de YHVH é o nome de teu Deus. O Senhor não o deixará impune quem tomar Seu nome em vão” (Ex 20:7). Embora o mandamento seja redigido de forma ampla o suficiente para abranger qualquer uso indevido do nome YHVH, isso significa especificamente evitar cuidadosamente o uso do nome de Deus como garantia das palavras ou promessas de cada um. Stuart descreve-o como “a proibição do perjúrio”.⁹ Jesus reiterou e ampliou o mandamento,

advertindo contra fazer qualquer promessa usando o nome de Deus, ou mesmo qualquer coisa associada a Deus. Em vez disso, Ele disse: “Seja, porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não”; porque o que passa disto é de procedência maligna. (Mt 5:33-37; 23:16-22).

Além de tudo isso, porém, é o fato de que o nome de alguém está integralmente interligado à sua reputação; é uma representação verbal de quem essa pessoa é. O “nome” de YHVH representa sua própria essência. Esse mandamento flui do zelo de Deus para preservar a pureza do testemunho; podemos até mesmo dizer a boa nova, ou Evangelho, a respeito de quem Ele realmente é. Pois é somente Nele que qualquer pessoa no mundo pode encontrar a verdadeira vida.

O QUARTO MANDAMENTO

O quarto pronunciamento diz respeito ao sábado:

Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou. (ÊXODO 20:8-11)

Como discutimos anteriormente, em qualquer casamento há um selo ou um sinal do compromisso matrimonial. Hoje em dia, isso é, quase sempre, um par de anéis. Como Stuart explica:

Muitas alianças antigas tinham algum tipo de sinal - algo visível que lembraria as pessoas do compromisso,

para que não esqueçam disso. O sábado funciona como um sinal para a aliança de Moisés ou do Sinai[...] Ele fornece um lembrete semanal regular para todos: enquanto as pessoas guardam o sábado, parando seu trabalho e dedicando-se em adoração, elas demonstram abertamente que estão mantendo a aliança.

Enquanto os casais modernos usam um anel para lembrar a si mesmos, um ao outro e ao mundo inteiro que eles estão em aliança e pertencem um ao outro, assim era para o sábado funcionar como tal sinal. Êxodo 31 afirma isso de forma clara:

Guardarão, pois, o sábado os filhos de Israel, celebrando-o nas suas gerações por aliança perpétua. Entre mim e os filhos de Israel *será um sinal* para sempre; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, e ao sétimo dia descansou, e restaurou-se. (ÊXODO 31:16-17 – grifo meu)

Assim, como um selo e um sinal da aliança matrimonial, o povo de Israel não deveria observar o sábado apenas como se fosse uma lei, eles deveriam guardá-lo. A cada sete dias, um dia deveria ser separado para lembrar, renovar e reavivar continuamente o relacionamento de aliança. O sábado deveria ser visto mais como um presente do que como uma obrigação. Nenhum casal dedicado a amar um ao outro jamais vê a ideia de uma noite de dedicação a encontros como legalismo. Nem deveria o sábado ser visto como um mero mandamento, mas como uma bênção.

DO QUINTO AO DÉCIMO MANDAMENTO

Os mandamentos do quinto ao décimo passam agora de uma ênfase em amar a Deus para um foco em relacionamentos

saudáveis e amorosos com outros. Isto engloba uma série de preceitos morais e éticos. A primeira preocupação é mostrar a devida honra aos pais: “Honrar seu pai e sua mãe, que seus dias possam ser prolongados na terra que o Senhor teu Deus te dá” (Ex 20:12). O mandamento seguinte é nunca cometer assassinato (v. 13). Depois há proibição contra adultério (v. 14), roubo (v. 15), mentira, engano, ou “dar falso testemunho” (v. 16) e, finalmente, uma advertência contra ciúmes ou “cobiça” (v. 17).

O PODER DA TEOFANIA

Todas essas palavras, dizem-nos, foram ditas em voz alta por Deus perante o povo (Ex 20:1). Na sua conclusão, nos dizem: “E todo o povo viu os trovões e os relâmpagos, e o somido da buzina, e o monte fumegando; e o povo, vendo isso retirou-se e pôs-se de longe” (Ex 20:18). Foi neste ponto da cerimônia da aliança que o povo ficou simplesmente sobrecarregado. O trovão, as trombetas, o som da voz de Deus, era simplesmente demais. Eles imploraram para que Deus parasse de falar diretamente com eles. “E disseram a Moisés: Fala tu conosco, e ouviremos: e não fale Deus conosco, para que não morramos” (v. 19). Foi a partir deste ponto que Moisés interveio como mediador entre Deus e Israel. E, assim, “o povo ficou à distância, enquanto Moisés aproximou-se da nuvem espessa onde Deus estava” (v. 21). Nos três capítulos seguintes (21-23), o Senhor continua a instruir o povo a como viver. A ênfase dos mandamentos em questão não diz respeito apenas ao amor exclusivo a Deus, mas também como eles deveriam relacionar-se com outros. Pode-se ver o porquê de Jesus resumir toda a lei nas duas categorias de amar a Deus e amar os outros (Mt 5; 22:40).

ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE

Exodo 24 é inteiramente dedicado à confirmação da aliança. Como de costume, ela continuou como um processo muito formal. Em primeiro lugar, o Senhor chamou Moisés, Arão e seus dois filhos e os setenta anciãos de Israel para subirem a montanha. Antes disso, porém, “Veio, pois, Moisés, e contou ao povo todas as palavras do Senhor, e todos os estatutos; então o povo respondeu a uma voz, e disse: Todas as palavras, que o Senhor tem falado, faremos!” (Ex 24:3). Assim, ao concluir a leitura do ketubá, em uníssono, o povo concordou. O acordo foi tanto individual quanto coletivo. Como comenta Sarna:

Por um lado, é “todas as pessoas” como uma entidade corporativa, uma unidade psíquica, que entra no relacionamento psíquico com Deus. Por outro lado, cada membro da comunidade é tratado individualmente, como mostra o uso consistente do segunda pessoa do singular.¹

Em outras palavras, a aliança em si foi feita com toda a multidão, mas também com cada pessoa presente. Além disso, a aliança aplicava-se até mesmo às crianças e gerações futuras dos israelitas, até os dias de hoje.

SELADO COM SANGUE

No tempo atual, quando a noiva e o noivo terminam de declarar seus votos, cada um deles declara: “Até que a morte nos separe”. Essa frase significa seu compromisso com Deus e um com o outro de permanecerem casados para o resto de suas vidas. Somente a morte trará seu relacionamento ao fim. Como tantos outros aspectos da aliança, esse compromisso solene foi selado através de um ato cerimonial público. Depois que o povo concordou com as condições da aliança, o Senhor instruiu Moisés a construir “um altar ao pé do monte, e doze monumentos, segundo as doze tribos de Israel” (Ex 24:4). O número de pessoas era tão grande que os doze pilares deviam ficar ao lado do altar como representantes das doze tribos. Depois que tudo isso foi construído, Moisés mandou “os filhos de Israel” abaterem vários jovens touros e os sacrificarem no altar. Então,

E Moisés tomou a metade do sangue, e a pôs em bacias; e a outra metade do sangue aspergiu sobre o altar. E tomou o livro da aliança e o leu aos ouvidos do povo, e eles disseram: Tudo o que o Senhor tem falado faremos, e obedeceremos. Então tomou Moisés aquele sangue, e espargiu-o sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor tem feito convosco sobre todas estas palavras. (ÊXODO 24:6-8)

A imagem de tudo isso é impressionante. Depois de aspergir o sangue sobre as pessoas (ou mais provavelmente sobre os pilares ao lado do altar, que se manteve como representante do povo),² Moisés leu novamente o conteúdo completo da aliança em voz alta para a congregação. Fora desse contexto, eles afirmaram novamente seu compromisso para manter “tudo” dentro da aliança. Então, uma última vez, Moisés derramou mais sangue no povo. Assim, a aliança de Moisés foi selada

com uma vívida, assombrosa e sangrenta demonstração. Stuart afirma que a selagem da aliança com sangue simbolizava “a responsabilidade compartilhada das duas partes, bem como a severidade da pena por violar a aliança”.³ Em outras palavras, por mais poderosa que seja a conclusão de qualquer cerimônia de casamento, com a noiva e o noivo fazendo cada um votos até a morte, a aliança do Sinai levou de fato isso a um passo à frente. Se os israelitas falhassem em manter as condições da aliança, a pena seria a morte.

A FESTA DE CASAMENTO

Agora era a hora de Moisés e os anciãos, como representantes do toda a congregação, subirem a montanha para se encontrar com o Senhor e completar a cerimônia. Na metade do caminho, em um grande planalto, ainda olhando para o pico, eles desfrutaram de um banquete:

E subiram Moisés e Arão, Nadabe e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel. E viram o Deus de Israel, e debaixo de seus pés havia como que uma pavimentação de pedra de safira, que se parecia com o céu na sua claridade. Porém não estendeu a sua mão sobre os escolhidos dos filhos de Israel, mas viram a Deus, e comeram e beberam. (ÊXODO 24:9-11)

Como qualquer casamento moderno, que oferece um jantar após o cerimônia, assim também foi selada a aliança matrimonial do Senhor com uma festa de casamento. Esta parte do Êxodo é uma das mais impressionantes passagens da Bíblia. Moisés e os anciãos de Israel comeram e beberam, então, olhando para cima, viram o Deus de Israel no topo da montanha, de uma maneira que parece transcender qualquer descrição. Como a aliança com Abraão (Gn 15:17), esta aliança também foi selada ou confirmada não apenas através

do ato sangrento de sacrificar touros, mas com uma refeição. Como observa Stuart:

No antigo mundo bíblico, as alianças eram normalmente concluídas com uma refeição especial de pacto, na qual os animais eram simbolicamente cortados ao meio (simbolizando a responsabilidade compartilhada das duas partes, bem como a severidade da pena por quebrar a aliança), então as partes do pacto caminhavam entre os pedaços, e então a refeição era comida em conjunto como um sinal de amizade e aliança. A aliança de Deus com Israel, como representada através do agora completado Código da Aliança, envolvia Deus como uma parte e o povo como a outra.”⁴

“COM ESTE ANEL, EU TE RECEBO”

Então o Senhor chamou Moisés para “Suba a mim ao monte, e fica lá; e dar-te-ei as tábuas de pedra e a lei, e os mandamentos que tenho escrito, para os ensinar” (v. 12). O relato da ascensão de Moisés ao topo da montanha e seu encontro com Deus lá continua uma das mais impressionantes cenas em toda a Bíblia:

E levantou-se Moisés com Josué seu servidor; e subiu Moisés ao monte de Deus. E disse aos anciãos: Esperai-nos aqui, até que tornemos a vós; e eis que Arão e Hur ficam convosco; quem tiver algum negócio, se chegará a eles. E, subindo Moisés ao monte, a nuvem cobriu o monte. E a glória do Senhor repousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; e ao sétimo dia chamou a Moisés do meio da nuvem. E o parecer da glória do Senhor era como um fogo consumidor no cume do monte, aos olhos dos filhos de Israel. E Moisés entrou no meio da nuvem, depois que subiu

ao monte; e Moisés esteve no monte quarenta dias e quarenta noites. (ÊXODO 24:13-18).

Enquanto Moisés estava lá na montanha, o Senhor deu a Israel um “sinal” que também se encontra nas tradições matrimoniais modernas. Além de dar a Moisés as muitas instruções referentes ao tabernáculo, os móveis sagrados e os vários rituais ligados a ele, o Senhor deu a Israel algo muito especial que serviria para lembrar para sempre da aliança. Ele lhe deu o sábado. Enquanto as cerimônias modernas de casamento incluem a troca de anéis como sinais visíveis, assim foi também o sábado feito para servir como um “sinal” externo perpétuo:

Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: Tu, pois, fala aos filhos de Israel, dizendo: Certamente guardareis meus sábados; porquanto isso é um sinal entre mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que eu sou o Senhor, que vos santifica. Portanto guardareis o sábado, porque santo é para vós; aquele que o profanar certamente morrerá; porque qualquer que nele fizer alguma obra, aquela alma será eliminada do meio do seu povo. Seis dias se trabalhará, porém o sétimo dia é o sábado do descanso, santo ao Senhor; qualquer que no dia do sábado fizer algum trabalho, certamente morrerá. Guardarão, pois, o sábado os filhos de Israel, celebrando-o nas suas gerações por aliança perpétua. Entre mim e os filhos de Israel será um sinal para sempre; porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, e ao sétimo dia descansou, e restaurou-se. (ÊXODO 31:12-17)

A CERTIDÃO DE CASAMENTO

Nos tempos modernos, após a cerimônia estar completa, a noiva, o noivo e o ministro oficiante assinam um documento oficial chamado Certidão de Casamento. No caso da aliança

do Sinai, a “certidão” foram as duas tábuas de pedra sobre as quais os Dez Mandamentos foram escritas. Depois que o Senhor deu a Moisés os mandamentos referentes ao sábado, nos é dito: “E deu a Moisés (quando acabou de falar com ele no monte Sinai) as duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus” (Ex 31:18). A certidão de casamento havia sido emitida, surpreendentemente esculpida em pedra pela própria mão de Deus. De acordo com a natureza profundamente sagrada dessas tábuas, o Senhor havia designado que fosse construído um recipiente sagrado para abrigá-las (Ex 25:10-22), que agora é chamado A Arca da Aliança (Nm 10:33; 14:44; Dt 10:8; etc.). Considere a importância da certidão de casamento. Muitos anos depois, após Israel ter tomado posse da terra, no que podemos chamar de uma perspectiva cósmico-bíblica, Israel era vista localizada no centro das nações. No centro de Israel ficava Jerusalém. O coração de Jerusalém era o templo. O coração do templo era o Santo dos Santos. A instalação reservada para o Santo dos Santos era a arca, dentro da qual estavam as duas tábuas contendo os Dez Mandamentos, a certidão de casamento divinamente ordenada.

O SHEMA

Ao longo das Escrituras, o Senhor tem muito a dizer a Israel sobre lembrar a si mesmos e a seus filhos das coisas maravilhosas que Ele fez durante o Êxodo. Além do sábado, outra forma significativa do Judaísmo praticar o mandamento de lembrar é por meio de, regularmente, recitar de Deuteronômio 6:4. Devida à primeira palavra imperativa no verso que significa “ouve”, ou “obedece”, essa passagem passou a ser conhecida como “o Shema”. A passagem completa diz o seguinte:

Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; E as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por frontais entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas. (DEUTERONÔMIO 6:4-9)

Mesmo quando comparamos o sábado ao sinal visível de um anel de casamento, o Shemá também deveria ser escrito em um pequeno pergaminho e literalmente preso à mão e à testa como uma espécie de sinal, um constante lembrete. Hoje, os judeus observadores cumprem este lembrete prendendo uma pequena caixa de couro contendo a Shemá escrita em um pedaço de pele de bezerro, tanto nos antebraços como na testa, chamados filactérios ou tefillin, em hebraico. Muitos judeus de hoje vêem a colocação dos filactérios ligada ao fato de que os mandamentos devem estar sempre na vanguarda de nossos pensamentos, representados pela testa, e nossas ações, representadas pela mão. O estudioso do Antigo Testamento Eugene H. Merrill descreve a centralidade do Shemá no coração do judaísmo desde os tempos antigos até os dias atuais:

A exegese rabínica pós-bíblica compreendeu o papel do Shemá de ser o coração de toda a lei. Quando Jesus foi perguntado sobre o maior dos mandamentos, Ele citou este (e seu complemento em Levítico 19:18) como o princípio fundamental de fé dos judeus, uma opinião com a qual seus ouvintes obviamente concordaram (Mateus 22:34-39; Marcos 12:28-31; Lucas 10:25-28). Tanto que a centralidade desta confissão

encontrou raízes nos na consciência dos judeus que até hoje o judeu observador irá recitar o Shemá pelo menos duas vezes ao dia.⁵

A primeira declaração do Shemá, “O Senhor é o nosso Deus, o Senhor é um!” é frequentemente interpretada e entendida como sendo uma declaração doutrinária de monoteísmo rígido e unitário, expressando a crença de que Deus existe como uma “unicidade” estritamente singular. Ao entender a aliança do Sinai como uma aliança matrimonial, reconhecemos o Shemá como algo que é muito menos sobre a mera quantificação de Deus e muito mais sobre a declaração da natureza absolutamente exclusiva do relacionamento. É por isso que a tradução da Sociedade de Publicações Judaicas Tanakh de 1985 diz: “Escuta, ó Israel! O Senhor é nosso Deus, o Só o Senhor”. Enquanto os israelitas concordaram em manter todos os mandamentos aos pés da montanha, o Shemá serve como um lembrete perpétuo dessa declaração original. O que foi afirmado em voz alta no Sinai é agora reafirmado diariamente.

CONCLUSÃO

Além do *mikvá* (lavagem ritual), o *chuppá* (canopy), e o *ketubá* (votos de casamento), a confirmação da aliança continua a refletir os rituais de um casamento. Por exemplo, Israel selou a aliança com múltiplas afirmações entusiásticas (“Eu aceito! Eu aceito!”). Além disso, o Senhor deu a Israel o sinal externo e o perpétuo do sábado (o anel de casamento). A meio caminho da montanha, Moisés e os 70 anciãos comeram juntos como parte do processo de selar a aliança (a festa de casamento). Finalmente, as tábuas de pedra, escritas pelo próprio dedo de Deus (a certidão de casamento), foram dadas a Moisés para serem consagradas por tempo indeterminado dentro da Arca da Aliança. Como em qualquer casamento moderno,

a aliança foi feita “até a morte”. No entanto, levando este conceito ainda mais longe, selando a aliança com sangue, foi claramente compreendido (e declarado verbalmente muitas vezes) que a pena por violar a aliança era a morte.



A NOIVA ADÚLTERA

Poucas histórias na Bíblia mostram a natureza pecaminosa e inconstante do homem mais dolorosamente do que a história do bezerro de ouro. Do alto da mais gloriosa teofania da montanha, a história transforma-se abruptamente numa rebelião total no chão. É uma catástrofe tão grave que se mantém ombro a ombro com a trágica queda da humanidade no jardim e com a destruição do mundo pelo dilúvio. Enquanto Moisés estava na presença de Deus no cume da montanha, as pessoas de baixo lançaram-se numa nova baixaza espiritual. Ao ouvir as palavras da aliança, comprometeram-se fervorosamente a manter “todas as palavras” de Deus. Raramente, no entanto, impulsos bem intencionados se convertem em modo de vida sustentável. Na primeira oportunidade que surgiu, violaram desavergonhadamente múltiplos mandamentos. A cerimônia de ainda nem sequer havia terminado e, à vista do seu marido, o povo o traiu com um deus-bezerro do Egito feito pelo homem:

E Arão lhes disse: Arrancai os pendentes de ouro, que estão nas orelhas de vossas mulheres, e de vossos filhos, e de vossas filhas, e trazei-mos. Então todo o povo arrancou os pendentes de ouro, que estavam nas suas orelhas, e os trouxeram a Arão. E ele os tomou das suas

mãos, e trabalhou o ouro com um buril, e fez dele um bezerro de fundição. (ÊXODO 32:2-4)

O BEZERRO DE OURO

Esse “bezerro fundido” que Arão criou foi na realidade feito de madeira mas revestido com ouro. Não só as Escrituras descrevem isso como um método comum de fazer ídolos (Is 30:22; 40:19; Os 8:6; cf. Os 8:4; Hb 2:19) mas o fato de Moisés mais tarde tê-lo queimado confirma isso (v. 20). Apesar de ter acabado de ser fabricado por mãos humanas, começaram imediatamente a creditar a ele os poderosos feitos que YHVH tinha realizado. Enquanto adoravam, gritavam: “Este é o teu deus, ó Israel, que te trouxe da terra do Egito” (v. 4b). Além de fazer o ídolo, Arão também dedicou um banquete ao deus-bezerro: “Arão fez uma proclamação e disse: ‘Amanhã será festa ao Senhor. E no dia seguinte madrugaram, e ofereceram holocaustos, e trouxeram ofertas pacíficas; e o povo assentou-se a comer e a beber; depois levantou-se a folgar’” (vv. 5, 6). Um dos nossos estudiosos favoritos do Antigo Testamento, Walter C. Kaiser Jr., descreve o significado dessa passagem: “o povo satisfaz os seus próprios desejos e prossegue com a festança. O verbo *šāḥaq* significa orgias bebedeiras imorais e jogos sexuais”.²

A GRANDE CATÁSTROFE

Teria sido quase impossível ter violado mais que perfeitamente vários mandamentos ao mesmo tempo. Primeiramente, este foi um “ídolo” feito muito deliberadamente. Sacrificaram-se a ele, curvaram-se diante dele, adoraram-no, e até o declararam como “seu deus”. Até mesmo lhe deram crédito por tê-los conduzido para fora do Egito! Além disso, o banquete foi acompanhado por todo o tipo de depravação

sexual. O que torna a história ainda mais obscura é o fato de que, enquanto o povo fazia tudo isso, a presença gloriosa e ardente do Senhor continuava a cobrir a montanha (Dt 9:15). Eles não só estavam traindo o seu marido durante o casamento propriamente dito, como o estavam fazendo isso completamente diante dos seus olhos.

No cume da montanha, o Senhor estava plenamente consciente do que estava acontecendo lá embaixo. “Desce imediatamente”, disse o Senhor a Moisés, pois o povo “corrompeu-se”. Rapidamente se desviaram do caminho que lhes ordenei” (Ex 32:7-8). A palavra aqui usada para corrupção é bastante intensa. É a mesma palavra usada em Gênesis 6:12 para a corrupção à qual o mundo inteiro se tinha entregado nos dias de Noé.³ O remédio então era nada mais nada menos que a purgação total e a aniquilação completa.

AS CONSEQUÊNCIAS

Tal como a aniquilação do mundo nos dias de Noé, também o Senhor declarou a Sua intenção de destruir todo o Israel: “Disse mais o Senhor a Moisés: Tenho visto a este povo, e eis que é povo de dura cerviz. Agora, pois, deixa-me, para que o meu furor se acenda contra ele, e o consuma; e eu farei de ti uma grande nação” (vv. 9,10). Embora apenas algumas das pessoas tenham participado ativamente nesta rebelião, o Senhor estava preparado para destruir toda a nação. Como Stuart observa, “Mesmo que cada pessoa não tivesse participado, muitos participaram entusiasticamente, e o restante não agiu para refutá-los, resultando em que a nação como um todo, a nação em peso, pudesse ser descrita simplesmente como ‘eles’”.⁴ A oferta era de fazer de Moisés uma espécie de novo Abraão, através de quem surgiria uma nova nação. Moisés, porém, intercedeu, apelando ao bom nome de Deus, à sua reputação internacional, e às promessas da aliança feitas aos seus antepassados (Ex 32:12-13). Como resultado do

apelo de Moisés, “o Senhor mudou de opinião acerca do mal que Ele disse que faria ao Seu povo” (v. 14). No entanto, nem tudo foi simplesmente perdoado e esquecido. Embora o Senhor tivesse decidido não os aniquilar totalmente, haveria ainda consequências graves. Moisés serviria agora como agente de julgamento de YHVH.

A CERTIDÃO DE CASAMENTO É DESTRUÍDA

Sob ordem do Senhor, Moisés desceu a montanha, com as duas tábuas a certidão de casamento – nas suas mãos (v. 15). Embora lhe tivesse sido dito o que estava acontecendo, agora viu por si mesmo: “E aconteceu que, chegando Moisés ao arraial, e vendo o bezerro e as danças, acendeu-se-lhe o furor, e arremessou as tábuas das suas mãos, e quebrou-as ao pé do monte” (v. 19). Assim, o primeiro ato de Moisés foi anular publicamente a aliança matrimonial. Moisés atirou as duas tábuas no chão rochoso e quebrou-as antes de toda a multidão. Como Sarna explica, “Esta não foi uma atitude impetuosa; pelo contrário, significou deliberadamente a revogação da aliança”.⁵ A cerimônia de casamento nem sequer estava completa e o acordo estava cancelado.

MOISÉS QUEIMA O ÍDOLO

O segundo ato de julgamento do Senhor através de Moisés foi queimar o próprio ídolo, destruir publicamente o “deus” ao qual o povo tinha se entregado: “E tomou o bezerro que tinham feito, e queimou-o no fogo, moendo-o até que se tornou em pó; e o aspergiu sobre as águas, e deu-o a beber aos filhos de Israel.” (v. 20). Ao queimar o ídolo, Moisés demonstrou a sua total impotência. O ato de aspergir as cinzas sobre a água e obrigar as pessoas a bebê-las teve, pelo menos, três propósitos simbólicos. Primeiro, ao obrigar o povo a beber os restos do ídolo, Moisés estava literalmente fazendo-os

interiorizar e assumir pessoalmente a responsabilidade pelos seus próprios pecados. Segundo, ao misturar os restos do ídolo em sua única reserva de água, Moisés certificou-se de que os resíduos do ídolo passariam de fato pelos seus corpos e tornar-se-iam resíduos humanos no solo. Pode-se ouvir o tom repreensivo do Senhor em Deuteronômio 32:37: “Agora onde estão os vossos deuses?”. Esse foi o derradeiro ato de humilhação. Em terceiro lugar, outro ponto muito interessante que estava sendo feito diz respeito à natureza do pecado da idolatria. Em Números 5:11-31, é descrito um ritual que os israelitas deveriam realizar se suspeitassem que uma esposa tinha sido infiel e cometido adultério. O marido deveria levar a sua esposa ao sacerdote, que “levaria água benta num vaso de barro; e ele pegaria pó que está no chão do tabernáculo e o colocaria na água” (Nm 5:17). Depois de a mulher ter sido obrigada a beber a mistura, se ela fosse culpada, o seu estômago incharia. Se não o fizesse, ela era inocente (Nm 5:27-28). Por mais estranho que este ritual possa ser, a questão é que ao fazer o povo beber uma mistura de água e as cinzas do ídolo, Moisés estava claramente comunicando que o povo, como uma esposa infiel, havia cometido adultério e violado a aliança matrimonial.

MOISÉS CONFRONTA ARÃO

O terceiro ato de Moisés foi repreender o seu irmão, o líder da rebelião: “Então Moisés disse a Arão: ‘Que te fez este povo, que trouxeste sobre eles um pecado tão grande?’” (v. 21). Segundo Sarna, o grande pecado ao qual Arão levou o povo “é um termo legal encontrado[...] nos contratos de casamento egípcios, referindo-se sempre ao adultério”.⁶ Arão tentou primeiro tirar a atenção de si mesmo, difamando o povo: “Arão disse: Não se acenda a ira do meu senhor; tu sabes que este povo é inclinado ao mal” (v. 22). Alguns comentaristas tentam de fato minimizar o pecado de Arão,

apresentando-o como um participante passivo pressionado a ceder às exigências do povo. No entanto, isso simplesmente não condiz com as Escrituras. Quando o povo pressionou Arão, ele poderia ter-lhes recordado que Moisés lhes tinha ordenado a esperar pelo seu retorno (24:14), mas ele não o fez. Em vez disso, ele assumiu um papel de liderança na rebelião. Como diz o amado expositor bíblico britânico J. Alec Motyer: “O papel que Arão desempenhou nisto foi, claramente, criminosamente débil”.⁷ O fato de Arão ter sentido a necessidade de se desculpar pelas mentiras mais ridículas prova que ele sabia que era culpado: “Então eu lhes disse: Quem tem ouro, arranque-o; e deram-mo, e lancei-o no fogo, e saiu este bezerro.” (v. 24). Keil observa: “Esta desculpa foi tão desprezível que Moisés não a achou digna de uma resposta”.⁸ Num texto paralelo em Deuteronômio, vemos que o Senhor estava tão zangado com Arão, que quase o matou (Dt 9:20). Como o resto dos rebeldes, foi apenas por intercessão de Moisés que o seu irmão Arão foi salvo.

OS IDÓLATRAS SÃO ABATIDOS

O quarto ato de Moisés foi virar a sua fúria para aqueles que ainda não haviam se arrependido. Em vez de se acalmarem depois de Moisés aparecer e destruir o bezerro-ídolo, muitos tinham continuado em rebelião aberta: “Moisés viu que o povo estava fora de controle – pois Arão tinha deixado que se descontrolassem para ser um escárnio entre os seus inimigos” (v.25). Kaiser observa “que existe um tipo de prostituição religiosa ligada ao culto do povo ao bezerro de ouro”.⁹ Moisés sabia que algo havia de ser feito, e assim a execução de três mil rebeldes aconteceu aquele dia:

Pôs-se em pé Moisés na porta do arraial e disse:
Quem é do Senhor, venha a mim. Então se juntaram

a ele todos os filhos de Levi. E disse-lhes: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Cada um ponha a sua espada sobre a sua coxa; e passai e tornai pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, e cada um a seu amigo, e cada um a seu vizinho.

E os filhos de Levi fizeram conforme à palavra de Moisés; e caíram do povo aquele dia uns três mil homens. (ÊXODO 32:26-28)

Quando Moisés chamou aqueles que eram “para o Senhor” a darem uma passo em frente, foram principalmente os dos Levitas, a sua própria tribo, quem o fizeram. O chamado para, de fato, matar os seus próprios irmãos, amigos, e os vizinhos teria sido sem dúvida uma ordem intensamente agonizante para de se levar cabo. É por essa razão que mais tarde, quando Moisés abençoou as doze tribos, falou de Levi como a tribo “que disse a seu pai, e à sua mãe: Nunca os vi; e não conheceu a seus irmãos, e não estimou a seus filhos; pois guardaram a tua palavra e observaram a Tua aliança.” (DEUTERONÔMIO 33:9)

MOISÉS PERSISTE NA INTERCESSÃO

Apesar de tudo o que Moisés tinha feito, tendo queimado o bezerro de ouro e matado três mil pessoas, ainda não haviam garantias do Senhor de que tudo seria perdoado. Assim, Moisés emitiu outra dura repreensão àqueles que ficaram e tornou a subir a montanha para falar com Deus (Ex 32:30-31). Ali, Moisés fez o seu apelo condicionado o seu próprio destino eterno ao futuro de Israel: “Assim tornou-se Moisés ao Senhor, e disse: Ora, este povo cometeu grande pecado fazendo para si deuses de ouro. Agora, pois, perdoa o seu pecado; se não, risca-me, peço-te, do teu livro, que

tens escrito” (Ex 32:31-32). Moisés reconheceu os pecados do povo, mas o seu apelo intercessório foi essencialmente: “Poupa o povo. Leve-me a mim em vez disso”. Como Sarna descreve, “A oração mistura a confissão com um pedido de perdão; mas outro elemento é introduzido. Moisés nobremente liga o seu destino pessoal ao destino do seu povo. Não pode haver um exemplo mais impressionante de um altruísta “amor de Israel” (em hebraico *'ahavat yisra'el*)”.¹⁰ Leitores do Novo Testamento reconhecerão isso imediatamente como um claro prenúncio da oração do apóstolo Paulo que também clamaria em nome de Israel: “Em Cristo digo a verdade[...] Porque eu mesmo poderia desejar ser anátema de Cristo, por amor de meus irmãos, que são meus parentes segundo a carne; que são Israelitas” (Rm 9:1-4). O Senhor respondeu a Moisés, explicando que Ele puniria apenas aqueles que são culpados. Moisés não seria capaz de absorver o castigo de Israel.

A seguir, o Senhor deu instruções a Moisés para continuar a conduzir o povo em direção à terra prometida. Esta foi uma boa notícia, porque significava que a missão não tinha sido abortada. Isto foi acompanhado pela notícia devastadora, no entanto, de que YHVH não os iria acompanhar como Ele tinha feito até este momento: “Enviarei um anjo diante de vós [...] [mas] não subirei no vosso meio, porque sois um povo obstinado, e eu posso destruir-vos no caminho” (33:2-3). Mais uma vez, Moisés continuou a persistir em intercessão, recusando-se a conduzir Israel para a terra prometida, a menos que o Senhor os acompanhasse pessoalmente (33:12-16). Não só o Senhor se rendeu à intercessão de Moisés, como algo muito especial aconteceu.

COMPASSIVO E GRACIOSO

Moisés pediu ao Senhor uma revelação maior de quem é YHVH. O Senhor informou Moisés que Ele ia revelar-se de uma forma que ele não havia testemunhado anteriormente (33:18-33). No meio desta poderosa auto revelação, YHVH descreveu a Si mesmo a Moisés, nos seguintes termos:

Passando, pois, o Senhor perante ele, clamou: O Senhor, o Senhor Deus, misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; Que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão e o pecado; que ao culpado não tem por inocente; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até a terceira e quarta geração. (ÊXODO 34:6-7)

Nesses versos, YHVH transmite cinco atributos específicos que caracterizam quem Ele é. Juntos, os atributos definem o que cada coração humano anseia do céu. Sem dúvida, todas essas autodescrições foram muito bem recebidas por Moisés. O primeiro atributo listado foi a natureza “compassiva” de YHVH. O Deus da glória que tinha se manifestado na montanha é o Deus que se preocupa genuinamente com os humanos. Ele nutre emoções reais em relação a nós, que são expressas como ternura e misericórdia. O segundo atributo diz respeito à graciosidade do Senhor. YHVH é aquele que faz coisas boas por pessoas que na realidade não merecem tal bondade. O Senhor não é aquele que apenas faz o que é esperado ou exigido, mas na verdade vai muito além e acima. O terceiro, o Senhor descreveu-se a si mesmo como alguém que é “tardio a irar-se”. A paciência de YHVH com as pessoas pecadores e rebeldes definem-no de fato. A seguir, Ele declarou-se como alguém que possui uma tremenda ou grande medida de amor de aliança e lealdade. A palavra hebraica

aqui, *hesed*, traduzida como “benignidade” aponta para o tipo de lealdade confiável e de longo prazo que define um cômjuge verdadeiramente fiel. Embora Israel já tivesse dado provas de ser inconstante e pouco confiável, YHVH revelou-se precisamente o oposto; ele é alguém em quem se pode confiar plenamente. Em quinto e último lugar, o Senhor descreveu-se a Si mesmo como abundante em verdade. Tudo o que o Senhor declara é verdade. A sua palavra, tal como o seu coração, pode ser inteiramente confiada.

PERDÃO

Ao ouvir a auto-descrição de Deus, Moisés abraçou a oportunidade e recorreu ao perdão total do Senhor: “E disse: Senhor, se agora tenho achado graça aos teus olhos, vá agora o Senhor no meio de nós; porque este é povo de dura cerviz; porém perdoa a nossa iniquidade e o nosso pecado, e toma-nos por tua herança” (Ex 34:9). Por um lado, a história leva-nos a louvar Moisés por sua persistência na intercessão. Que espírito tenaz ele tinha! Por outro lado, se não tivesse sido pela auto-revelação do Senhor como Aquele que abunda em misericórdia e compaixão, é improvável que Moisés tivesse feito um apelo tão ousado. Contudo, quando o espírito resolutivo de Moisés e o coração misericordioso do Senhor se encontraram em intercessão, o perdão foi o resultado inevitável. Assim, o Senhor declarou que a aliança de casamento desfeita seria restaurada. Apesar do horror de tudo o que tinha acabado de acontecer, YHVH determinou-se a dar a Israel outra oportunidade: “Então Deus disse: ‘Eis que eu vou fazer uma aliança’” (Ex 34:10). Isso não deve ser entendido como se o Senhor estivesse fazendo uma nova aliança, mas como se Ele estivesse afirmando a renovação da aliança inicial.¹¹ Uma vez que foi renovada, a certidão de casamento precisava de ser redigida novamente. Assim, o Senhor ordenou a Moisés: “Escreve estas palavras; porque conforme ao teor destas palavras tenho feito aliança

contigo e com Israel' [...] e escreveu nas tábuas as palavras da aliança, os dez mandamentos" (Ex 34:27-28). Embora o primeiro contrato de casamento tenha sido escrito pelo próprio dedo de Deus, o contrato renovado seria esculpido nas tábuas por Moisés. Assim, Moisés regressou ao campo, com o seu rosto resplandecente da glória de Deus, com a certidão de casamento restaurada (Ex 34:29-30).

UMA SEGUNDA CHANCE

Embora o Senhor tivesse decidido levar de volta a Sua noiva traíçoeira, as coisas não seriam como eram antes. A renovação da aliança veio com muitas condições e advertências novas e mais rigorosas.¹² Israel foi repetidamente advertida a nunca mais bancar “a meretriz” com deuses estrangeiros (Ex 34:15). Os avisos contra agir como prostitutas eram metafóricos, claro, falando de adoração a deuses estrangeiros. Além disso, a partir deste ponto, YHVH expressaria repetidamente os seus “ciúmes”, ou, mais corretamente, a sua paixão pela devoção exclusiva da sua noiva. Embora o ciúme de Deus não seja como o ciúme carnal do homem, também não é completamente diferente. Não é surpreendente que depois da traição do bezerro de ouro, a palavra ciúme apareça de repente uma e outra vez. Como qualquer casamento que tenha suportado a traição, embora o perdão tenha sido concedido, as dolorosas feridas muitas vezes perduram. A aliança tinha sido renovada, mas a memória dolorosa do que aconteceu permaneceu.

CICLOS DE ADULTÉRIO

Seria maravilhoso concluir esta história com o relato de que, após a renovação da aliança, Israel aprendeu a sua lição e permaneceu fiel a partir desse momento. Infelizmente, não é assim que a história se desenrola. Muito pelo contrário, a

história de Israel é a história de ofensas repetidas contra o Senhor. Como o Senhor falou com Moisés pouco antes da sua morte:

E disse o Senhor a Moisés: Eis que dormirás com teus pais; e este povo se levantará, e prostituir-se-á indo após os deuses estranhos na terra, para cujo meio vai, e me deixará, e anulará a minha aliança que tenho feito com ele. (DEUTERONÔMIO 31:16)

Moisés também repreendeu o povo, falando da sua futura infidelidade a Deus. Ele disse: “Porque conheço a tua rebelião e a tua dura cerviz; eis que, vivendo eu ainda hoje convosco, rebeldes fostes contra o Senhor; e quanto mais depois da minha morte?” (Dt 31:27). Várias vezes ao longo da história de Israel, ela violou sua aliança com Deus. Há inclusive provas de que eles nunca afastaram completamente o seu “amor” por Apis e Hathor, os deuses vacas egípcios adorados durante o incidente do bezerro de ouro. Nos dias do Rei Jeroboão, cerca de quinhentos anos após o Êxodo, o povo voltou a criar e adorar ídolos de bezerros de ouro:

Assim o rei tomou conselho, e fez dois bezerros de ouro; e lhes disse: Muito trabalho vos será o subir a Jerusalém; vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito. E pôs um em Betel, e colocou o outro em Dã. E este feito se tornou em pecado; pois que o povo ia até Dã para adorar o bezerro. (1 REIS 12:28-30)

Nas décadas e gerações que se seguiram, o padrão é bastante consistente. Primeiro, o povo comprometer-se-ia zelosamente com o Senhor. Em segundo lugar, eles não cumpririam o seu compromisso. Em terceiro, o Senhor amorosamente, embora por vezes com muita dor, castigá-los-ia.

Quarto, arrepende-se-iam e se voltariam ao Senhor que os perdoa e os restauraria.

CONCLUSÃO

O tema da fidelidade do Senhor para com Israel, a Sua noiva adúltera é, de fato, um tema significativo em todos os profetas posteriores. Se quisermos ser honestos, admitiremos que a história de Israel é a mesma que todas as nossas histórias. Este é um ponto muito importante de se fazer, porque pode ser fácil julgar Israel pela sua reiterada infidelidade. Na verdade, porém, a história de Israel como reincidente, uma adúltera em série, não é diferente da de qualquer pessoa que tenha procurado viver inteiramente para o Senhor. Todos precisam da misericórdia de Deus para serem renovados todas as manhãs. Felizmente, servimos um Deus que é de fato “o Senhor, o Senhor Deus, misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; Que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão e o pecado” (Ex 34:6). A realidade, porém, é que Ele é também o Deus que “de modo algum deixará impune o culpado” (Ex 34:6-7). Deus é misericordioso, mas também é justo. Como um amoroso pai, castiga aqueles a quem ama para trazê-los de volta para Si. Discutiremos este assunto nos próximos capítulos. Mas primeiro, no próximo capítulo, faremos um breve resumo dos vários temas matrimoniais que permeiam o relato do Êxodo.

SÍNTESE DOS TEMAS DE CASAMENTO NO ÊXODO

Tendo completado a nossa visão geral do Êxodo, vamos agora resumir os muitos temas de romance e de casamento apresentados na narrativa bíblica.

1. YHVH DECLAROU AS SUAS INTENÇÕES EM RELAÇÃO A ISRAEL.

Antes do êxodo real do Egito, o Senhor declarou claramente as Suas intenções a Israel: “Portanto dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor, e vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, e vos livrarei da servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes juízos. E eu vos tomarei por meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios; E eu vos levarei à terra, acerca da qual levantei minha mão, jurando que a daria a Abraão, a Isaque e a Jacó, e vo-la darei por herança, eu o Senhor” (Ex 6:6-8). A frase específica “eu vos tomarei por meu povo” (v. 7) leva à conclusão de que o Senhor estava convidando Israel para uma relação muito especial, exclusiva e íntima com Ele mesmo.

2. YHVH MOSTROU O SEU PODER PERANTE ISRAEL.

Tendo determinado “chamar a atenção” de Israel, o Seu futuro interesse amoroso, o Senhor iniciou uma série de eventos nos quais Ele podia colocar a Sua força e o Seu poder à mostra. Isso incluía um confronto frontal com o Faraó, as pragas, a aparição para os israelitas sob a forma do pilar de nuvem e fogo e, finalmente, a divisão do Mar Vermelho. O Senhor declarou que Ele fez essas coisas especificamente para que, “Posso multiplicar os Meus sinais e as Minhas maravilhas na terra do Egito” (Êxodo 7:3).

3. YHVH ELIMINOU SUA CONCORRÊNCIA.

Ao abrir o Mar Vermelho e afogar o Faraó e os seus exércitos de uma forma tão extraordinária, o Senhor não estava apenas exibindo o Seu poder, Ele estava na realidade envergonhando completamente os concorrentes e retirando-os completamente do jogo. Desde o início da sua relação, o Senhor estava determinado a ser o único destinatário dos afetos de Israel.

4. YHVH DEMONSTROU O SEU LADO COMPASSIVO, CUIDADOSO E CARINHOSO.

O Senhor não se limitou a demonstrar o Seu poder e a Sua força. Ao prover às necessidades de Israel no deserto, Ele também demonstrou o Seu lado atencioso, cuidadoso e compassivo. Através do milagre do maná, da codorniz, e da água da rocha, o Senhor demonstrou a sua capacidade de cuidar e prover à sua futura noiva. “Eu cuidei de ti no deserto, na terra seca. Como tinham o seu pasto, ficaram satisfeitos” (Os 13:5-6a). “Como a águia desperta a sua ninhada, move-se sobre os seus filhos, estende as suas asas, toma-os, e os leva sobre as suas asas, Assim só o Senhor o guiou; e não havia com ele deus estranho. Ele o fez cavalgar sobre as alturas da terra, e comer os frutos do campo, e o fez chupar mel da

rocha e azeite da dura pederneira. Manteiga de vacas, e leite de ovelhas, com a gordura dos cordeiros e dos carneiros que pastam em Basã, e dos bodes, com o mais escolhido trigo; e bebeste o sangue das uvas, o vinho puro” (Dt 32:11-14). “E não tinham sede, quando os levava pelos desertos; fez-lhes correr água da rocha; fendeu a rocha, e as águas correram” (Is 48:21).

5. YHVH PEDE ISRAEL EM CASAMENTO.

Aos pés do Monte Sinai, o Senhor propôs a Israel: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha” (Ex 19:5). Se Israel dissesse que sim, estava concordando em tornar-se o *segullah* de YHVH, o Seu tesouro mais precioso e especial. Acima de qualquer outra nação ou povo em todo o mundo, Israel era chamado a um relacionamento especial e exclusivo com Deus.

6. ISRAEL ACEITOU O PEDIDO.

A resposta do povo à proposta do Senhor foi a sua aceitação entusiasta: “E veio Moisés, e chamou os anciãos do povo, e expôs diante deles todas estas palavras, que o Senhor lhe tinha ordenado. Então todo o povo respondeu a uma voz, e disse: Tudo o que o Senhor tem falado, faremos. E relatou Moisés ao Senhor as palavras do povo” (Ex 19:7-8a).

7. ISRAEL FOI SUBMETIDO AO BANHO DE *MIKVÁ*, RITUAL DE PRÉ-CASAMENTO.

Antes que a cerimônia de casamento pudesse começar, o Senhor ordenou ao povo que se lavasse e consagrasse: O Senhor também disse a Moisés: “Vai ao povo, e santifica-os hoje e amanhã, e lavem eles as suas roupas, E estejam prontos para o terceiro dia; porquanto no terceiro dia o Senhor

descerá diante dos olhos de todo o povo sobre o monte Sinai” (Ex 19:10-11).

B. YHVH, O NOIVO, CHEGOU PARA A CERIMÔNIA DE CASAMENTO.

Agora que o povo tinha se consagrado, YHVH, o Noivo chegou ao Monte Sinai: “E aconteceu que, ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um somido de buzina mui forte, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente. E o somido da buzina ia crescendo cada vez mais; Moisés falava, e Deus lhe respondia em voz alta. E, descendo o Senhor sobre o monte Sinai, sobre o cume do monte, chamou o Senhor a Moisés ao cume do monte; e Moisés subiu” (Ex 19:16-20).

9. YHVH PROVIDENCIOU UM *CHUPPAH* - TENDA DE CASAMENTO.

Antes do início da cerimônia de casamento, o Senhor providenciou a tenda de casamento sobre toda a montanha: “Assim aconteceu no terceiro dia, quando era de manhã, que houve trovões e relâmpagos e uma nuvem espessa sobre a montanha” (Ex 19:16). Mais tarde, no livro de Isaías, o profeta utilizou imagem idêntica aplicada ao Monte Sião durante o reino messiânico: “Quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião, e limpar o sangue de Jerusalém, do meio dela, com o espírito de justiça, e com o espírito de ardor. E criará o Senhor sobre todo o lugar do monte de Sião, e sobre as suas assembléias, uma nuvem de dia e uma fumaça, e um resplendor de fogo flamejante de noite; porque sobre toda a glória haverá proteção (Hebraico: *chuppah*)” (Is 4:4-5).

10. YHVH IMPÔS OS VOTOS DE CASAMENTO DE *KETUBÁ* A ISRAEL.

Os Dez Mandamentos, como representação de toda a Torá serviram de parâmetro legal, conhecido como ketubá, que seria lido durante o compromisso matrimonial bíblico. Para levar o assunto ainda mais a sério, os votos de casamento foram ditos por YHVH a Israel, “face a face na montanha a partir do meio do fogo” (Dt 5:4).

11. A RELAÇÃO É DEFINIDA, DE FORMA TAXATIVA, DEFINIDA COMO EXCLUSIVA.

A natureza exclusiva da relação é definida nos dois primeiros mandamentos, ou nos dois primeiros termos do ketubá: “Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam” (Ex 20:2-5). Muitas vezes depois disto, o Senhor reiteraria a natureza exclusiva da relação e iria referir-se a Si mesmo como ciumento.

12. ISRAEL CONCORDOU COM OS VOTOS DE CASAMENTO DO *KETUBÁ*.

Depois da leitura do ketubá, as pessoas afirmaram coletivamente o seu “aceito!”. “Moisés veio e relatou ao povo todas as palavras do Senhor e todas as ordenanças... o povo respondeu a uma só voz e disse: “Todas as palavras, que o Senhor tem falado, faremos” (Ex 24:3).

13. A ALIANÇA DE CASAMENTO FOI DEFINIDA COMO UMA ALIANÇA DE SANGUE ATÉ À MORTE.

O casamento foi selado com sangue, definindo-o assim como uma aliança de sangue até à morte: “E Moisés tomou

a metade do sangue, e a pôs em bacias; e a outra metade do sangue espargiu sobre o altar. E tomou o livro da aliança e o leu aos ouvidos do povo, e eles disseram: Tudo o que o Senhor tem falado faremos, e obedeceremos. Então tomou Moisés aquele sangue, e aspergiu-o sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor tem feito convosco sobre todas estas palavras” (Ex 24:6-8).

14. A ALIANÇA MATRIMONIAL FOI SELADA COM UMA FESTA DE CASAMENTO.

Depois dos touros serem sacrificados, Moisés, Arão, Nadabe, Abiú, e os setenta anciãos de Israel subiram ao topo da montanha e “comeram e beberam”. Isto é representado hoje, em casamentos modernos, com um jantar no final do casamento.

15. YHVH DEU A ISRAEL O SÁBADO COMO UM SINAL EXTERNO.

De forma semelhante às cerimônias de casamento modernas que terminam com a troca de alianças de casamento, o Senhor deu o sábado como sinal externo: “Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: Tu, pois, fala aos filhos de Israel, dizendo: Certamente guardareis meus sábados; porquanto isso é um sinal entre mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que eu sou o Senhor, que vos santifica” (Ex 31:12-13).

16. YHVH DEU O SÁBADO A ISRAEL COMO UMA “NOITE DE ENCONTRO”.

Da mesma forma que qualquer casal que procura manter viva a chama do seu romance sabe que precisa de passar tempo juntos, também YHVH ordenou que Israel passasse tempo regular programado com Ele semanalmente.

17. YHVH DEU A ISRAEL AS TÁBUAS DE PEDRA COMO UMA ESPÉCIE DE CERTIDÃO DE CASAMENTO.

Na conclusão da aliança do Sinai, a “certidão” era as duas tábuas de pedra sobre as quais os Dez Mandamentos foram

escritos. Depois de o Senhor ter dado a Moisés as ordens relativas ao sábado, é-nos dito: “E deu a Moisés (quando acabou de falar com ele no monte Sinai) as duas tábuas do testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus” (Ex 31:18). Além de demonstrar a profunda natureza sagrada dessas tábuas, o Senhor designou que seja construído um recipiente sagrado no qual se possa guardar as tábuas (Ex 25:10-22). Esse é agora chamado de a arca da aliança (cf. Nm 10:33; 14:44; Dt 10:8).

CONCLUSÃO

Em síntese, qualquer análise cuidadosa do Êxodo e da Aliança do Sinai revelará os muitos componentes que refletem um romance, um casamento e uma relação conjugal. Poderemos devidamente verificar isso não apenas por meio de uma leitura cuidadosa do livro do Êxodo, mas também de Deuterônimo. Como o erudito judeu messiânico Arnold G. Fruchtenbaum sintetiza:

Todo o formato do Livro do Deuterônimo é o de um antigo tratado de suserano e de um antigo contrato matrimonial. Em outras palavras, o que Moisés fez em Deuterônimo foi pegar as várias facetas dos três livros anteriores e apresentá-las sob a forma de um antigo contrato de casamento. Este livro contém o contrato de casamento assinado entre Israel e Deus - onde Israel se tornou a Esposa de Jeová.¹

No entanto, depois de termos pontuado isso, temos de acrescentar algo importante. As figuras de marido e mulher, tão importantes e centrais como são dentro da narrativa, certamente não são a única metáfora que o Senhor usa na Escritura para falar da Sua relação com Israel. Ao longo de toda a Bíblia, o Senhor também fala habitualmente de Si

próprio como um pai e o seu povo como seus filhos. Ele também usa outras metáforas. Ele é o Pastor e Israel o seu rebanho. Claro que, por trás de todas essas metáforas, a verdadeira relação é esta: Ele é o seu Deus e eles são o Seu povo. Esse chamado aparece pela primeira vez na aliança Abraâmica: “E te darei a ti e à tua descendência depois de ti, a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã em perpétua possessão e ser-lhes-ei o seu Deus” (Gn 17:8). É reiterado, depois, na história do Êxodo: “Eu vos tomarei por Meu povo, e serei o vosso Deus” (Ex 6:7). Afirmações semelhantes são repetidas em toda a Escritura (Ex 34:24,28; Jr 7:23; 30:22; 31:33). Como já dissemos, independentemente da metáfora que utilizemos, todas elas apontam para o fato de que o Senhor estava chamando o Seu povo Israel para uma relação única consigo, uma relação de absoluta exclusividade e intimidade.

Assim, de Abraão, Isaque e Jacó, veio o povo de Israel. Depois de terem passado quatrocentos anos no Egito como escravos, YHVH chamou Israel para uma relação exclusiva, comprometida e íntima consigo mesmo. Convidou-os a tornarem-se um reino de sacerdotes. Ele seria o seu Deus e Rei, e eles seriam o seu povo. Grandiosamente, eles aceitaram a Sua proposta. Assim, Ele deu-lhes os Seus mandamentos, deu-lhes o seu estatuto nacional, deu-lhes instruções de como viver de formas completamente diferentes dos povos vizinhos. O reino teocrático original foi estabelecido. Como seu Deus e Rei, YHVH iria agora cultivar Israel para se tornar um povo adequado para fazer nascer o Seu prometido rei que estabeleceria o Seu reino aqui na terra e que traria a cura completa e a restauração de todas as coisas.





PARTE 2

RESTAURAÇÃO DA ALIANÇA MATRIMONIAL

Após ter examinado a aliança feita no Monte Sinai, passamos agora a discutir as condições da aliança, a forma como se têm desenrolado na história de Israel, e como irão impactar o seu futuro. Aqui, examinaremos como a aliança do Sinai determinará o futuro castigo de Israel, seguido da sua salvação final. Conforme veremos, a história da restauração dos últimos dias de Israel não é apenas profetizada por Moisés, mas a forma como ela ocorrerá é moldada após a história do Êxodo. Este é um dos principais temas intrínsecos de toda a Bíblia. Na verdade, como estamos prestes a ver, compreender o Êxodo como padrão para a história bíblica da redenção é a chave, propositadamente embutida na narrativa bíblica, que desbloqueia muito das palavras dos profetas e do Novo Testamento.



AS MALDIÇÕES DA ALIANÇA

Neste capítulo, começaremos a discutir as bênçãos e as maldições da aliança no Monte Sinai. Se quisermos compreender devidamente tanto a história de Israel como o seu futuro, devemos começar a compreender este tema fundamental dentro da Torá. Através da aliança no Sinai, Deus prometeu que se Israel permanecesse obediente, Ele iria abençoá-los. Se Israel fosse desobediente, contudo, Ele iria trazer todo o tipo de maldições, ou, mais propriamente, de castigos, sobre eles. Estes castigos seguem um ciclo muito específico, que foram parcialmente executados algumas vezes na história de Israel. Vamos começar com as bênçãos e depois olhar para os castigos.

AS BENÇÃOS DA ALIANÇA

Nos primeiros capítulos do Deuteronômio, Moisés convocou Israel a obedecer aos princípios da aliança:

Agora, pois, ó Israel, ouve os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para os cumprirdes; para que vivais, e entreis, e possuais a terra que o SENHOR Deus de vossos pais vos dá. (DEUTERONÔMIO 4:1)

Os resultados da obediência dizem respeito tanto à entrada como à “posse” da terra que foi prometida pela primeira vez a Israel na Aliança Abraâmica. A promessa é reiterada e ampliada em Levítico 26:3-5:

Se andardes nos meus estatutos, e guardardes os meus mandamentos, e os cumprirdes, Então eu vos darei as chuvas a seu tempo; e a terra dará a sua colheita, e a árvore do campo dará o seu fruto; E a debulha se vos chegará à vindima, e a vindima se chegará à sementeira; e comereis o vosso pão a fartar, e habitareis seguros na vossa terra.

Como diz Wenham, “A obediência à lei é a chave para a sobrevivência e o sucesso de Israel”.¹ A obediência traria prosperidade e paz; coisas simples como a chuva na sua estação adequada, uma colheita abundante e boas relações com os seus vizinhos.

OS CASTIGOS DA ALIANÇA

Inversamente, se Israel for desobediente ao Senhor, então há uma série de punições muito específicas que lhe serão aplicadas. Em Deuteronômio 4, Moisés começou a profetizar a Israel sobre o que eles iriam experimentar se se rebelassem no futuro:

Quando, pois, gerardes filhos, e filhos de filhos, e vos envelhecerdes na terra, e vos corromperdes, e fizerdes alguma escultura, semelhança de alguma coisa, e fizerdes o que é mau aos olhos do Senhor teu Deus, para o provocar à ira. (DEUTERONÔMIO 4:25)

Depois, usando a linguagem de um processo legal, chamando o céu e a terra como suas testemunhas, Moisés

resumiu os castigos que recairiam sobre Israel, se e quando entrassem em rebelião contra Deus e provocassem a Sua ira:

Hoje tomo por testemunhas contra vós o céu e a terra, que certamente logo perecereis da terra, a qual passais o Jordão para a possuir; não prolongareis os vossos dias nela, antes sereis de todo destruídos. E o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as nações às quais o Senhor vos conduzirá. E ali servireis a deuses que são obra de mãos de homens, madeira e pedra, que não vêem, nem ouvem, nem comem, nem cheiram. (DEUTERONÔMIO 4:26-28)

Enquanto a obediência teria como resultado que Israel possuísse e permanecesse na terra, a desobediência resultaria na morte de muitos dos israelitas e muitos outros seriam expulsos da terra e dispersos entre as nações gentílicas. Em Deuteronômio 32, o Senhor amplia este tema:

Males amontoarei sobre eles; as minhas setas esgotarei contra eles. Consumidos serão de fome, comidos pela febre ardente e de peste amarga; e contra eles enviarei dentes de feras, com ardente veneno de serpentes do pó; Por fora devastará a espada, e por dentro o pavor; ao jovem, juntamente com a virgem, assim à criança de peito como ao homem encanecido. (DEUTERONÔMIO 32:23-25)

Novamente, Levítico 26 reitera e amplia o tema:

Mas, se não me ouvirdes, e não cumprirdes todos estes mandamentos, E se rejeitardes os meus estatutos, e a vossa alma se enfadar dos meus juízos, não cumprindo todos os meus mandamentos, para invalidar a minha aliança, Então eu também vos farei isto: porei sobre vós terror, a tísica e a febre ardente, que consumam os olhos e

atormentem a alma; e semeareis em vão a vossa semente, pois os vossos inimigos a comerão. E porei a minha face contra vós, e sereis feridos diante de vossos inimigos; e os que vos odeiam, de vós se assenhorearão, e fugireis, sem ninguém vos perseguir. (LEVÍTICO 26:14-17)

Em suma, se Israel violar a aliança, o Senhor trará sobre eles uma variedade de catástrofes nacionais. Começando com coisas como doenças, animais selvagens, e plantações infrutíferas, seguido por catástrofes mais dramáticas como invasão estrangeira, derrota, e, em última instância, o exílio da terra.

O CICLO DE CASTIGOS DA ALIANÇA

Quando pesquisamos todas as passagens acima, descobrimos um padrão ou ciclo muito claro que se desdobra na ordem seguinte:

1. Israel quebra a aliança e comete idolatria;
2. Deus os disciplina primeiro com diversas calamidades nacionais;
3. Em seguida, a terra é invadida;
4. Finalmente, o povo é exilado da terra;
5. Eventualmente, arrependem-se;
6. O Senhor restaura-os de volta à terra.

O reconhecimento e a compreensão deste padrão é essencial para compreender o fim dos tempos. Como veremos, este é um ciclo que já se desenrolou na história de Israel, mas que também se repetirá nos últimos dias.

SINAIS PROFÉTICOS CUMPRIDOS NA HISTÓRIA DE ISRAEL

Os avisos proféticos contidos na aliança são na realidade uma prova profunda de que Deus existe e está intimamente envolvido na vida do Seu povo Israel. O ciclo muito específico dos castigos da aliança tem ocorrido dramaticamente na cena mundial durante os seguintes episódios dentro da história de Israel:

1. A invasão assíria, a derrota e o exílio das dez tribos no reino do norte de Israel no século VIII a.C.;
2. A invasão babilônica, a derrota e o exílio do sul, do reino de Judá, no início do século VI a.C.;
3. A ocupação romana, a invasão e a derrota de Jerusalém em 70 d.C., seguida de múltiplos exílios que estavam completos em 136 d. C.

Em cada um destes três exemplos, o pecado de Israel levou à sua derrota e retirada da terra. Enquanto, em muitos aspectos, o primeiro exílio na Assíria nunca tenha sido totalmente resolvido, as outras duas deportações de Judá acabaram por ver um regresso à terra. Assim, embora esses três exemplos certamente validem a origem divina da aliança, como veremos, eles não completam o ciclo.

RESTAURAÇÃO

É, também, essencial reconhecer que os castigos da aliança não são meramente punitivos, mas, porque emanam do coração de Deus para o Seu povo, têm sempre um propósito redentor. Por mais dolorosos que os castigos possam ser, devem ser sempre vistos como disciplina amorosa de Deus a Seus filhos. Eles são o Seu método de reprovar o Seu povo à sua restauração. Eles são uma extensão do coração ardente e

ciamento de YHVH para que a sua noiva regressasse a Ele, e só a Ele. Numa época em que o ódio irracional ao povo judeu está de novo a aumentar em todo o mundo, é essencial que os cristãos compreendam isto. Cada uma das várias passagens que falam dos castigos do Senhor continua a explicar que depois de Deus espalhar Israel entre as nações, Ele terá piedade deles e os trará de volta à terra. Como lemos em Levítico:

E, demais disto também, estando eles na terra dos seus inimigos, não os rejeitarei nem me enfadarei deles, para consumi-los e invalidar a minha aliança com eles, porque eu sou o Senhor seu Deus. Antes por amor deles me lembrarei da aliança com os seus antepassados, que tirei da terra do Egito perante os olhos dos gentios, para lhes ser por Deus. Eu sou o Senhor. (LEVÍTICO 26:44-45)

Apesar dos exílios históricos que Israel viveu, eventualmente, foi lhes restituída a terra. Após os exílios assírios e babilônicos, muitos (mas certamente não todos) acabaram por regressar à terra para reconstruir a sua nação caída. Quase dois mil anos após o exílio romano, o estado moderno de Israel foi restabelecido em 1948. Embora nenhuma outra nação tenha alguma vez sido reformada depois tanto tempo, de certa forma, isso não deveria ser uma surpresa, uma vez que é exatamente o que as Escrituras afirmam que aconteceria. Por mais devastadoras que sejam as maldições da aliança, o seu propósito é sempre o regresso de Israel, tanto à terra quanto ao Senhor. O objetivo final do Redentor de Israel é sua completa restauração e Ele sempre dará a palavra final. Discutiremos o importante tema da restauração definitiva de Israel muito mais detalhadamente à medida que avançarmos.

CONCLUSÃO

Em resumo, a aliança feita no Monte Sinai contém tanto bênçãos como maldições relacionadas quer com obediência, quer com desobediência. Se Israel obedecesse ao Senhor, então eles seriam abençoados e possuiriam a terra. Se Israel fosse desobediente e quebrasse a aliança do Senhor, então após uma série de avisos e várias calamidades, seriam essencialmente cuspidos para fora da terra. Finalmente, após algum tempo, o Senhor iria restaurá-los à terra. Tudo isso com o objetivo de dar a Israel uma oportunidade para se arrependerem da sua idolatria e infidelidade e regressarem ao Senhor. Isso aconteceu plenamente pelo menos duas vezes na história de Israel. Para o espanto de muitos, porém, Israel passará por um período final de castigo, exílio e restauração.

O TEMPO DA ANGÚSTIA DE JACÓ

Embora o ciclo de rebelião nacional, invasão estrangeira, exílio e restauração já tenha ocorrido pelo menos duas vezes na história de Israel, as Escrituras nos apresentam uma realidade chocante e obscuramente lúcida de que o ciclo se repetirá mais uma vez, no futuro. Antes do retorno de Jesus, o atual estado de Israel sofrerá, em grande parte, outro castigo significativo e a experiência do exílio. Na opinião deste autor, esta realidade aterradora e dolorosa é constantemente ensinada, de forma bastante clara, em toda a Bíblia. Como veremos, as Escrituras ensinam que apenas antes do retorno do Messias haverá outra estação dramática, embora muito breve, de grande calamidade. É importante afirmar que o assunto tratado neste capítulo é, de longe, o material mais sensível e perigoso tratado neste livro. Este material nunca deveria ser utilizado para repreender o povo judeu ou o atual Estado de Israel. Muito pelo contrário, a única resposta bíblica adequada dos cristãos gentílicos às passagens aqui discutidas deveria ser procurar formas substanciais de estar com o povo judeu e o Estado de Israel, especialmente, à medida que o ódio global se espalha. Para ser claro, por vezes as Escrituras enfatizam a natureza global deste período de grande tribulação, o que quer dizer que irá de fato afetar a comunidade cristã global tão significativamente quanto irá afetar Israel e o povo judeu. Outras passagens, contudo,

ênfatizam o impacto dos próximos problemas especificamente sobre Israel. Este período é normalmente chamado de “os últimos dias”, “o fim dos tempos”, “a grande tribulação”, ou “o tempo dos problemas de Jacó”. Como veremos, o propósito do Senhor para este período alinha-se perfeitamente com o ciclo de castigos da aliança discutido no capítulo anterior.

O CÂNTICO DE MOISÉS

A ideia de Israel submetido a um grande castigo antes do tempo da redenção começa na Torá. Talvez a passagem mais fundamental chama-se “o cântico de Moisés”. Pouco antes da morte de Moisés, o Senhor disse-lhe para escrever um cântico “e ensiná-lo aos filhos de Israel; ponde-o na sua boca, para que este cântico me seja por testemunha contra os filhos de Israel” (Dt 31:19). Depois da morte de Moisés, o Senhor explicou que Israel “se levantaria e se faria de meretriz com os deuses estranhos da terra” e iriam “abandonar-Me e quebrar o Minha Aliança”. Como resultado:

Assim se acenderá a minha ira naquele dia contra ele, e desampará-lo-ei, e esconderei o meu rosto dele, para que seja devorado; e tantos males e angústias o alcançarão, que dirá naquele dia: Não me alcançaram estes males, porque o meu Deus não está no meio de mim? Esconderei, pois, totalmente o meu rosto naquele dia, por todo o mal que tiver feito, por se haverem tornado a outros deuses. Agora, pois, escrevei-vos este cântico, e ensinai-o aos filhos de Israel; ponde-o na sua boca, para que este cântico me seja por testemunha contra os filhos de Israel. Porque introduzirei o meu povo na terra que jurei a seus pais, que mana leite e mel; e comerá, e se fartará, e se engordará; então se tornará a outros deuses, e os servirá, e me irritarão, e anularão a minha aliança. (DEUTERONÔMIO 31:17-20)

Assim, Moisés escreveu a profecia e ensinou o cântico ao povo (v. 22). Não é um exagero dizer que esse cântico é um dos textos proféticos mais importantes e fundamentais de toda a Bíblia. Um estudo cuidadoso do Cântico de Moisés e uma comparação com tantos comentários posteriores dos profetas revelarão que eles apontam continuamente para este texto profético fundamental. Ele começa descrevendo as primeiras fases do ciclo do castigo da aliança, o desvio de Israel para a idolatria e a quebra da aliança. Depois, como resultado da sua rebelião:

O que vendo o Senhor, os desprezou, por ter sido provocado à ira contra seus filhos e suas filhas; E disse: Esconderei o meu rosto deles, verei qual será o seu fim; porque são geração perversa, filhos em quem não há lealdade. A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus; com as suas vaidades me provocaram à ira: portanto eu os provocarei a zelos com o que não é povo; com nação louca os despertarei à ira. (DEUTERONÔMIO 32:19-21)

Trata-se da segunda fase do ciclo. O Senhor responderá à idolatria de Israel, permitindo que todo o tipo de calamidades lhe suceda. Essas servem, em grande parte, como avisos. Ele retirará as Suas bênçãos e Sua proteção. As duas fases seguintes do ciclo do castigo envolvem a invasão e o exílio. Moisés já havia abordado esses assuntos em Deuteronômio 4: “E o Senhor vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as nações às quais o Senhor vos conduzirá” (v. 27). Como o estudioso bíblico e comentarista Peter C. Craigie observa “Eles sobreviveriam, poucos em número - embora não fossem completamente exterminados, sobreviver poucos em número seria um trágico contraste com a promessa da aliança, segundo a qual os israelitas se tornariam tão numerosos como as estrelas do

céu”.¹ Além disso, porque Israel provocaria a ira de YHVH com os seus ídolos, Ele promete usar um povo descuidado (se for um gentio, então levante a sua mão) para os provocar raiva. Paulo, o apóstolo, mais tarde, referiu-se a esta passagem quando falou da pregação aos gentios, para que estes, por sua vez, provocassem os seus compatriotas judeus, na esperança de salvar alguns deles (Rm 11:14).

A TRIBULAÇÃO DE JACÓ DE ACORDO COM JEREMIAS

Muitas gerações depois, explicando as palavras de Moisés, Jeremias, o profeta, falou destes dias terríveis: “Porque assim diz o Senhor: Ouvimos uma voz de tremor, de temor mas não de paz” (Jr 30:5). Depois de dar o tom, ele pergunta se um homem pode ou não dar à luz. É uma questão retórica, obviamente, para qual a resposta é um sonoro não. Se os machos não podem dar à luz, então: “Por que, pois, vejo a cada homem com as mãos sobre os lombos como a que está dando à luz? E por que se tornaram pálidos todos os rostos?” (v. 6). O povo da terra de Israel é retratado como sendo dominado pela agonia e pelo medo. Jeremias conclui: “Ah! porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante; e é tempo de angústia para Jacó” (v. 7a). A versão King James chama esse tempo de o tempo da “tribulação de Jacó”. Quando o profeta diz que este dia em particular é “grande”, significa terrivelmente horrível. Como o profeta Malaquias lhe chamaria mais tarde: “o grande e terrível dia do Senhor” (Ml 4:5). Ao salientar que não há dia como este, o profeta estava enfatizando o horror inigualável desta época.

Como será esse tempo de problemas inigualáveis para Israel? Jeremias continua falando da escravização de Israel entre as nações que os atacaram. No versículo 8, o Senhor declara: “quebrarei o seu jugo de sobre o teu pescoço, e quebrarei os teus grilhões; e nunca mais se servirão dele os estrangeiros”. Tal como aconteceu com os ciclos históricos em

que os assírios e babilônios conquistaram e levaram o povo para longe acorrentado, também Jeremias prediz que Israel está para sofrer um último episódio de calamidade em que muitos de seu povo serão escravizados ou levados como prisioneiros de guerra. Evidentemente, é essencial notar que, no meio de tal calamidade, o profeta acrescenta uma poderosa declaração de esperança: “Mas ele será salvo dela” (v. 7b). Apesar da natureza cataclísmica deste próximo dia de aflição, um remanescente de Israel será salvo deste período. Esta salvação, claro, é o foco principal da história, e será assim o tema dos próximos vários capítulos.

A TRIBULAÇÃO DE JACÓ DE ACORDO COM O ANJO GABRIEL

Quase um século depois de Jeremias, a profecia de Daniel também aborda a época dos problemas de Jacó. Quando perguntado quanto tempo duraria o período do castigo final de Israel, um anjo levanta as suas mãos ao céu e declara que seriam necessários três anos e meio para que os exércitos do Anticristo “acabassem de destruir o poder do povo santo, [então] todos estes acontecimentos serão cumpridos” (Dn 12:7). No início da profecia de Daniel, esse mesmo período de tempo descreve o Anticristo desta forma:

E se fortalecerá o seu poder, mas não pela sua própria força; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver; e destruirá os poderosos e o povo santo. (DANIEL 8:24)

Em Daniel 11, depois de detalhar as muitas coisas terríveis que acontecerão em Jerusalém nas mãos do Anticristo (vv. 21-45), o anjo Gabriel emite a seguinte declaração assustadora: “e haverá um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação até àquele tempo” (Dn 12:1). Depois, para deixar bem claro quando isso aconteceria, ele

identifica imediatamente que este tempo de tribulação acontecerá logo antes da ressurreição dos mortos: “naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro. E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno” (Dn 12:1-2). Enquanto Jeremias se refere geralmente a essa época como uma época de calamidade sem precedentes, Gabriel é muito mais específico, referindo-se a ela como a pior época de angústia que alguma vez se abateu sobre uma nação na história da humanidade. Depois, a relaciona especificamente ao tempo em que os mortos serão ressuscitados, no final dos tempos. Finalmente, outro anjo intervém, reiterando a duração deste tempo de tribulação como duradoura, “um tempo, tempos e metade do tempo” (Dn 12:7). Todos os intérpretes cristãos concordam que isso se refere aos últimos três anos e meio antes do retorno de Jesus.

A TRIBULAÇÃO DE JACÓ DE ACORDO ISAÍAS

A ideia de Israel suportar grande sofrimento antes da era da redenção estava profundamente enraizada na consciência nacional de Israel. Isaías 26, frequentemente chamado de “o pequeno apocalipse de Isaías”, comunica vividamente essa expectativa:

Como a mulher grávida, quando está próxima a sua hora, tem dores de parto, e dá gritos nas suas dores, assim fomos nós diante de ti, ó Senhor! Bem concebemos nós e tivemos dores de parto, porém demos à luz o vento; livramento não trouxemos à terra, nem caíram os moradores do mundo. (ISAÍAS 26:17,18)

Aqui, Israel lamenta coletivamente o fato de, apesar de terem suportado grandes sofrimentos, comparados a dores de parto, não deram luz a um bebê. Em vez disso, deram luz ao

vento. O que eles esperavam exatamente que as dores produzissem? Temos de prestar muita atenção. Eles esperavam “libertação para a terra” e para “os habitantes do mundo [a nascer]” como a uma nova vida. Israel entendia que após um período do seu sofrimento coletivo, o mundo seria liberto das maldições da queda. Esta anulação da maldição implicaria muito mais do que na mera obtenção de descanso e libertação do seu trabalho e labuta (Gn 5:28-29), mas seria também o fim da própria morte. Os mortos justos voltariam de fato à vida. O versículo seguinte deixa isso bem claro. O Senhor responde ao clamor de Israel, confortando-os com a seguinte promessa:

Os teus mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos. (ISAÍAS 26:19)

YHVH assegura ao seu povo que apesar da sua desilusão, a sua esperança é válida e, de fato, o “nascimento” virá. Os cadáveres dos mortos justos literalmente se erguerão do chão e gritarão de alegria! As dores de “parto” de Israel resultarão no “parto” da terra para aqueles que atualmente estão enterrados debaixo da terra. Essa é uma das passagens mais claras, utilizando detalhes tão vívidos, descrevendo a ressurreição dos mortos. O comentarista Gary V. Smith, chama a esta passagem “a salvação de Deus Oráculo de esperança”.² Que Isaías está falando aqui da ressurreição fica ainda mais claro quando olhamos para o capítulo anterior de Oráculo de Isaías onde ele fala do tempo em que Deus “Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará as lágrimas de todos os rostos” (Is 25:8). Quando o Messias vier, Ele desfará a maldição, e até a própria morte será derrotada. Contudo, pouco antes desse tempo, Israel e o Povo de Deus em todo o mundo suportarão um breve período de tribulação inigualável.

A TRIBULAÇÃO DE JACÓ DE ACORDO COM EZEQUIEL

Uma das passagens mais cativantes de toda a Bíblia sobre a longa e notável história de Israel encontra-se em Ezequiel 16. A passagem começa com YHVH apelando ao profeta para “dar a conhecer a Jerusalém as suas abominações” (v. 2). Usando imagens que prendem a atenção dos ouvintes, Israel é descrito como se fosse um bebê que foi descartado ao nascer, e que o Senhor encontrou deitado à beira da estrada

E, quanto ao teu nascimento, no dia em que nasceste não te foi cortado o umbigo, nem foste lavada com água para te limpar; nem tampouco foste esfregada com sal, nem envolta em faixas. Não se apiedou de ti olho algum, para te fazer alguma coisa disto, compadecendo-se de ti; antes foste lançada em pleno campo, pelo nojo da tua pessoa, no dia em que nasceste. E, passando eu junto de ti, vi-te a revolver-te no teu sangue, e disse-te: Ainda que estejas no teu sangue, vive; sim, disse-te: Ainda que estejas no teu sangue, vive. (EZEQUIEL 16:4-6)

Depois de resgatar Israel da morte, o Senhor descreve como se comprometeu de todo o coração com ela especificamente através de uma aliança matrimonial: “e entrei em aliança contigo, diz o Senhor DEUS, e tu ficaste sendo minha. Declara o Senhor Deus” (v. 8). O Senhor cuidou da Sua noiva, abençoou-a, e adornou-a com jóias e presentes (vv. 9-14). De um órfão rejeitado, Israel tornou-se uma rainha. Então, de um lugar exaltado, tornou-se uma prostituta: “Mas confiaste na tua formosura, e te corrompeste por causa da tua fama, e prostituías-te a todo o que passava, para seres dele. E tomaste dos teus vestidos, e fizeste lugares altos pintados de diversas cores, e te prostituíste sobre eles, como nunca sucedera, nem sucederá” (vv. 15,16). Para tornar as coisas muito, muito piores: “Além disto, tomaste

a teus filhos e tuas filhas, que me tinhas gerado, e os sacrificaste a elas, para serem consumidos; acaso é pequena a tua prostituição? E mataste a meus filhos, e os entregaste a elas para os fazerem passar pelo fogo” (vv. 20, 21). A repreensão continua quando Israel comete adultério com os egípcios (v. 26), os assírios (v. 28), e os caldeus (v. 29). O Senhor não se retrai na Sua dolorosa repreensão: “Mulher adúltera que, em lugar de seu marido, recebe os estranhos!” (v. 32). Então o Senhor descreve os castigos que Ele traria sobre Israel para lhe ensinar sobre os erros dos seus caminhos:

E julgar-te-ei como são julgadas as adúlteras e as que derramam sangue; e entregar-te-ei ao sangue de furor e de ciúme. E entregar-te-ei nas mãos deles; e eles derrubarão a tua abóbada, e transtornarão os teus altos lugares, e te despirão os teus vestidos, e tomarão as tuas jóias de enfeite, e te deixarão nua e descoberta. Então farão subir contra ti uma multidão, e te apedrejarão, e te traspasarão com as suas espadas. (EZEQUIEL 16:38-40)

Ezequiel descreve, em detalhes vívidos, a época dos problemas de Jacó. Nessa altura, os egípcios, os assírios, e os caldeus formarão uma coligação e reunir-se-ão contra Israel para a sua destruição. Por meio de exposição, fogo, e espadas, o Senhor diz que Israel será castigado da forma mais dura que se possa imaginar. A história, no entanto, não termina aqui. Mais tarde, olharemos para a gloriosa conclusão desta profecia envolvente, na qual veremos a compaixão sem fim do Senhor, para o Seu povo e para Suas últimas intenções de restaurar Israel para sempre.

A TRIBULAÇÃO DE JACÓ DE ACORDO COM ZACARIAS

O profeta Zacarias, um dos últimos dos profetas, também descreveu muito claramente esse tempo de tribulação para

Israel. Ele falou especificamente sobre os últimos dias da invasão da nação, com muitos do seu povo ido para o exílio. No último capítulo da sua profecia, por exemplo, é-nos dada uma descrição muito detalhada deste tempo:

Eis que vem o dia do SENHOR, em que teus despojos se repartirão no meio de ti. Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres forçadas; e metade da cidade sairá para o cativo, mas o restante do povo não será extirpado da cidade. E o Senhor sairá, e pelejará contra estas nações, como pelejou, sim, no dia da batalha. (ZACARIAS 14:1-3)

Zacarias fala das nações reunidas para atacar Jerusalém; os invasores saquearão casas, violarão a mulher, dividirão os despojos da guerra e levarão muitas das pessoas como prisioneiros de guerra. A profecia afirma também especificamente que metade dos habitantes da cidade permanecerá em Jerusalém. Neste sentido, Zacarias descreve estas coisas com muito mais detalhe do que qualquer um dos profetas anteriores. Várias outras passagens proféticas ao longo das Escrituras também descrevem a mesma invasão (cf. Zc 12:2-9; Jl 3:2; Ez 38-39; Dn 9:26; 11:31,41; Ap 11:3-10). Sabemos que a profecia de Zacarias pertence ao fim dos tempos porque o tema de todo o capítulo é o dia do Senhor. Acima disso, a descrição do Senhor indo adiante combater as nações invasoras refere-se à vinda do Messias. No verso seguinte, é dito que, “E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras” (v. 4). O culminar da intervenção pessoal do Senhor é visto na declaração “o Senhor será rei sobre toda a terra; nesse dia o Senhor será o único, e o Seu nome o único” (Zc 14:9). Como resume o comentarista F. Duane Lindsey: “Este capítulo ilustra o retorno triunfante do Messias de Israel como Rei divino”.³ Ele vem, no entanto, imediatamente após a invasão e derrota de Israel. Como

David Baron, o grande exegeta judeu messiânico do início do século XX e missionário, comentou: “Após um breve intervalo de prosperidade, chega uma noite de angústia. O que causa a hora mais escura na noite da triste história de Israel desde a sua rejeição a Cristo é a reunião das nações e o cerco previsto neste capítulo”.⁴

A TRIBULAÇÃO DE JACÓ DE ACORDO COM JESUS

Quando Jesus ensina os Seus discípulos sobre os últimos dias, faz referência especificamente a muitas das passagens que acabamos de analisar. Primeiro, Ele refere-se ao início deste período de sofrimento como “o princípio das dores de parto” (Mt 24:8). A versão King James traduz isso como “o início das dores”. Essa imagem é tirada diretamente de Isaías 26. Tal como Isaías, Jesus usa as imagens de um parto doloroso para descrever o sofrimento que Israel irá experimentar antes da sua redenção final. Em segundo lugar, Jesus também extrai diretamente de Jeremias 30 e Daniel 12 para descrever o que irá suceder a Israel:

Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver. E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias. (MATEUS 24:21-22)

Assim como Gabriel, Jesus descreve esse tempo como o período mais horrível da história do mundo. Enquanto Jeremias chamou a esse tempo “a angústia de Jacó”, Jesus refere-se a ele como a “grande tribulação”. No relato de Lucas, Jesus acrescenta uma descrição muito detalhada desta época e alguns fortes avisos:

Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela. Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas. Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo. E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem. (LUCAS 21:20-24)

Em Seu discurso, Jesus também faz alguns comentários adicionais em Lucas que não se encontram nem no relato de Mateus nem no de Marcos. Primeiro, Ele chama esse período de os “dias da vingança”. É uma referência direta ao texto fundamental do Cântico de Moisés:

Jubilai, ó nações, o seu povo porque ele vingará o sangue dos seus servos, e sobre os seus adversários retribuirá a vingança, e terá misericórdia da sua terra e do seu povo. (DEUTERONÔMIO 32:43)

Fazendo referência a essa mesma passagem, Isaías também relaciona os dias da vingança à vinda do Messias: “Porque o Senhor tem um dia de vingança, Um ano de recompensa pela causa de Sião” (Is 34:8; cf. 35:4; 63:4). Segundo, Jesus também diz que durante este tempo, muitos dentro de Israel ou “cairão pelo fio da espada” ou “serão levados cativos a todas as nações” (Lc 21:24). Mais uma vez, é uma descrição perfeita das partes finais do ciclo de castigo da aliança, tal como descrito na Torá (Dt 4:26-28; 32:23-25; Lv 26:14-17). Finalmente, Jesus diz que esse período não terminará até que os “tempos dos “gentios” cheguem ao fim. Israel permaneceria

numa posição de relativa opressão sob o sistema gentio mundial, até as nações serem julgadas no dia do Senhor. Todas essas referências relacionam este tempo de sofrimento no fim da era e à vinda do Messias. Assim, no sermão de Jesus sobre o fim dos tempos, Ele inspira-se no Cântico de Moisés e nas profecias de Isaías, Jeremias, Daniel, e Zacarias para ensinar que o ciclo completo das maldições da aliança se desenrolará uma última vez imediatamente antes do seu retorno. Se alguém deseja saber de onde vem toda a informação de Jesus, basta olhar para trás, para as palavras de Moisés e dos profetas que acabamos de rever. Jesus não estava apresentando nada de novo ou revolucionário aqui. Estava simplesmente resumindo tudo o que já tinha sido declarado e fazendo a mais relevante advertência imaginável a respeito daqueles dias, a qualquer um que ouça.

CONCLUSÃO

Antes do Messias retornar para iniciar o seu governo global a partir de Jerusalém, Satanás lançará o seu último grande esforço de resistência. O Estado de Israel e Jerusalém, em particular, será invadido, saqueado e ocupado pelos exércitos do Anticristo. Esta é uma das fases finais do último ciclo dos castigos da aliança. Embora o ciclo de rebelião nacional, invasão, derrota, exílio e restauração da terra já tenha acontecido duas vezes na história de Israel, a Bíblia ensina claramente que acontecerá mais uma vez, uma última vez, no final desta era. Moisés, os profetas, Gabriel, e até o próprio Jesus, todos eles, testemunham esta terrível realidade. Por mais horrível e doloroso que isso possa ser, o atual estado de Israel, tendo sido restabelecido em 1948, experimentará ainda mais uma vez os castigos associados às maldições da aliança. Porém, não é o fim da história. O ciclo da aliança não estará completo até que a salvação e restauração finais cheguem. Esse será o tema dos próximos seis capítulos.

A SALVAÇÃO NACIONAL DE ISRAEL

A pesar das realidades tremendamente dolorosas discutidas no capítulo anterior, as Escrituras são claras de que o padrão dos castigos da aliança tem um propósito redentor. Eles não estarão completos até que Israel esteja totalmente restaurado - tanto para a sua terra como para o Senhor. A restauração final de Israel à terra será acompanhada das seguintes realidades verdadeiramente belas:

1. Arrependimento nacional;
2. O derramamento do Espírito de Deus sobre todo o povo de Israel;
3. Todo sobrevivente remanescente de Israel sendo espiritualmente salvo ou renovado;
4. A conclusão da nova aliança;
5. O regresso e entronização do Rei Messias.

É importante notar que nenhuma dessas coisas pode ser dita sobre o recente restabelecimento de Israel em 1948. Para ser claro, sou pessoalmente um firme apoiante do Estado judaico, e vejo provas claras da mão do Senhor na sua restauração moderna. Dito isto, as Escrituras ensinam que o regresso

final à terra não será apenas um renascimento do nacionalismo judeu, mas um renascimento espiritual de toda a nação, um retorno completo ao Senhor, para sempre. Consideremos alguns textos chave onde isso fica claro.

O ARREPENDIMENTO DE ISRAEL NOS ÚLTIMOS DIAS DE ACORDO COM MOISÉS

Nos dois capítulos anteriores, começamos com Deuteronômio 4, que contém o resumo profético do futuro de Israel. Ali, Moisés descreve como Israel se voltaria para a idolatria, tendo como resultado o seu eventual exílio da terra e a dispersão entre as nações. Moisés continua, no entanto, a falar do arrependimento de Israel que se seguirá:

Então dali buscarás ao Senhor teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma. Quando estiverdes em angústia, e todas estas coisas te alcançarem, então nos últimos dias voltarás para o Senhor teu Deus, e ouvirás a sua voz. Porquanto o Senhor teu Deus é Deus misericordioso, e não te desampará, nem te destruirá, nem se esquecerá da aliança que jurou a teus pais. (DEUTERONÔMIO 4:29-31)

Essa passagem descreve o verdadeiro propósito do Senhor com os castigos da aliança. Depois de Israel ser exilado na terra de seus inimigos, a dor que ali experimenta, lhe dará a oportunidade de se arrepender e regressar ao seu Deus. Arrependimento aqui é descrito como resultado do trabalho cirúrgico do Senhor no seu coração. O último retorno de Israel ao Senhor não é, por conseguinte, lançado como sendo devido à bondade de Israel, antes, é o resultado da misericordiosa compaixão de YHVH para com ele. O retorno de Israel é um testemunho poderoso do zelo e compromisso de Deus para com o seu povo. Como Craigie afirma, “embora o povo pudesse ser infiel, Deus permaneceria

fiel”.¹ Embora a infidelidade de Israel dissolva legalmente a aliança, a fidelidade do Senhor superará a sua rebelião. YHVH fará pessoalmente com que Israel regresse a Ele, e Ele o receberá de volta com os braços bem abertos e alegres.

Devemos levar em consideração a questão do tempo. De acordo com essa passagem, o regresso de Israel à terra vem após o seu regresso sincero ao Senhor. É retratado aqui que ele regressa à terra em plena obediência ao Senhor. Quando é que isso vai acontecer? Moisés diz “nos últimos dias”. Como Jack S. Deere em *The Bible Knowledge Commentary* observa, “a última referência é ao tempo em que o Senhor Jesus voltará à terra para estabelecer o seu reino milenar (Ap 20:4). Neste tempo, Israel arrependido procurará finalmente o Senhor [...] procurá-Lo com todo o seu coração e alma e O obedecerá”.² Enquanto uma parte daqueles que regressaram do exílio babilônico fizeram-no num espírito de arrependimento, a Escritura não descreve o regresso da Babilônia como um reavivamento nacional. Da mesma forma, não podemos afirmar que toda a nação regressou a Israel num espírito de arrependimento em 1948. O repatriamento moderno e a reforma de Israel foi principalmente um renascimento nacionalista muito alimentado pelos horrores do Holocausto. A grande maioria dos israelitas de hoje não vive em plena obediência a Deus e ao Seu Messias. Embora haja um remanescente crescente de judeus messiânicos que servem o Senhor e o Seu Messias, pelos quais devemos ser verdadeiramente gratos, a triste realidade é que a grande maioria não o faz.³

Seguindo para a conclusão do Deuteronômio, Moisés reitera as mesmas coisas, embora de forma ligeiramente diferente. Dentro dos comentários seguintes, vemos uma visão quase perfeita da natureza restauradora dos castigos da aliança:

E será que, sobrevivendo-te todas estas coisas, a bênção ou a maldição, que tenho posto diante de ti, e te recordares

delas entre todas as nações, para onde te lançar o SENHOR teu Deus, E te converteres ao Senhor teu Deus, e deres ouvidos à sua voz, conforme a tudo o que eu te ordeno hoje, tu e teus filhos, com todo o teu coração, e com toda a tua alma, Então o Senhor teu Deus te fará voltar do teu cativeiro, e se compadecerá de ti, e tornará a ajuntar-te dentre todas as nações entre as quais te espalhou o Senhor teu Deus. Ainda que os teus desterrados estejam na extremidade do céu, desde ali te ajuntará o Senhor teu Deus, e te tomará dali; E o Senhor teu Deus te trará à terra que teus pais possuíram, e a possuirás; e te fará bem, e te multiplicará mais do que a teus pais. E o Senhor teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração de tua descendência, para amares ao Senhor teu Deus com todo o coração, e com toda a tua alma, para que vivas. (DEUTERONÔMIO 30:1-6)

O que deve ser destacado aqui são os comentários finais sobre o Senhor circuncidando os corações do Seu povo, depois de terem regressado à terra. Aqui está talvez a mais clara profecia inicial sobre a nova aliança nos escritos de Moisés. O Senhor diz que depois do Seu povo ter sido exilado, tendo sofrido os efeitos purificadores das maldições da aliança, ele regressará à sua casa, e de acordo com a sua restauração física à terra, também experimentará uma circuncisão interior do seu coração, resultando em total obediência. Como veremos, os profetas destacaram esse tema e o expandiram muito para desenvolver o conceito que passou a ser especificamente mencionado como “a nova aliança”.

O DESPERTAR DOS ÚLTIMOS DIAS DE ISRAEL NO CÂNTICO DE MOISÉS

Nos dois capítulos anteriores, também discutimos como a passagem profética fundamental do Cântico de Moisés prevê uma calamidade sem precedentes que se assolaria Israel nos últimos dias. A Canção de Moisés não termina, no entanto,

com a idolatria e castigo de Israel. Assim como no capítulo 30, aqui Moisés volta a explicar que, como um amor de pai, o Senhor usará a dor dos castigos dos últimos dias para levar Israel ao arrependimento e a uma fidelidade completa e permanente à aliança:

Porque o Senhor fará justiça ao seu povo, e se compadecerá de seus servos; quando vir que o poder deles se foi, e não há preso nem desamparado. Então dirá: Onde estão os seus deuses? A rocha em quem confiavam, De cujos sacrifícios comiam a gordura, e de cujas libações bebiam o vinho? Levantem-se, e vos ajudem, para que haja para vós esconderijo. Vede agora que eu, eu o sou, e mais nenhum deus há além de mim; eu mato, e eu faço viver; eu firo, e eu saró, e ninguém há que escape da minha mão. (DEUTERONÔMIO 32:36-39)

Na Sua misericórdia, o Senhor permitirá que Israel desperte para a absoluta inutilidade dos falsos deuses em quem demasiadas vezes tinham confiado. Como comenta John D. Currid, “Os deuses das nações não são como Yahweh. Eles não podem libertar. Não dão nenhuma ajuda. Não têm qualquer socorro”.⁴ Então o Senhor afirma, de forma assustadora, que Ele irá propositadamente permitir que Israel chegue ao fim absoluto da sua força, perecendo muitos no processo. No entanto, como se lê no livro de Jó: “Porém não estenderá a mão para o túmulo, ainda que eles clamem na sua destruição” (Jó 30:24). É lá, no lugar de quebrantamento completo, como um ramo gravemente podado, que Israel gritará, e o Senhor falará ternamente com ele, revelando-se como o único Deus verdadeiro e fonte de toda a vida. Embora o Senhor o ferirá, Ele também trará cura e restauração. Embora Ele traga a morte, Ele também lhe trará nova vida. Ele é completamente diferente dos falsos deuses que Israel tem adorado. Assim, após a extraordinária devastação provocada

pelo Anticristo destruir o povo e o Estado de Israel, estes irão coletivamente experimentar um grande despertar e a última restauração do Senhor.

A SALVAÇÃO DE ISRAEL NOS ÚLTIMOS DIAS DE ACORDO COM ISAÍAS

Baseando-se nas palavras de Moisés, o profeta Isaías também falou com eloquente beleza poética a respeito da restauração final de Israel:

E virá um Redentor a Sião e aos que em Jacó se converterem da transgressão, diz o Senhor. Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o Senhor: o meu espírito, que está sobre ti, e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se desviarão da tua boca nem da boca da tua descendência, nem da boca da descendência da tua descendência, diz o Senhor, desde agora e para todo o sempre. (ISAÍAS 59:20-21)

Observamos que Isaías associou especificamente os quatro eventos muito importantes a seguir: (1) a vinda do Messias, (2) o arrependimento nacional de Israel, (3) o Senhor fazer uma nova aliança com Israel, e (4) o Senhor derramar o Seu Espírito sobre Israel. Em primeiro lugar, essa passagem descreve a vinda do Redentor a Sião. Paulo o apóstolo, no Novo Testamento, interpreta esta passagem como referindo-se ao retorno do Messias (Rm 11:26). Ele virá para aqueles que se converteram de seus pecados em arrependimento. Então o Senhor anuncia especificamente a nova aliança. Essa aliança implica que o Senhor coloque o Seu Espírito no seio do povo de Israel, para nunca ir embora. Como resume John A. Martin em *The Bible Knowledge Commentary*: “Quando o Messias retornar em julgamento (v. 18), Ele inaugurará a Sua aliança [...] derramando o Seu Espírito sobre os israelitas crentes”.⁵ Aqui, a natureza da nova aliança, centrada em

Israel, é clarificada. Por mais que os cristãos possam procurar retirar estas promessas de Israel e reivindicá-las inteiramente para si mesmos, o seu contexto real deve ser reconhecido como promessas feitas para Israel. Embora a nova aliança tenha sido estabelecida no primeiro século através da morte expiatória de Jesus na cruz, e embora uma multidão de crentes, tanto judeus como gentios, desfrutem agora dos benefícios espirituais dessa aliança, ela não estará realmente completa até o retorno de Jesus e à completa salvação de Israel.

A SALVAÇÃO DE ISRAEL NOS ÚLTIMOS DIAS DE ACORDO COM JOEL

Ao falar sobre o dia do Senhor, o profeta Joel também olha para o grande derramar do Espírito de Deus sobre Israel nos últimos dias. Na conclusão do dia do Senhor, depois de ter terminado de julgar as nações, o Senhor declara que derramará o Seu Espírito sobre o povo judeu (Jl 2:28-32) e ele experimentará a restauração e a cura por completo (Jl 3:18-21). Assim, a fase final do ciclo da aliança, a saber, a restauração completa de Israel, não pode acontecer até o julgamento das nações durante o dia do Senhor, na conclusão dos últimos dias.

A SALVAÇÃO DE ISRAEL NOS ÚLTIMOS DIAS EM JEREMIAS

Mais do que vincular o arrependimento nacional de Israel à nova aliança e ao derramar do Espírito Santo, Jeremias também o relacionou especificamente à vinda do Messias para governar como Rei sobre Israel. Em Jeremias 30, a passagem que discutimos anteriormente, que fala do tempo do problema de Jacó, encontramos uma descrição clara de Israel sendo libertado da escravidão:

Porque será naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, que eu quebrarei o seu jugo de sobre o teu pescoço, e quebrarei os teus grilhões; e nunca mais se servirão

dele os estrangeiros. Mas servirão ao Senhor, seu Deus, como também a Davi, seu rei, que lhes levantarei. (JEREMIAS 30:8-9)

Embora o nome do opressor não seja mencionado, o contexto dos últimos dias desta passagem aponta-nos para o Anticristo. Após a sua libertação, o Senhor removerá o jugo do Anticristo do seu pescoço e os seus laços dos seus punhos. Esta é uma referência direta às maldições da aliança, onde Moisés declarou: “Assim servirás aos teus inimigos, que o Senhor enviará contra ti, com fome e com sede, e com nudez, e com falta de tudo; e sobre o teu pescoço porá um jugo de ferro, até que te tenha destruído” (Dt 28:48). Após a sua libertação, já não serão escravizados pelo opressor. Em vez disso, eles servirão ao grande rei, o filho de Davi. Como Lange tão eloquentemente afirma, “Esta salvação deve ser comunicada pelo ungido do Senhor, o segundo Davi. O Messias é chamado Davi, não apenas como um descendente de Davi ainda chamado pelo seu nome, mas como um verdadeiro Davi no mais alto grau. Como Davi foi o fundador do trono terrestre de Davi, o Messias, como o realizador, é o fundador e ocupante do trono eterno de Davi”.⁶ À medida que a passagem continua, mais uma vez se torna claro que tudo isto acontecerá quando Israel for restaurado às suas terras:

“Não temas, pois, tu, ó meu servo Jacó”, diz o Senhor, “nem te espantes, ó Israel; porque eis que te livrarei de terras de longe, e à tua descendência da terra do seu cativo; e Jacó voltará, e descansará, e ficará em sossego, e não haverá quem o atemorize. Porque eu sou contigo, diz o Senhor, para te salvar; porquanto darei fim a todas as nações entre as quais te espalhei. (JEREMIAS 30:10-11)

Israel será liberto das terras onde foram dispersos e prisionados. Depois de ser levado de volta para casa, com todos

os seus inimigos derrotados, viverá então em paz e sossego. O ciclo dos castigos da aliança será completo. Deste dia em diante, Israel só gozará das bênçãos descritas na aliança.

No capítulo 31, Jeremias volta ao tema da dispersão de Israel entre as nações: “Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que sementarei a casa de Israel, e a casa de Judá, com a semente de homens, e com a semente de animais” (Jr 31:27). Em seguida, volta imediatamente a falar sobre a sua restauração: “como velei sobre eles, para arrancar, e para derrubar, e para transtornar, e para destruir, e para afligir, assim velarei sobre eles, para edificar e para plantar, diz o Senhor” (v. 28). Então, exatamente como Isaías, O seu antecessor, Jeremias, também relaciona a restauração final de Israel à terra, com a nova aliança feita pelo Senhor com eles:

Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que sementarei a casa de Israel, e a casa de Judá, com a semente de homens, e com a semente de animais. E será que, como velei sobre eles, para arrancar, e para derrubar, e para transtornar, e para destruir, e para afligir, assim velarei sobre eles, para edificar e para plantar, diz o Senhor. Naqueles dias nunca mais dirão: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram. Mas cada um morrerá pela sua iniquidade; de todo o homem que comer as uvas verdes os dentes se embotarão. Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que farei uma aliança nova com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porque eles invalidaram a minha aliança apesar de eu os haver desposado, diz o Senhor. Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. E não ensinará mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conhecei

ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o Senhor; porque lhes perdorei a sua maldade, e nunca mais me lembrarei dos seus pecados. (JEREMIAS 31:27-34)

A nova aliança é aqui especificamente contrastada com a aliança do Sinai. Enquanto Israel quebrou a aliança no Sinai, a nova aliança não seria quebrada. Por quê? Porque ela requer que o Senhor ponha realmente o Seu Espírito neles. O próprio Senhor habitará dentro de cada indivíduo e, como resultado, todos O conhecerão e O obedecerão voluntariamente. Como Ele tinha prometido tanto a Abraão como a Moisés há tanto (Gn 17:7; Ex 6:7), YHVH será o Deus de Israel e Israel será o Seu povo. Assim, a passagem termina com a declaração do Senhor de que a partir desse dia, os pecados de Israel serão permanentemente perdoados. Jeremias prevê e liga todas as várias fases dos castigos da aliança com a salvação final dos últimos dias e a restauração de Israel à terra com o Messias a governar sobre ele como Rei.

A SALVAÇÃO DE ISRAEL NOS ÚLTIMOS DIAS EM EZEQUIEL 34

Assim também o profeta Ezequiel ligou a restauração de Israel à vinda do Messias: “E suscitarei sobre elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor. E eu, o Senhor, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas; eu, o Senhor, o disse.” (Ez 34:23-24). É durante esse tempo, quando o Messias está no trono, que o Senhor promete abençoar Israel com uma aliança permanente de paz e segurança:

E farei com elas uma aliança de paz, e acabarei com as feras da terra, e habitarão em segurança no deserto, e dormirão nos bosques. E delas e dos lugares ao redor do meu outeiro, farei uma bênção; e farei descer a chuva a

seu tempo; chuvas de bênção serão. E as árvores do campo darão o seu fruto, e a terra dará a sua novidade, e estarão seguras na sua terra. (EZEQUIEL 34:25-27a)

Assim que o Messias estiver presente como Rei de Israel, então as bênçãos da aliança serão concedidas livremente à nação. Quando isso irá acontecer? O Senhor reafirma exatamente quando:

Então saberão que eu sou o Senhor, quando eu tiver quebrado as barras do seu jugo e os tiver libertado da mão daqueles que os escravizaram. (EZEQUIEL 34:27b)

Como Jeremias apontou antes, Ezequiel aponta para as maldições da aliança e fala da libertação de Israel da escravidão, das grades da prisão e dos grilhões do Anticristo. Ele relaciona libertação ao tempo em que o Messias, o Filho de Davi, estará presente, governando no seu trono em Jerusalém (vv. 23, 24).

A SALVAÇÃO DE ISRAEL NOS ÚLTIMOS DIAS EM EZEQUIEL 36

Novamente, no capítulo 36, Ezequiel conecta o grande derramar final do Espírito Santo com o retorno de Israel à sua terra:

E eu santificarei o meu grande nome, que foi profanado entre os gentios, o qual profanastes no meio deles; e os gentios saberão que eu sou o SENHOR, diz o Senhor DEUS, quando eu for santificado aos seus olhos. E vos tomarei dentre os gentios, e vos congregarei de todas as terras, e vos trarei para a vossa terra. Então aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. E dar-vos-ei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei da vossa carne o coração

de pedra, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o meu Espírito, e farei que andeis nos meus estatutos, e guardéis os meus juízos, e os observeis. E habitareis na terra que eu dei a vossos pais e vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus. E livrar-vos-ei de todas as vossas imundícias; e chamarei o trigo, e o multiplicarei, e não trarei fome sobre vós. E multiplicarei o fruto das árvores, e a novidade do campo, para que nunca mais recebais o opróbrio da fome entre os gentios. Então vos lembrareis dos vossos maus caminhos, e dos vossos feitos, que não foram bons; e tereis nojo em vós mesmos das vossas iniquidades e das vossas abominações. (EZEQUIEL 36:23-31; cf. 39:29)

Como Isaías e Jeremias, Ezequiel claramente relaciona o Espírito Santo a ser colocado “dentro” de Israel, os seus pecados coletivos a serem perdoados e a sua restauração definitiva à terra. A antiga promessa de que YHVH seria o Deus de Israel e Israel seria o Seu povo, é aqui reiterada mais uma vez. A profecia termina com Israel vivendo em sua terra sem medo, não mais experimentando as maldições da aliança, mas gozando apenas das suas bênçãos. Ezequiel apresenta, assim, o novo derramar do Espírito Santo como culminação e cumprimento de todas as alianças anteriores. A nova aliança tornará as seguintes coisas possíveis: (1) a herança da terra de Israel, como prometido na Aliança Abraâmica, (2) com todas as bênçãos descritas na Aliança de Moisés, (3) e com o Rei Messias a governá-lo, como prometido na aliança de Davi.

A SALVAÇÃO DE ISRAEL NOS ÚLTIMOS DIAS DE ACORDO COM ZACARIAS

Talvez a passagem citada com mais frequência sobre a salvação de Israel seja encontrada no profeta Zacarias:

E acontecerá naquele dia, que procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém. Mas sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem traspassaram; e prantearão sobre ele, como quem pranteia pelo filho unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito. Naquele dia será grande o pranto em Jerusalém[...] E a terra pranteará, cada família à parte[...] Naquele dia, será aberta uma fonte para a casa de Davi. e para os habitantes de Jerusalém, para o pecado e para a impureza. Isto acontecerá naquele dia,” declara o Senhor dos Exércitos, que “tirarei da terra os nomes dos ídolos, e deles não haverá mais memória; e também farei sair da terra os profetas e o espírito da impureza. (ZACARIAS 12:9-13:2)

Como um dos profetas finais, ao falar do futuro de Israel salvação coletiva, Zacarias une vários temas de passagens messiânicas anteriores. Primeiro, ele fala do Senhor castigando as nações que invadiram Israel. Depois, fala do novo derramar do Espírito do Senhor sobre o Seu povo. Zacarias, no entanto, acrescenta alguns detalhes importantes sobre a forma como este evento irá desdobrar. Enquanto Isaías liga a salvação de Israel à vinda do Messias, Zacarias descreve-a de fato. Nessa gloriosa profecia de profecias, Zacarias descreve o Messias que irrompe de céu para salvar Israel. Quando Israel vê que o seu Salvador é o Único a quem ele (e todos nós) traspassou, então o espírito de arrependimento será derramado sobre todo o povo. Cada família processará esta nova revelação com luto e grande pranto.

O ARREPENDIMENTO NACIONAL DE ISRAEL DE ACORDO COM PAULO

Juntas, todas as passagens acima citadas formaram uma base sólida para o apóstolo Paulo expor com tanta confiança a futura salvação nacional de Israel:

Digo, pois: Porventura tropeçaram, para que caíssem? De modo nenhum, mas pela sua queda veio a salvação aos gentios, para os incitar à emulação. E se a sua queda é a riqueza do mundo, e a sua diminuição a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude! [...] Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado. E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, E desviará de Jacó as impiedades. E esta será a minha aliança com eles, Quando eu tirar os seus pecados. (ROMANOS 11:11-12; 25-27)

Ao defender um reavivamento de todo o Israel nos últimos dias, Paulo retirou diretamente de várias das passagens que acabamos de discutir. Nos versículos 11-12, ele fez referência ao texto fundamental, o Cântico de Moisés (Dt 32), que fala do Senhor levar Israel ao fim das suas forças, a fim de lhe falar com ternura. Fala também, contudo, do uso de gentios para provocar Israel à ira e ciúme, um conceito que Paulo desenvolve especificamente. Em seguida, nos versículos 26-27, Paulo citou duas das mais importantes referências à nova aliança do Antigo Testamento, ambas as quais acabamos de analisar (Is 59:20 e Jr 31:34). Juntas, as duas passagens falam tanto da nova aliança quanto de o Senhor derramar o Seu Espírito sobre todo o Israel. Por Paulo conhecer bem esses textos que apontam tão claramente para a salvação de Israel nos últimos dias, também fala dessas coisas com grande paixão e convicção. Segundo Paulo, isso só acontecerá quando

o Messias vier para os salvar. Enquanto um remanescente foi salvo na sua época e muitos outros infiltraram-se ao longo história, uma grande salvação nacional é aguardada nos últimos dias e o fim dos tempos dos gentios. Quando toda a história redentora chegar ao tempo para o qual todos os profetas têm apontado, então todos os compatriotas de Paulo experimentarão a revelação chocante que ele mesmo experimentou tantos anos antes no caminho para Damasco.

CONCLUSÃO

No capítulo anterior, discutimos como o ciclo dos castigos da aliança será repetido nos últimos dias. Israel será novamente atacado, invadido e derrotado. O resultado final será muitos dos cidadãos de Israel serem levados para o exílio ou levados como prisioneiros para as nações. Neste capítulo, vimos que o padrão das maldições da aliança não estará completo enquanto Israel não for restaurado ao seu Deus e à sua terra com o Messias governando sobre eles. Assim, as Escrituras apontam categoricamente para a restauração final e definitiva de Israel acontecendo nos últimos dias. Moisés, os profetas, e o apóstolo Paulo todos relacionaram a salvação de Israel ao fim desta era e à vinda do Messias. A restauração final de Israel à terra será acompanhada pelas quatro realidades seguintes: (1) o arrependimento nacional, (2) o derramar do Espírito de Deus sobre todo o Israel, (3) a conclusão da nova aliança, e (4) a entronização do Messias Rei. Conforme já salientamos, nenhuma dessas coisas podem ser ditas em relação ao repatriamento moderno do Estado de Israel. O retorno final à terra não será apenas um renascimento do nacionalismo judeu, nem um reavivamento parcial de apenas uma pequena fração da sua população, antes, será um renascimento espiritual de toda a nação, do tipo que o mundo nunca viu. Será um retorno completo ao Senhor e ao Seu Messias para sempre. Depois de ponderar a beleza e glória deste grande

acontecimento dos últimos dias, Paulo, o apóstolo, não foi capaz de se conter. Assim ele terminou esta parte da sua epístola com uma expressão antecipada de júbilo, de celebração e louvor:

Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Por que quem compreendeu a mente do Senhor? ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém. (ROMANOS 11:33-36)

A REUNIFICAÇÃO FINAL DE ISRAEL NA TERRA

Sem dúvida, muitos leitores provavelmente irão discordar, talvez muito veementemente, com a visão de que Israel deve ser submetido a mais um grande castigo final. Compreendo e simpatizo plenamente com tais reservas. As implicações do próprio mundo real de tal cenário, o seu impacto em milhões de pessoas, são insondáveis. A mera sugestão de que o povo judeu, que já suportou uma dor tremenda em a sua história, ter ainda mais um esmagador desgosto de coração no seu futuro parece impensável. Mais do que o inimaginável desafio emocional que tal visão traz, no entanto, alguns textos chave foram mal interpretados popularmente de modo a lançar dúvidas sobre tal visão. Durante as últimas décadas, muitos professores citaram especificamente Isaías 11 e Jeremias 16 e 23, todos eles falando de um segundo grande reagrupamento à terra, como se isso estivesse realizando-se com o restabelecimento do estado moderno de Israel. Cada uma dessas passagens fala de o Senhor trazer Israel de volta à terra “uma segunda vez”. Argumenta-se assim que o primeiro retorno à terra foi após o exílio da Babilônia, enquanto o retorno no século XX foi o segundo e último regresso à terra. Entre aqueles que tomam esta posição, a maioria vê o Holocausto como o castigo final

de que se fala na Escritura. Israel é apresentado como quem experimenta um despertar e reavivamento graduais que eventualmente culminarão no retorno de Jesus, o Messias, e a plena restauração do mesmo. Para ser bastante claro, o movimento dos crentes judeus messiânicos em Israel está crescendo. Estima-se que cerca de vinte mil desses vivem atualmente na terra. Isso contrasta com cerca de seis milhões de cidadãos judeus de Israel. Apesar do percentual muito pequeno de cidadãos judeus que a comunidade messiânica representa, devemos ainda reconhecer, celebrar e apoiar este movimento, enquanto oramos, acreditamos e trabalhamos para que esses números continuem a aumentar.

No entanto, com tudo isto dito, como demonstramos nos capítulos anteriores, a opinião de que o atual Estado de Israel representa a restauração final deve ignorar demasiados detalhes dentro das profecias que relacionam de forma integral as seguintes realidades: (1) os três anos e meio finais desta era, (2) os castigos da aliança, (3) a grande tribulação, (4) o Anticristo, (5) o retorno de Jesus, e (6) a restauração de Israel. Essas coisas são descritas desdobrando-se e culminando juntas num período relativamente curto. Não é possível forçar a ênfase principal das Escrituras para que se ajuste numa linha temporal de uma restauração lenta e gradual que se desdobra ao longo de várias décadas ou mais. Como veremos, a ênfase contundente das Escrituras retrata a restauração final e definitiva de Israel à terra que acontece após o Messias irromper do céu para a salvá-la. A Bíblia descreve a restauração nacional final acontecendo após os castigos dos últimos dias, seguida do arrependimento nacional. O retorno e a posse da terra por parte de Israel está inteiramente dependente do derramar do Espírito Santo através do qual todos eles poderão viver em completa obediência ao Senhor. Assim, embora seja inteiramente compreensível que muitos que amam Israel se oponham intensamente à ideia de que outro grande castigo

nacional está por vir, essa é uma realidade dolorosa que a Bíblia ensina clara e consistentemente através de uma vasta gama de passagens.

Como devemos então compreender estas três passagens (Isaías 11, Jeremias 16 e 23) que falam de um segundo e último reagrupamento na terra de Israel? Como veremos, um exame cuidadoso de cada um desses textos apoia o ponto de vista de que eles ainda não foram cumpridos.

A RESTAURAÇÃO FINAL À TERRA EM ISAÍAS 11

Isaías 11 é uma profecia messiânica que começa descrevendo o Messias que sairá da “raiz de Jessé”, o pai de Davi (v. 1). A profecia prossegue para descrever o reinado do Messias. Ele será um juiz justo (v. 3), que governará com retidão e justiça (v. 4). Durante o seu governo, o mundo retornará a um estado Edênico. Durante esse tempo, os cordeiros aconchegar-se-ão aos lobos, e os ursos pastarão com as vacas, e a atual ordem natural será transformada (vv. 6-8). O reino de Israel viverá pacificamente, livre de adversários, e o conhecimento de Deus cobrirá toda a Terra (v. 9). Naturalmente, nada disto pode ser dito do mundo atual em que vivemos agora. A profecia volta então a falar do Messias:

E acontecerá naquele dia que a raiz de Jessé, a qual estará posta por estandarte dos povos, será buscada pelos gentios; e o lugar do seu repouso será glorioso.
(ISAÍAS 11:10)

O próprio Messias estará presente, governando a partir de Jerusalém. Mesmo as nações gentílicas olharão para Ele em busca de orientação. Depois, vem a seguinte declaração muito importante:

E há de ser que naquele dia o Senhor tornará a pôr a sua mão para adquirir outra vez o remanescente do seu povo, que for deixado, da Assíria, e do Egito, e de Patros, e da Etiópia, e de Elã, e de Sinar, e de Hamate, e das ilhas do mar. E levantará um estandarte entre as nações, e ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da terra. (ISAÍAS 11:11-12)

O Messias irá supervisionar pessoalmente o reagrupamento dos filhos de Israel, espalhados por todo o mundo, de volta à terra prometida. Considera-se que essa é uma “segunda” grande reunião. Como já dissemos, muitos olham para essa passagem para sustentar a afirmação de que a recente restauração é sua restauração final. Primeiro, como acabamos de ver, a passagem retrata claramente o próprio Messias presente, supervisionando pessoalmente este reagrupamento global. Obviamente, no momento atual, o Messias não está na terra em Jerusalém. Ele está sentado à direita do Pai que está nos céus (Hb 10:12-13). Em segundo lugar, não se pode dizer que o povo de Israel está atualmente vivendo em perfeita retidão.

Outro ponto importante é que quando Isaías proferiu esta profecia, foi cerca de cem anos antes de ter acontecido o exílio da Babilônia. Não faria sentido que Isaías tivesse falado de um segundo retorno do exílio antes mesmo do primeiro exílio. Quando essa profecia foi realizada, o único tipo de exílio do qual Israel podia lembrar eram os quatrocentos anos de sua estadia no Egito. Assim, a profecia fala de um reagrupamento final que tem como modelo o Êxodo original do Egito. O primeiro foi sair do Egito, o segundo é sair de todo o mundo, no fim da grande tribulação.

A RESTAURAÇÃO FINAL À TERRA EM JEREMIAS 16

Uma passagem semelhante é encontrada em Jeremias 16. Ali, o profeta começa descrevendo as últimas fases dos castigos da aliança:

Portanto lançar-vos-ei fora desta terra, para uma terra que não conhecestes, nem vós nem vossos pais; e ali servireis a deuses alheios de dia e de noite, porque não usarei de misericórdia convosco. (JEREMIAS 16:13)

Jeremias fala então da fase final do ciclo da aliança na qual Israel é restaurado de volta à sua terra. Ao fazer isso, Jeremias novamente contrasta a restauração final com o primeiro Êxodo:

Portanto, eis que dias vêm, diz o Senhor, em que nunca mais se dirá: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito. Mas: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do norte, e de todas as terras para onde os tinha lançado; porque eu os farei voltar à sua terra, a qual dei a seus pais. (JEREMIAS 16:14-15)

Na mente de Jeremias, a restauração final do terreno é uma espécie de Êxodo final, muito superior ao Êxodo histórico.

A RESTAURAÇÃO FINAL À TERRA EM JEREMIAS 23

Em Jeremias 23, o mesmo conceito é repetido. Ali, a profecia começa com outra referência ao Messias, chamado aqui de “o Renovo de Davi”:

Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, sendo rei, reinará e agirá sabiamente, e praticará o juízo e a justiça na terra. Nos seus dias

Judá será salvo, e Israel habitará seguro; e este será o seu nome, com o qual Deus o chamará: O SENHOR JUSTIÇA NOSSA. (JEREMIAS 23:5-6)

O contexto da profecia é fácil de reconhecer. Ele diz respeito à época da redenção, quando o Rei estará presente em Jerusalém:

Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que nunca mais dirão: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito; Mas: Vive o Senhor, que fez subir, e que trouxe a geração da casa de Israel da terra do norte, e de todas as terras para onde os tinha arrojado; e habitarão na sua terra. (JEREMIAS 23:7-8)

Como o expositor F. B. Huey comenta, “Quando Deus trazer seu povo de volta das terras para onde foram dispersos, isso será um evento de tal magnitude que a libertação de seus antepassados do Egito será esquecido. Esse segundo Êxodo promete ser maior do que o primeiro”¹. O primeiro Êxodo foi um mero prelúdio, um leve prenúncio da última libertação e restauração da terra. Como já dissemos, é impossível dizer que essas passagens falam do recente retorno de Israel à terra no século passado.

A RESTAURAÇÃO FINAL À TERRA EM EZEQUIEL 20

Há várias outras passagens muito importantes que também falam do retorno final de Israel à terra. Uma passagem fundamental dessas restaurações é Ezequiel 20. Nela, o Senhor começa emitindo uma repreensão pungente aos anciãos representantes de Israel. A passagem começa: “Filho do homem, fala aos anciãos de Israel e [...] Notifica-lhes as abominações de seus pais” (vv. 3, 4). Como vemos repetidamente nos profetas, o Senhor lembra Israel de Sua graça e Sua poderosa libertação

quando Ele o conduziu para fora do Egito. Apesar de tudo o que Ele fez por ele, no entanto, ao longo de sua história, o povo se rebelou constantemente. No entanto, por mais graves que fossem seus pecados, o Senhor tinha um plano para sua restauração futura definitiva: “Vivo eu, diz o Senhor DEUS, que com mão forte, e com braço estendido, e com indignação derramada, hei de reinar sobre vós” (Ez 20:33). Então vem algo bastante fascinante: essencial a Seu plano de restaurar Israel é o plano para trazê-lo de volta para o deserto do Êxodo: “E vos levarei ao deserto dos povos; e ali face a face entrarei em juízo convosco” (v. 35). Da mesma forma que o Senhor purificou Israel durante seu vagar no deserto, assim Ele o trará de volta para o purificar mais uma vez:

Como entrei em juízo com vossos pais, no deserto da terra do Egito, assim entrarei em juízo convosco, diz o Senhor DEUS. Também vos farei passar debaixo da vara, e vos farei entrar no vínculo da aliança. E separarei dentre vós os rebeldes, e os que transgrediram contra mim; da terra das suas peregrinações os tirarei, mas à terra de Israel não voltarão; e sabereis que eu sou o Senhor. (EZEQUIEL 20:36-38)

O Senhor descreve a si mesmo como um pastor que trará Israel de volta ao deserto para peneirá-lo. Como um pastor que faz as ovelhas se alinharem em fila única, cada uma deve passar por baixo de Sua vara. Somente aqueles que são verdadeiramente Seus passarão, enquanto aqueles que são não Seus serão “purgados”. O estudioso do Antigo Testamento Risa Levitt Kohn resume bem o capítulo:

[Ezequiel 20] refere-se ao poder que Yavé exercerá em sua futura libertação de Israel. Depois de dispersar os israelitas entre as nações estrangeiras, Yavé voltará a

reinar sobre eles e usará essa força para reuni-los das terras em que estiveram dispersos[...]Para Ezequiel, a redenção futura, o “Segundo Êxodo”, ofusca seu antigo protótipo como a manifestação final do poder de Yavé.²

Em resumo, a restauração de Israel à terra descrita em Ezequiel 20 ocorre em concomitância com os seguintes eventos e temas: (1) o Êxodo final, descrito em outros lugares através dos profetas, (2) o Senhor limpar Israel de seus pecados, e (3) restaurar seus laços de fidelidade permanente à aliança. Essas coisas acontecem no fim da era, quando o rei Messias retorna.

A RESTAURAÇÃO FINAL À TERRA EM EZEQUIEL 37

Outra profecia muito importante e marcante que descreve a restauração dos últimos dias é encontrada na primeira metade de Ezequiel 37. Seguindo de perto a descrição da nova aliança feita pelo profeta em Ezequiel 36, o Senhor descreve a restauração nacional de Israel à terra que irá acontecer em clara coordenação com a ressurreição geral dos mortos. Ezequiel, através de uma experiência visionária, é levado para um vale cheio de ossos secos (v. 1). Lá, lhe é mostrado este vasto campo de ossos sendo coberto com nervos, carne e pele (vv. 2-7). Finalmente, a respiração - ou o Espírito - do Senhor entra nos corpos e eles ganham vida (vv. 8-10). Então o Senhor interpreta e explica o que acaba de ser testemunhado:

Então me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; nós mesmos estamos cortados. Portanto profetiza, e dize-lhes: Assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu abrirei os vossos sepulcros, e vos farei subir das vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. E sabereis que eu sou o Se-

nhor, quando eu abrir os vossos sepulcros, e vos fizer subir das vossas sepulturas, ó povo meu. E porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos porei na vossa terra; e sabereis que eu, o SENHOR, disse isto, e o fiz, diz o SENHOR. (Ezequiel 37:11-14)

A visão dos túmulos de Israel sendo abertos, dos ossos secos sendo revestidos de carne e pele, e recebendo o sopro de Deus está obviamente referindo-se à ressurreição dos mortos, mas também à restauração nacional de Israel à terra. Como nota o estudioso do Antigo Testamento Daniel Isaac Block, “Os comentários rabínicos frequentemente interpretaram esta passagem como uma profecia da ressurreição escatológica na era messiânica”.³ Curiosamente, Tertuliano, um dos mais influentes teólogos e apologistas da igreja primitiva, escrevendo no início do terceiro século, confrontou-se com a reivindicação dos hereges gnósticos de sua época a respeito desta mesma passagem. Os gnósticos afirmaram que embora a visão esteja usando a imagem de uma ressurreição, ela o faz apenas alegoricamente para falar da restauração do estado judaico:

Portanto, a imagem de uma ressurreição é alegoricamente aplicada a seu estado, uma vez que tem de ser reunido e recompactado osso a osso (em outras palavras, de tribo a tribo, e de povo a povo), e a ser reincorporado pela força do poder e da coragem da realeza, e para ser trazido à tona como se fosse de sepulcros, isto é, das moradas mais miseráveis e degradadas do cativo, e para respirar de novo no caminho de uma restauração, e para viverem a partir daí em sua própria terra de Judá.⁴

Infelizmente, muitos estudiosos liberais de hoje continuam a fazer alegações semelhantes. O fato, porém, é que dentro desta profecia, as restaurações, tanto físicas como

nacionais, estão inseparavelmente entrelaçadas. Tertuliano corrige, com razão, os gnósticos:

Na verdade, pelo próprio fato de que a recuperação do estado judeu ser prefigurado pela reincorporação e reunião de ossos, é oferecida prova de que este evento também acontecerá com os próprios ossos; pois a metáfora não poderia ter sido formada a partir dos ossos, se exatamente a mesma coisa não fosse realizada neles também.⁵

Em outras palavras, a visão não fala nem da ressurreição física nem da restauração do estado de Israel, mas de ambos ocorrendo em perfeita conjunção um com o outro. A visão mistura deliberadamente tanto o figurativo quanto o literal. Ezequiel está simplesmente fazendo a mesma observação que tantas das profecias anteriores já haviam feito. A restauração definitiva de Israel só ocorrerá no final desta era, no momento da restauração de todas as coisas. Como seu contemporâneo Daniel, Ezequiel viu aqui a literal ressurreição dos mortos no final da era (Dn 12:2-3). De fato, Block vê a passagem como um prolongamento da esperança até mesmo além de Israel: “O seu texto traz esperança para todos os que aceitam a graça de Deus em Cristo (Ef 2:1-10)”. Com bons motivos, nós que somos herdeiros das gloriosas mensagens dos profetas e apóstolos podemos encontrar neste texto uma dramática afirmação de que o aguilhão da morte será superado pelo poder animador do Espírito de Javé”.⁶ Assim, temos uma visão escatológica ainda mais poderosa estabelecendo a restauração definitiva de Israel à terra em conjunto com a ressurreição geral e o retorno de Jesus no final desta era atual. Charles H. Dyer observa corretamente o tempo da profecia: “Ela será cumprida quando Deus reunir novamente os crentes israelitas na terra (Jr 31:33; 33:14-16), quando Cristo retornar para estabelecer Seu reino (cf. Mt 24:30-31)”.⁷

A RESTAURAÇÃO FINAL À TERRA EM MIQUÉIAS

Como “os três” grandes profetas – Isaías, Jeremias e Ezequiel – fizeram, o profeta Miquéias vislumbrou a restauração final de Israel através das lentes de um segundo Êxodo. No capítulo 7, o profeta fala da restauração escatológica de Israel e da expansão de suas fronteiras nacionais: “Nesse dia, seu limite será estendido” (v. 11). Aqueles que foram exilados ou tomados como prisioneiros entre as nações retornarão:

Naquele dia virá a ti, desde a Assíria e das cidades fortificadas, e das cidades fortificadas até ao rio, e do mar até ao mar, e da montanha até à montanha. (MIQUÉIAS 7:12)

Então, o grito profético e intercessório de Miquéias ao Senhor ressoa: “Pastoreia Seu povo com seu cetro, o rebanho de sua posse” (v. 14). O Senhor responde:

Eu lhes mostrarei maravilhas, como nos dias da tua saída da terra do Egito. (MIQUÉIAS 7:15)

Como afirma Martin, “Mais uma vez a nação terá um grande “Êxodo” de lugares de sua morada e Deus irá milagrosamente mover os israelitas para suas terras. Isto ocorrerá quando o Messias voltar e estabelecer Sua regra milenar”.⁸ Como resultado da libertação milagrosa de Seu povo:

As nações o verão, e envergonhar-se-ão, por causa de todo o seu poder; porão a mão sobre a boca, e os seus ouvidos ficarão surdos. Lamberão o pó como serpente, como vermes da terra, tremendo, sairão dos seus esconderijos; com pavor virão ao Senhor nosso Deus, e terão medo de ti. (MIQUÉIAS 7:16-17)

Assim, como os que o precederam, Miquéias também compara a libertação e restauração final de Israel e ao Êxodo. Como o primeiro Êxodo, assim também o êxodo final e a restauração à terra serão acompanhados de milagres tão grandes que as nações ficarão completamente envergonhadas e cheias de temor ao reconhecerem que Deus é verdadeiramente com o remanescente de Israel.

CONCLUSÃO

Várias passagens muito importantes nos profetas falam da restauração final de Israel de volta à terra como um segundo, maior, ou mesmo o Êxodo final. O eco do primeiro Êxodo ressoa tão fortemente ao longo das Escrituras que na verdade serve como padrão e prefiguração do grande clímax da história da redenção. Como o professor James M. Hamilton Jr. tão corretamente afirma:

Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze profetizam com base no que Moisés anunciou na Torá, e os Profetas Antigos narrar em Josué-Reis. Dos Últimos Profetas, Isaías aos Doze [profetas menores], é anunciado que Israel quebrou a aliança, que Javé os disciplinou pacientemente, e que se Israel se recusar a se arrepender, Yavé manterá sua palavra e os conduzirá para o exílio. Após o exílio, os profetas prometem uma gloriosa restauração escatológica: novo Êxodo, retorno do exílio, novo Davi, nova aliança, novo Éden, nova criação.⁹

O conceito da reunificação final de Israel à terra, apresentado como um grande final “segundo Êxodo” não é derivado de algum esotérico ou romance interpretação das Escrituras. Muito pelo contrário, é um tema que se encontra em toda a narrativa bíblica.

O RENASCIMENTO DO ISRAEL MODERNO NA PROFECIA

Antes de seguir em frente, devemos fazer uma pausa para responder a uma pergunta que, sem dúvida, será levantada: Se as profecias que acabamos de discutir no último capítulo não falam do renascimento do estado moderno de Israel, há alguma profecia que o faça? Podemos dizer, com razão, que o restabelecimento do estado moderno de Israel era mesmo profético? A resposta é que absolutamente foi, e, certamente, há profecias para provar isso. A má aplicação de algumas profecias ao renascimento moderno de Israel não significa de forma alguma que não existam profecias sobre o recente retorno e repatriação da terra. De forma alguma significa que o estado atual de Israel não seja um reagrupamento profetizado. Claro que é; apenas não é o cumprimento dos segundos textos do Êxodo que se aplicam ao reagrupamento final e último que ocorre na redenção final, quando Jesus retornar.

O PRÉ REQUISITO DO REAGRUPAMENTO

Não pode haver nenhum argumento de que o estado moderno de Israel é de fato um reagrupamento profético trazido pela mão e pela vontade de Deus. O fato de que Israel seria restaurado nos últimos dias, no entanto, é em grande parte

uma realidade inferida ao longo do testemunho profético bíblico. Por exemplo, nas profecias de Joel, Ezequiel, Zacarias, e Jesus, lemos sobre as nações gentílicas invadindo Jerusalém e atacando o povo judeu antes do retorno de Jesus (Jl 3:12; Ez 38-39; Zc 12:2,9; Lc 21:24). Isso não poderia acontecer a menos que o povo judeu tivesse retornado primeiro à terra de Israel e obtido o controle de Jerusalém. A partir do segundo século, quando os últimos habitantes judeus foram exilados da terra, até 1967, quando as Forças de Defesa de Israel assumiram o controle de Jerusalém, teria sido impossível que inúmeras profecias do fim dos tempos tivessem se cumprido. As nações vizinhas não podiam cercar Jerusalém em busca do povo judeu, porque a cidade não estava sob controle judeu. O retorno moderno a Israel é, de fato, uma pré-condição necessária para muitas profecias bíblicas serem cumpridas. Várias passagens em Daniel (por exemplo, 8:11-15; 9:26; 11:31; 12:11) indicam que o Anticristo fará parar os sacrifícios judeus diários e o templo se tornará desolado através da “abominação que causa desolação”. Jesus reiterou estas advertências (Mt 24:15). Os sacrifícios do templo não podem ser interrompidos, a menos que sejam reiniciados pela primeira vez. O templo não pode ser desolado, a menos que seja reconstruído pela primeira vez. É verdade que isto poderia ser algo tão simples quanto uma estrutura de tenda, mas algo deve ser reconstruído, que atualmente não está lá. Nenhuma dessas coisas pode acontecer a não ser uma vibrante presença judaica de volta à terra. Inúmeras outras passagens poderiam ser citadas, mas vamos considerar brevemente o que provavelmente é o mais claro e importante.

EZEQUIEL 38-39

A profecia de Ezequiel 38 e 39, muitas vezes citada como a batalha de Gog e Magog, é uma passagem muito importante, mas muito mal interpretada. Um dos pontos de vista

mais comuns desta profecia é que ela fala de uma invasão fracassada de Israel nos últimos dias, algum tempo antes do Anticristo. Se alguém viesse a pesquisar um número qualquer de livros e artigos populares sobre o fim dos tempos a respeito desse tópico, praticamente todos afirmariam que esta passagem fala de uma invasão multinacional de Israel na qual os exércitos não entrarão na terra de Israel tão logo sejam aniquilados, sobrenaturalmente. O Pastor e autor Mark Hitchcock, por exemplo, diz, “Ezequiel 38-39 descreve o que poderíamos chamar de “Guerra de Um Dia” – ou mesmo a “Guerra de Uma Hora” – porque Deus aniquilará rapidamente o Invasores islâmicos da face da terra por meios sobrenaturais”.¹ É verdade que a guerra terminará essencialmente antes de começar? O exame um pouco mais cuidadoso do texto em si mostra que este não é o caso, de modo algum. Os exércitos de Gog e Magog serão de fato destruídos, mas não antes de Israel sofrer perdas catastróficas com muitos de seus habitantes fugindo da terra ou sendo levados cativos para as nações. Isto é visto quando comparamos a descrição do povo de Israel antes e depois da invasão. Antes da invasão, o povo judeu é retratado como vivendo na terra, com uma sensação de facilidade e segurança, enquanto que, após a invasão de Gog e Magog, são descritos como prisioneiros de guerra, dispersos entre as nações e retornando à sua terra. Vejamos o texto. Antes da invasão, Israel é descrito como:

Depois de muitos dias serás visitado. No fim dos anos virás à terra que se recuperou da espada, e que foi congregada dentre muitos povos, junto aos montes de Israel, que sempre se faziam desertos; mas aquela terra foi tirada dentre as nações, e todas elas habitarão seguramente. (EZEQUIEL 38:8)

Além disso, Israel é descrito como um lugar habitado por “povo que se congregou dentre as nações, o qual adquiriu gado e bens, e habita no meio da terra” (v. 12). Assim, Israel é retratado como um lugar repleto de pessoas que voltaram à terra das nações e adquiriram abundantes bênçãos materiais. Elas viviam anteriormente entre os gentios, mas agora voltaram para reassentar aquilo que havia sido um terreno baldio por muitas gerações. Certamente, essa é uma descrição perfeita do estado de Israel como ele existe hoje. Além disso, embora esteja preste a ser atacado, ele é descrito vivendo com uma sensação de segurança. Agora vamos considerar a condição de Israel depois que Gog e suas hordas forem destruídas e a poeira assentada:

E os gentios saberão que os da casa de Israel, por causa da sua iniquidade, foram levados em cativeiro, porque se rebelaram contra mim, e eu escondi deles a minha face, e os entreguei nas mãos de seus adversários, e todos caíram à espada. Conforme a sua imundícia e conforme as suas transgressões me houve com eles, e escondi deles a minha face. (EZEQUIEL 39:23-24)

Assim, embora a profecia comece com Israel na terra, no fim dela, ele é descrito como quem está no exílio entre as nações. Por causa de sua rebelião, o Senhor permitiu que muitos percessem e fossem para o exílio, ou se tornassem prisioneiros entre as nações. Os versículos que se seguem deixam claro que isto acontece no final da era:

Portanto assim diz o Senhor DEUS: Agora tornarei a trazer os cativos de Jacó, e me compadecerei de toda a casa de Israel; zelarei pelo meu santo nome. E levantarão sobre si a sua vergonha, e toda a sua rebeldia, com que se rebelaram contra mim, quando eles habitarem

seguros na sua terra, sem haver quem os espante. Quando eu os tornar a trazer de entre os povos, e os houver ajuntado das terras de seus inimigos, e eu for santificado neles aos olhos de muitas nações, Então saberão que eu sou o Senhor seu Deus, vendo que eu os fiz ir em cativo entre os gentios, e os ajuntarei para voltarem a sua terra, e não mais deixarei lá nenhum deles. Nem lhes esconderei mais a minha face, pois derramarei o meu Espírito sobre a casa de Israel, diz o Senhor DEUS. (EZEQUIEL 39:25-29)

A frase específica aponta para o fato de que a restauração e bênção de Deus a Israel está integralmente ligada ao seu povo ser restaurado do cativo para a terra. Em segundo lugar, o termo “Agora” estabelece que a restauração do cativo ocorre após o julgamento de Gog e suas hordas. Trata-se de um evento futuro. Terceiro, só depois da destruição de Gog é que Israel se arrependerá verdadeiramente de sua rebelião e será restaurado. Quarto, quando ele se rebelou para incorrer no castigo do Senhor? O texto diz: “Eles esquecerão sua desgraça e toda a traição que perpetraram contra Mim, quando viverem em segurança em suas próprias terras, sem ninguém que os faça ter medo”. A vergonha e a traição são uma referência ao início da profecia. Infelizmente, isso descreve a condição espiritual do estado moderno de Israel tal como ele existe agora. O povo retornou à terra e reassentou as antigas ruínas, mas a grande maioria não está vivendo em obediência ao Senhor. Após terem sido restaurados e finalmente estarem vivendo em verdadeira segurança, então eles olharão para o Estado atual e reconhecerão sua rebelião anterior ao Senhor.

Ezequiel 38-39 é, portanto, uma profecia clara da qual se fala: (1) do restabelecimento moderno do Estado de Israel, (2) de sua futura invasão, derrota e exílio, que é seguido por (3) sua futura e última restauração. Em quinto lugar, o povo de Israel não é meramente retratado estando no exílio entre

as nações gentílicas, mas especificamente como prisioneiro na “terra de seus inimigos” - verdadeiramente prisioneiro de guerra. Em sexto lugar, na conclusão da profecia, após o retorno final, Israel viverá em verdadeira segurança, ao contrário da falsa sensação de segurança que experimentou antes da invasão, no início da profecia. Sétimo, após esta libertação do cativo, há um reavivamento maciço e Israel se volta para o Senhor para sempre: “E a casa de Israel saberá que eu sou o Senhor seu Deus a partir daquele dia” (Ez 39:22). O Senhor derrama Seu espírito sobre eles e eles pertencem a Ele para sempre. Assim, a profecia termina descrevendo a fase redentora e final dos castigos da aliança: A última e permanente restauração.

Para resumir, antes da invasão de Gog e Magog, o povo judeu é descrito tendo retornado à terra, vivendo com uma falsa sensação de segurança. Após a invasão, porém, uma grande porcentagem do povo judeu é descrita como prisioneiros de guerra, na terra de seus inimigos, e o Messias está trazendo-os de volta à terra. Isso conclui restauração completa de Israel tanto para o Senhor como para a terra. Essa profecia foi, portanto, parcialmente cumprida com o restabelecimento do Estado moderno de Israel, mas ainda tem muito a ser cumprido.

CONCLUSÃO

Ao longo da Bíblia, há inúmeras profecias do tempo final que exigem que Israel esteja na terra. Elas descrevem as nações gentílicas invadindo Jerusalém e atacando o povo judeu antes do retorno de Jesus. Desde a época em que Israel foi exilado no primeiro e segundo séculos, até 1967, quando as Forças de Defesa de Israel assumiram o controle de Jerusalém, nenhuma dessas profecias do fim dos tempos poderia ter sido cumprida. Outras coisas muito específicas ainda devem ocorrer a fim de que várias profecias do fim dos tempos se dobrem. Por exemplo, sacrifícios no templo não podem ser

interrompidos pelo Anticristo, a menos que, primeiramente, sejam reiniciados. O templo também não pode ser desolado, a menos que seja primeiramente reconstruído. Novamente, nenhuma dessas coisas pode acontecer, a não ser que haja uma presença vibrante dos judeus de volta à terra. Neste sentido, o estado moderno de Israel é, com toda certeza, o cumprimento da profecia bíblica. No entanto, embora seja o cumprimento da profecia, como demonstramos no último capítulo, não é o seu cumprimento final que é mais frequentemente apontado em todos os profetas. O cumprimento final, como já demonstramos, só ocorrerá quando Jesus voltar.

Alguns acusaram que a visão em que o Senhor trouxe Israel de volta à terra sabendo que mais uma vez sofreria é muito anti-semita. O problema com tais acusações é que isto significaria também que Moisés, os profetas, e até o próprio Jesus são todos anti-semitas. Obviamente, ninguém faria tal acusação. Em vez de interagir com os avisos reais das Escrituras, alguns escolhem, ao invés disso, simplesmente por atacar aqueles que transmitem esses avisos. E embora seja verdade que vários grupos ou indivíduos anti-semitas têm usado várias porções da Bíblia para seus próprios fins, de forma alguma acreditar em tais coisas implica um ódio ao o povo judeu. Muito pelo contrário, Moisés, os profetas, e Jesus carregavam tanto a palavra do Senhor quanto o Seu amor por Israel. Outra acusação semelhante é que essa visão lança uma luz sádica sobre o Senhor - como se o Senhor tivesse criado Seu povo porque na verdade deseja castigá-los. Eu sugeriria que esse tipo de acusação emana de um coração perverso de acusação contra o Senhor. Israel foi trazido de volta para a terra porque o Senhor prometeu que eles seriam trazidos de volta para a terra. Hoje, Israel é um testemunho vivo para o mundo a respeito da fidelidade de Deus a Suas promessas e a Seu povo. O reagrupamento moderno e a repatriação da terra foram, sem dúvidas, realizados pela mão de Deus, de acordo com

Sua vontade. Apoiar o estado moderno de Israel e estar com o povo judeu hoje é justo, correto e santo.

Imagine se alguém acusasse um marido de engravidar sua esposa simplesmente porque ele é um sádico que só queria que ela sofresse as dores do parto. Seria preciso ser bastante perturbado para fazer uma acusação tão ridícula. Assim é a acusação de que o Senhor trouxe seu povo de volta a Israel apenas para sofrer, igualmente grosseira. Sim, há dores de parto chegando. Desse fato, as Escrituras são claras. Ignorá-las ou negá-las é juntar-se aos falsos profetas de outrora, prometendo paz perpétua e dando falso conforto. Os cristãos líderes hoje deveriam estar preparando seu povo para estar com Israel, tanto agora quanto nos dias difíceis que se seguirão. Simplesmente porque há dores de parto chegando, não devemos evitar a gravidez. Celebramos a gravidez, porque ela é sagrada. Celebramos e apoiamos o estado moderno de Israel. Ninguém anseia pelas dores de parto; elas são uma parte infeliz e natural do processo de qualquer nascimento. A mesma deveria ser nossa atitude em relação a Israel hoje. Nós apoiamos o que o Senhor já fez e está fazendo agora. Oramos pelo avivamento entre o povo judeu agora. Apoiamos os ministérios que abençoam Israel e apoiam o trabalho evangélico entre o povo judeu. Celebramos o crescimento do movimento judaico messiânico. No entanto, por mais maravilhosas que sejam todas essas coisas, ainda desejamos a plenitude; desejamos o nascimento. Esperamos ansiosamente pela redenção final; a restauração do reino de Israel que só virá depois do retorno do Rei.

GRAÇA NO DESERTO

Neste capítulo, começaremos a discutir alguns temas muito importantes e detalhes fascinantes sobre onde esta grande salvação nacional irá acontecer. Como já vimos, a salvação e o reagrupamento de Israel para suas terras será precedido pelos castigos da aliança de Moisés. Isso inclui várias calamidades nacionais, seguidas por invasão, e por muitos dos habitantes da terra sendo mortos, tomados como prisioneiros ou fugindo dela. Então, daquele lugar de terem sido quebrados, eles voltarão coletivamente para YHVH. Ele derramará seu Espírito sobre eles e os salvará. Essa restauração final acontecerá principalmente no deserto ao leste e ao sul de Israel. Eu digo *principalmente* porque o testemunho bíblico sobre esse assunto é, na verdade, bastante complexo. Como nós veremos, as Escrituras falam de uma variedade de cenários que demandam certo trabalho para se sintetizar.

Mesmo em épocas de normalidade, a vida é frequentemente caótica, mas durante os três anos e meio dos “problemas de Jacó”, a vida em Israel será tudo, menos normal. As Escrituras ensinam que ela vai se encontrar no centro de uma vasta invasão multinacional (Dn 11:21-45; Ez 38-39; Zc 12-14). Pense em como foi a vida do povo da Síria durante o período que se seguiu à revolução de 2011. Um país

de cerca de 22 milhões de pessoas viu mais de 6 milhões de refugiados internos, 5 milhões fugiram como refugiados e cerca de um milhão de pessoas morreram. Podemos razoavelmente supor que a situação em Israel será muito mais caótica. Quando consideramos a ampla gama de afirmações ao longo das Escrituras a respeito desse tempo, podemos razoavelmente concluir que não há um cenário único que se aplicará a cada habitante da terra. A profecia de Zacarias 13 e 14, por exemplo, fala do povo de Israel passando por uma variedade de circunstâncias horríveis durante esse período. Em primeiro lugar, o profeta faz a impensável declaração a seguir: “E acontecerá em toda a terra, diz o Senhor, que as duas partes dela serão extirpadas, e expirarão; mas a terceira parte restará nela” (Zc 13:8). Depois de observar que apenas um terço sobreviverá, Zacarias afirma então que metade dos habitantes de Jerusalém será exilada, enquanto a outra metade permanecerá na cidade (14:2). Em seguida, apenas alguns versos depois, diz que após de um grande terremoto, aqueles que permaneceram na cidade fugirão como refugiados (v. 5). O livro de Apocalipse diz até que, durante este tempo, um terço dos habitantes da terra será morto (Ap 8:1-13; 9:15). Assim, as Escrituras descrevem o caos dos últimos dias, afetando ambos, Israel e o mundo, de várias maneiras muito diferentes.

QUANTIFICANDO OS PROBLEMAS DE JACÓ?

Antes de seguir em frente, é importante retornar e expandir nossa discussão a respeito da profecia de Zacarias sobre dois terços na terra que estão sendo “cortados” e apenas um terço sobrevivendo. Obviamente esta é uma profecia muito específica e solene. Será que isto realmente fala do futuro de Israel? É importante notar que, enquanto muitos grandes estudiosos insistem que sim, muitos outros grandes estudiosos insistem que não. Vamos considerar apenas alguns.

- John F. Walvoord, ex-presidente da Seminário Teológico Dallas, diz de forma bastante dogmática: “Esta profecia será cumprida na Grande Tribulação quando dois em cada três dos judeus na terra, tentando fugir de seu perseguidor, o futuro líder mundial, perecerá, e apenas um terço escapará e estará à espera de Cristo quando Ele vier”;¹
- Arnold Fruchtenbaum, de forma semelhante, afirma: “Isto será cumprido durante a Grande Tribulação, quando Israel vai sofrer tremenda perseguição [...] e dois terços do povo judeu será morto”;²
- Kenneth L. Barker em seu Comentário Bíblico diz: “Enquanto o que aconteceu em 70 DC nas mãos dos romanos pode ter sido uma etapa inicial no cumprimento progressivo da profecia, a etapa final e completa é ainda futura, pois Israel como um todo não está no relacionamento adequado de aliança com Deus descrito no v. 9”.³

Seguindo a linha de Walvoord, Fruchtenbaum, e Barker, a maioria dos dispensacionalistas, particularmente os dispensacionalistas clássicos, também manteriam este ponto de vista.

- J. Barton Payne, por outro lado, em sua clássica Enciclopédia da Profecia Bíblica, argumenta que esta passagem foi cumprida na “sobrevivência do Israel segundo a carne 70 D.C.”;⁴
- Barry Webb, no comentário bíblico *The Bible Speaks Today* argumenta contra uma futura aplicação ao estado de Israel, dizendo: “O significado preciso dos dois terços e um terço do v. 8 não está claro. No mínimo, ele fala de grande sofrimento e dispersão. Em

vista da citação do v. 7 de Jesus em Mateus 26:31 e Marcos 14:27, v. 8 deve provavelmente ser visto como tendo seu cumprimento na perseguição e dispersão da igreja primitiva (Atos 8:1; 11:19);⁵

- F. Duane Lindsey vê a profecia como tendo ambos, um cumprimento histórico e futuro: “Assim como o Discurso do Monte das Oliveiras (Mateus 24-25; Marcos 13; Lucas 21) apresenta profecias telescópicas da dispersão da nação judaica cumpridas em 70 d.C com aquelas a serem cumpridas na última metade do período da futura Tribulação, então aqui Zacarias combina em um só foco os mesmos dois períodos de dispersão da nação judaica. Assim, Zacarias 13:8-9 provavelmente verá seu cumprimento final e completo na dispersão de Israel na Tribulação (cf. Ap 12:6; 13-17). Naquela época, dois terços da nação judaica será derrubado e perecerá, mas o remanescente sobrevivente será restaurado, pelo menos em sua maior parte, a seu relacionamento de aliança com o Senhor”.⁶

Talvez o problema mais significativo com a abertura das porções deste oráculo que fala de tribulação a partir de referências positivas subsequentes a uma “fonte” de salvação nacional sendo aberta para Israel (Zc 13:1), é que eles estão fundamentalmente interligados dentro do texto. O fogo do sofrimento descrito nos versos 8 e 9 é especificamente o que produz a restauração da relação de aliança com o Senhor nos mesmos versículos. Dito isto, embora a leitura mais natural desta profecia no contexto pareça apontar para um cumprimento futuro, não devemos ser dogmáticos. Embora eu tendesse a concordar com a interpretação dos dispensacionalistas mencionados acima, eu também encorajaria uma tremenda cautela. À luz da natureza profundamente dolorosa e sensível

do assunto da profecia, todos nós deveríamos abordá-la com tremor. O objetivo da profecia não é quantificar o sofrimento futuro de Israel. É para proporcionar conforto, a fim de que, não importe quão catastróficas sejam as perdas, um remanescente sobreviva de fato. Israel será salvo. Por outro lado, para aqueles que procuram ignorar completamente essa profecia, isto simplesmente não é uma opção. É imperativo reconhecer que há de fato uma tempestade chegando. Isso é indiscutível. O que é absolutamente inegociável, no entanto, é que os cristãos devem decidir-se agora a ficar com Israel em plena solidariedade tanto hoje como durante os próximos dias de fogo e grande provação.

Como discutiremos a seguir, várias profecias muito importantes ensinam que uma grande parte do povo de Israel escapará e encontrará um lugar de refúgio no deserto durante este tempo. Então, depois de Jesus voltar, Ele os trará de volta de lá para a terra. Finalmente, ele os levará de volta à terra, depois de trazer com segurança muitos dos exilados e prisioneiros de volta para casa à terra prometida, então o Senhor também reunirá outros que permanecem espalhados pelo mundo. Então por que o Senhor trará muitos de Seu povo especificamente para o deserto? Primeiro, vamos discutir as razões espirituais e simbólicas.

O DESERTO SELVAGEM

Na maioria das Bíblias em inglês, a palavra hebraica *midbar* é traduzida como “deserto”. O problema em usar essa palavra, no entanto, é que ela tende a evocar pensamentos de uma floresta de árvores. No mundo bíblico, porém, aponta para um deserto solitário, desolado, árido e distante do conforto das cidades e vilarejos habitados. As duras características físicas do deserto realmente definem seu significado simbólico através das Escrituras. O deserto não desempenha apenas um papel central na narrativa do Êxodo, ele continua a desempenhar

um papel importante em todo o restante das Escrituras. Esse mundo hostil, que pairava sobre os lados leste e sul de Israel, foi profundamente impresso na antiga mente judaica. As Escrituras retratam o deserto como o lugar onde se deve aprender a confiar somente em Deus. Sobreviver no deserto exige verdadeiramente a graça de Deus. Como vimos no capítulo 11 deste livro, o deserto é onde o Senhor forneceu a Israel o maná, a codorniz, a água e a proteção. A provisão milagrosa do Senhor para Israel foi tão grande que durante quarenta anos suas roupas nunca se desgastaram (Dt 29:5). Sem Sua mão compassiva, sustentadora e salvadora, Israel teria perecido no deserto.

Porque o deserto é um lugar onde YHVH sustenta seu povo, ele também se torna um lugar de refúgio e santuário em tempos de grande perigo. Quando o rei Davi foi ameaçado por seus inimigos, ele e seus apoiadores fugiram para o deserto (1Sm 23:14). Elias fugiu de Jezabel e Acabe para o deserto onde foi miraculosamente alimentado por corvos (1Rs 17:4-6). Por ser tão hostil à vida humana, deserto foi na maioria das vezes evitado. Jó referia-se a ele como um terreno baldio onde ninguém vive (Jó 38:26-27). O deserto ou endureceu ou quebrou aqueles que lá moravam. As condições durante o Êxodo eram tão provadoras, de fato, que os israelitas realmente expressaram sua preferência por voltar ao Egito para sofrer como escravos em vez de permanecerem no deserto (Ex 14:12). O deserto é o lugar onde o Senhor testa, castiga e amadurece Seu povo. É também um lugar de arrependimento. O Senhor declarou a Israel que Ele os conduziu ao deserto por quarenta anos, “para que Ele pudesse humilhar-vos, testando-vos, para saber o que estava em vosso coração” (Dt 8:2). O deserto é, frequentemente, o campo de treinamento para um verdadeiro discipulado e espiritualidade. Assim, João Batista viveu no deserto e pregou a mensagem de arrependimento (Mt 3:1-4). Até Jesus entrou no deserto para enfrentar a tentação do diabo (Mt 4:1).

O deserto é também o lugar do encontro. Muitos grandes homens de Deus foram para o deserto para encontrar o Senhor. Foi no deserto onde Moisés encontrou a sarça ardente (Ex 3). Foi especificamente no Monte Sinai onde Israel encontrou YHVH na teofania mais poderosa de toda a história redentora (Ex 19 e 20). Foi também no Monte Sinai onde Elias teve seu encontro mais poderoso com o Senhor (1Rs 19:10-18). Finalmente, pode-se argumentar que Paulo, o apóstolo, viajou ao Monte Sinai para encontrar o Senhor logo após sua conversão para aprender do Senhor e receber “seu evangelho” (Gl 1:17; 4:25; 2 Tm 2:8).⁷

É por essas e outras razões que o Senhor conduzirá muitos do remanescente de Israel de volta ao deserto nos últimos dias. Lá, eles fugirão e encontrarão um lugar de refúgio. Lá, eles descobrirão mais uma vez a milagrosa provisão e proteção do Senhor. Lá, eles encontrarão mais uma vez YHVH o Deus de sua salvação. Lá, eles experimentarão o arrependimento necessário para sua restauração final e definitiva. Onde, afinal, as Escrituras ensinam isto?

ENCONTRANDO GRAÇA NO DESERTO

Em Jeremias 30, o profeta aponta claramente para o deserto do Êxodo como o lugar onde a restauração final de Israel começará. Depois de sua terrível profecia a respeito do tempo sem precedentes de tribulação de Israel nos últimos dias, Jeremias declarou que os sobreviventes de Israel encontrarão um lugar de refúgio no deserto:

Naquele tempo, diz o SENHOR, serei o Deus de todas as famílias de Israel, e elas serão o meu povo. Assim diz o Senhor: O povo dos que escaparam da espada achou graça no deserto. Israel mesmo, quando eu o fizer descansar. (JEREMIAS 31:1-2)

A declaração inicial sobre todas as famílias de Israel tornando-se O povo de Deus se refere à restauração definitiva de todas as doze tribos, tanto do reino do norte como do sul, em um único povo unido. Então, Jeremias afirma que aqueles que sobreviveram e escaparam dos exércitos invasores do Anticristo encontrarão graça no deserto. O contexto de quando isso acontecerá é de quando Jesus voltar:

Há muito que o Senhor me apareceu, dizendo: Porquanto com amor eterno te amei, por isso com benignidade te atraí. (JEREMIAS 31:3)

O próprio Senhor aparecerá pessoalmente para aqueles que estão no deserto. Cerca de cem anos antes, Isaías havia dito essencialmente a mesma coisa:

Porque os palácios serão abandonados, a multidão da cidade cessará [...] Até que se derrame sobre nós o espírito lá do alto; então o deserto se tornará em campo fértil, e o campo fértil será reputado por um bosque. (ISAÍAS 32: 14a,15)

Isaías diz que depois que o Espírito é derramado sobre Israel, então todas as coisas serão renovadas. O deserto se tornará como um campo exuberante, e As cidades anteriormente desoladas de Israel serão restauradas. Mais um século depois, o profeta Zacarias também descreveria esta época:

Mas sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem traspassaram; e prantearão sobre ele, como quem pranteia pelo filho unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito. (ZACARIAS 12:10)

Zacarias descreve Israel vendo Aquele que “traspassaram” quando Ele vier, e como resultado receberá o Espírito de graça e arrependimento. Jeremias e Zacarias descrevem, ambos, exatamente o mesmo evento. Os sobreviventes de Israel que fugiram para o deserto (1) verão o Senhor e (2) receberão a graça. Mais tarde, no livro de Apocalipse, esse exato tema é repetido. Discutiremos isso abaixo.

QUANDO JESUS É REI

Após a descrição de Jeremias de Israel recebendo graça no deserto, então o Senhor promete reconstruir Israel, abençoar suas plantações e encher o povo de uma grande alegria:

Ainda te edificarei, e serás edificada, ó virgem de Israel!
Ainda serás adornada com os teus tamboris, e sairás nas danças dos que se alegram. Ainda plantarás vinhas nos montes de Samaria; os plantadores as plantarão e comerão como coisas comuns. (JEREMIAS 31:4-5)

A gloriosa restauração não acontece, é claro, até que o povo tenha sido trazido de volta à sua terra. Este é, então, o reinado milenar de Jesus.

O REAGRUPAMENTO GLOBAL

Depois de Jesus ter sido estabelecido como Rei em Israel, então Ele continuará seu projeto de trazer de volta todos os que foram dispersos em toda a terra:

Eis que os trarei da terra do norte, e os congregarei das extremidades da terra; entre os quais haverá cegos e aleijados, grávidas e as de parto juntamente; em grande congregação voltarão para aqui. Virão com choro, e com súplicas os levarei; guiá-los-ei aos ribeiros de

águas, por caminho direito, no qual não tropeçarão, porque sou um pai para Israel, e Efraim é o meu primogênito. Ouvi a palavra do Senhor, ó nações, e anunciai-a nas ilhas longínquas, e dizei: Aquele que espalhou a Israel o congregará e o guardará, como o pastor ao seu rebanho. Porque o Senhor resgatou a Jacó, e o livrou da mão do que era mais forte do que ele. Assim que virão, e exultarão no alto de Sião. (JEREMIAS 31:8-11)

Após a libertação inicial do remanescente no deserto, Jesus então trará o remanescente sobrevivente de Seu povo de todo o mundo de volta a Sião. Várias passagens dos profetas descrevem esse reagrupamento maior por todo o mundo (Os 11:10; Is 11:12; 43:5-7; 49:12; 60:4; Jr 3:18; 16:15; 23:8; 31:8; Zc 2:6; 10:6-12). Os antigos exilados são descritos como cheios de emoção ao voltarem a Sião, chorando enquanto eles vão. Na chegada, porém, suas lágrimas serão substituídas com gritos de alegria incontrolláveis. Como veremos, as Escrituras na verdade falam de duas frases distintas para o reagrupamento de Israel. A primeira fase verá aqueles que fugiram especificamente para o deserto trazidos pessoalmente pelo próprio Messias. A segunda fase da restauração de Israel acontecerá depois que Jesus chegar a Sião e verá os exilados retornarem de todo o mundo.

SOBRE ASAS DE ÁGUAS

O conceito do retorno de Israel ao deserto do Êxodo nos últimos dias também é claramente ensinado no Novo Testamento. No livro de Apocalipse, lemos sobre uma mulher, descrita como “vestida” com o sol, com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas em sua cabeça (12:1). Walvoord observa com precisão: “A mulher simbolizava Israel, como indicado por Gênesis 37:9-11, onde o sol e a lua se referiam a Jacó e Raquel, pais de José. As estrelas na coroa da mu-

lher relacionavam-se claramente com os doze filhos de Jacó e identificavam a mulher como Israel”.⁸ A visão descreve a mulher que está grávida e perto de dar à luz uma criança do sexo masculino (v. 2). Então, aparece um grande dragão vermelho, procurando devorar a criança assim que ela nasce (vv. 3, 4). A criança é liberta dos planos do dragão, no entanto, como Ele é arrebatado ao céu (v. 5). A criança, naturalmente, representa Jesus, o Messias, “que irá governar todas as nações com uma vara de ferro” (v. 5), enquanto o dragão representa o diabo. Então, o conceito de Israel fugindo para o deserto nos últimos dias é declarado sem rodeios:

E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias. (APOCALIPSE 12:6)

Praticamente todos os comentaristas reconhecem o contexto do Êxodo explícito aqui.⁹ Em seu sermão sobre exatamente este período de tempo, Jesus advertiu que quando o povo vir os exércitos do Anticristo se aproximando de Jerusalém para trazer desolação, “então aqueles que estão na Judéia devem fugir para as montanhas” (Mt 24:16-21; Mc 13:14-22; Lc 21:20-24). O chamado de Jesus para fugir para as montanhas e a visão de Israel fugindo para o deserto certamente parecem se referir ao mesmo evento. As montanhas e o deserto são ambas áreas silvestres, e os dois termos podem ser usados corretamente para descrever a natureza selvagem do Êxodo.¹⁰

O tema de Israel fugindo para o deserto por três anos e meio é repetido novamente alguns versos depois: “E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente.” (Ap 12:14). O fato de ela receber asas de águia é

mais uma alusão clara ao primeiro Êxodo: “Vocês mesmos viram o que eu fiz com o egípcios, e como vos aborreci nas asas das águias, e vos trouxe a Mim mesmo” (Ex 19:4; cf. Dt 32:11-14). Lá, no deserto, ela será alimentada e cuidada pelo Senhor. Como Ele declarou em Oséias, lá Ele falará gentilmente com ela. É lá que Ele se revelará mais uma vez como o Deus carinhoso e compassivo que foi adiante deles durante o primeiro Êxodo.

A ALIANÇA DE CASAMENTO RENOVADA

A renovação da aliança de casamento de Israel com o Senhor é central para sua restauração final. Como discutimos na Parte 1, a aliança no Monte Sinai foi de fato um noivado ou aliança de casamento. Neste capítulo, discutiremos a renovação e consumação da aliança de casamento no últimos dias. Embora seja de fato uma “renovação”, é também um uma aliança inteiramente nova. Fruchtenbaum afirma: “O que é frequentemente conhecido como a Nova Aliança é em muitos aspectos, um novo contrato matrimonial que Deus fará com as duas casas de Israel e Judá”.¹ O primeiro dos profetas que aborda esse tema é Oséias. Como veremos, a profecia de Oséias une muitos outros temas que já examinamos. Ao longo de Oséias, a graça de Deus emerge vividamente, com poder impressionante. Os planos redentores de longo prazo do Senhor para Israel, Sua noiva, são descritos com profunda pungência.

A PROFECIA DE OSÉIAS

A história de vida e o comissionamento divino de Oséias, o profeta, é chocante. Apesar da dor e humilhação que isto causaria a ele, o Senhor ordenou a Oséias que se casasse, amasse e tivesse filhos com uma prostituta. “Vai, toma uma mulher de prostituições, e filhos de prostituição; porque a

terra certamente se prostitui, desviando-se do Senhor” (Os 1:2). Tudo isso foi para servir como uma lição profética objetiva, demonstrando a natureza da infidelidade de Israel e o amor infalível de Deus: “E o SENHOR me disse: Vai outra vez, ama uma mulher [...] adúltera, como o SENHOR ama os filhos de Israel, embora eles olhem para outros deuses” (Os 3:1). Ao longo da profecia, o Senhor repreende Israel por sua apostasia, mas também prevê sua restauração definitiva. No primeiro capítulo, o Senhor novamente indica especificamente onde essa restauração final ocorrerá:

... e acontecerá que no lugar onde se lhes dizia: Vós não sois meu povo, se lhes dirá: Vós sois filhos do Deus vivo. E os filhos de Judá e os filhos de Israel juntos se congregarão, e constituirão sobre si uma só cabeça, e subirão da terra; porque grande será o dia de Jizreel. (OSÉIAS 1:10-11)

No mesmo lugar onde foi dito que Israel não é mais o povo de Deus, lá, eles serão restauradas. A restauração diz respeito a todos de Israel e Judá, não apenas o reino do norte.² A localização onde Israel será mais uma vez restaurado a YHVH é onde a aliança foi quebrada pela primeira vez. Foi aqui que ocorreu o incidente do bezerro de ouro e é também onde Jesus, o Messias, aparecerá a eles e os conduzirá de volta à terra. Como Francis I. Andersen e David Noel Freedman declaram em *Comentário Bíblico de Yale Anchor*: “Como Moisés conduziu as tribos unidas para escapar da escravidão, assim um ‘único líder’ conduzirá a nação reunida, tanto Judá como Israel, para fora da destruição para a qual Yavé os lançou”.³ Em Oséias 3:5, o mesmo tema é repetido, deixando claro que o “líder” é o Messias: “Depois tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao Senhor seu Deus, e a Davi, seu rei; e temerão ao Senhor, e à sua bondade, no fim dos dias”.

Assim também Ezequiel reitera precisamente o mesmo tema de todo Israel reunido sob um só Rei e sendo restaurado em suas terras:

Dize-lhes pois: Assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu tomarei os filhos de Israel dentre os gentios, para onde eles foram, e os congregarei de todas as partes, e os levarei à sua terra. E deles farei uma nação na terra, nos montes de Israel, e um rei será rei de todos eles, e nunca mais serão duas nações; nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos. E nunca mais se contaminarão com os seus ídolos, nem com as suas abominações, nem com as suas transgressões, e os livrarei de todas as suas habitações, em que pecaram, e os purificarei. Assim eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. (EZEQUIEL 37:21-23)

A declaração de Oséias sobre Israel “subindo da terra” tem duplo significado. Primeiro, refere-se a Israel vindo do Egito e retornando às suas terras. Como observa Duane Garrett nas notas do *The New American Commentary*: “Implica que Oséias esteja falando de um retorno do exílio em um novo Êxodo e essa é de fato a maneira como muitos estudiosos entendem isso”.⁴ Andersen e Freedman, no entanto, também vêem um duplo significado: “Sugerimos que a declaração “e eles surgirão da terra” tem dois sentidos, um histórico (o Êxodo), outro escatológico (ressurreição)”.⁵ Eu diria que a linguagem relativa ao Êxodo e à Ressurreição são ambas escatológicas. Ambos acontecerão no futuro. A ressurreição dos mortos e a de Israel no segundo Êxodo - reagrupamento de volta à terra ambos coincidem com o retorno do Messias. Essa também é, precisamente, a dupla ênfase de Ezequiel 37 que acabamos de citar.

Dentro dos nomes dos filhos de Oséias, o Senhor codifica Sua mensagem profética para Israel. Primeiro, ele instrui Oséias a nomear sua primeiro filho Jezreel, que significa “Deus

semeia”. As duas crianças seguintes são chamados Lo-ruhamah (“Não amado”) e Lo-ammi (“Não meu povo”). A inferência profética é que, embora o Senhor tenha temporariamente rejeitado Seu povo (eles não são mais amados e não mais povo), eles serão restaurados e semeados na terra, e lá eles criarão raízes, para sempre. Como uma semente que é semeada no solo (Jezreel), eles brotarão mais uma vez do solo da terra através da ressurreição e restauração. Assim, as duas declarações finais - Israel a subindo da terra e o dia de Jezreel - estão totalmente conectados. Não podemos deixar de nos lembrar da declaração de Jesus a respeito de Sua própria morte e ressurreição: “Em verdade, em verdade, eu lhes digo, a menos que um grão de trigo caia na terra e morra, permanece sozinho; mas se morre, dá muito fruto” (Jo 12:24). Da mesma forma, além de Israel experimentar as dores profundas e o “enterro” do castigo da aliança, ela não poderia experimentar uma renovação e ressurreição tão grandes (cf. Am 9:15).

“ATRAINDO” ISRAEL DE VOLTA AO DESERTO

À medida que a profecia de Oséias continua, muitos dos mesmos temas são repetidos. Mais uma vez, o Senhor repreende Israel: “Castigá-la-ei pelos dias dos Baalins, nos quais lhes queimou incenso[...] mas de mim se esqueceu, diz o SENHOR” (2:13). Então, o Senhor faz a seguinte declaração profunda: “Portanto, eis que eu a atrairei, e a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração” (v. 14). Em vez de se dirigir a Israel com raiva, o tom do Senhor muda visivelmente. YHVH descreve-se gentilmente atraindo Israel para o deserto, onde Ele falará diretamente ao seu coração. “E lhe darei as suas vinhas dali, e o vale de Acor, por porta de esperança; e ali cantará, como nos dias de sua mocidade, e como no dia em que subiu da terra do Egito” (v.15). O vale de Acor refere-se a um lugar de sofrimento. Assim, durante este tempo de tão tremendo sofrimento, Israel encontrará uma tremenda

esperança. Na verdade, a referência a Israel cantando como nos dias de sua juventude, quando ela saiu do Egito, está essencialmente dizendo que, naqueles dias, Israel cantará com o entusiasmo que cantava quando era recém-casada. Em qual deserto o Senhor conduzirá Israel? Keil e Delitzsch: “O deserto para onde o Senhor conduzirá Seu povo não pode ser outro se não o deserto da Arábia”.⁶ Lá no deserto do Sinai, onde o pacto matrimonial foi feito pela primeira vez, o Senhor restaurará Sua noiva para Si mesmo. Assim, o Senhor restaurará a Sua noiva: “E acontecerá naquele dia’, declara o Senhor, ‘Que me chamareis Ishi (Marido) e não me chamareis mais Baali (Mestre)’” (v. 16). A cerimônia de noivado que foi feita no Monte Sinai será restaurada, para nunca mais ser quebrada novamente: “E desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias. E desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao Senhor (vv. 19, 20). Retornando ao tema do Senhor plantando Israel permanentemente de volta à sua terra, o versículo 23 continua: “E semeá-la-ei para mim na terra, e compadecer-me-ei dela que não obteve misericórdia; e eu direi àquele que não era meu povo: Tu és meu povo; e ele dirá: Tu és meu Deus!”. Dentro desse verso encontram-se os nomes de todos os três filhos de Oséias. O objetivo final da aliança será, portanto, completo.

VINDE, VOLTEMOS AO SENHOR

Em uma das mais belas canções das Escrituras, Oséias 6 capta a resposta de Israel ao Senhor depois de suportar as dores do castigo da aliança:

Vinde, e tornemos ao SENHOR, porque ele despedaçou, e nos sarará; feriu, e nos atará a ferida. Depois de dois dias nos dará a vida; ao terceiro dia nos ressuscita-

rá, e viveremos diante dele. Então conheçamos, e prosigamos em conhecer ao Senhor; a sua saída, como a alva, é certa; e ele a nós virá como a chuva, como chuva serôdia que rega a terra.(OSÉIAS 6:1-3)

A referência ao Senhor despedaçando, mas a curando é extraída diretamente da Canção de Moisés. Lá lemos que depois que Israel chega ao fim de sua força, o Senhor lhes dirá: “eu mato, e eu faço viver; eu firo, e eu saro” (Dt 32:39; cf. Os 5:14). O restante da confissão de Israel afirma sua confiança de que, tão certo como o sol nasce a cada dia, assim também o Messias prometido chegará na hora marcada.

A RENOVAÇÃO DO CASAMENTO DE ISRAEL EM ISAÍAS

Se Oséias fosse o único profeta a falar desse belo tema, então ele poderia ser visto apenas como um profeta menor dentro da história maior da redenção. A realidade, no entanto, é que a renovação dos últimos dias da aliança matrimonial do Senhor com Israel é defendida por outros profetas depois de Oséias e é um tema proeminente dentro da visão judaica do futuro. Isaías, o grande poeta-profeta, discorreu bastante a respeito dessas coisas. Ao longo da profecia de Isaías, Israel é poeticamente personificada como a mulher Sião ou Jerusalém. Isaías 54 começa com o Senhor falando a Israel, que em seu tempo de castigo e exílio é comparado a uma esposa abandonada: sem filhos, desonrada e sozinha (v. 1). Apesar de suas circunstâncias passadas, ela é encorajada a se preparar para o crescimento significativo de sua família (vv. 2, 3). Uma completa reviravolta de suas circunstâncias, uma grande restauração, está chegando. Quando isso acontecer, ela nunca mais terá nada a temer. Suas condições anteriores serão quase esquecidas. Como comenta Motyer, “Desde a primavera da juventude até as tristezas que a vida guarda, tudo está sob a categoria de coisas passadas e esquecidas, fora

da vista e da mente, a história e a memória, ambas limpas”.⁷ Por que esta época de grande restauração está chegando? A razão é dada:

Porque o teu Criador é o teu marido; o Senhor dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; que é chamado o Deus de toda a terra. Porque o Senhor te chamou como a mulher desamparada e triste de espírito; como a mulher da mocidade, que fora desprezada, diz o teu Deus: Por um breve momento te deixei, mas com grandes misericórdias te recolherei; Com um pouco de ira escondi a minha face de ti por um momento; mas com benignidade eterna me compadecerei de ti, diz o Senhor, o teu Redentor. (ISAÍAS 54:5-8)

Primeiro, o Senhor se declara como marido de Israel. Embora seus pecados tenham resultado em seu castigo, exílio e afastamento de seu marido (50:1), a restauração está chegando. Essa renovação, entretanto, não é por causa da bondade dela; ao contrário, em Sua grande compaixão e bondade amorosa, Ele a levará de volta. O uso de “benignidade” (hebraico: *hesed*) visa claramente apontar para a declaração do Senhor a respeito de Sua própria natureza no Monte Sinai. Ali, no mesmo lugar onde a aliança matrimonial foi executada pela primeira vez, YHVH se descreveu como “o Senhor Deus, compassivo e gracioso, tardio em irar-se, e abundante em benignidade (*hesed*) e verdade; que mantém benignidade para milhares, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado” (Ex 34:6). A restauração de Israel ao seu marido será permanente, e Seu compromisso amoroso com ela nunca terá fim.

Em Isaías 62, o profeta volta ao tema da restauração do casamento. Como comenta Martin, “Grande parte deste capítulo fala da preparação para a vinda do Senhor e para a restauração de Seu povo”.⁸ A passagem começa com a famosa

promessa intercessória de que, até Israel estar totalmente restabelecido, Isaías clamaria incessantemente ao Senhor:

Por amor de Sião não me calarei, e por amor de Jerusalém não me quietarei, até que saia a sua justiça como um resplendor, e a sua salvação como uma tocha acesa. (ISAÍAS 62:1)

Isaías orava, e continuava a orar, até que a salvação de Israel irradiasse de Jerusalém como um esplendor gigantesco. Ele olha para a frente, para esses dias de ouro, quando:

E os gentios verão a tua justiça, e todos os reis a tua glória; e chamar-te-ão por um nome novo, que a boca do Senhor designará. E serás uma coroa de glória na mão do Senhor, e um diadema real na mão do teu Deus. Nunca mais te chamarão: Desamparada, nem a tua terra se denominará jamais: Assolada; mas chamar-te-ão: O meu prazer está nela, e à tua terra: A casada; porque o Senhor se agrada de ti, e a tua terra se casará. (ISAÍAS 62:2-4)

Durante esses dias, Israel não terá mais vergonha; em vez disso, os habitantes do mundo serão testemunhas de sua exaltação e glorificação. No mundo ocidental moderno, a maioria das mulheres casadas toma o sobrenome de seu marido. Na época de sua restauração, Israel também receberá dois novos nomes. Um é Hephzibah e o outro é Beulah. Ambos os nomes apontam para seu novo e permanente status como a noiva do Senhor, Sua amada. A metáfora aponta diretamente para a relação especial de aliança estabelecida no Monte Sinai. Como uma rainha, ela usará uma coroa real ou coroa de flores. Como uma jóia preciosa, ela será carregada na mão do próprio YHVH. Para enfatizar isso de forma ainda mais profunda, o profeta continua:

Porque, como o jovem se casa com a virgem, assim teus filhos se casarão contigo; e como o noivo se alegra da noiva, assim se alegrará de ti o teu Deus. (ISAÍAS 62:5)

Gary Smith resume a natureza conclusiva do verso 5:

A alegria e o entusiasmo dos recém-casados rodearão este evento, pois o próprio Deus se regozijará em finalmente realizar o plano que ele definiu há tantos anos. No final, a transformação milagrosa do povo de Deus trará de volta a alegria e o deleite que sempre deveriam ter caracterizado a relação entre Deus e seu povo escolhido.⁹

A RENOVAÇÃO DO CASAMENTO DE ISRAEL EM JEREMIAS

No capítulo 13, quando discutimos a salvação de Israel nos últimos dias, examinamos a importantíssima passagem de Jeremias 31. Este capítulo não apenas tem muito a dizer sobre a futura restauração de Israel, com é também uma das principais passagens proféticas do Antigo Testamento que fala da nova aliança (cf. Is 59:19-21; Ez 36:23-31). O que não detalhamos ali é que sua referência à futura nova aliança está diretamente ligada à aliança matrimonial feita no Monte Sinai:

Eis que dias vêm, diz o Senhor, em que farei uma aliança nova com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porque eles invalidaram a minha aliança apesar de eu os haver desposado, diz o Senhor. (JEREMIAS 31:31-32)

Assim, Jeremias também fala da aliança do Sinai como uma aliança de casamento e de YHVH como marido de Israel. Uma linguagem similar é usada em todo Jeremias 2-3.

O que há de tão importante nessa passagem é que Jeremias apresenta a nova aliança como uma renovação da aliança matrimonial feita no Monte Sinai. Por outro lado, a nova aliança é uma aliança inteiramente nova, superior à original, feita no Monte Sinai. Ela é melhor porque disponibiliza o Santo Espírito, através do qual Israel terá o poder de permanecer fiel ao Senhor para sempre: “Mas esta é a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (Jeremias 31:33).

A RENOVAÇÃO DO CASAMENTO DE ISRAEL EM EZEQUIEL

No capítulo 12, discutimos a agonizante passagem de Ezequiel 16. Ali, o Senhor descreve encontrar Israel como um bebê, descartado à beira da estrada. Ele a recolhe, lava, cuida dela, e a protege, e a eleva. Por fim, quando está crescida, Ele entra em aliança com ela e se casa com ela. Como resultado da infidelidade de Israel, o Senhor promete puni-la e julgá-la da maneira mais dura que se possa imaginar. Os julgamentos castigadores do Senhor, entretanto, produzirão seus efeitos pretendidos e Israel despertará para a profundidade de seus pecados. A passagem termina da maneira mais absolutamente deslumbrante. Apesar das repetidas ofensas de Israel contra a Senhor, apesar de seu adultério em série, o Senhor declara que Ele lembra-se da aliança matrimonial que fez com sua noiva e Ele a perdoará. Poucos trechos das Escrituras capturam o coração complacente do Senhor para com Israel de forma tão pungente quanto os versos finais de Ezequiel 16.¹⁰ Ali, o Senhor declara:

Porque eu estabelecerei a minha aliança contigo, e sabrás que eu sou o Senhor; Para que te lembres disso, e te envergonhes, e nunca mais abras a tua boca, por causa da

tua vergonha, quando eu te expiar de tudo quanto fizeste,
diz o Senhor DEUS. (EZEQUIEL 16:62,63)

Apesar das repetidas ofensas de Israel, o Senhor se lembrará de Seu compromisso com Sua noiva e, no final, Ele a aceitará de volta. Ele estabelecerá uma nova aliança (a nova aliança), perdoará suas transgressões passadas e irá limpá-la para sempre.

CONCLUSÃO

Ao longo das Escrituras, o Senhor usa várias analogias para comunicar Seu relacionamento ao seu povo. Como vimos durante nossa exploração do relato do Êxodo, o Senhor retratou a si mesmo como uma águia que protege e cuida de seus filhotes. Muitas vezes em toda a Bíblia, o Senhor fala de Si mesmo como Pai e Seu povo como seus filhos. Há uma ênfase consistente nestas analogias em relacionamentos íntimos. Da mesma forma, a imagem do Senhor como Esposo e de Seu povo como noiva é um tema que se estende por toda a narrativa bíblica. É uma das mais importantes e proeminentes de todas as analogias empregadas dentro das Escrituras para transmitir a relação do Senhor com Seu povo. Usando essa imagem, de uma maneira magistralmente poética e profética, Oséias, o profeta, através de sua própria experiência de vida, apresentou-nos uma alegoria pungente e eficaz a respeito de Israel e o Senhor. Mais tarde, Isaías, Jeremias e Ezequiel também descreveriam a relação de Israel com Deus através da lente de uma aliança matrimonial. YHVH é referido como o marido de Israel, e Israel é referido como a traíçoeira esposa que um dia seria permanentemente restaurada.

Enquanto a aliança do Sinai foi moldada após uma aliança de casamento, os pecados históricos de Israel e a rejeição de Deus a levaram ao afastamento dele. O tempo de sua alienação, no entanto, irá chegar ao fim. Como descreve

Salomão, no final desta era Israel emergirá de seu longo e doloroso tempo no deserto, confiando de todo o coração no Senhor, seu marido: “Quem é esta que sobe do deserto, e vem encostada ao seu amado?” (Ct 8:5). Quando Jesus, o Messias, retornar, ao final desta era, o casamento a aliança de casamento de Israel será restaurada, para sempre e sempre. A grande história da redenção que começou em Gênesis terá chegado ao círculo completo.

O BANQUETE DE CASAMENTO

Devido ao fato de que a restauração do casamento de Israel com o Senhor acontecerá especificamente no final desta era, quando Jesus – o Messias – voltar, a primeira pergunta que muitos cristãos provavelmente irão fazer é como tudo isso se relaciona com a “ceia de casamento do Cordeiro”. A fim de responder adequadamente a essa pergunta, devemos começar por compreender primeiro passagens fundamentais do Antigo Testamento que informam o Novo Testamento sobre esses assuntos. Como poderia qualquer crente judeu bíblicamente alfabetizado do primeiro século ter compreendido essas coisas? As primeiras passagens relevantes a serem consideradas, é claro, são as que examinamos na Parte 1, bem como as do capítulo anterior a este. Ainda mais importantes, porém, são algumas passagens muito importantes em Isaías. Pois além de falar da aliança do casamento sendo renovada nos últimos dias, essas passagens em particular falam especificamente de um grande banquete de casamento em Sião que acontecerá após a chegada do Messias.

ISAÍAS 4: O CASAMENTO ESCATOLÓGICO

A primeira passagem do Antigo Testamento que aponta especificamente para um casamento no final da era é Isaías 4. Essa passagem é parte de uma descrição mais ampla do reinado

milênar do Messias, que começa em Isaías 2:1-5. Durante este tempo, Israel será exaltado acima de todas as outras nações:

... e se elevará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. E irão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor. E ele julgará entre as nações, e repreenderá a muitos povos; e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerrear. (ISAÍAS 2:2-4)

A descrição do reinado milênar continua em Isaías 4:

Naquele dia o renovo do Senhor será cheio de beleza e de glória; e o fruto da terra excelente e formoso para os que escaparem de Israel. E será que aquele que for deixado em Sião, e ficar em Jerusalém, será chamado santo; todo aquele que estiver inscrito entre os viventes em Jerusalém; Quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião, e limpar o sangue de Jerusalém, do meio dela, com o espírito de justiça, e com o espírito de ardor. (ISAÍAS 4:2-4)

O termo “Renovo do Senhor” se refere ao Messias (v. 2). Ele é o renovo ou broto que brotará do que parecia ser um toco morto - a dinastia real davídica que, aparentemente, havia morrido. Depois de voltar, Jesus se sentará no trono de Seu pai Davi e governará a terra a partir de Jerusalém (2Sm 7:10-16; Sl 2; 45:5-7; 72:8-20; 102:13-17; 110; Is 9:7). Todos os remanescentes sobreviventes de Israel serão santos, tendo sido cheios do Espírito Santo e dos benefícios do sangue da nova e melhor aliança (Hb 8:6). Observamos as

referências ao trabalho de purificação dos castigos da aliança que acontecerão durante o tempo do “problema de Jacó”, como Martin observa, que Isaías está se referindo aos judeus “que sobreviverão às dificuldades na Grande Tribulação pouco antes de o Senhor Jesus Cristo voltar para estabelecer Seu reino”¹. Assim, o momento é perfeitamente claro: é o despertar do reino messiânico. O que faz com que o que leremos nos dois próximos versos seja tão interessante e importante. Durante este tempo:

E criará o Senhor sobre todo o lugar do monte de Sião, e sobre as suas assembléias, uma nuvem de dia e uma fumaça, e um resplendor de fogo flamejante de noite; porque sobre toda a glória haverá proteção. E haverá um tabernáculo para sombra contra o calor do dia; e para refúgio e esconderijo contra a tempestade e a chuva. (ISAÍAS 4:5,6)

Embora a palavra em português aqui seja “tenda”, na verdade ela é *chuppah* em hebraico. No capítulo 7, discutimos o conceito do *chuppah* ou tenda sob a qual uma noiva e um noivo ficavam de pé durante a cerimônia de casamento bíblico². Como diz Motyer, “Tenda (*huppâ*) denota sempre a ‘câmara matrimonial’”.³ A Bíblia judaica Completa traduz esse versículo de forma muito mais clara: “Adonai criará sobre todo o local do Monte Tziyon e sobre aqueles que se reunirem ali uma nuvem fumegante durante o dia e um fogo brilhante e ardente à noite; pois a Glória estará sobre todas as coisas como um *hupah*”. Assim, no alvorecer da era messiânica, como a aliança matrimonial do Senhor com Israel é restaurada, a Glória de Deus cobrirá o Monte Sião como um *chuppah* de casamento! Talvez este abrigo de dossel permaneça até a plenitude do período milenar, como um testemunho perpétuo de sua aliança matrimonial e relacionamento

abençoado entre Deus e Seu povo. Pode-se ouvir a declaração de Deus a Israel ecoando através da história: “Eu serei seu Deus e você será meu povo” (Gn 17:7; Ex 6:7; 34:24, 28; Jr 7:23; 30:22; 31:33). Como era no Monte Sinai, assim será no Monte Sião. Mesmo que o Senhor tenha providenciado uma espessa nuvem para servir de chuppah quando a primeira aliança foi feita, então a nova aliança matrimonial verá um novo chuppah estabelecido sobre o Monte Sião em Jerusalém durante o reino messiânico.

ISAÍAS 25: O BANQUETE DE CASAMENTO

Enquanto em Isaías 4 se começa a preparar o cenário para uma festa de casamento escatológica, em Isaías 25 o profeta fala muito especificamente de um banquete de casamento real em Jerusalém. Naquele dia: “o Senhor dos Exércitos dará neste monte a todos os povos uma festa com animais gordos, uma festa de vinhos velhos, com tutanos gordos, e com vinhos velhos, bem purificados” (v. 6). É muito importante reconhecer, como Motyer corretamente afirma, que “Isaías faz referência ao banquete da aliança de Êxodo 24”.⁴ Como discutimos no capítulo 8, a fim de ratificar e selar a aliança de casamento feita no Monte Sinai, Moisés e Arão e os setenta anciãos comeram um banquete na montanha, “e eles viram Deus, e comiam e bebiam” (Ex 24:11). Como um banquete de aliança foi realizado no Monte Sinai, haverá também portanto um banquete de aliança no Monte Sião.

Durante este tempo, Isaías explica que os véus serão removidos de “todas as nações” (v. 7). Isso pode ser tanto véus da cegueira, libertando os gentios da escravidão da idolatria, como pode se referir a véus de luto, que inevitavelmente vem através do pecado e da morte deste era caída. Na verdade, todas essas coisas (cegueira, idolatria, morte e tristeza) estão muito relacionados. Como observa Martin, “isso cumprirá a promessa dada a Abraão de que todas as

nações do mundo serão abençoadas através de Israel (Gn 12:3).⁵ Em todo o mundo, a morte será “engolidada” (vv. 7, 8). Lágrimas e tristeza serão esquecidas (v. 8). A longa e trágica história de sofrimento de Israel será completamente revertida:

... e tirará o opróbrio do seu povo de toda a terra; porque o SENHOR o disse. E naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na sua salvação gozaremos e nos alegraremos. (ISAÍAS 25:8-9)

Assim, no contexto da era da salvação de Israel, quando seu relacionamento com o Senhor for curado e sua aliança matrimonial tiver sido totalmente restaurada, Deus realizará um grande banquete, um extravagante banquete de casamento em Jerusalém. É essencial notar que de forma alguma Isaías descreve o banquete nupcial como sendo exclusivamente para Israel. Em vez disso, Ele faz a declaração revolucionária de que o Senhor irá especificamente preparar um banquete de luxo “para todos os povos” (v. 6). Como comenta Motyer, em toda esta passagem “o tema da universalidade é enfatizado – todos os povos (duas vezes), todas as nações, todos os rostos, toda a terra”.⁶ Enquanto que a festa da aliança no Monte Sinai era limitada apenas a Moisés e aos anciãos representativos de Israel, no Monte Sião, o convite irá para o mundo inteiro (Mt 24:14; Ap 14:6).

RECLINANDO-SE À MESA COM ABRAÃO, ISAQUE E JACÓ

A grande festa de casamento escatológica descrita por Isaías é um tema que Jesus aborda muitas vezes ao longo de seu ministério. A primeira dessas referências é encontrada em Sua interação com um centurião romano:

E, entrando Jesus em Cafarnaum, chegou junto dele um centurião, rogando-lhe, E dizendo: Senhor, o meu criado jaz em casa, paralítico, e violentamente atormentado. E Jesus lhe disse: Eu irei, e lhe darei saúde. E o centurião, respondendo, disse: Senhor, não sou digno de que entres debaixo do meu telhado, mas dize somente uma palavra, e o meu criado há de sarar. Pois também eu sou homem sob autoridade, e tenho soldados às minhas ordens; e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem; e ao meu criado: Faze isto, e ele o faz. (MATEUS 8:5-9)

Enquanto a maioria dos centuriões romanos eram pagãos e idólatras, havia alguns que “temiam a Deus” (Atos 10:2; 13:16,26; 16:14; 17:4,17; 18:7). Os estudiosos acreditam que esses tementes a Deus adoravam YHVH e provavelmente observavam certas tradições religiosas judaicas, sem necessariamente se converterem ao judaísmo.⁷ Mateus 8 fala da interação de Jesus com um homem assim. Em vez de pedir a Jesus que se dê ao trabalho de viajar para curar seu servo, este líder militar romano expressa que uma simples palavra dos lábios de Jesus será suficiente. A este homem humilde e cheio de fé, Jesus responde:

E maravilhou-se Jesus, ouvindo isto, e disse aos que o seguiam: Em verdade vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tanta fé. Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus; E os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes. (MATEUS 8:10-12; Cf. LUCAS 13:29)

Primeiro, Jesus expressa sua alegria pela grande fé demonstrada por este gentio. Em seguida, Ele começa a expor

um dos temas mais importantes de Isaías 25. Quando chegar a era messiânica, quando o banquete do casamento for celebrado, “muitos” gentios de todo o mundo virão e “reclinar-se-ão à mesa” com os grandes patriarcas de Israel. Por outro lado, e de forma chocante, muitos “filhos do reino” judeus serão excluídos e “lançados na escuridão exterior”. Jesus chocou e ofendeu de propósito os preconceitos étnicos e nacionalistas de seus compatriotas judeus. Embora o contexto primário e original da próxima festa de casamento seja a renovação da aliança de casamento de Israel, ela não se destina apenas aos descendentes físicos dos patriarcas, mas a todo o povo de Deus, tanto judeus como gentios. Como resumem David Turner e Darrell L. Bock em *The Cornerstone Bible Commentary*, “Jesus falou do futuro reino como um tempo em que ‘muitos gentios’ de todo o mundo [...] se sentariam com Abraão e os patriarcas, desfrutando da grande festa escatológica [...] enquanto muitos israelitas seriam excluídos.”⁸ Aqueles em todo o mundo que, nos últimos dois mil anos, disseram sim ao convite do evangelho, se unirão aos patriarcas judeus e a outros fiéis Antigos Santos testamentários na festa de casamento no Reino de Deus. O conceito da grande festa escatológica descrita por Jesus é solidamente enraizado em Isaías 25, que por sua vez aponta diretamente de volta à festa da aliança do Êxodo 24. Assim, o conceito escatológico da festa de casamento de que se fala tão frequentemente ao longo do Novo Testamento é a última festa prefigurada por aquilo que foi comido por Moisés e pelos anciãos no topo do Monte Sinai. Isaías descreve assim os dias desta futura festa: “quando o Senhor dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém, e perante os seus anciãos gloriosamente” (Is 24:23b). Enquanto Moisés e os anciãos viram o Deus de Israel, e comeram e beberam, na era vindoura os santos de Sião comerão, beberão e contemplarão Jesus – *YHVH Deus em carne e osso*.

A PARÁBOLA DO BANQUETE DE CASAMENTO

Em outras ocasiões, Jesus contou parábolas sobre a futura festa de casamento. Falando às multidões em Mateus 22, Jesus diz:

O reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho; E enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas, e estes não quiseram vir. (MATEUS 22:2-3)

Como é comum em várias parábolas rabínicas, o rei aqui significa Deus.⁹ Também é importante entender que o termo o “reino dos céus” não é uma referência a um reino espiritual em algum lugar acima. Em vez disso, ela se destina a transmitir o futuro reino messiânico de Deus sobre a terra. Reino do céu simplesmente significa o reino messiânico de Deus.¹⁰ Isto é visto claramente em Lucas onde Jesus diz a Seus discípulos, “E eu vos destino o reino, como meu Pai mo destinou, Para que comais e bebais à minha mesa no meu reino, e vos assenteis sobre tronos, julgando as doze tribos de Israel.” (Lc 22:29-30). Como já observamos, a festa de casamento futura descrita por Isaías se realiza na terra, em Jerusalém, depois do retorno do Messias. Como o comentarista Louis A. Barieri Jr., com razão, declara “A figura de um banquete de casamento aqui retrata a Idade Milenar”.¹¹ Como prossegue a parábola, o rei envia seus servos, dizendo-lhes que informassem os convidados anteriormente:

Depois, enviou outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto; vinde às bodas. Eles, porém, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio; E os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram. E

o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade. (MATEUS 22:4-7)

De acordo com o estudioso do Novo Testamento Craig Blomberg, “as pessoas originalmente convidadas para o banquete representam claramente Israel”.¹² Infelizmente, ao longo de sua história, a maioria dos israelenses tem rejeitado os mensageiros de Deus. Isso não diz respeito apenas os profetas, mas também João Batista, Jesus e os apóstolos. Sabendo de antemão de sua própria rejeição, Jesus advertiu seus compatriotas que Deus enviaria exércitos para invadir suas terras, matar muitos deles e queimar Jerusalém. Nada disso, porém, era uma informação nova. Como discutimos nos capítulos 11 e 12, tais advertências há muito haviam sido proclamadas por Moisés e pelos profetas. Curiosamente, praticamente todos os comentaristas vêem aqui as advertências de Jesus como se estivessem apontando apenas para as catástrofes que aconteceram em Jerusalém em 70 dC. Pode-se argumentar, no entanto, de forma muito justa, que elas acabam apontando para o ciclo final de castigos da aliança que ainda se abaterá sobre Israel nos últimos dias.

Como resultado dos convidados originais que rejeitaram a generosa oferta do Senhor, o rei enviou novos mensageiros e lhes disse: “Ide, pois, às saídas dos caminhos, e convidai para as bodas a todos os que encontrardes” (Mt 22:9). Esta segunda etapa de apelos aponta ao convite do evangelho que tem sido estendido a praticamente todo o mundo nos últimos dois milênios. Muitos teólogos dispensacionistas clássicos afirmam que haverá duas festas de casamento distintas no final da era; uma para Israel e outra para os cristãos. Como diz Fruchtenbaum, “Em certo sentido, então, haverá um duplo banquete de casamento: Uma para a Igreja como Noiva do Messias e outra para Israel como Esposa de Iavé casada de

novo”.¹³ Em sua clássica obra dispensacionista *Coisas por vir*, J. Dwight Pentecost afirma, ainda mais veementemente, “Parece necessário distinguir entre o casamento do Cordeiro e a ceia de casamento. O casamento do cordeiro é um evento que tem particular referência à igreja e se passa no céu. O jantar de casamento é um evento que envolve Israel e acontece na terra”.¹⁴ Biblicamente falando, no entanto, simplesmente não há base para tal reivindicação. Como demonstra a parábola de Jesus, aqueles que receberam o convite do evangelho comparecem à mesma festa de casamento oferecida a Israel. Em Isaías 25, a luxuosa festa de casamento de Israel no Monte Sião está aberta a “todos os povos”. As Escrituras falam de apenas um banquete de casamento. Os esforços para complicar demais as coisas e criar múltiplos casamentos e múltiplas noivas é o resultado de procurar impor um sistema teológico rígido às Escrituras, criando divisões onde o Senhor prevê um grupo diverso de pessoas, todas unificadas na mesma grande festa.

O SERMÃO DE JESUS SOBRE O FIM DOS TEMPOS

É muito apropriado que, em meio ao Seu Sermão do Monte, o grande sermão de Jesus sobre o fim dos tempos, Ele fale novamente do banquete escatológico do casamento:

Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo. E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas. As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo. Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas. E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram. Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: *Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.* Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas. E as loucas disseram às

prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam. Mas as prudentes responderam, dizendo: Não seja caso que nos falte a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós. E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta. (MATEUS 25:1-10)

Esta parábola representa uma advertência bastante simples: Os seguidores de Jesus devem estar sempre prontos para seu retorno, independentemente de quanto tempo demore. Como nota Turner e Bock, “As cinco damas de honra tolas esperam o noivo chegar rapidamente, mas os sábios estão preparados para um possível atraso”.¹⁵ As virgens tolas são incrédulas ou crentes? O que o óleo representa, exatamente? Responder a algumas dessas perguntas interpretativas comuns está fora de nossos propósitos aqui. Nós observamos, no entanto, que o Noivo representa claramente Jesus. Em todos os Evangelhos, Jesus refere-se a Si mesmo com este título várias vezes (Mt 9:15; Mt 25:1,5,6,10; Mc 2:19-20; Lc 5:34-35; Jo 2:9; 3:39). Paulo também usa terminologia semelhante: “Porque estou zeloso de vós com zelo de Deus; porque vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo.” (2 Cor 11:2). Assim, enquanto os cristãos estão bastante acostumados a pensar em Jesus como o Noivo que está por vir, é importante reconhecer que, do ponto de vista dos judeus do primeiro século, esse termo teria apontado para YHVH, o Deus Esposo do Monte Sinai. Assim, ao referir-se repetidamente a Si mesmo como o Noivo, Jesus estava deliberadamente identificando-se como YHVH. Como comenta Turner e Bock, “a relação de Deus com Israel é comparada a um noivo com uma noiva no Antigo Testamento[...] e nesta parábola Jesus retrata-se em um relacionamento equivalente”.¹⁶

AGUARDANDO O MESTRE

No Evangelho de Lucas, Jesus reitera e resume algumas das lições da parábola das virgens tolas e sábias:

Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candeias. E sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas, para que, quando vier, e bater, logo possam abrir-lhe. Bem-aventurados aqueles servos, os quais, quando o Senhor vier, achar vigiando! Em verdade vos digo que se cingirá, e os fará assentar à mesa e, chegando-se, os servirá. (LUCAS 12:35-37)

Mais uma vez, o chamado é para estar pronto. Como Robert L. Stein em *The New American Bible Commentary* relata, “Esta imagem de um homem que tem seu longo manto preparado para poder correr é encontrada frequentemente na Bíblia”.¹⁷ A KJV traduz este versículo muito mais próximo ao grego: “Que seus lombos sejam cingidos” (v. 35). Esta é uma clara alusão à Páscoa, durante a qual foi dita: “Assim pois o comereis: Os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente; esta é a páscoa do Senhor” (Ex 12:11). Em outras palavras, a mentalidade de ‘prontos a qualquer momento’, que os israelitas foram ordenados a manter durante a refeição da Páscoa, é como os seguidores de Jesus devem viver enquanto esperam Seu retorno. Assim, apenas três versículos depois, Jesus diz: “Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do homem à hora que não imaginais” (Lc 12:40). Como os comentaristas Pao e Schnabel corretamente observam, ao fazerem referência ao Êxodo 12:11, Jesus “expressa a convicção que a última redenção será uma reminiscência da redenção do Êxodo”.¹⁸ Novamente, praticamente toda a história do retorno de Jesus é prefigurada dentro da história do Êxodo.

Usando aqui a mesma terminologia de Mateus 8:10-12, Jesus menciona mais uma vez os convidados do casamento como “reclinados à mesa”. Esse tema, de fato, é a forma mais comum com que Jesus fez referência ao banquete messiânico (Mt 8:11; Lc 12:37; 13:29; 14:15-24; 22:27-30). Mais chocante e poderoso é o fato de que Jesus, que é claramente o mestre nesta parábola, diz que no banquete, Ele se “cingirá” para servir humildemente os convidados do casamento. Somente Jesus demonstra Seu Senhorio absoluta através de atos de serviço aos outros.

A ÚLTIMA CEIA

Na noite anterior à Sua traição, prisão, tortura e crucificação, Jesus comeu a refeição da Páscoa com seus discípulos. O Evangelho de Mateus conta o seguinte relato:

E, quando comiam, Jesus tomou o pão, e abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos; Porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados. E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide, até aquele dia em que o beba novo convosco no reino de meu Pai. (MATEUS 26:26-29)

Paulo, em sua primeira carta aos Coríntios, acrescenta alguns importantes detalhes. Primeiro, depois de partir o pão, Jesus disse: “isto é o meu corpo que é partido por vós; fizeti isto em memória de mim” (11:24). Segundo, depois de abençoar o copo de vinho, Jesus disse: “Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim” (v. 25). Finalmente, Paulo acrescenta: “Porque, todas as vezes que comerdes este pão e

beberdes o cálice, proclamareis a morte do Senhor até que Ele venha” (v. 26). Assim, Jesus expandiu a tradição pascal de partir o pão e beber o vinho e criou uma nova tradição que passou a ser chamada de “a Ceia do Senhor”. Abraçada pela Igreja primitiva (At 2:42), a observação regular da Ceia do Senhor serve a dois propósitos. Em primeiro lugar, ele aponta para o passado em “lembrança” do sangue derramado da nova aliança. Segundo, olha para frente e “proclama” a ceia do casamento que acontecerá “no reino de meu Pai”. Enquanto a antiga aliança exigia o derramamento do sangue de touros, a nova aliança foi feita com o sangue de Jesus, o Messias. Assim, o autor da carta aos Hebreus nos lembra da absoluta superioridade da nova aliança: “Porque é impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados [...] [Entretanto], fomos santificados através da oferta do corpo de Jesus Cristo de uma vez por todas” (Hb 10:4,10).

O JANTAR DE CASAMENTO DO CORDEIRO

Finalmente, no livro de Apocalipse, chegamos à última referência ao banquete escatológico do casamento nas Escrituras. Olhando para o futuro, o apóstolo João viu o auge da história da redenção e do clamor celebrativo que brotará do céu naquele momento: “Alegremo-nos, alegremo-nos e demos-lhe a glória”. Qual é a razão de toda essa alegria?

Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justças dos santos. E disse-me: Escreve: Bem aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus. (APOCALIPSE 19:7-9)

É realmente uma bênção ser convidado para a grande festa de casamento, mas a verdadeira bênção será reservada para aqueles que realmente comparecerem. Então, quem exatamente estará presente? Essa pergunta é, na verdade, bastante controversa. A controvérsia diz respeito à questão mais ampla de “quem é o povo de Deus”? A resposta é complicada pelo fato de que sua resposta muda dependendo se estamos perguntando a respeito do passado, presente ou futuro. Vários modelos e diagramas têm sido criados para explicar esse assunto. Os teólogos dispensacionistas têm vários modelos e teólogos reformados têm seus próprios modelos. Entretanto, além de qualquer sistema, o modelo mais bíblico é frequentemente chamado de “Teologia da Oliveira”. Esta posição é articulada pelo apóstolo Paulo em Romanos 11. Usando a analogia de uma oliveira cultivada sobre a qual vários ramos não cultivados foram enxertados. Paulo identifica três grupos distintos de pessoas:

1. Ramos naturais, atualmente unidos à árvore. Isto inclui todos os fiéis, crentes judeus de antes e depois do tempo de Jesus;
2. Anteriormente selvagens, ramos não cultivados que foram enxertados na oliveira. Isto inclui os cristãos gentílicos;
3. Ramos naturais que foram cortados da árvore. Inclui judeus não-messiânicos. Estes são os ramos naturais que, embora tenham sido retiradas da oliveira, podem muito facilmente ser enxertados novamente. Na verdade, como as escrituras mostram, aqueles desse grupo que sobrevivem ao período final da tribulação de Jacó serão todos salvos e assim permanentemente enxertados de volta na oliveira.

Na futura festa de casamento escatológica, os três grupos juntos formarão a “Noiva do Messias” coletiva. Como o comentarista Paige Patterson corretamente afirma: “No Novo Testamento, a igreja, que consiste em cada ser humano verdadeiramente redimido, é a noiva de Cristo”.¹⁹

CONCLUSÃO

O banquete que foi comido por Moisés e pelos anciãos no topo do Monte Sinai foi um prefácio profético do futuro banquete de casamento que será comido em Sião. Enquanto a aliança do Sinai era uma aliança de casamento que foi quebrada repetidamente, a nova aliança é uma aliança matrimonial permanente. Enquanto a glória de YHVH foi vista por Moisés e pelos anciãos no Sinai, Jesus, que é a glória de YHVH (Hb 1:3), também será visto pelos presentes no banquete de casamento realizado no Monte Sião. Sempre que Jesus se referiu a Si mesmo como “o Noivo” Ele estava especificamente se identificando como o Noivo Deus do Monte Sinai. É no retorno de Jesus que a grande história da redenção estará completa. O plano que o Senhor iniciou no Monte Sinai será concluído no Monte Sião. O Êxodo final será cumprido, resultando no descanso, segurança e bênçãos associadas com a posse da terra prometida, que será garantida para sempre.



PARTE 3

O RETORNO TRIUNFANTE DE JESUS

Agora voltamos nosso foco inteiramente para o retorno de Jesus. Esta é a parte do livro com a qual eu estou pessoalmente mais entusiasmado. Aqui, continuaremos a explorar a profunda relação entre a história do Êxodo e a vinda de Jesus, o Messias. Vamos começar explorando as profecias mais antigas e fundamentais da Bíblia que descrevem especificamente o retorno de Jesus. Estes textos, aos quais os estudiosos às vezes se referem como as “Tradições da natureza selvagem”, serão chamados aqui de “Profecias do Deserto”. Como veremos, a Bíblia ensina que quando Jesus voltar, Ele marchará pelo deserto, libertando o resto de seu povo do cativeiro e os liderando de volta a Sião em segurança. Juntas, as Profecias do Deserto fornecem-nos as descrições mais detalhadas, vibrantes e gloriosas sobre o retorno de Jesus em toda a Bíblia. Estas profecias também

nos fornecem o fundamento para a visão do Novo Testamento da segunda vinda de Jesus. Estranhamente, é um cenário que muito poucos cristãos já viram ou ouviram. No entanto, como veremos, é um cenário de tamanha beleza e majestade que definitivamente não pode mais permanecer velado.

A BÊNÇÃO DE MOISÉS

A passagem mais antiga e fundamental da Bíblia que descreve especificamente o retorno de Jesus é encontrada em Deuteronômio 33. Esta misteriosa passagem é um dos textos mais antigos de toda a Bíblia. Por causa do hebraico arcaico usado no texto, assim como as variações entre os diferentes manuscritos, ela tem confundido estudiosos, tradutores e intérpretes. Como veremos, é a passagem fundamental para o corpo maior de textos sobre os quais estamos nos referindo como a Profecia do Deserto. Ao longo dos próximos capítulos, examinaremos essas profecias raramente discutidas, mas ainda assim essenciais.

INTRODUÇÃO

Deuteronômio 33 Começa: “Esta, porém, é a bênção com que Moisés, homem de Deus, abençoou os filhos de Israel antes da sua morte”. Como o patriarca Jacó antes dele (Gn 49), Moisés, como um pai para seus filhos, usa suas últimas palavras para abençoar os filhos de Israel. Mais tarde, de modo semelhante, o último ato de Jesus pouco antes de Sua ascensão foi abençoar Seus doze discípulos: “E levou-os fora, até Betânia; e, levantando as suas mãos, os abençoou. E aconteceu que, abençoando-os ele, se apartou deles e foi elevado ao céu” (Lc 24:50–51). Por esse motivo, Deuteronômio 33 é comumente

mencionado como a Bênção de Moisés. No entanto, como o grande exegeta judeu Abraham Ibn Ezra declara: “Moisés os abençoava profeticamente”.¹ Moisés é chamado de “o homem de Deus”, um termo usado consistentemente para se referir aos profetas (Jo 14:6; 1 Sm 9:6; 1 Rs 13; 17:18; 2 Rs 4:7, 9; Sl 90:1). De fato, Moisés foi um profeta (Dt 18:15), e essa bênção, contendo suas palavras finais, era uma profecia. Embora na maioria das vezes seja chamada de “Bênção de Moisés”, poderia ser facilmente chamada de a “Profecia de Moisés”.

O SENHOR VEM DO SINAI

Antes de Moisés abençoar as doze tribos, ele começou com uma descrição realmente importante e verdadeiramente majestosa de YHVH. Ele disse:

O Senhor veio de Sinai, e lhes subiu de Seir; resplandeceu desde o monte Parã, e veio com dez milhares de santos; à sua direita havia para eles o fogo da lei.
(DEUTERONÔMIO 33:1-2)

O estudioso do Antigo Testamento J.A. Thompson descreve corretamente o significado pretendido da poesia: “Yahweh é retratado como vindo do Sinai e nascendo como o sol sobre Israel de Seir”.² Mais do que apenas brilhando, porém, os estudiosos descrevem aqui YHVH como o “Divino Guerreiro” marchando do Sinai através da região do Sinai, Seir, e o Monte Paran em direção a Israel. Todas essas são regiões ao sudeste do país de Israel, nos reinos modernos da Arábia Saudita e da Jordânia. Enquanto marcha, o Senhor é acompanhado por miríades de anjos e tem relâmpagos (ou fogo) saindo de Sua mão direita. Depois cada uma das doze tribos de Israel recebem sua própria bênção profética pessoal (Dt 33:3-25), na conclusão a profecia retorna a louvar o Senhor e acrescenta esta descrição muito importante:

Não há outro, ó Jesurum, semelhante a Deus, que cavalga sobre os céus para a tua ajuda, e com a sua majestade sobre as mais altas nuvens. (DEUTERONÔMIO 33:26)

“Jesurum” é um nome de animal de estimação ou um título honorífico dado por Deus a Israel. Fascinantemente, Deus é descrito aqui como aquele que cavalga através dos céus sobre as nuvens enquanto Ele vem para salvar Seu povo. A profecia conclui:

O Deus eterno é a tua habitação, e por baixo estão os braços eternos; e ele lançará o inimigo de diante de ti, e dirá: Destrói-o. Israel, pois, habitará só, seguro, na terra da fonte de Jacó, na terra de grão e de mosto; e os seus céus gotejarão orvalho. Bem-aventurado tu, ó Israel! Quem é como tu? Um povo salvo pelo Senhor, o escudo do teu socorro, e a espada da tua majestade; por isso os teus inimigos te serão sujeitos, e tu pisarás sobre as suas alturas. (DEUTERONÔMIO 33:27-29)

Nesses versos finais, existem alguns temas importantes. Deus é a fonte da salvação e segurança de Israel contra seus inimigos. Enquanto Ele marcha adiante, Seus inimigos são destruídos diante deles. O Senhor é descrito tanto como um escudo como uma espada para Seu povo. Como Ibn Ezra diz, “O sentido é que é o Senhor quem é a espada pela qual você triunfará sobre todos os seus inimigos”.³ Como resultado de Seu apoio a eles, eles conquistarão e possuirão “as alturas” de seus inimigos. Merrill, no entanto, sugere que o cenário transmitido não é Israel em pé na terra de seus inimigos, mas, em vez disso, em pé com seus pés nas costas de seus inimigos. Assim, ele apresenta Deuteronômio 33:39 como: “Seus inimigos serão forçados a se prostrar diante de você; Você então pisarão em suas costas”.⁴

HISTÓRIA DO FUTURO?

Enquanto a maioria dos comentaristas interpreta isso tudo meramente como uma descrição poética e excessivamente dramatizada de Deus entregando a Torá e liderando Israel durante o tempo do Êxodo, como mostraremos, essa passagem diz respeito ao retorno de Jesus. Infelizmente, muito poucos comentaristas reconhecem isso. As razões são totalmente compreensíveis. Primeiro, cada tradução coloca os verbos dentro do texto no pretérito: “O Senhor veio do Sinai”. O fato, no entanto, é que os verbos utilizados estão no tempo perfeito. Em hebraico, o tempo verbal perfeito tem o potencial de ser traduzido como passado, presente, ou até mesmo o futuro. Assim, a passagem poderia ser traduzida alternadamente: “O Senhor está vindo do Sinai” ou mesmo “O Senhor virá do Sinai”. Os tradutores determinam qual tempo verbal será usado com base no contexto da passagem. Devido à passagem usar termos associados ao Monte Sinai, supõe-se que esteja falando de história. Embora não existam dúvidas de que a passagem utiliza propositadamente imagens do Êxodo, ela também se expande muito além de tudo o que aconteceu durante essa viagem seminal. Mais uma vez, como mostraremos, o contexto final desse texto profético é o futuro retorno de Jesus. Esse modelo que discutimos agora várias vezes, de usar a linguagem do Êxodo para falar do período da redenção final e do retorno de Jesus, permeia as Escrituras. Essa profecia não é diferente.

A BÊNÇÃO DE MOISÉS E O RETORNO DE JESUS

Dentre as principais razões para entender a Bênção de Moisés referindo-se ao retorno de Jesus é que ela apresenta termos e temas consistentemente encontrados em textos posteriores que são amplamente reconhecidos de maneira a descrever Sua segunda vinda. Deuteronômio 33 apresenta o seguinte:

- Deus *vindo*. A noção de Deus descendo, aparecendo, ou sendo revelado é o termo dominante utilizado no Novo Testamento para se referir ao retorno de Jesus (Mt 24:27,30,37,39,42,44; 25:31; 26:64, Mc 8:38; 13:26; 14:62; Lc 9:26; 12:40; 18:8; 21:27; 23:42; Jo 21:23; 1Co 15:23; 1Ts 2:19; 3:13; 4:15; 5:2,23; 1Ts 2: 1,2,8; Hb 10:37; Tg 5:7,8; 2Pe 1:16; 3:4,10; 1Jo 2:28; Ap 1:7,8; 2:25; 3:11; 16:15; 22:7,12,17,20).
- Deus vem *com miríades de Seus santos ou anjos*. Ao longo do Novo Testamento, o retorno de Jesus também é repetidamente descrito sendo acompanhado por anjos, santos ou os exércitos do céu (Mt 13:40-42; 16:27; 24:30-31; 25:31-32; Mc 8:38; Lc 9:26; 2 Tess 1:7; Judas 14; Ap 19:14). Isto também é verdade dentro de vários textos apocalípticos extra bíblicos que eram populares durante o período da igreja primitiva.⁵
- Deus vindo *sobre as nuvens*. A imagem de Jesus voltando por entre as nuvens talvez seja o tema mais icônico e mais bem conhecido sobre Seu retorno no Novo Testamento. É como o próprio Jesus, assim como Paulo e João descrevem Seu retorno (Mt 24:30; 26:64; Mc 13:26; 14:62; Lc 21:27; Atos 1:9; 1Ts 4:17; Ap 1:7; 14:14-16; 19:11).
- Deus *vindo do céu*. O fato de que Deus Todo-Poderoso vem, especificamente com Seus anjos, e sobre as nuvens, infere que Ele saiu do céu. Como Keil e Delitzsch notam, “O Senhor não veio apenas do Sinai, mas do céu, “de miríades sagradas”, ou seja, do meio dos milhares de anjos santos que rodeiam Seu trono”.⁶ Da mesma forma, em seu retorno, Jesus é constantemente descrito como voltando pelos ares,

do céu (Mt 24:30; Mc 14:62; Lc 21:27; At 1:11; 1Ts 1:7,10; Ap 19:11).

- Deus está *brilhando como o sol*. Ao longo do Novo Testamento, o conceito de Jesus retornando como a glória manifesta de Deus, brilhando como o sol, é vista em diversas passagens (Mt 16:27; 24:30; 25:31; Mc 13:26; Lc 21:27; 1Cor 2:8; 2Cor 4:4; Hb 1:3; Tt 2:13).
- Deus vindo *para salvar Seu povo*. YHVH não só cavalga através dos céus sobre as nuvens para ajudar Israel, mas como o versos finais mostram, Ele vem para salvá-lo de seus inimigos. Da mesma forma, o Novo Testamento diz que Jesus voltará para libertar e salvar Seu povo de seus inimigos e perseguidores (Mt 16:27; 17:2; 24:27; Lc 17:24; 2 Ts 1:6-7; Hb 10:12-13; Ap 6:10; 10:1; 11:18; 18:20; 19:2).
- Deus vindo *com Seu povo*, pisando em seus inimigos. O motivo de pisar, ou esmagar os ímpios, começa com a profecia messiânica fundamental de Gênesis 3:15. Ela é repetida em várias outras profecias messiânicas importantes e será finalmente cumprida quando Jesus voltar (Gn 3:15; Nm 24:17; 1Sm 2:10; Jz 5:26-27; Sl 58:10; 68:21; 110:5; Jl 3:13; Is 63:3; Hb 3:13; Ml 4:3; Rm 16:20; Ap 14:20; 19:15).
- Deus vindo como o Guerreiro Divino para lutar em nome de Seu povo. No Novo Testamento, no momento de seu retorno, Jesus é descrito como Aquele que “julga e faz a guerra” (Ap 19:11).
- Deus vindo *como uma espada para derrubar os inimigos de Israel*. No livro de Apocalipse, é dito: “E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações [...] e ele mesmo é o que pisa no lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso” (Ap 19:15).

Em resumo, as imagens atribuídas a YHVH em Deuteronômio 33 alinham-se perfeitamente (em pelo menos nove formas distintas) com a visão do Novo Testamento sobre o retorno de Jesus. Qualquer avaliação honesta de Deuteronômio 33 deve reconhecer sua contribuição fundamental à doutrina do Novo Testamento sobre o retorno de Jesus.

DEUS COMO HOMEM

O motivo seguinte para ver Deuteronômio 33 como falando do retorno de Jesus é porque, como Craigie observa, Deus é retratado como o “Homem em Batalha”.⁷ Em outras palavras, a profecia retrata Deus de forma antropomórfica – sob a forma de um homem – com elementos como mãos e pés. Não é preciso dizer que Deus não literalmente marchou diante do povo na forma de um homem durante o Êxodo. Embora possa ser fácil para alguns entender essa linguagem como mera hipérbole poética, é importante notar um princípio de interpretação empregado em todos os profetas e no Novo Testamento. Quando Jesus e os outros autores do Novo Testamento abordam passagens que descrevem Deus (1) na forma de um homem, (2) na terra, e (3) executando julgamento, eles interpretam consistentemente estes textos como falando do retorno de Jesus (por exemplo, Zc 14:5; Is 63:1-6; 66:15; Hb 3, cf. 1Ts 3:13; 2Ts 1:7; Hb 10:37; Jd 14-15; Ap 19:13-15). Ao reconhecer esse importante princípio de interpretação do Novo Testamento, textos do Antigo Testamento como Deuteronômio 33, outrora muito misterioso, tornam-se claros. Na encarnação, o Deus Todo-Poderoso se fez carne, habitou entre nós e depois declarou muito específica e enfaticamente: “Eu virei novamente” (Jo 1:1.14; 14:3).

PROFECIA NÃO CUMPRIDA

Outra razão para ver Deuteronômio 33 como falando do retorno de Jesus é porque ele descreve eventos que ainda nunca aconteceram na história. Como George N. H. Peters corretamente destaca em seu *The Theocratic Kingdom*, em três volumes datado do século dezenove, essa profecia:

Só deve ser plenamente realizada na restauração da nação no Segunda Vinda de seu Rei... Tal Vinda com miríades de santos é apenas baseada no ainda futuro Advento. Não temos nenhum outro relato, e esta correspondência com o que ocorrerá no prenunciado Segundo Advento de Jesus (quando miríades de santos estão com Ele) é indicativo de sua pretendida pretendida.⁸

Em nenhum momento ao longo de todo o relato do Êxodo a Bíblia registra que Deus realmente aparece com miríades de anjos (pelo menos não visivelmente). Procurando aplicar este versículo ao Êxodo, alguns comentaristas apontam que a referência do Novo Testamento à lei de Moisés foi “mediada através dos anjos” (At 7:53; Gl 3:19; Hb 2:2). Essa explicação, no entanto, fica aquém, porque simplesmente não é o que diz o texto. Enquanto o relato bíblico do Êxodo em nenhum lugar descreve Deus aparecendo literalmente com miríades de anjos, a Bíblia fala inúmeras vezes de Jesus como vindo do céu com miríades de Seus santos anjos. O argumento de Peters de que esta passagem fala de profecias ainda não cumpridas é um ponto importante que não deve ser descartado.

O LIVRO DE ENOQUE

Outro motivo para ver Deuteronômio 33 como falando do retorno de Jesus é porque é assim que o Novo Testamento o

interpreta. Como discutiremos no capítulo 25, o livro extra-bíblico de Enoque, muito popular entre os judeus do primeiro século, declara que Deus irá descer do céu e aterrissar especificamente no Monte Sinai no final do grande tribulação. No Novo Testamento, Judas cita a profecia de Enoque e a aplica ao retorno de Jesus (Judas 14). O estudioso bíblico extremamente respeitado D. A. Carson observa que a citação que Judas fez de Enoque remete diretamente ao Cântico de Moisés: “A imagem de Deus vindo com suas hostes angelicais é tirada de Deuteronômio 33:2”.⁹ Para reiterar: Judas 14, um texto do Novo Testamento que descreve o retorno de Jesus, é uma citação direta de Enoque, que é tirada diretamente da bênção de Moisés. Entendendo esta conexão, Deuteronômio 33 deve ser visto como a primeira profecia da Bíblia que fala do retorno de Jesus, mesmo que apenas na forma de um poderoso prenúncio. Os estudiosos reconhecem universalmente a profecia da semente de Gênesis 3:15 como a profecia messiânica mais antiga e basilar na Bíblia. Deuteronômio 33, no entanto, deve ser reconhecido um texto igualmente basilar. Juntas, as duas passagens estão ao lado uma da outra como as duas primeiras, mais fundamentais e importantes profecias messiânicas em toda a Escritura.

AS PROFECIAS DO DESERTO

Ampliando esse último ponto, a razão final para ver Deuteronômio 33 como um relato do retorno de Jesus é porque, como já o mencionamos, ela é a passagem básica para uma gama maior de textos do Antigo Testamento que também são interpretados pelo Novo Testamento de maneira a referir-se ao retorno de Jesus. Juntas, todas estas passagens retratam o mesmo quadro geral: o de YHVH como um homem, “vindo” do Monte Sinai, marchando pelo deserto de Edom, em direção à terra prometida, para salvar Seu povo Israel. Há

muito tempo os estudiosos têm notado as semelhanças entre essas várias passagens e, ocasionalmente, sua conexão com o retorno de Jesus. As Profecias do Deserto incluem:

- A Bênção de Moisés (Dt 33);
- A Canção de Débora (Jz 5);
- O Grande Salmo Processional de Davi (Sl 68);
- A Profecia do Caminho no Deserto de Isaías (Is 35, 40, 42,63);
- A Oração de Habacuque (Hc 3);
- A Profecia de Zacarias (Zc 9, 14);
- A profecia extrabíblica de Enoque (1 Enoque 1).

Nos próximos capítulos, examinaremos cada uma dessas passagens para mostrar que, juntas, eles formam de fato a base para a visão do Novo Testamento sobre o retorno de Jesus. Em conjunto, essas profecias pintam um quadro sublime do retorno glorioso triunfante de Jesus que é mais do que emocionante.

A CANÇÃO DE DÉBORA

A próxima importante Profecia do Deserto que expande o tema de YHVH como o próximo Guerreiro Divino é a Canção de Débora. A canção é um hino de vitória escrito em primeira pessoa por Débora, profetisa e juíza (Jz 4:4). Foi cantada depois da grande vitória militar de Israel sobre Sísera, comandante dos exércitos da Cananéia e sobre seus exércitos. O hebraico usado nesta canção também o revela como sendo um dos poemas mais antigos de toda a Bíblia.¹ Segundo Arthur Cundall do London Bible College, “é um dos melhores exemplos de uma ode de triunfo preservada na literatura israelita”.² Block descreve-a como rica em “enigmas textuais, intensidade emocional, energia psicológica e profundidade teológica”.³ Estudiosos acreditam que provavelmente fazia parte de uma coleção maior de canções comemorativas das vitórias de Deus, bem como *O Livro das Guerras do Senhor* mencionado em Números 21:14 ou *O Livro de Jasher* mencionado em Josué 10:13 e 2 Samuel 1:18.⁴ Como a Bênção de Moisés, assim também o Cântico de Débora contém uma poderosa prefiguração profética do retorno de Jesus.

O POVO SE VOLUNTARIOU

A passagem começa com o enunciado: “E cantou Débora e Baraque, filho de Abinoão, naquele mesmo dia” (Jz 5:1). Ao colocar Débora primeiro, sua liderança é para sempre honrada, e a passividade vergonhosa de Baraque registrada. Juntos, eles cantaram:

Louvai ao Senhor pela vingança de Israel, quando o povo se ofereceu voluntariamente. Ouvi, reis; dai ouvidos, príncipes; eu, eu cantarei ao Senhor; salmodiarei ao Senhor Deus de Israel. (JUÍZES 5:2,3)

No dia da batalha, tanto os líderes como o povo de Israel voluntariamente, ou até mesmo apaixonadamente, se entregaram à causa do Senhor. Como o professor do Antigo Testamento Lawson G. Stone ilustra: “a paixão desenfreada dos líderes foi recebida com uma rápida resposta dos guerreiros entre o povo”.⁵ Seu entusiasmo se estendeu para além da batalha para as posteriores celebração e canto ao Senhor pelas grandes vitórias que Ele havia proporcionado. Uma passagem semelhante é encontrada em Salmo 110, um dos grandes salmos proféticos messiânicos. O salmo começa descrevendo o Messias sentado à direita de Deus, esperando o tempo designado para voltar do céu para esmagar Seus inimigos e estabelecer Seu governo global. Davi então falou do espírito voluntário que estará presente entre o povo de Deus naquele dia:

O teu povo será mui voluntário no dia do teu poder;
nos ornamentos de santidade, desde a madre da alva, tu tens o orvalho da tua mocidade. (SALMOS 110:3)

Ambos Juízes 5:2 e Salmo 110:3 falam com entusiasmo do povo de Deus voluntariando-se e entregando-se alegremente à causa do Senhor. Ambas as passagens também se

relacionam com o retorno do Senhor. Como foi no dia de Débora, no dia da vitória de YHVH, assim será quando Jesus retornar no dia de Seu poder. O povo de Israel se unirá com entusiasmo desenfreado e espírito voluntário para a causa de YHVH e a celebração de Suas vitórias. Esse é o primeiro paralelo dentro do Canto de Débora com o retorno de Jesus.

YHVH COMO GUERREIRO DIVINO

Após a introdução e os louvores a Deus, começa a parte mais profunda da canção:

Ó Senhor, saindo tu de Seir, caminhando tu desde o campo de Edom, a terra estremeceu; até os céus gotejaram; até as nuvens gotejaram águas. Os montes se derreteram diante do Senhor, e até Sinai diante do Senhor Deus de Israel. (JUÍZES 5:4-5)

As semelhanças entre a Canção de Deborah e a Bênção de Moisés são fáceis de serem vistas por todos. Como em Deuteronômio 33, assim também aqui o Senhor é descrito como o Guerreiro Divino que marchou à frente do Seu povo. Em ambas as passagens, Ele está marchando especificamente das montanhas de Seir e da região de Edom. Comentaristas concordam que Débora retira dos feitos passados de YHVH durante o Êxodo e os aplica à vitória do Senhor sobre Sísera que ela havia acabado de testemunhar. Assim como o Senhor marchou figurativamente diante do Seu povo durante a viagem ao deserto, assim Ele tinha ido diante do Seu povo na época de Débora. Da mesma forma que Débora tira da imagem da presença de YHVH liderando Israel durante o Êxodo e a aplica à sua própria vitória na batalha, como veremos, os escritores do Novo Testamento também extraem de tais imagens para descrever a futura vitória de YHVH, quando

Jesus retornar. Esse, então, é o segundo paralelo crucial entre o Canto de Débora e o retorno de Jesus.

NUVENS DE TEMPESTADE E TERREMOTOS

O terceiro paralelo é visto nas referências às nuvens de tempestade derramando água. Esta menção de nuvens de tempestade provavelmente indica que a vitória de Israel (e a derrota de Sísera) foi acompanhada por uma grande tempestade. Como comenta o estudioso do Antigo Testamento Barry G. Webb: “o tema principal da canção são ‘os atos justos’ do próprio Senhor”, que se apresentou como protetor de Israel e dominou seus inimigos (e de Israel), libertando os poderes do céu contra eles”.⁶ A atividade das tempestades que ajudaram a vitória de Israel sem dúvida teria sido interpretada como um sinal da supremacia de YHVH sobre Baal, o deus de Sísera. Os cananeus acreditavam que Baal era o deus da tempestade, que cavalgava sobre as nuvens. Deborah interpretou as tempestades e a derrota dos cananeus como um sinal claro da intervenção soberana do Senhor na batalha.

Essa referência às nuvens de tempestade também relaciona o Canto de Débora à Bênção de Moisés, onde Deus é descrito cavalgando de fato sobre as nuvens (Dt 33:26). Outros numerosos textos do Antigo Testamento falam de nuvens de tempestade como definindo o dia do Senhor (por exemplo, Sl 18:9; Jl 2:2; Is 66:15; Sf 1:15). Independentemente de quão popular a idéia possa ser, a Bíblia não ensina que Jesus voltará em nuvens fofas brancas e céu azul. Em vez disso, as Escrituras descrevem seu retorno como ocorrendo em meio a céus escuros e espessos, trovejantes nuvens de tempestade (Mt 24:30; cf. Ex 19:16-17; 2 Sm 22:10; etc.). Mais uma vez, é o Monte Sinai que Débora especificamente destaca como tremendo diante da presença real de YHVH. Quando os israelitas estavam diante da presença de Deus no Monte Sinai, “e todo o monte tremia grandemente” (Ex 19:18).

Tendo como modelo a primeira revelação de Deus no Monte Sinai, o retorno de Jesus também será acompanhado por um terremoto sem precedentes ou mesmo vários terremotos (Ez 38:19; Zc 14:5; Mt 24:29; Ap 16:18).

DO MONTE SINAI

O quinto paralelo diz respeito às referências ao Monte Sinai. Novamente, este é o local de onde YHVH conduziu Israel durante o Êxodo, prosseguindo por Seir e Edom. Como veremos, no entanto, esta é também a região pela qual Jesus marchará quando Ele retornar para salvar o remanescente de Seu povo e trazê-los de volta para suas terras (por exemplo, Isaías 63).

Isso nos leva ao sexto paralelo dentro da Canção de Débora e o retorno de Jesus. Os estudiosos concordam que destacar o Monte Sinai também é uma provável expansão sobre a polêmica contra Baal. Os cananeus acreditavam que Ba'al vivia no Monte Zafom, na atual dia Síria, na fronteira da Turquia. YHVH, por outro lado, revelou-se a Israel do Monte Sinai, no sul do país. Assim, YHVH, o Deus que veio do sul, é totalmente superior a Baal, o deus do norte. Quando Jesus voltar, Ele derrotará o Anticristo e seus exércitos, que são repetidamente descritos como vindo do norte (hebraico: tsaphon) (Jr 1:15; 4:6; Ez 38:6,15; 39:2; Dn 11:40-44; Jl 2:20). Assim, da mesma forma que YHVH derrotou os exércitos do norte e seu deus na época de Débora, assim também Jesus irá derrotar o exército do norte e seu deus quando Ele voltar.

ESMAGANDO OS INIMIGOS DE DEUS

O sétimo elemento dentro da Canção de Débora relacionada à volta de Jesus é o tema do esmagamento da cabeça dos inimigos de Deus. Como discutimos no capítulo anterior, este tema de pisar na cabeça ou esmagar os inimigos do povo de Deus começa na primeira profecia messiânica na Bíblia. Lá,

diz-se que chegará o dia em que o Messias esmagará a cabeça da serpente (Gn 3:15). Mais tarde, em Números 24, Balaão profetiza que nos últimos dias, o Rei davídico esmagará a cabeça de Moabe e os crânios dos filhos de Sete (Nm 24:8,17). Na Bênção de Moisés, quando Deus vem para salvar Seu povo, eles pisarão nas costas de seus inimigos (Dt 33:29). Aqui, em Juízes 5, vemos esse tema ser repetido mais uma vez. No meio da batalha, Sísera havia escapado e procurado refúgio na tenda de uma mulher chamada Jael. Sísera, exausto da batalha, caiu em um sono profundo. Aproveitando a oportunidade, Jael atravessou uma estaca da barraca pelo crânio de Sísera e o matou. Assim, no final do hino da vitória há uma celebração de Jael:

Bendita seja entre as mulheres, Jael, mulher de Héber, o queneu; bendita seja entre as mulheres nas tendas. Água pediu ele, leite lhe deu ela; em prato de nobres lhe ofereceu manteiga. À estaca estendeu a sua mão esquerda, e ao martelo dos trabalhadores a sua direita; e matou a Sísera, e rachou-lhe a cabeça, quando lhe pregou e atravessou as fontes. Entre os seus pés se encurvou, caiu, ficou estirado; entre os seus pés se encurvou, caiu; onde se encurvou, ali ficou abatido. (JUÍZES 5:24-27)

Na declaração “rachou-lhe a cabeça” está uma alusão clara aos textos messiânicos anteriores discutidos acima. O “esmagamento” executado por Jael contra Sísera é uma espécie de prefiguração profética da próxima derrota dos inimigos de Deus nos últimos dias. Como veremos, esse tema será encontrado em várias profecias messiânicas mais importantes e continuará ser um elemento proeminente em vários textos escatológicos do Novo Testamento.

CONCLUSÃO

Em suma, a Canção de Débora expande a tradição que foi iniciada no Cântico de Moisés. Existem inúmeros paralelos entre a descrição dos feitos históricos de YHVH e do retorno de Jesus no Canto de Débora. Em primeiro lugar, o hino profético começa com o espírito voluntário do povo durante a batalha contra Sísera, um paralelo perfeito ao espírito voluntário que caracterizará o povo de Deus quando Jesus voltar. Segundo, o Canto de Débora mais uma vez retrata YHVH como o Guerreiro Divino que marchou diante de seu povo durante o Êxodo e que marchou diante de Israel nos dias de Débora. Assim também Jesus, o Messias, Deus em carne e osso, voltará ao fim da era para salvar Seu povo e derrotar seus inimigos. Terceiro, enquanto a revelação de YHVH a Israel foi acompanhada por nuvens trovejantes de tempestade, a revelação de Jesus do céu também ocorrerá em meio a nuvens de tempestade. Quarto, da mesma forma que revelação de YHVH para Israel foi acompanhada por um poderoso terremoto, a revelação de Jesus também será acompanhada por um grande terremoto. Quinto, enquanto YHVH marchou do Monte Sinai pela terra de Edom, Jesus também (como continuaremos a ver) marchará do Sinai pela terra de Edom, quando Ele retornar. Sexto, da mesma forma que YHVH, que veio do sul e derrotou Baal, que vive no norte, Jesus também voltará para derrotar o Anticristo e seus exércitos que vêm do norte. Em sétimo e último lugar, da mesma forma que a Canção de Débora celebra o esmagamento dos inimigos de Deus, assim também Jesus esmagará Seus inimigos quando retornar. O padrão estabelecido por YHVH e descrito nessas antigas Profecias do Deserto são as mais antigas e mais fundacionais passagens da Bíblia que falam da última vinda de Deus no fim dos tempos.

O GRANDE SALMO PROCESSIONAL DE DAVI

A próxima grande passagem dentro do grupo de Profecias do Deserto é o Salmo 68. Esse salmo compartilha muitas características e pontos em comum com a Bênção de Moisés e a Canção de Débora e também acrescenta muitos detalhes complementares (e verdadeiramente fantásticos). Como os textos anteriores, o Salmo 68 também tem confundido os estudiosos, tradutores e intérpretes há muito tempo. Na verdade, ele é universalmente considerado o mais difícil de todos os salmos. Esse salmo é ao mesmo tempo uma oração, um hino de vitória, uma canção de ação de graças e uma profecia. Como veremos, é outra das descrições mais poderosas e fundamentais do retorno de Jesus no Antigo Testamento. Em *The New International Commentary on the Old Testament*, os estudiosos Claissé-Walford e Tanner afirmam, com razão, que “seu tema é um louvor inabalável ao poderoso Deus guerreiro de Israel”.¹ Por causa das muitas dificuldades que existem no texto original, as traduções variam bastante. Assim, embora estejamos usando principalmente a versão bíblica NASB, usaremos também outras traduções quando relevante.

O GRANDE SALMO PROCESSIONAL

Para entender este salmo, precisamos voltar ao Êxodo e aos quarenta anos vagueando no deserto de Israel. A arca da aliança, que representava a presença de Deus com Israel, foi projetada para ser levada pelos sacerdotes levitas. Ao longo deste período, sempre que a nuvem da presença de Deus se elevava e avançava, o povo desmontava suas tendas, empacotava todos os seus pertences, e a seguia. Os sacerdotes levantavam a arca, e a próxima fase de sua jornada começava. Cada vez que a arca era erguida, Moisés falava as seguintes palavras:

Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos,
e fujam diante de ti os que te odeiam. (NÚMEROS 10:35)

Muitos anos depois de Israel ter entrado na terra prometida, o rei Davi transferiu a arca da casa de Obede-Edom para Jerusalém (2Sm 6:12). Seguindo a tradição de Moisés, Davi também recitou este verso quando a arca foi levantada. Foi provavelmente nessa época que este salmo foi escrito. Assim, Michael Wilcock, autor de *The Message of Psalms: Songs for the People* corretamente observa: “Se as palavras ‘Levante-se, Ó Senhor! Que seus inimigos sejam dispersos; que seus inimigos fujam diante de você’ foram usadas, como Números nos diz, ‘sempre que a arca partia’, eles certamente teriam pensado nas cerimônias da última esplêndida etapa de sua jornada”.² Desta forma, começa assim:

Levante-se Deus, e sejam dissipados os seus inimigos;
fugirão de diante dele os que o odeiam. (SALMOS 68:1)

A procissão da arca até Jerusalém foi acompanhada por grande celebração e cantoria: “E Davi, e toda a casa de Israel, festejavam perante o Senhor, com toda a sorte de instrumentos

de pau de faia, como também com harpas, e com saltérios, e com tamboris, e com pandeiros, e com címbalos” (2 Sm 6:5; 1 Cr 15:28). Quando a arca entrou na cidade, Davi liderou o caminho e dançou diante da arca “com todas as suas forças” (2 Sm 6:14). Essa teria sido a primeira vez que o salmo foi cantado. Depois disso, provavelmente tornou-se parte da procissão cerimonial anual que acontecia durante o festival de Sucot.³ Israelitas que viviam fora de Jerusalém faziam uma peregrinação a cada ano para participar das cerimônias e celebrações. Foi durante esse tempo que o povo realizou uma espécie de desfile, talvez até várias vezes, e provavelmente cantou o salmo de Davi. Isso era para lembrar e celebrar a presença de Deus conduzindo Israel do Sinai pelo deserto e, por fim, para Jerusalém. De acordo com o professor Marvin E. Tate, na conclusão desta procissão, “havia uma celebração da entronização de um vitorioso Yahweh como rei divino”.⁴ Assim, embora o salmo celebre de fato o que aconteceu no passado, sua ênfase final olha para o futuro, quando Jesus retornar. Iremos desenvolver bastante sobre esse tema mais à frente. Por enquanto, notemos que o tempo verbal dos versículos iniciais aponta para um evento futuro. Como diz a versão bíblica ESV, “Deus se levantará, seus inimigos serão dispersos; e os que o odeiam fugirão diante dele”! (Sl. 68:1)⁵ – (Tradução Livre).

LEVANTA-SE DEUS

Ao considerarmos como o Salmo 68 se relaciona com o retorno de Jesus, a referência inicial a Deus levantando-se é básica. Se o versículo for lido apropriadamente “Deus deve surgir” como uma declaração celebratória e profética ou “Que Deus se levante” mais como um clamor intercessório, isto é, em última instância, uma referência direta ao retorno do Messias. A imagem de Deus emergindo refere-se à Sua ascensão a partir de Seu trono no céu e descendo para salvar Seu povo. Assim, o primeiro verso é essencialmente o clamor de

Maranata do Antigo Testamento: Levanta-te, ó Deus. Vem, Senhor Jesus!

SEJAM DISSIPADOS OS ÍMPIOS

O que Deus deve fazer depois de surgir? O verso seguinte muda imediatamente para um clamor para Deus destruir os ímpios. Novamente, considerando que o salmo se relaciona com o retorno de Jesus, este tema é muito importante:

Fugirão de diante dele os que o odeiam. Como se impele a fumaça, assim tu os impeles; assim como a cera se derrete diante do fogo, assim pereçam os ímpios diante de Deus. Mas alegrem-se os justos, e se regozijem na presença de Deus, e folguem de alegria. (SALMOS 68:1-3)

Quando pesquisamos muitas das passagens que falam da vinda do Messias e da destruição dos inimigos de Deus, a justificação de Israel é consistentemente um dos principais temas subjacentes. Isso é verdade em todo o Antigo Testamento e continua a ser verdade em todo o Novo Testamento. O fato é que a Bíblia é, em grande parte, escrita por pessoas devotas que são perseguidas e ameaçadas por outras pessoas devotas que são perseguidas e ameaçadas. Sua última esperança é o dia do Senhor, ao qual o Novo Testamento se refere como “o dia de nosso Senhor Jesus” (2 Cor 1:14). Assim, através das Escrituras, o dia do Senhor/retorno de Jesus é o ponto ômega de esperança e expectativa para a salvação e libertação. Esse é o dia em que a justiça finalmente chegará, quando os ímpios serão julgados e os justos receberão alívio (por exemplo, Ex 23:22; Lc 1:51-56; 68-75; 2:25; Rm 8:17; 2Ts 1:5-6; Hb 10:27; 1Pe 4:12-19; Jd 14; Ap 19:1). Ao pedir que os ímpios sejam destruídos e os justos sejam justificados, este salmo começa fazendo referência direta ao dia do Senhor

e ao retorno de Jesus. Como veremos, esse tema é repetido várias vezes ao longo de todo o salmo.

LOUVOR AO CAVALEIRO DAS NUVENS

Em seguida, Davi, que serve em todo o salmo como um líder de adoração, pede que sejam cantados louvores a Deus, que é descrito como o Divino Cavaleiro da Nuvem:

Cantai a Deus, cantai louvores ao seu nome; louvai aquele que vai montado sobre os céus, pois o seu nome é SENHOR, e exultai diante dele. (SALMO 68:4 NET)

Enquanto várias traduções falam de Deus cavalcando “sobre as nuvens” ou através dos “céus”,⁶ algumas falam d’Ele cavalcando através “dos desertos”.⁷ A imagem de Deus como o Cavaleiro das Nuvens, é claro, está enraizada no Êxodo, quando Sua presença na nuvem conduziu Israel pelo deserto e desceu ao Monte Sinai. Na Bênção de Moisés, Deus foi descrito como aquele “que cavalga sobre os céus para a tua ajuda, e com a sua majestade sobre as mais altas nuvens” (Dt 33:26 NET). O mesmo tema é repetido mais tarde nos versículos 33 e 34. Assim, “nuvens” parece ser o significado mais provável aqui. Como já mencionamos, a imagem mais conhecida do retorno de Jesus no Novo Testamento é sua volta nas nuvens. Isso é importante; quando os escritores do Novo Testamento leram a respeito de Davi cantando louvores ao Cavaleiro das Nuvens, eles teriam compreendido isso completamente como uma canção de louvor e celebração a respeito da futura vinda de Jesus. Por outro lado, se Davi está falando de Deus marchando através dos “desertos”, também vimos esse tema tanto na Bênção de Moisés como na Canção de Débora. À medida que avançamos, continuaremos a examinar outras passagens importantes que descrevem Jesus marchando através do deserto do Êxodo quando Ele retornar. Assim, Wilcock

comenta que não precisamos ficar muito preocupados com a precisão da tradução. Afinal, “Deus cavalga tanto sobre as nuvens quanto através dos desertos, e há outras Escrituras para apoiar cada uma dessas duas afirmações”.⁸ Se esse versículo fala do Cavaleiro Divino ou do Guerreiro Divino marchando através do deserto, ambas as imagens apontam para o retorno de Jesus. Ele volta nas nuvens e depois marcha pelo deserto. De fato, mais adiante, neste salmo, ambos os temas são reiterados várias vezes.

LIBERTANDO OS PRISIONEIRO

Em seguida, Davi louva a Deus por Sua bondade para com os pobres, bem como para com órfãos, viúvas, os solitários e prisioneiros:

Pai de órfãos e juiz de viúvas é Deus, no seu lugar santo.
Deus faz que o solitário viva em família; liberta aqueles
que estão presos em grilhões; mas os rebeldes habitam
em terra seca. (SALMOS 68:5,6)

A ênfase na libertação para os pobres e oprimidos – o órfão, a viúva e o prisioneiro – é também um tema que vincula o salmo ao retorno de Jesus. A libertação dos oprimidos está intimamente ligada aos primeiros versos, que falam de punição para os ímpios e recompensas para os justos. Quando pesquisamos vários dos textos sobre o dia do Senhor são os pobres, os necessitados, os odiados, os excluídos, os doentes, os coxos, os rejeitados, os perseguidos, etc., que estão sempre apontados como os destinatários da justificação de Deus (por exemplo, Sl 72:13; Is 2:11-13; 11:4; 29:19; 35:6; Ez 34:19; Mq 4:6; Sf 3:19). Assim como YHVH mostrou ser tanto o Guerreiro Divino quanto o noivo compassivo durante o Êxodo, Ele se mostrará como guerreiro e noivo quando retornar. Essa passagem se refere a Jesus nos libertando dos

vícios da raiva, da luxúria ou do álcool? Embora Jesus certamente tenha feito essas coisas, não é o contexto dela. O que está sendo falado aqui é muito específico. Como nós vimos no capítulo 12, como parte do ciclo de castigos da aliança, muitos dos habitantes de Israel serão capturados e levados para longe como prisioneiros de guerra. Aqui, Jesus, o salvador de Israel, é retratado libertando-os e conduzindo-os pessoalmente de volta para casa. Não é surpreendente que eles estejam cantando com tanto entusiasmo. Que visão verdadeiramente gloriosa!

O CAMINHANTE DO DESERTO

Em seguida, o tema de Deus como o Caminhante do Deserto é declarado explicitamente:

Ó Deus, quando saías diante do teu povo, quando caminhavas pelo deserto, (Selá). (SALMOS 68:7)

Como diz Tate, “Os dois conceitos de Cavaleiro da Nuvens e o Caminhante do Deserto parece provável de ser fundido aqui”.⁹ Como dissemos acima, aquele que vem sobre as nuvens está no chão e marchando através do deserto. O tema de Deus marchando pelo deserto, que apareceu pela primeira vez na Bênção de Moisés e foi repetida na Canção de Débora, aparece aqui uma terceira vez. Como novos pedaços de revelação que emergem com cada nova Profecia do Deserto, aprendemos que o grande Cavaleiro do Deserto não está sozinho. Ele está explicitamente liderando Seu povo, uma longa tangente, em direção a Jerusalém.

TERREMOTOS E TEMPESTADES

A próxima parte do salmo parece familiar porque é uma citação direta da Canção de Debora:

A terra abalava-se, e os céus destilavam perante a face de Deus; até o próprio Sinai foi comovido na presença de Deus, do Deus de Israel. (SALMOS 68:8)

Compare com a Canção de Débora:

A terra estremeceu; até os céus gotejaram; até as nuvens gotejaram águas. Os montes se derreteram diante do Senhor, e até Sinai diante do Senhor Deus de Israel. (JUÍZES 5:4b,5)

Novamente, a passagem enfatiza os incidentes naturais provocados pela volta do Senhor, começando com um terremoto. Em relação ao grande dia em que Deus desceu ao Monte Sinai, o grande Charles Spurgeon recorda poeticamente: “Aquela colina, tão solitária e alta, curvada diante da manifestação de Deus... Que o coração do leitor adore o Deus diante de quem a terra e o céu agem como se reconhecessem seu Criador e foram movidos com um tremor de reverência”.¹⁰ Assim como houve um terremoto quando Deus desceu no Monte Sinai, haverá um forte terremoto quando Jesus descer. Como haviam nuvens de tempestade quando Deus desceu anteriormente, o mesmo acontecerá com a segunda vinda, ela será acompanhada de tempestades turbulentas. Repetidamente, continuaremos a ver os mesmos temas se repetirem.

REGANDO O DESERTO

A seguir, a imagem de nuvens escuras e sombrias de julgamento toma um rumo mais positivo. Mais do que simplesmente descrever o presságio de uma tempestade, Davi acrescenta alguns detalhes adicionais e descreve as nuvens de chuva como uma grande bênção:

Tu, ó Deus, mandaste a chuva em abundância, confortaste a tua herança, quando estava cansada. Nela habitava o teu rebanho; tu, ó Deus, fizeste provisão da tua bondade para o pobre. (SALMOS 68:9-10)

Remetendo à provisão milagrosa de água do Senhor para Israel durante o Êxodo, Deus proverá novamente para Seu povo enviando a chuva para o deserto sedento. Ao fazer isso, Ele restaurará o povo cansado de sua aliança e demonstrará Sua compaixão pelos “pobres”. No próximo capítulo, veremos como Isaías, o profeta, aprofundou-se bastante neste tema e descreveu como, quando o Messias vier, o deserto se alegrará, florescerá e até se tornará como uma floresta pródiga. Como Derek Kidner destaca, estes versos também devem ser traduzidos no tempo futuro.¹¹ Quando YHVH marchar do Sinai, Ele vai regar os desertos. Avivará seu povo cansado. Finalmente, e curiosamente, as referências à chuva que caindo em terra seca e também ressecada podem refletir o momento em que tudo isso acontece, especificamente durante os festivais de outono de Israel, quando a nação normalmente espera a longa estação seca de verão cessar com as primeiras chuvas que começam no outono.

REIS DE EXÉRCITOS FOGEM!

O tom do salmo muda de repente para o de uma celebração de vitória. Assim como no passado de Israel, quando eram vitoriosos sobre seus inimigos, as mulheres mais frequentemente lideravam as celebrações (por exemplo, Ex 15:20-21; Js 5; 11:34; 1 Sm 18:6-7).

O Senhor deu a palavra; grande era o exército dos que anunciavam as boas novas. Reis de exércitos fugiram à pressa; e aquela que ficava em casa repartia os despojos. (SALMOS 68:11,12)

Quem são esses reis em fuga? Não são outros senão os hostis governantes e comandantes que haviam levado o povo de Israel para longe como cativos. Tate descreve este momento glorioso: “A notícia a ser difundida é que o Guerreiro Divino triunfa. Os reis hostis são derrotados e um grande número de mensageiros espalha a notícia”.¹² Quando consideramos que se trata, em última análise, do retorno de Jesus, então a glória desses versículos ganha vida. À medida que Jesus, o antigo carpinteiro e rabino de Nazaré, marcha em direção a Jerusalém, os comandantes hostis dos exércitos alinhados com o Anticristo estão fugindo. Oh, para juntar-se à celebração feroz desse dia!

PELO APRISCO DE EDOM

Comentaristas têm lutado com os versos a seguir, e por consequência, têm oferecido uma grande variedade de interpretações. Quando consideramos o contexto messiânico deste salmo, no entanto, as dificuldades parecem se dissipar rapidamente. Falando a Israel, Davi os descreve como aqueles que “se deitam entre os apriscos das ovelhas” (v. 13a). À medida que Jesus conduz o seu povo recém-liberto a Jerusalém, eles são descritos como ovelhas deitadas em seus currais. Certamente, esta imagem transmite a ideia de que, tendo Deus como seu protetor, elas estão completamente à vontade. A referência ao “redil de ovelhas”, contudo, é também uma referência provável ao local por onde Jesus e o Seu povo irão passar. Como vimos nos dois capítulos anteriores, quando Jesus retornar, Ele irá passar pela terra de Edom. No próximo capítulo, veremos que Isaías também se refere a Edom como “Bozra”. Bozra era uma cidade fortificada na antiga Edom. A antiga Bozra bíblica correlaciona-se com Petra ou outro local arqueológico a aproximadamente setenta e cinco quilômetros para o norte, ambos na Jordânia dos tempos modernos.

Em hebraico, as consoantes para Bozra significam também “redil”. Como um curral de ovelhas – concebido para manter as ovelhas dentro e os predadores fora – as imponentes montanhas de Edom criaram um recinto impenetrável como uma fortificação natural. Este verso transmite que dentro do “redil” de Edom, tal como as ovelhas no seu curral, Israel estará seguro, relaxado, e totalmente à vontade, enquanto o “Pastor Líder” os leva para casa (1Pe 5:4). Como afirma Fruchtenbaum, “Israel é o Rebanho de Deus, e este rebanho vai ser reunido em Bozra”.¹³ Essa ideia é também muito claramente articulada numa parte muito importante da profecia de Miquéias, contemporâneo a Isaías. Miquéias profetiza:

Certamente te ajuntarei todo, ó Jacó; certamente congregarei o restante de Israel; pô-los-ei todos juntos, como ovelhas de Bozra; como o rebanho no meio do seu pasto, farão estrondo por causa da multidão dos homens. Subirá diante deles o que abrirá o caminho; eles romperão, e entrarão pela porta, e sairão por ela; e o rei irá adiante deles, e o Senhor à testa deles. (MIQUÉIAS 2:12,13)

O Texto Masorético Hebraico diz, de fato, “pô-los-ei todos juntos, como ovelhas de Bozra; como o rebanho no meio do seu pasto” (Mq 2:12 JPS Tanakh). Todos os temas essenciais estão aqui na profecia de Miqueias: (1) O Senhor promete reunir o remanescente de Israel, (2) especificamente como ovelhas no seu curral, e (3) YHVH irá então à sua frente, (4) conduzindo-as para fora do curral de ovelhas (5) como o seu glorioso rei.¹⁴

Curiosamente, quando Moisés conduziu Israel em direção às regiões de Edom, ele pediu que pudessem passar, mas foi recusado (Nm 20:18-21). Assim, Israel teve de contornar o perímetro do reino edomita (Dt 2:29). Quando Jesus voltar, porém, a ele não será recusado. Jesus, o Moisés maior,

passará por estas regiões sem ser contestado, e com razão, pelo “Caminho do Rei”. (Nm 20:17,22).

Os temas de Israel fugindo para as montanhas acidentadas de Edom e Bozra serão refletidos mais tarde no Sermão de Jesus sobre o fim dos tempos, onde Ele avisou que quando Jerusalém estivesse cercada por exércitos ou “a abominação da desolação” estivesse no Monte do Templo, “então aqueles que estão na Judeia devem fugir para as montanhas” (Mt 24:16; Lc 21:20-21). A mesma ideia é transmitida no livro de Apocalipse, onde se afirma que depois da abominação da desolação ser estabelecida no Monte do Templo, muitos de Israel fugirão “para o deserto onde ele tinha um lugar preparado por Deus, para lá serem alimentados durante mil duzentos e sessenta dias” (Ap 12:6).

A POMBA DO SENHOR

A última parte do versículo 13 também causou uma tremenda confusão e uma variedade de interpretações entre os comentaristas:

Contudo sereis como as asas duma pomba, cobertas de prata, e as suas penas, de ouro amarelo. (SALMOS 68:13)

Além das ovelhas em repouso dentro do seu curral, agora Israel é descrito como uma pomba com asas brilhantes cobertas de prata e ouro. Isso não é, de fato, muito difícil. Em outras partes da Escritura, Israel é descrito como pomba do Senhor (Sl 74:19) e uma “pomba ingênua sem entendimento” (Os 7:11). Alguns capítulos depois em Oséias, os exilados de Israel em lugares como o Egito e a Assíria são descritos como regressando a Israel como pombas trêmulas (11:11). Ao contrário dessas referências anteriores, aqui Israel, a pomba do Senhor, está agora a salvo e com o seu rei. Como tal, ela é embelezada e adornada com prata e ouro.

A DISPERSÃO DE FLOCOS DE NEVE

Mais uma vez, o tema da destruição dos inimigos de Deus é repetido:

Quando o Todo-poderoso espalhou os reis, foi como
neve no monte Zalmom. (SALMOS 68:14)

Os reis da besta são agora comparados à neve caída no Monte Zalmon. Não sabemos exatamente onde fica esta montanha. As melhores sugestões parecem ser uma das montanhas ao norte de Israel, perto do Monte Basã. Alguns dos picos ali existentes são as torres de basalto vulcânico negro, o que contrasta muito com a neve branca que cai lá durante os meses de Inverno. Pois o objetivo da passagem é o Senhor a destruir a Sua oposição, Willem A. VanGemeren, autor de *The Expositor's Bible Commentary* sobre os Salmos, parece ter capturado corretamente as imagens pretendidas desse verso: “Os cadáveres das vítimas e as suas armas estão deitados como flocos de neve espalhados nas montanhas”.¹⁵ Nos últimos anos, o termo “foco de neve” tornou-se um termo depreciativo popular para aqueles que são vistos como ser excessivamente sensível ou frágil. De forma humorística, aqui temos o Senhor usando o termo três mil anos antes do seu tempo, referindo-se aos exércitos mortos do Anticristo como *flocos de neve*.

QUANDO DEUS FOR REI EM SIÃO

Em seguida Davi volta seus olhos do Monte Zalmon para Basã. Basã aqui parece ser uma referência ao imponente pico de 9.200 pés (2.814 metros) hoje chamado Monte de Hermon, que se sobrepõe em altura ao Golan ao norte de Israel norte:

Os montes de Basã são majestosos; escarpados são os montes de Basã. Por que, ó montes escarpados, estão com inveja do monte que Deus escolheu para sua habitação, onde o próprio Senhor habitará para sempre? (SALMOS 68:15,16)

Aqui encontra-se outro insulto dirigido aos falsos deuses dos cananeus e aos poderes das trevas. Os povos pagãos que haviam morado na terra, por muito tempo haviam olhado para as altas montanhas do norte como o lugar onde seus deuses habitavam. Como mencionamos no capítulo anterior, acreditava-se que o Monte Zafon, no norte da Síria, era o lar de Baal. Da mesma forma, o Monte Hermon foi visto como o lugar da habitação de Baal, chamado “Baal-Hermon” (Jz 3:3; 1Cr 5:23).¹⁶ Basã também está associada nas Escrituras aos Refains, descendentes do gigante Neflim (Gn 14:5). No entanto, aqui, o majestoso pico de Basã, personificado, olha invejosamente para o Monte Sião em Jerusalém, uma mera colina em comparação a ele. Pois, depois de marchar do Sinai, passando por Edom, o destino final de YHWH é Sião. Este é o lugar onde Deus determinou que Ele habitará para sempre. Como observa Derek Kidner, o paradoxo de escolher o pequeno Monte Sião em detrimento do imponente Monte Hermon “é o tipo de paradoxo no qual Deus se deleita, como a escolha do próprio Davi (a quem o salmo é atribuído), e da pequena Belém; na verdade, das ‘coisas que não são’” (1Co 1:28).¹⁷

Esses versos são também um golpe devastador para aqueles teólogos cristãos que afirmam que Deus não tem mais nenhum plano especial futuro literal para o Monte Sião ou para o povo judeu. Como essa passagem deixa claro, o Monte Sião será a morada perpétua do Senhor. Esse é o monte onde Jesus se sentará no trono de Seu pai Davi, governando as nações.

AS CARRUAGENS DE DEUS

O verso seguinte é fascinante. Deus é descrito entrando em Jerusalém acompanhado por uma multidão de carruagens: “Os carros de Deus são incontáveis, milhares de milhares” (v. 17a). É claro que o próprio Deus não está montando sobre milhares de carruagens. Ao contrário, Ele é acompanhado por Seus poderosos exércitos que andam em carruagens. Assim, enquanto a viagem de Jesus é descrita começando do Sinai com “dez mil santos” (Dt 33:2; cf. 8), ela é completada quando todos eles entram juntos em Jerusalém.

A parte seguinte do verso é absolutamente magnífica em muitos aspectos: “O Senhor está entre eles; o Sinai está agora no santuário” (Sl 68:17b ESV). Agora que Jesus chegou ao seu destino, YHVH está realmente presente entre o povo de Jerusalém. A declaração de que o Sinai está agora no santuário informa que o Deus da glória, a tempestade nuvens, trovões e terremotos, que desceram na montanha em fogo abrasador há tanto tempo estará realmente presente, habitando corporalmente dentro do templo. A visão enche nossa imaginação.

O versículo 18 convida uma ampla gama de interpretações:

Quando subiste em triunfo às alturas, levaste cativo
muitos prisioneiros; recebeste homens como dádivas,
até mesmo rebeldes, para estabeleceres morada, ó Se-
nhor Deus. (SALMOS 68:18)

De acordo com o estilo de um hino clássico de vitória, a linguagem agora empregada aqui refere-se a Jesus tendo feito a ascensão a Jerusalém como um rei retornando da batalha com uma multidão de prisioneiros de guerra. Kidner pergunta: “Quem são estes cativos, e de quem são os presentes? As imagens de batalha e os ecos da Canção de Débora indicam prisioneiros inimigos e reparações inimigas. Deus venceu sua guerra, entrou em sua capital.”¹⁸ Em Efésios 4:8,

Paulo cita este versículo, mas o aplica à ascensão de Cristo ao céu, de onde Ele distribuiu aos homens os vários dons do Novo Testamento.¹⁹

DEUS DA NOSSA SALVAÇÃO

Davi agora louva a Deus pela salvação de Seu povo:

Bendito seja o Senhor, Deus, nosso Salvador, que cada dia suporta as nossas cargas. [Pausa] O nosso Deus é um Deus que salva; ele é o Soberano Senhor que nos livra da morte. (SALMOS 68:19,20)

Quando os cristãos pensam em Deus trazendo salvação, eles primeiramente pensam em termos de Deus salvando a alma dos efeitos do pecado e da morte. De uma perspectiva bíblica, no entanto, a salvação é muito mais holística. Aqui, Deus é louvado por, literalmente, salvar e libertar Seu povo daqueles que os haviam capturado com a intenção de matá-los. No Salmo 102, vemos exatamente as mesmas imagens. Nele, Deus é descrito olhando para baixo do céu e vendo a situação de seu povo, que é prisioneiro, condenado à morte:

“Do seu santuário nas alturas o Senhor olhou; dos céus observou a terra, para ouvir os gemidos dos prisioneiros e libertar os condenados à morte”. Assim o nome do Senhor será anunciado em Sião e o seu louvor, em Jerusalém quando os povos e os reinos se reunirem para adorar ao Senhor. (SALMOS 102:19-22)

Sem dúvida esses versículos descrevem Jesus se preparando para seu retorno, quando Ele descerá pessoalmente e libertará literalmente os prisioneiros. O retorno de Jesus providenciará a salvação de Seu povo de uma forma completamente holística. Antes que Jesus possa salvar espiritualmente

Seu povo, no entanto, Ele deve primeiro salvá-los de uma forma muito direta e literal.

O ESMAGADOR

Ao longo do salmo, os mesmos temas gerais são repetidos várias vezes. Em seguida, Davi volta ao tema de Deus destruindo seus adversários. Enquanto o salmo começa com uma oração para que Deus se levante e destrua Seus inimigos, aqui temos uma ilustração gráfica e uma descrição explícita dEle fazendo exatamente isso:

Certamente Deus esmagará a cabeça dos seus inimigos, o crânio cabeludo dos que persistem em seus pecados. “Eu os trarei de Basã”, diz o Senhor, “eu os trarei das profundezas do mar, para que você encharque os pés no sangue dos inimigos, sangue do qual a língua dos cães terá a sua porção.” (SALMOS 68:21-23)

Como na Bênção de Moisés e no Cântico de Débora, aqui novamente, o Guerreiro Divino é retratado como o Esmagador. Por mais desconfortável que possa ser para alguns que só conhecem Jesus como uma figura gentil e um tanto quanto hippie, aqui Davi o descreve esmagando brutalmente a cabeça de seus inimigos. Aquele que esmagará a cabeça da serpente mencionado em Gênesis 3:15 é agora revelado como Deus e Messias (Gn 3:15; Nm 24:17; Dt 32:35; 33:21; Sm 2:10; Js 5:26-27; Sl 58:10; 68:21; 110:5; Jl 3:13; Is 63:3; Hb 3:13; Ml 4:3; Rm 16:20; Ap 14:20; 19:15). Ainda mais horrível é a imagem dos inimigos de Deus sendo trazidos de volta, para que os presentes nas celebrações inaugurais em Jerusalém possam banhar-se seus pés em seu sangue. Por mais sangrento que tudo isso seja, a imagem é levada ao Novo Testamento, onde Paulo encoraja os crentes lembrando-lhes: “O Deus da paz logo esmagará Satanás sob

seus pés” (Rm 16:20). Levando as imagens sangrentas um passo adiante, os cães se banquetearão com a carne dos ímpios. Esse verso é o primeiro indicador de que no final da era, haverá um grande banquete, no qual as aves e os animais se banquetearão com os cadáveres daqueles que invadirem Jerusalém. Mais tarde, Ezequiel se aprofundaria dramaticamente sobre o tema (Ez 39:17-20). Este cenário é então trazido ao Novo Testamento, onde um anjo chama as aves e os animais para se reunirem em Jerusalém para se banquetear na carne dos exércitos do Anticristo (Ap 19,17-19).

A PROCISSÃO DE DEUS: A REPRISÉ

O que vem em seguida, na minha opinião, é a magnífica essência do Salmo 68:

Já se vê a tua marcha triunfal, ó Deus, a marcha do meu Deus e Rei adentrando o santuário. À frente estão os cantores, depois os músicos; com eles vão as jovens tocando tamborins. Bendigam a Deus na grande congregação! Bendigam o Senhor, descendentes de Israel!
(SALMOS 68:24-26)

Aqui temos, diretamente dos lábios inspirados do Rei Davi, uma descrição real de seu descendente, Jesus o Messias, marchando vitoriosamente para Jerusalém. Enquanto Ele é YHVH, o Deus trovejante do Sinai, Ele é também o “Filho de Davi” plenamente humano. A entrada de Jesus na cidade é aqui descrita como “a procissão de Deus”. É difícil compreender a plenitude de tudo o que está sendo descrito aqui. Se fosse um filme, haveria algo aqui para todos. Para aqueles atraídos por isso, há guerra e sangue. Para aqueles cujos corações são movidos por tais, é também um musical. Por enquanto, vemos que, assim como o Rei Davi muitas gerações antes, os cantores e líderes de culto estão liderando o caminho! Atrás

da procissão há mais mulheres tocando instrumentos e celebrando. A humilde entrada triunfal do rei descrita nos Evangelhos foi agora substituída pela última entrada triunfal do Rei da Glória. Davi descreveu uma procissão de vitória mais gloriosa de que qualquer poderoso exército vitorioso já tenha apreciado, mais espetacular do que até mesmo nossos maiores mestres do cinema já captaram em filme. O Radiante cuja vinda era como se o nascer do sol do Monte Sinai estivesse brilhando ainda, com miríades de anjos e santos, cavalgando em carruagens, juntamente com uma multidão de prisioneiros libertos, todos regozijando, cantando e adorando seu Deus e Rei. Para aqueles que amam Jesus e anseiam por Sua vinda, talvez não exista nada mais perfeito em que meditar. O versículo 27 lista quatro representantes das doze tribos de Israel que estarão todos presentes naquele dia:

Ali está a pequena tribo de Benjamim, a conduzi-los, os príncipes de Judá acompanhados de suas tropas, e os príncipes de Zebulom e Naftali. (SALMOS 68:27)

Enquanto Benjamim e Judá representam o reino do sul de Judá, Zebulom e Naftali representam as dez tribos do norte que formaram o reino de Israel. A menção das tribos que representam ambos os reinos fala da restauração de todo Israel naquela época. Essa restauração final de toda a casa de Israel também é profetizada especificamente por Jeremias e Ezequiel (cf. Jr. 31:31-33; 33:14; Ez 37:15-28). Este versículo também refuta a visão, tão comum entre os cristãos, de que Deus não tem futuros planos especiais para o Israel nacional. Aqui, vemos que toda a casa de Israel será restaurada e estará presente quando Jesus voltar. Não há nada que transmita mais claramente a noção de Israel nacional do que a referência a suas doze tribos. Esta restauração escatológica de toda a casa de Israel também é validada no Novo Testamento,

quando Jesus disse a Seus discípulos, “Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel” (Mateus 19:28).

QUANDO JESUS FOR REI EM JERUSALÉM

O versículo 29 fala do período real de restauração, quando Jesus estiver presente como Rei em Jerusalém:

Por causa do teu templo em Jerusalém, reis te trarão presentes. (SALMOS 68:29)

Muitos cristãos sustentam que, depois que Jesus voltar, o templo nunca mais será reconstruído. As Escrituras são claras, entretanto, quanto ao fato de que, depois que Jesus voltar, Ele supervisionará pessoalmente a reconstrução do templo em Jerusalém (por exemplo, Is 60:10-13; Ez 40-48; Zc 6:12-13). Esta descrição de reis trazendo presentes para ajudar em sua reconstrução durante a era messiânica também é falada pelo profeta Isaías (60:1-15).

O ESMAGADOR: A REPRISE

O tema de esmagar os inimigos de Deus é reiterado uma última vez. Aqui, o caráter de guerra e de busca de despojo dos inimigos de Deus é destacado:

Reprende a fera entre os juncos, a manada de touros entre os bezerros das nações. Humilhados, tragam barras de prata. Espalha as nações que têm prazer na guerra. Ricos tecidos venham do Egito; a Etiópia corra para Deus de mãos cheias. (SALMOS 68:30-31)

A referência aos animais que vivem entre os canaviais diz respeito aos crocodilos, que, como são encontradas em abundância no rio Nilo, referem-se simbolicamente ao Egito. Assim, Davi pede que os governantes hostis do Egito sejam repreendidos. Então Davi ora para que quando o Esmagador vier, Ele esmagará os inimigos de Israel que promovem guerras e desejam os despojos da guerra. Mais tarde, vários profetas descreveriam os exércitos invasores do Anticristo usando exatamente os mesmos termos (Is 10:6; Dn 11:24; Ez 38:13; Zc 14:1). Como resultado dos julgamentos do Senhor contra os inimigos do Seu povo, o Egito e Cuxe (Sudão moderno) se arrependarão, se aproximarão de Deus e enviarão emissários a Jerusalém (cf. Is 19). Da mesma forma, Isaías também fala de uma série de julgamentos redentores que ocorrerão no Egito nos últimos dias, levando muitos deles a se converterem ao Senhor (cf. Is 19; Ez 30:4-6).

LOUVOR AO CAVALEIRO DAS NUVENS: REPRISE

Muito além do Egito e Cuxe, o salmo conclui com um grande chamado a todas as nações da terra para cantar louvores ao glorioso Cavaleiro das Nuvens:

Cantem a Deus, reinos da terra, louvem o Senhor,
àquele que cavalga os céus, os antigos céus. Escutem!
Ele tropeja com voz poderosa. Proclamem o poder de
Deus! Sua majestade está sobre Israel, seu poder está
nas altas nuvens. Tu és temível no teu santuário, ó Deus;
é o Deus de Israel que dá poder e força ao seu povo.
Bendito seja Deus! (SALMOS 68:32-35)

Enquanto a abertura do salmo (vv. 1-6) convida Israel a cantar louvores a Deus com entusiasmo, agora o chamado ao louvor é universal, estendendo-se a todas as nações. No entanto, apesar de Ele ser o Deus de todas as nações, Ele

continua a se identificar como “o Deus de Israel”, cuja majestade está sobre Israel.

CONCLUSÃO

O conteúdo desse grande salmo de Davi nos oferece, indiscutivelmente, algumas das imagens proféticas mais majestosas e comoventes de toda a Bíblia. Ao fazer referência à marcha histórica do Senhor do Sinai a Sião, o salmo nos proporciona uma gloriosa amostra do evento mais ansiado e esperado de todos os tempos. Aqui nos é mostrado um vislumbre do retorno de Jesus, cujos detalhes estão muito além do que vimos anteriormente, seja na Bênção de Moisés ou no Cântico de Débora. Juntamente com Davi, podemos também dizer agora que “vimos tua procissão, ó Deus”, a procissão de Jesus, nosso Deus e Rei, para o santuário. Não é surpresa, então, que o tom do salmo seja de um entusiasmo e celebração incontroláveis. Da mesma forma que esse salmo foi usado pelos antigos israelitas para comemorar os poderosos feitos de Deus no passado e para antecipar Seus futuros grandes atos, então que ele seja usado novamente para lembrar o povo de Deus do que está por vir em breve. Que o povo de Deus de hoje redescubra este diamante multifacetado e inestimável, e que todos nós possamos recuperar o entusiasmo e a expectativa que tomaram conta do Rei Davi quando ele dançou de forma extravagante diante da mera representação daquele a quem testemunharemos pessoalmente quando Ele voltar em fogo ardente e grande glória.

UM CAMINHO NO DESERTO

Nosso levantamento das Profecias do Deserto começou no final das vagueações pelo deserto com a Bênção de Moisés. De lá, passamos para o período dos juízes com o hino de vitória de Débora. Depois seguimos para o tempo dos reis com o grande salmo processional de Davi. Juntas, essas profecias extraordinárias lançaram as bases para a expectativa de Israel de que, mais uma vez, YHVH virá do Sinai, marchará através do deserto de Edom, e salvará Seu povo. Foi durante a época dos profetas que essas expectativas foram cimentadas dentro da mente dos judeus. Isaías, o profeta, em particular, contribuiria muito à tradição.

UM CAMINHO NO DESERTO

Na Parte 2, discutimos as muitas referências ao longo da profecia de Isaías ao ciclo de castigos da aliança. De acordo com esse ciclo, primeiro, muitos dos habitantes de Israel serão levados cativos às nações vizinhas ou fugirão para o deserto. Então, em meio a esta hora escura, o Senhor aparecerá e salvará Seu povo. Enquanto Davi descreveu esta grande libertação como uma procissão santa, Isaías passou a descrever uma enorme estrada através do deserto, sobre a qual Deus e Seu povo viajarão enquanto fazem a procissão até Jerusalém. À medida em que o Senhor e Seu povo marcharem por esta

estrada, o deserto seco e árido se tornará como um jardim exuberante(Is 35:1-10; 40:1-11; 41:18; 43:19-20; 51:3). Analisaremos as duas passagens principais abaixo.

ISAÍAS 35

Juntos, os capítulos 34 e 35 de Isaías formam uma única profecia. No capítulo 34, o Senhor declara Suas intenções de julgar as nações hostis a Israel, representadas por Edom. Eles se tornarão um deserto desolado e um amontoado de cinzas fumegantes. No capítulo 35, no entanto, o cenário é invertido. O povo de Israel é descrito como sendo exilado em Edom, no que é descrito como um deserto árido e seco. Apesar de seu estado desesperador, o Senhor promete que o deserto se tornará um lugar de vida nova, frutífera e de tremenda alegria:

O deserto e o lugar solitário se alegrarão disto; e o ermo exultará e florescerá como a rosa. Abundantemente florescerá, e também jubilará de alegria e cantará; a glória do Líbano se lhe deu, a excelência do Carmelo e Sarom; eles verão a glória do Senhor, o esplendor do nosso Deus. (ISAÍAS 35:1-2)

O deserto ressequido de Aravá, ao sul e leste de Israel, verá uma transformação completa. Webb descreve lindamente esta transfiguração divina: “No capítulo 35, é como se fosse um eixo brilhante de luz quebrasse as nuvens e tudo fosse banhado de novo em esplendor. Desertos áridos irrompem em flores enquanto a glória do Senhor desce como torrentes refrescantes, e a terra inteira grita de alegria¹”. Vemos aqui uma expansão direta do Salmo Processional de Davi, que tinha anunciado anteriormente que quando Deus vier, o deserto veria “uma chuva abundante” que refrescaria e reanimaria Seu povo que estava definhando ali (Sl 68, 9-10).

Isaías agora aprofunda os pensamentos de Davi e descreve o deserto florescendo de vida ao ponto de gritar de alegria. Os gritos e a celebração, é claro, vêm dos exilados e prisioneiros de Israel, que agora estão retornando livremente para Sião. Essa é também uma expansão do Salmo 68, onde os ex-prisioneiros são levados a cantar. O contexto dos últimos dias desta visão é inegável. Como comenta a Webb, “claramente, uma situação de exílio e retorno está em vista aqui”. Mas também é claro que este capítulo vai muito além disso, é algo mais². Esse algo mais, é claro, só pode ser a redenção final quando o Messias chega com toda sua glória. Assim, Isaías diz que Israel “verá” a glória e a majestade de YHVH. Como diz Gary Smith, a profecia é mais uma promessa da “aparição de Deus na terra”.³

POESIA OU REALIDADE?

Muitos comentaristas tentam interpretar essas passagens como puramente poéticas e figurativas. Para eles, o deserto representa apenas a longa história de sofrimento e isolamento de Deus, ou algo do tipo ao longo dessas linhas. A ecologização do deserto representa simplesmente a reversão da tristeza e das condições de Israel. Embora seja verdade que a visão está repleta de linguagem simbólica e figurativa, a visão deve ser interpretada holisticamente, ou seja, ela transmite realidades figurativas, mas também uma realidade futura factual, definitiva e literal. A ênfase em várias profecias do deserto em locais geográficos muito específicos, como Sinai, Seir, Param, Edom e Jerusalém deixa claro que não se tratam simplesmente de metáforas abstratas ou universais. Da mesma forma que os vários castigos da aliança foram literalmente cumpridos na história, assim a libertação final de Israel será literalmente cumprida. Quando os babilônios chegaram, Israel não foi metaforicamente invadida e destruída. Seu povo não foi deportado figurativamente entre as nações. Como esta visão de

Deus que se desenvolve, e particularmente no momento em que alcançamos o período do Novo Testamento, é muito claro que essas expectativas eram pretendidas por Deus para ser entendidas referindo-se a uma realidade futura muito verdadeira. Não devemos que permitir o uso magistral da poesia de Isaías nos leve a presumir que essas passagens são meras metáforas. Elas são mais do que isso. Como os anjos disseram aos presentes no Monte das Oliveiras, da mesma forma que Jesus tinha literalmente subido diante de seus olhos e desaparecido nas nuvens, assim Ele voltará nas nuvens (Atos 1:9-11). Ao longo de toda a Escritura, Deus promete que Jesus voltará, marchará pelo deserto e libertará Seu povo do exílio. Essas promessas são reais. Assim eram compreendidas ao longo da história de Israel e é assim que os cristãos devem entendê-las hoje.

DEUS VIRÁ COM VINGANÇA

Conforme continua Isaías 35, vemos que Deus virá especificamente com vingança contra Seus inimigos e salvação para Seu povo:

Fortalecei as mãos fracas, e firmai os joelhos trementes.
Dizei aos turbados de coração: Sede fortes, não temais;
eis que o vosso Deus virá com vingança, com recompensa de Deus; ele virá, e vos salvará. (ISAÍAS 35:3-4)

A boa notícia da vinda de Deus é comparada com as refrescantes chuvas que caem do céu para o deserto. Pois sua vinda, como a chuva, vai trazer alívio especificamente para aqueles que estão exaustos, dominados pela ansiedade ou temerosos. Todos eles devem ter coragem, pois o Messias há muito esperado “virá com vingança”. Como nós temos discutido nos capítulos anteriores, a idéia de que o Messias virá com raiva e julgamento para esmagar Seus inimigos é

um tema importante e repetido em todas as Escrituras (Gn 3:15; Nm 24:17; Dt 32:35; 33:21; 1Sm 2:10; Jz 5:26-27; Sl 58:10; 68:21; 110:5; Jl 3:13; Is 63:3; Hc 3:13; Ml 4:3; Rm 16:20; Ap 14:20; 19:15). Paralelamente à Sua vingança contra Seus inimigos, estão promessas referentes ao que Ele fará por Seu povo: “Ele o salvará”.

RECOMPENSA AOS POBRES

Como é essa salvação? O que vai acontecer quando Jesus voltar? Isaías diz que o cego, o surdo, o mudo e o coxo receberão cura completa:

Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se abrirão. Então os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará; porque águas arrebentarão no deserto e ribeiros no ermo. E a terra seca se tornará em lagos, e a terra sedenta em mananciais de águas; e nas habitações em que jaziam os chacais haverá erva com canas e juncos. (ISAÍAS 35:5-7)

O dia do Senhor, o grande dia da justiça, vai transformar tudo. O deserto se tornará um jardim bem irrigado, aqueles que antes não conseguiam andar saltarão como cervos, e a língua que não conseguia falar gritará de alegria. Essa renovação afetará tanto a própria terra quanto os próprios corpos do povo do Senhor. Quando a glória de Deus vier, a renovação de todas as coisas estará em andamento. Embora o contexto imediato deste capítulo seja de fato o retorno real de Jesus, ele também aponta mais amplamente para o reinado milenar do Messias, ou o que Pedro chamou de “tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio” (Atos 3:21). Em sua carta aos Romanos, Paulo, o apóstolo, também provavelmente se refere a esta profecia quando diz, “a criação em si também

será libertada de sua escravidão da corrupção para a liberdade da glória dos filhos de Deus” (cf. Rm 8:18-25).

VOLTANDO PARA CASA EM SIÃO

Agora Isaías introduz o tema de um caminho pelo deserto. Será um caminho criado inteiramente para os redimidos:

E ali haverá uma estrada, um caminho, que se chamará o caminho santo; o imundo não passará por ele, mas será para aqueles; os caminhantes, até mesmo os loucos, não errarão. Ali não haverá leão, nem animal feroz subirá a ele, nem se achará nele; porém só os remidos andarão por ele. E os resgatados do Senhor voltarão; e virão a Sião com júbilo, e alegria eterna haverá sobre as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido. (ISAÍAS 35:8-10)

Considerando que as Profecias do Deserto anteriores transmitiam a visão de YHVH marchando em uma rota bastante bem delineada desde o Sinai até Sião, Isaías se expandiu sobre essa visão. Agora, o profeta fala de uma estrada real. Quando Deus marcha adiante, uma enorme estrada será feita pelo deserto. Os injustos não caminharão por essa estrada, somente aqueles que são “redimidos”. Aqui vemos outra alusão direta ao Salmo Processional de Davi. Ali, Davi falou do Messias conduzindo os prisioneiros com cânticos (Sl 68:6). Agora Isaías faz referência aos resgatados do Senhor gritando de alegria. Ao entrarem na terra, suas antigas tristezas e gemidos são substituídos por uma celebração e uma alegria que nunca se desvanecerá.

Quem são exatamente os resgatados que farão parte desta gloriosa procissão? Enquanto o contexto da profecia se aplica primeiro aos exilados de Israel, eles não serão de forma alguma o único grupo presente. Nós sabemos os que não

serão incluídos: o texto diz que os tolos, os impuros, e os violentos (leões), não caminharão por esta estrada. Sim, o remanescente sobrevivente dos judeus que será liberto por Jesus O seguirão até Sião, a capital do reino restaurado de Israel. Como vimos também, porém, a procissão incluirá miríades de carruagens sendo conduzidas por anjos. Paulo o apóstolo, entretanto, acrescenta que aqueles de nós que forem redimidos também estarão presentes: “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória” (Cl 3:4). Certamente, isso contribui para a maravilha dessas profecias. Mais do que uma visão fantástica de um futuro distante para outros, para aqueles que estão “no Messias”, esse é o nosso futuro. Essa santa procissão conduzida por Jesus, na plenitude de Sua radiante glória, é algo que nós vamos ver, ouvir, provar, cheirar e participar de todo o coração. Quando os ex-prisioneiros de Israel cantarem e gritarem, nós que somos Seus, iremos cantar e gritar junto com eles!

Antes de finalizarmos Isaías 35 e prosseguirmos, notamos que, como todas as Profecias do Deserto anteriores, Isaías aborda vários temas do Êxodo e os aplica à futura vinda do Messias. Motyer diz, “O contexto do Êxodo para estes versos é claro”.⁴ A profecia de Isaías aqui é mais um importante sinal entre a crescente tradição da Profecia do Deserto.

ISAÍAS 40

Apenas alguns capítulos seguintes, Isaías retorna ao tema do caminho no deserto. A profecia começa com um chamado para consolar Israel, porque suas tribulações chegaram ao fim e sua redenção finalmente chegou:

Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. Falai benignamente a Jerusalém, e bradai-lhe que já a sua maldade é acabada, que a sua iniquidade está expiada e que

já recebeu em dobro da mão do Senhor, por todos os seus pecados. (ISAÍAS 40:1-2)

A redenção final de Israel foi concedida através do sacrifício expiatório de Jesus. O “conforto” não acontecerá realmente num nível nacional até que Ele retorne (Is 12:1-2). Em seguida, uma voz é ouvida chamando para fazer um caminho no deserto para Deus:

Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus. Todo o vale será exaltado, e todo o monte e todo o outeiro será abatido; e o que é torcido se endireitará, e o que é áspero se aplainará. (ISAÍAS 40:3-4)

O cenário aqui é de um arauto indo perante o rei e anunciando sua vinda. Mais tarde, Malaquias, o último dos profetas bíblicos, repetiria este tema: “Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais; e o mensageiro da aliança, a quem vós desejais, eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos” (Ml 3:1). A maioria dos cristãos está familiarizada com essas passagens porque são citadas em todos os quatro evangelhos e aplicadas a João Batista (Mt 3:3; 11,10; Mc 1:2-3; Lc 3:4-5; 7:27; Jo 1:23). De fato, João identificou-se como a voz que clama no deserto (Jo 1:23). Por ter vivido no deserto da Judéia e ter chamado Israel ao arrependimento a fim de prepará-los para receber Jesus como Messias, ele certamente preencheu os critérios. É importante reconhecer, no entanto, que o cumprimento final da profecia permanece ainda no futuro com o retorno de Jesus. Os dois versículos seguintes deixam isto claro:

E a glória do Senhor se manifestará, e toda a carne juntamente a verá, pois a boca do Senhor o disse. Eis que o Senhor DEUS virá com poder e seu braço dominará por ele; eis que o seu galardão está com ele, e o seu salário diante da sua face. (ISAÍAS 40:5,10)

Nesses dois versículos encontram-se cinco temas importantes, todos eles descrevendo a segunda vinda de Jesus:

1. A glória do Senhor será revelada;
2. A glória do Senhor será visível a todas as pessoas;
3. Deus virá;
4. Ele virá com recompensa e retribuição;
5. Seu braço governará.

- Primeiro, a referência à glória de Deus sendo revelada é usada frequentemente para se referir a Jesus e ao Seu retorno (Mt 16:27; 24:30; 25:31; Mc 13:26; Lc 21:27; 1Co 2:8; 2Co 4:4; Hb 1:3; Tg 2:13);
- Segundo, o conceito de que o retorno de Jesus será um evento “visto” por todo o mundo é um tema repetido tanto no Antigo como no Novo Testamento (Is 33:17; 35:2; 52:8,10; 66:14,18; Zc 12:10; Mt 24:30; 26:64; 1Ts 1:7-8; 2Ts 2:8; Cl 3:4; Ap 1:7);
- Terceiro, o conceito de que Deus “virá” no final da era é usado tanto na Profecia do Deserto como em muitas outras profecias messiânicas (Dt 33; Jz 5; cf. Dn 7:13; Mt 24:30; Mc 13:26; Lc 21:27; 2Pe 3:4; Hb 10:37);

- Quarto, o tema da vinda do Messias com castigo para os ímpios e recompensas para os justos é um tema completamente ligado ao Seu retorno (Gn 3:15; Nm 24:17; Dt 32:35; 33:21; 1Sm 2:10; Jz 5:26-27; Sl 58:10; 68:21; 110:5; Jl 3:13; Is 63:3; Hc 3:13; Mt 25:23; 31-46; Jd 14; Ap 14:20; 19:15);
- Quinto, a referência ao “braço do Senhor que governa por ele” é uma clara referência aos poderosos atos de Deus durante o Êxodo (Ex 3:19; 6:6; 13:3; 15:16; Dt 4:34; 5:15; 7:8,19; 26:8). Mais tarde, os profetas o aplicariam em referência à futura redenção do Messias (Is 52:10; 53:1; Jr 32:21; Ez 20:33-34), e os escritores do Novo Testamento o aplicariam em referência a Jesus (Lc 1:51; Jo 12:38).

O PASTOR

No verso seguinte, vemos a repetição de outro tema familiar:

Como pastor apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seu regaço; as que amamentam guiará suavemente. (ISAÍAS 40:11)

Como no Salmo Processional de Davi (v. 13), o Senhor é novamente retratado como pastor conduzindo Suas ovelhas para casa (cf. Mq 2:12-13; 1Pe 5:4). O mais certo é que Isaías 40 é uma profecia sobre a vinda do Messias do céu para trazer libertação e redenção. O chamado para fazer um caminho agradável no deserto é muito mais do que preparar corações, como fez João Batista. Trata-se, em última instância, de preparar a verdadeira procissão triunfante de Jesus pelo deserto. A referência a nivelar montanhas e levantar vales é uma

expressão que diz respeito à “prática de construir formas de procissão para os dignitários visitantes”.⁵ É essencialmente o mesmo que nossa moderna expressão “estender o tapete vermelho”. Como diz Webb, “Seu caminho real será através do deserto, e é imperativo que sejam feitos preparativos apropriados”.⁶ O teólogo holandês Jan Ridderbos diz claramente, “O cumprimento central está na vinda de Cristo, na efusão da glória de Deus”.⁷ Da mesma forma, Peters diz que a profecia:

Só deve ser cumprida no futuro. Pelo menos tal cumprimento estará em concordância com a glória do Senhor, e Sua obra conectada com a Segunda Vinda, e não vemos nenhuma razão válida para rejeitar seu reconhecimento, de alguma forma, com o deserto, como o lugar de onde vem este Rei dos reis, e perante quem “o caminho”, como a de um poderoso conquistador, deve ser aberto.⁸

Como as Profecias do Deserto anteriores, Isaías 40 utiliza a linguagem do Êxodo, mas a aplica à vinda do Messias. Novamente, o retorno de Jesus é apresentado como uma espécie de segundo ou último Êxodo, para fora do deserto, em direção a Sião. Jesus, que conduzirá pessoalmente Israel pelo deserto, é tanto um Moisés maior quanto a glória de YHVH Deus Todo poderoso em carne e osso.

ISAÍAS 42: QUANDO JESUS FOR ADIANTE COMO UM GUERREIRO

Isaías 42 continua o mesmo tema. Depois de destacar diversas coisas grandiosas que serão realizadas pelo Messias que virá, um grito soa: “Cantai ao Senhor um cântico novo, e o seu louvor desde a extremidade da terra!” (v. 10). O chamado para louvar a Deus é estendido às costas marítimas, para as ilhas e, finalmente, para o deserto:

Alcem a voz o deserto e as suas cidades, com as aldeias que Quedar habita; exultem os que habitam nas rochas, e clamem do cume dos montes. (ISAÍAS 42:11)

Os paralelismos aqui identificam o deserto como a região de Selá e Quedar. Martin observa: “Quedar é uma área no norte da Arábia, e Selá era uma cidade em Edom”.⁹ Enquanto os capítulos 35 e 40 falam do Senhor conduzindo pessoalmente Seu povo em uma estrada pelo deserto, o capítulo 42 identifica a localização específica dessa estrada; é o mesmo deserto pelo qual Israel já passou. A profecia continua com uma descrição gráfica e gloriosa do retorno de Jesus:

O Senhor sairá como poderoso, como homem de guerra despertará o zelo; clamará, e fará grande ruído, e prevalecerá contra seus inimigos. (ISAÍAS 42:13)

Eu amo esse verso. Em todas as Profecias do Deserto anteriores, Deus tem sido retratado como um guerreiro. Aqui Ele também é chamado de “homem de guerra”. Essa linguagem é extraída diretamente do Hino da Vitória de Moisés que foi cantado pelos israelitas enquanto estavam a salvo nas margens do Mar Vermelho, tendo acabado de ver a derrota do Faraó e de seus exércitos. Juntos eles cantaram:

O Senhor é homem de guerra; o Senhor é o seu nome.
Lançou no mar os carros de Faraó e o seu exército; e os seus escolhidos príncipes afogaram-se no Mar Vermelho. (ÊXODO 15:3-4)

A canção de Isaías começou com um chamado para “cantar uma nova canção para o Senhor” (v. 10). Para que haja uma nova canção, porém, deve ter havido primeiro uma canção antiga. Enquanto o primeiro Êxodo foi acompanhado pelo magnífico Hino de Vitória de Moisés, o segundo

Êxodo será ocasionado por um novo hino de vitória, infinitamente mais glorioso.

ISAÍAS 63

Em Isaías 63, o profeta nos dá a descrição mais gráfica de Jesus como o Guerreiro Divino de toda a Escritura. Essa profecia começa com Isaías como um vigia nos muros de Sião, olhando para o sul, na direção de Edom, e fazendo a pergunta:

Quem é este, que vem de Edom, de Bozra, com vestes tintas; este que é glorioso em sua vestidura, que marcha com a sua grande força. (ISAÍAS 63:1)

Imediatamente, reconhecemos os temas comuns à Profecia do Deserto. Aqui está mais uma vez o guerreiro, marchando de Edom (cf. Dt 33:1-2; Js 5:4-5; Sl 68:13). A versão bíblica NASB descreve suas roupas como “brilhantes”, e a NIV o tem “revestido em esplendor”. Várias outras traduções, no entanto, descrevem Suas roupas como vividamente vermelhas. Enquanto o Senhor foi descrito anteriormente como brilhando do Sinai e Edom, a noção de que Suas roupas são vermelhas é um novo conceito.

PISANDO O LAGAR

No capítulo 59, Isaías falou de “o braço do Senhor” colocando “vestes de vingança” e “zelo como um manto” (v. 17). Agora, no capítulo 63, o zeloso e vingativo entra em plena vista e responde à pergunta de Isaías: “Sou eu, falando em retidão, poderoso para salvar” (v. 1b). Isaías entende que é o Senhor quem está falando, mas Ele continua curioso a respeito de sua roupa: “Por que seu vestuário está vermelho, e suas vestes como de quem pisa no lagar?” (v. 2). Por que parece que Ele tem pisado uvas o dia todo? Responde o Senhor:

Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém houve comigo; e os pisei na minha ira, e os esmaguei no meu furor; e o seu sangue salpicou as minhas vestes, e manchei toda a minha vestidura. (ISAÍAS 63:3)

Nos tempos antigos, as uvas eram colocadas em uma grande bacia de pedra e esmagadas com o pé. Ao final de um longo dia, a roupa dos espremedores de uvas estavam completamente manchadas com o suco de uva. Aqui, porém, o guerreiro manchou suas roupas com o sangue de Seus inimigos.

COMPLETAMENTE SOZINHO?

Como discutimos acima, quando o Messias marchar pelo Edom, Ele será acompanhado por uma poderosa multidão e miríades de anjos. O que significa então este verso quando fala Dele pisando o lagar de vinho sozinho? Isto é apenas uma reiteração do que já foi dito no capítulo 59:

E vendo que ninguém havia, maravilhou-se de que não houvesse um intercessor; por isso o seu próprio braço lhe trouxe a salvação, e a sua própria justiça o susteve. (ISAÍAS 59:16)

O objetivo não é dizer que Jesus não está acompanhado por ninguém, mas sim que apenas Ele é responsável por trazer salvação e esmagar Seus inimigos. Ele é o braço do Senhor, e o servo sofredor que sozinho trouxe expiação e salvação, como descrito em Isaías 53: “Quem deu crédito à nossa pregação? E a quem se manifestou o braço do SENHOR?” (v. 1). Como o comentarista bíblico Brevard S. Childs diz: “Ninguém de Israel ficou do seu lado pela justiça [...] também não havia ninguém das nações que se colocavam do lado dos justos de Deus”.¹⁰ Da mesma forma, Motyer acrescenta:

“Todo o trabalho de julgamento, como toda a obra de salvação, é exclusiva, única, individualmente dele”.¹¹ A salvação não é de acordo com a graça de Deus e as boas obras do homem, e a salvação vindoura de Jesus também não será realizada por exércitos de Jesus e alguma coalizão internacional dos exércitos do homem. Não será Jesus e as Forças de Defesa de Israel. Nenhum exército das nações o ajudará. Essa passagem não ilustra Jesus e os militares dos Estados Unidos. Da mesma forma que somente Jesus proveu o sacrifício expiatório por nossos pecados, também somente Jesus pisará o lagar da ira de Deus e esmagará Seus inimigos. De modo algum, porém, esta perspectiva contradiz o fato de que Ele será acompanhado por Seus exércitos celestiais quando Ele realizar todas essas coisas.

PELA RECOMPENSA DE SIÃO

Anteriormente, no capítulo 34, Isaías já havia falado da matança escatológica na terra de Edom: “Sua terra será encharcada de sangue”, (v. 7) nos foi dito. A razão deste massacre é clara: “Porque será o dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela contenda de Sião” (v. 8). Aqui, de forma quase idêntica, o Guerreiro Divino explica exatamente por que ele molhou suas roupas com o sangue de Seus inimigos:

Porque o dia da vingança estava no meu coração; e o ano dos meus remidos é chegado. E olhei, e não havia quem me ajudasse; e admirei-me de não haver quem me sustentasse, por isso o meu braço me trouxe a salvação, e o meu fúror me susteve. E atropelei os povos na minha ira, e os embriaguei no meu fúror; e a sua força derrubei por terra. (ISAÍAS 63:4-6)

Sem dúvida, haverá muitos que irão ler essas profecias pela primeira vez e ficar perturbados com o retrato de Jesus

como um carrasco vingativo encharcado de sangue. Devemos entender, no entanto, a natureza desse julgamento final. Gosto frequentemente de lembrar aos confortáveis cristãos ocidentais modernos que hoje há mais escravos na terra do que em qualquer outro momento da história humana. A grande maioria são jovens meninas, algumas delas literalmente mantidas em gaiolas, usadas por aqueles que não sentem remorso em explorar outro humano para seu próprio e perverso prazer momentâneo. Os números estão na casa dos milhões. Quando imaginamos os clamores que sobem aos ouvidos de Deus a cada momento de cada dia para que o tormento termine, para que um redentor venha, então poderemos começar a entender a razão do dia do Senhor. O Senhor voltará não apenas para acabar com o sofrimento de Seu povo Israel, mas também para responder aos clamores por justiça que brotam dos corações e dos lábios dos justos e inocentes em toda a Terra. Com este contexto maior em mente, é muito mais fácil não apenas compreender a natureza brutal desta passagem, mas também sentir de fato a sensação de uma expectativa ardente que, sem dúvida, se acende dentro do coração de Deus: Finalmente, seu dia de vingança e justiça chegou. Que esse dia chegue rapidamente!

JESUS, O GUERREIRO ENCHARCADO DE SANGUE

Em resumo, a profecia de Isaías 63 está repleta de termos que estabelecem claramente que esta majestosa figura não é outra senão Jesus o Messias.

- Aquele que está marchando é “o braço do Senhor”. Como vimos acima, esse termo, extraído dos poderosos atos do Senhor durante o Êxodo (Ex 3:19; 6:6; 13:3; Dt 4:34; 5:15; 7:8,19; 26:8), é aplicado mais tarde ao Messias (Is 52:10; 53:1; Jr 32:21;

Ez 20:33-34) e no Novo Testamento é aplicado especificamente a Jesus (Lc 1:51; Jo 12:38);

- Suas vestes estão ensopadas em sangue. Apocalipse 19, indiscutivelmente a passagem mais amplamente reconhecida na Bíblia sobre o retorno de Jesus, remete diretamente a essa imagem e a aplica a Jesus. Lá, Ele sai do céu com Suas vestes embebidas em sangue (v. 13);
- Ele traz a salvação para os justos e a ira de Deus para os ímpios. Citar cada passagem que fala de Jesus trazendo julgamento para os ímpios e salvação para os justos seria muito extenso. Como discutimos acima, no entanto, o motivo da vinda do Messias com ambos, recompensas e vingança, é um tema consistente em todo o Antigo como o Novo Testamento. Ele Não apenas se repete em muitas das profecias messiânicas mais comumente reconhecidas, mas também por toda a profecia do Deserto. Por exemplo, como acabamos de ver acima: “Seu Deus virá com vingança; a recompensa de Deus virá, mas Ele te salvará” (Is 35:4).

Peters resume suas razões para acreditar que Isaías 63 fala da segunda vinda de Jesus:

Em seu Segundo Advento, numerosas passagens mencionam expressamente ira, vingança dos inimigos, e um temível massacre e banquete. É, portanto, uma descrição aplicável apenas ao Segundo Advento, como ensinou a Igreja primitiva. Mas o profeta em questão O vê Vindo da direção do Monte Sinai, perguntando: “Quem é este que vem de Edom, com roupas tingidas de Bozra?” De fato, quando comparamos Escritura com Escritura, nós temos o caminho percorrido pelo poderoso rei do

Monte Sinai até que Ele chega a Jerusalém claramente mostrado. A profecia menciona distintamente o Monte Sinai, Param, o Deserto, o Monte Seir, Edom, Teman ou o Sul, Bozra, dando-nos uma rota direta do Sinai para o norte, para a Palestina. Isto não ocorre por acaso, mas é descritivo do que realmente deve acontecer.¹²

O SENHOR VIRÁ EM FOGO

A passagem final que veremos em Isaías é encontrada no capítulo 66. Embora este texto não fale especificamente da marcha do Senhor pelo deserto, fala claramente da vinda de Deus e aborda temas de Profecias do Deserto anteriores.

Porque, eis que o Senhor virá com fogo; e os seus carros como um torvelinho; para tornar a sua ira em furor, e a sua repreensão em chamas de fogo. Porque com fogo e com a sua espada entrará o Senhor em juízo com toda a carne; e os mortos do Senhor serão multiplicados. (ISAÍAS 66:15-16)

Essa profecia introduz uma nova descrição da vinda de YHVH com fogo e redemoinho. O fogo é enfatizado três vezes. A idéia de Deus descendo no fogo é destinada a refletir Sua vinda para baixo até o Monte Sinai, “porque o Senhor desceu sobre ele em fogo” (Ex 19:18). Além disso, “aos olhos dos filhos de Israel, a aparência da glória do Senhor era como um fogo consumidor no topo da montanha” (Ex 24:17). A palavra “redemoinho” fala de nuvens grossas, ventos pesados e outros fenômenos associados a uma poderosa tempestade. Essa imagem também pretende suscitar as lembranças de quando Deus desceu sobre o Monte Sinai, momento durante o qual foi dito: “ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um somido de

buzina mui forte, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial” (Ex 19:16). As tempestades também se destacam no Cântico de Débora (Jz 5:4), e no Salmo da Grande Procissão de Davi (Sl 68:8-9). Quando Deus desce do céu, esses são alguns dos fenômenos que acompanham Sua aparição. Finalmente, Isaías descreve a vinda de Deus para executar o julgamento por Sua espada. Em vez de falar genericamente do julgamento do Senhor, contudo, o profeta na verdade diz que quando Deus vier, Ele executará uma multidão de Seus inimigos. Esse assunto, como já discutimos várias vezes, é talvez o tema mais consistente associado à vinda do Messias através de toda a Escritura.¹³

CONCLUSÃO

Como Davi, Débora e Moisés, Isaías também prevê o Messias como YHVH em forma corporal, marchando do Sinai para Sião. Como Risa Levitt Kohn resume, de acordo com Isaías, o Messias:

repetiria muitos dos milagres do primeiro Êxodo, incluindo a provisão de alimentos e água (Is 41:17-18; 43:19, 20; 48:21; 49:10) e o pastoreio pessoal do povo pelo deserto. A viagem deve terminar em uma marcha até Sião, onde o profeta prevê uma pródiga reconstrução da cidade. (Isaías 44:28; 54:11-12).¹⁴

Com base nas Profecias do Deserto anteriores, Isaías prevê uma enorme estrada sendo feita através do deserto. A estrada será suficientemente grande para acomodar uma multidão tão vasta e majestosa o bastante para acomodar um rei tão glorioso. Quando o prometido rei de Israel vem, de acordo com as profecias feitas a respeito do Messias desde o início, Ele massacrará Seus inimigos e irá Esmagá-los como uvas. Este rei glorioso continuará Sua procissão adiante até

chegar a Jerusalém para finalmente abater o líder de Seus inimigos, o homem ao qual o Novo Testamento se refere como o Anticristo. Isaías tira a imagem dessas coisas das profecias anteriores e nos dá a descrição mais gráfica, viva e assustadora do guerreiro divino vitorioso de toda a Bíblia. Enquanto a maioria dos cristãos modernos vê Jesus quase exclusivamente como a figura amena e gentil de pastor, interpretada por diversos artistas, na verdade, quando o Noivo voltar, Ele chegará ao seu casamento embebido no sangue de Seus inimigos e *dos inimigos de Sua noiva*.

A ORAÇÃO DE HABACUQUE

Não é exagero dizer que a Oração de Habacuque, semelhante ao Grande Salmo Processional de Davi - de uma só vez uma oração, uma visão profética e um hino de vitória - é uma das passagens mais inspiradoras de toda a Bíblia. Aqui está mais uma descrição de que YHVH está chegando, marchando através do deserto. Está claro que a visão de Habacuque se inspira fortemente em todas as Profecias do Deserto anteriores, ao mesmo tempo em que novamente se expande sobre todas elas, acrescentando uma grande quantidade de novas informações. De fato, Habacuque 3 é a teofania (aparição visível de Deus mais longa e detalhada) de todo o Antigo Testamento. George Adam Smith, estudioso do Antigo Testamento a chamou de “a Grande Teofania ¹”.

INTRODUÇÃO

Habacuque viveu e ministrou cerca de cem anos depois de Isaías no reino do sul de Judá, durante uma época em que a nação havia se afastado muito do Senhor. Em sua dor por causa da condição espiritual de seu povo, Habacuque levantou um lamento ao Senhor:

Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? Gritar-te-ei: Violência! e não salvarás? Por que razão me mostras a iniquidade, e me fazes ver a opressão? Pois que a destruição e a violência estão diante de mim, havendo também quem suscite a contenda e o litígio. Por esta causa a lei se afrouxa, e a justiça nunca se manifesta; porque o ímpio cerca o justo, e a justiça se manifesta distorcida. (HABACUQUE 1:2-4)

Sem dúvida, muitos cristãos modernos se identificam com o tremendo sentimento de tristeza de Habacuque pela condição de sua própria nação. Quanto tempo ele teria que suportar viver no meio de um povo tão perverso? Nos lembramos do profeta Ezequiel, que falou sobre os homens e mulheres justos em Jerusalém “que suspiram e gemem por causa de todas as abominações que estão sendo cometidas em seu meio” (Ez 9:4). A resposta de Deus à rebelião de Judá, no entanto, não foi de modo algum o que Habacuque esperava ouvir. O Senhor declarou que Ele estava prestes a trazer sobre Judá os castigos da aliança. Ele iria enviar os temíveis e cruéis babilônios. Eles invadiriam a terra, matariam o povo e destruiriam a nação (Hc 1:5-6). Ainda impactado do choque de uma revelação tão horrível, Habacuque levantou um clamor intercessório (3:2). Assim como Moisés antes dele, Habacuque apelou a YHVH para se abrandar (Dt 9:13-14; Ex 32:12-14). Ele pediu a Deus para fazer o que Ele havia feito no passado: enviar um avivamento nacional e mostrar misericórdia ao povo de Sua aliança. O Senhor, no entanto, não se abrandou. Os babilônios estavam chegando. Os castigos da aliança eram inevitáveis. Em vez de ser mostrado que o Senhor anteciparia Suas dolorosas correções, Habacuque teve uma visão profunda.

O RETORNO DE JESUS

A visão que foi mostrada a Habacuque tem uma semelhança impressionante tanto com a Bênção de Moisés como com a Canção de Débora. Curiosamente, no entanto, enquanto poucos comentaristas reconhecem qualquer uma desses passagens tendo alguma coisa a ver com o retorno de Jesus, uma ampla gama de comentaristas reconhece ser este o caso com a Oração de Habacuque. Peters expressa com confiança que a visão de Habacuque “certamente[...] diz respeito ao futuro Advento”. Igualmente, Fruchtenbaum afirma: “Esta oração de Habacuque [...] registra em visão o que só pode ser a Segunda Vinda²”. O estudioso do Antigo Testamento, O. Palmer Robertson, interpreta a profecia como “a grande epifania final da glória de Deus, quando vier o Filho do Homem nas nuvens [...] Então todo olho o verá, e a visão de Habacuque deverá ser cumprida por completo³”. Richard D. Patterson e Andrew E. Hill observam a ligação direta entre o Êxodo e a revelação de Jesus: “A vitória passada de Deus é um prenúncio de um dia ainda futuro em que o Senhor intervirá mais uma vez em nome dos seus com poder impressionante (Ap 19:11-21)”.⁴ Finalmente, David Prior nas notas do comentário de *The Bible Speaks Today*:

Existe, mais uma vez, um tema escatológico nas palavras do profeta. Deus veio em auxílio de seu povo no passado; Deus certamente voltará em seu socorro; e no final dos tempos Deus virá de uma vez por todas para reivindicar aqueles que pertencem a Ele e para exercer julgamento sobre aqueles que se opõem a ele.⁵

Assim, a Oração de Habacuque não é apenas a mais detalhada teofania em todo o Antigo Testamento, é a mais detalhada descrição do retorno de Jesus no Antigo Testamento. Eu, pessoalmente, me apaixonei completamente por esta

passagem, e espero que você também o faça. O tempo já passou para que o povo de Deus seja lembrado novamente desta passagem muitas vezes negligenciada e a reivindique como fonte de tremenda inspiração e esperança.

DEUS VIRÁ NOVAMENTE

Quando a visão começa, sua conexão tanto com a Bênção de Moisés quanto com a Canção de Débora é imediatamente evidente:

Deus veio de Temã, e do monte de Parã o Santo. Selá.
(HABACUQUE 3:3)

Mais uma vez Deus é visto vindo do Sinai, marchando de Teman e de Monte Paran. Teman significa “sul” e se refere à região de Edom, enquanto Paran é uma montanha no meio Monte Sinai e Edom. Apesar das semelhanças óbvias entre esta passagem e a antiga Profecia do Deserto, a primeira diferença significativa é que esta visão é escrita no tempo verbal do futuro. Keil e Delitzsch observam que ele “não descreve um passado, mas uma revelação futura da glória do Senhor”.⁶ Da mesma forma, está escrito na *Good News Translation*: “Deus está vindo novamente de Edom”. (Hc 3:3 GNT). O uso de tais tempos verbais do futuro coopera fortemente com a visão de que seu significado último é o retorno de Jesus. Habacuque remete à história de Deus vindo do Monte Sinai como sua fonte de inspiração e informação para a vinda futura de Jesus para salvar Seu povo.

DE EDM

É importante notar que, mais uma vez, as Escrituras não falam em termos abstratos ou vagos para descrever a vinda do Messias. Como tantas passagens que vieram antes dessa,

aqui Aquele que Vem é visto marchando a partir da terra de Edom. Robertson comenta, “Habacuque retrata Deus em movimento a partir do Sinai através de Edom a caminho da posse da terra para Seu povo. Habacuque lembra a experiência passada de Israel como um meio de antecipar a intervenção do Senhor no futuro”.⁷ Como Deus marchou do Sinai até Edom durante o Êxodo, Jesus irá repetir a marcha quando Ele voltar.

RESPLANDECENTE COM O NASCER DO SOL

A descrição que se segue – a da vinda real do Messias – é inigualável em sua majestade:

A sua glória cobriu os céus, e a terra encheu-se do seu louvor. E o esplendor se fez como a luz, raios brilhantes saíam da sua mão, e ali estava o esconderijo da sua força. (HABACUQUE 3:3-4)

Como em Deuteronômio 33, o Senhor é descrito resplandecente como o sol. O NVI pode capturar melhor a nuance dos raios de o sol da manhã brilhando sobre o horizonte: “Seu esplendor era como o nascer do sol” (v. 4). Há aqui uma certa ironia. Pois como todos sabem, o sol nasce sempre do leste. Aqui, porém, o brilho do Senhor, como o sol da manhã, vem do sul. Observamos como a visão de Habacuque é semelhante à própria descrição de Jesus sobre seu retorno: “Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem” (Mt 24:27). O objetivo é expressar o quanto será evidente para todos. O sol não se levanta em segredo, mas é visto por todos. Assim também será o retorno de Jesus, aparente para todo o mundo. O contexto escatológico também é explicitado em outra declaração feita por Habacuque apenas alguns versos antes:

Porque a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar. (HABACUQUE 2:14)

Tais condições só serão cumpridas quando Jesus estiver presente na terra durante seu reinado milenar. O tema da vinda escatológica de Deus como o nascer do sol ou o amanhecer é repetido em várias passagens do Antigo Testamento e veio a ser aplicado ao retorno de Jesus no Novo Testamento. Em uma bela passagem, o Salmo 19:5 descreve o sol da manhã como “um noivo saindo de seu quarto (chuppah)”. Em Oséias, lemos: “a sua saída, como a alva, é certa” (Os 6:3). A versão NIV assim apresenta este verso: “Tão certo como nasce o sol, ele aparecerá”. Ao emitir a Israel a garantia reconfortante de que o Senhor e Seu reino irão de fato vir, o profeta Isaías clama:

Levanta-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do SENHOR vai nascendo sobre ti; Porque eis que as trevas cobriram a terra, e a escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e a sua glória se verá sobre ti. (ISAÍAS 60:1-2)

No encerramento do cânone do Antigo Testamento, o profeta Malaquias se refere ao Senhor como o “sol da justiça que se trará cura em Suas asas” (Ml 4:2). No Novo Testamento, tais termos são consistentemente aplicados a Jesus. O Evangelho de Mateus, para exemplo, diz,

O povo, que estava assentado em trevas, viu uma grande luz; aos que estavam assentados na região e sombra da morte, a luz raiou. (MATEUS 4:16)

De forma semelhante, no Evangelho de Lucas, o pai de João Batista, Zacarias, se referia à vinda do Messias como o “Com que o oriente do alto nos visitou” (Lc 1:78). Assim,

se estamos falando de o nascer do sol ou o brilho do sol do meio-dia que brilha, os temas, que começaram com passagens como a Bênção de Moisés ou a Oração de Habacuque, vieram a ser usados no Novo Testamento para fazer referência à vinda de Jesus.

A GLÓRIA DO SENHOR

Muito mais do que qualquer nascer do sol normal, porém, a linguagem da passagem transmite que na verdade é a glória de Deus que brilha. Como a NVI diz: “Sua glória cobriu os céus e seu louvor encheu a terra” (Hc 3:3). Como o estudioso do Antigo Testamento Carl E. Armerding expressa: “O Senhor é visto iluminando o mundo [...] com o brilho inspirador que caracterizou sua descida sobre Monte Sinai - uma luz tão brilhante quanto o relâmpago que acompanhou esse evento, incandescente com sua glória”.⁸ Mais uma vez, tais descrições se alinham perfeitamente com a visão do Novo Testamento de Jesus e de Seu retorno. Lá, Jesus é chamado “o Senhor da glória” (1 Cor 2:8), o qual é a glória manifesta de Deus (2Cor 4:4; Hb 1:3), que voltará cercado por uma glória visível e radiante para que o mundo inteiro testemunhe (Mt 16:27; 24:30; 25:31; Mc 8:38; 13:26; Lc 9:26; 21:27; Tg 2:13).

PRAGAS E PESTILÊNCIA

Entendendo que trata-se de uma descrição de Jesus após Seu retorno, estamos absolutamente cativados pela grandiosidade do que é descrito:

E o resplendor se fez como a luz, raios brilhantes saíam da sua mão adiante dele ia a peste, e brasas ardentes saíam dos seus passos. (HABACUQUE 3:4a,5)

Enquanto Moisés descreveu o Senhor como quem tem relâmpagos ou fogo saindo de suas mãos, aqui é descrito como “raios” flamejantes. Embora Jesus não seja o Homem de Ferro ou algum outro super-herói de revistas em quadrinhos atirando lasers ou raios de suas mãos, tais comparações não estão, na verdade, totalmente distantes. Algo como raios de luz estão de fato emanando de Suas mãos. Apesar de imagens tão assustadoras, o profeta observa que o poder do Senhor está realmente escondido ou velado. Há um ponto profundo sendo feito aqui. Jesus de Nazaré é nada menos que a glória de Deus em forma velada. De fato, as Escrituras são claras que se o Senhor não encobrisse Sua glória, o brilho ardente de Sua mera presença consumiria tudo diante dele. “Deus é luz” (1Jo 1:5) que “habita em inaccessível luz” (1Tm 6:16) e é também “um fogo consumidor” (Hb 12:29). Nesta visão de Habacuque é como se a glória ardente de Deus estivesse se desprendendo por trás do véu da carne do Messias.

Além do poder que emana de Suas mãos, também a praga e a pestilência vão diante e depois dele. Enquanto as pragas do Êxodo vêm nitidamente à mente, reiteramos que trata-se o futuro. Essas pragas devem ser vistas como as últimas porções da ira de Deus dirigida contra os ímpios: o Anticristo, seus exércitos e a Babilônia, como se fala no livro de Apocalipse: “E vi outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos, que tinham as sete últimas pragas; porque nelas é consumada a ira de Deus” (Apocalipse 15:1). Não é coincidência que nos versos que se seguem imediatamente, os santos são retratados cantando duas canções: a Canção de Moisés e a Canção do Cordeiro. Como comenta o estudioso judeu messiânico Daniel Juster, “Os versos conectam o Êxodo, onde o Povo de Deus observa ileso como o exército do faraó é engolido pelas ondas do Mar Vermelho, à visão que inclui a vitória dos mártires sobre a besta”.⁹

AS NAÇÕES TREMEM E CAEM

Os próximos versículos são muito semelhantes ao Salmo 110, onde o Guerreiro Messias, depois de encher a terra com os corpos mortos de seus inimigos, para e bebe calmamente do ribeiro (vv. 6, 7). Portanto, aqui, como a turbulenta marcha do Guerreiro Divino continua, Ele parece fazer uma pausa e fazer um exame calmo da terra:

Parou, e mediu a terra; olhou, e separou as nações; e os montes perpétuos foram esmiuçados; os outeiros eternos se abateram, porque os caminhos eternos lhe pertencem. Vi as tendas de Cusã em aflição; tremiam as cortinas da terra de Midiã. (HABACUQUE 3:6-7)

À medida que Jesus avança derramando as pragas de Deus, as nações rebeldes gentílicas são comparadas a montanhas em colapso. Especificamente, é dito que Cusã e Midiã estão em estado de pânico. Ambos nomes tribais estavam associados à região da Arábia e estavam perto do Monte Sinai, no lado oriental do Mar Vermelho.¹⁰ Assim, à medida que Jesus avança para fora da Arábia, para o norte, em direção a Jerusalém, os povos dessas regiões estão tremendo de terror.

O GUERREIRO DIVINO

Quando o Senhor dividiu o Mar Vermelho durante o Êxodo, Ele exibiu Sua soberania e poder sobre o Faraó e seus exércitos, mas também sobre o próprio mar, bem como os poderes que ele representava. Os antigos hebreus associavam o mar com os poderes do caos, do mal e até o diabo (Ap 12:9; 20:2). (Vamos discutir esse conceito muito mais detalhadamente no Apêndice A). Por enquanto, observamos a ênfase do poder do Senhor sobre os rios e o mar:

Acaso é contra os rios, Senhor, que estás irado? É contra os ribeiros a tua ira, ou contra o mar o teu furor, visto que andas montado sobre os teus cavalos, e nos teus carros de salvação? Descoberto se movimentou o teu arco; os juramentos feitos às tribos foram uma palavra segura. (Selá.) Tu fendeste a terra com rios. Os montes te viram, e tremeram; a inundação das águas passou; o abismo deu a sua voz, levantou ao alto as suas mãos. O sol e a lua pararam nas suas moradas; andaram à luz das tuas flechas, ao resplendor do relâmpago da tua lança. (HABACUQUE 3:8-11)

Considerando que os rios e os mares representam os poderes do caos e os inimigos do Senhor, como o Guerreiro Divino, Jesus virá a derrotá-los a todos. No versículo 8, Ele é descrito pela primeira vez como montando a cavalo.

O ESMAGADOR

A marcha irada de YHVH, o guerreiro do céu, continua:

Com indignação marchaste pela terra, com ira trilhaste os gentios. Tu saíste para salvação do teu povo, para salvação do teu ungido. (HABACUQUE 3:12-13)

A linguagem de pisotear as nações é um tema muito importante. Esse motivo leva diretamente de volta à primeira profecia messiânica na Bíblia, Gênesis 3:15. Uma exegese cuidadosa dessa passagem revela que quando a semente da mulher (o Messias) vier, Ele não só esmagar a cabeça da serpente, mas também seus seguidores. Como já discutimos anteriormente, o tema do Rei Messias Davídico esmagando Seus inimigos é reiterado inúmeras vezes ao longo das Escrituras (Nm 24:17-20; Dt 33:28-29; Jz 5:26-27; Sl 58:10; 68:21; 110:5-6; Jl 3:13; Is 63:1-6; Ml 4:3; Lc 10:17; Ap 19:13,15).

Mais uma vez, além de matar Seus inimigos, é reiterado o propósito final de Sua marcha: Ele veio para salvar seu povo. Israel e todos os que se unem ao Deus de Israel são descritos como Seu “ungido”.

OS EXÉRCITOS DO ANTICRISTO

Há algumas passagens nas Escrituras que simplesmente nos deslumbram. A Oração de Habacuque é uma delas. Verso após verso, ela contém tantos elementos gloriosos e inspiradores. A seguir, o tema geral de Deus esmagando Seus inimigos volta-se especificamente para seu líder.

Tu feriste a cabeça da casa do ímpio, descobrindo o alicerce até ao pescoço. (Selá.) Tu traspassaste com as suas próprias lanças a cabeça das suas vilas; eles me acometeram tempestuosos para me espalharem; alegravam-se, como se estivessem para devorar o pobre em segredo. Tu com os teus cavalos marchaste pelo mar, pela massa de grandes águas. (HABACUQUE 3:14-15)

Esse trecho fala agora do Anticristo e seus seguidores e, provavelmente, até mesmo o próprio Satanás. A ESV diz: “Você esmagou a cabeça da casa dos ímpios”. Aqui, diz-se que o Guerreiro Divino esmaga a cabeça ou chefe (hebraico: rosh) da casa dos inimigos de Deus. Isto é quase idêntico ao Salmo 110:5-6, onde o Filho messiânico de Davi é descrito despedaçando os “principais homens” dentre seus inimigos. Apresentando todos esses vários temas juntos, o Novo Testamento descreve Jesus em Seu retorno, matando o Anticristo e seus exércitos:

E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército. E a besta foi presa, e

com ela o falso profeta, [...] Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre. E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes. (APOCALIPSE 19:19-21; Cf. 2TESSALONICENSES 2:8)

Habacuque 3 é, portanto, uma das primeiras e mais claras passagens no Antigo Testamento que fala sobre o Messias matar o Anticristo.¹¹ Declara graficamente que Jesus abrirá este maligno da coxa ao pescoço. Smith diz: “da cauda ao pescoço” e comenta que essa “parece ser uma referência ao inimigo na forma de um dragão”,¹² o que apontaria mais para o diabo do que para o Anticristo. Naturalmente, os dois são um casal simbiótico de fantoche e mestre – e ambos acabarão sendo atirados no lago de fogo (Ap 19:20; 20:10). Não há dúvida, porém, de que o texto está falando do Anticristo e seus exércitos, já que fala especificamente da destruição do povo que invade a terra de Judá. Alguns comentaristas dizem que isso aponta para os babilônios, que de fato invadiram Judá. Deve-se reconhecer, no entanto, que os babilônios nunca foram destruídos pelo Senhor, como essa passagem. Mais uma vez, como vimos, o Novo Testamento interpreta essas coisas como tendo seu cumprimento final no fim da era.

AGUARDANDO SUA VINDA

Finalmente, o lamento do profeta atinge seu ápice. Anteriormente, no capítulo 2, Habacuque foi informado de que:

A visão é ainda para o tempo determinado, mas se apres-
sa para o fim, e não enganará; se tardar, espera-o, porque
certamente virá, não tardará. (HABACUQUE 2:3)

Embora ele tivesse a certeza de que esta magnífica visão da vinda de Deus realmente aconteceria, ela ainda lhe causou uma dor tremenda, pois, embora ele soubesse que ela acabaria por vir, ela permaneceu num futuro distante. E assim

Ouvindo-o eu, o meu ventre se comoveu, à sua voz tremeram os meus lábios; entrou a podridão nos meus ossos, e estremei dentro de mim; no dia da angústia descansarei, quando subir contra o povo que invadirá com suas tropas. Porque ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; ainda que decepcione o produto da oliveira, e os campos não produzam mantimento; ainda que as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja gado; Todavia eu me alegrarei no Senhor; exultarei no Deus da minha salvação. O Senhor Deus é a minha força, e fará os meus pés como os das cervas, e me fará andar sobre as minhas alturas. (HABACUQUE 3:16-19)

Esperar o cumprimento da visão causou uma tremenda angústia a Habacuque. Seu corpo tremeu e seus ossos se sentiram como se estivessem se desmoronando dentro dele. Por mais extremo que isto possa parecer, na verdade, todo cristão deveria ser capaz de se identificar com Habacuque aqui. Paulo o apóstolo disse que toda a criação geme e sofre enquanto espera pelo retorno do Messias (Rm 8:18-25). Considerando que estamos incluídos na criação de Deus (e somos também Sua noiva expectante), assim devemos também experimentar um desejo doloroso de realização da visão de Habacuque. Embora demore muito tempo, esperamos pacientemente por ela. Por esta razão, o autor da carta aos Hebreus se refere diretamente a esta passagem e pede aos cristãos que se apeguem rapidamente à sua esperança no retorno de Jesus (Hb 10:37-39). Como conclui Robertson:

A ênfase na vinda do próprio Deus como a fonte de esperança para o povo do Senhor encontra sua expressão de consumação adequada nas novas Escrituras da Aliança. Os crentes que sofrem são incentivados a manter sua profissão, já que quem está vindo virá e não tardará (Hb. 10:37). Ao longo de todas as eras, somente a vinda do próprio Senhor pode proporcionar uma esperança genuína para seu povo.

A ORAÇÃO DE HABACUQUE COMO UM SALMO CONGREGACIONAL

Ao longo da Oração de Habacuque, há três ocorrências da palavra hebraica *selá*. Esta palavra aparece setenta e quatro vezes ao longo dos salmos. Significa uma pausa ou interlúdio e podem ter sido usadas para informar os músicos para trocar de instrumento ou para chamar músicos, cantores e ouvintes para fazer uma pausa com a finalidade de ponderar as verdades que estavam sendo cantadas.¹³ Então, no final da oração, lemos: “Para o cantor-mor sobre os meus instrumentos de corda” (v. 19b). Os estudiosos acreditam que a visão de Habacuque foi especificamente escrita como um salmo, “a ser ensaiado na congregação de Israel ao longo dos anos escuros que Israel deverá em breve começar a experimentar”.¹⁴ Em outras palavras, durante os setenta anos de seu doloroso exílio, judeus fiéis provavelmente reuniam-se semanalmente no margem dos rios da Babilônia e cantavam juntos a visão de Habacuque. Como é fascinante imaginar Daniel, Ezequiel e os outros fiéis exilados judeus cantando a Oração de Habacuque em voz alta, lembrando da salvação futura de Deus da terra de seus inimigos. Sim, YHVH veio, *mas Ele também está vindo novamente. Selá.*

CONCLUSÃO

A Oração de Habacuque é uma das mais detalhadas, belas e magníficas descrições do retorno de Jesus em toda a Bíblia. Habacuque tira da Bênção de Moisés, do Cântico de Débora, do Salmo 68, de Isaías 63 e de vários outros textos para pintar um quadro do retorno de Jesus, que é arrebatador e glorioso. A passagem também contém lições atemporais que continuam a ser eminentemente aplicáveis aos cristãos modernos que vivem em culturas cada vez mais hostis àqueles que se apegam à fé bíblica. Trata-se de um texto particularmente relevante para a Igreja do tempo do fim. Da mesma forma que os fiéis exilados judeus teriam cantado regularmente esse glorioso hino juntos, assim também deveriam os cristãos de hoje continuarem a se reunir regularmente para incentivar uns aos outros sobre a fidelidade de Deus e nossa mútua esperança. Como diz na carta aos hebreus, “e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia” (Hb 10:25).

A PROFECIA DE ZACARIAS

Aproximadamente setenta e cinco anos após a profecia de Habacuque, o remanescente de Judá retornou do exílio na Babilônia. Foi durante esse período que Zacarias, o profeta, ministrou, dando-nos uma das profecias finais do Antigo Testamento. Nos dias de Zacarias, a visão de Israel sobre a vinda do Messias era um tradição bastante detalhada e bem desenvolvida. Por ser um dos últimos dos profetas do Antigo Testamento, quando ele falou do Messias, foi capaz de extrair das muitas profecias e revelações que haviam sido feitas antes dele, incluindo a Profecia do Deserto.

HINO DE BATALHA DE ZACARIAS

Na última parte da profecia de Zacarias encontram-se duas mensagens muito importantes. A primeira é encontrada nos capítulos de 9 a 11 e a segunda nos capítulos de 12 a 14. Ambas profecias falam muito sobre a vinda do Messias. A primeira vem sob a forma de um hino de batalha. Ela começa com a frase profética: “O peso da palavra do Senhor” (Zc 12:1). Depois de descrever os julgamentos do Senhor sobre vários povos que cercam Israel, a profecia se volta para descrever a vinda do Messias. O verso 9 é provavelmente o verso mais conhecido em todo o livro de Zacarias:

Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre, e montado sobre um jumento, e sobre um jumentinho, filho de jumenta. (ZACARIAS 9:9)

Essa é uma clara referência ao futuro Rei Davídico. Gritos de alegria aguardam Sua vitoriosa entrada em Jerusalém. Aqui, no entanto, Zacarias não descreve o Rei-Messias como o glorioso Guerreiro Divino encharcado de sangue. Sim, Ele é vitorioso, vindo com a salvação dos inimigos de Israel. Mas Ele também é descrito como humilde, não montado em um cavalo, mas num burro. De onde surgiu a idéia? Parece apresentar uma entrada triunfal que é bem diferente de outras descrições proféticas anteriores da vitoriosa e gloriosa procissão do Messias em Jerusalém. A resposta são quatro canções na profecia de Isaías (42:1-6; 49:7-13; 50:6-8; 52:13-53:12). Ali, o Messias é repetidamente referido como “o Servo”. As canções descrevem uma visão profundamente diferente do Messias do que é normalmente imaginado. O Messias não apenas viria em glória ardente, com todos os Seus anjos, Isaías também descreve o Messias como um servo de Israel que viria e sofreria, para ser esmagado pelos pecados de Seu povo. Foi durante este período que um mistério antes escondido começou a ser revelado: o Messias realmente viria duas vezes – o primeiro em humildade e sofrimento, e o segundo em glória e poder. Assim, Zacarias descreve a primeira entrada triunfal em Jerusalém que ocorreu durante o ministério terrestre de Jesus (Mt 21:1-11; Mc 11:1-11; Lc 19:28-44; Jo 12:12-19). A segunda entrada triunfal, no entanto – aquela que os profetas mais frequentemente enfatizam, aquela que vimos em toda a Profecia do Deserto – é a que se realizará no futuro.

O REINADO MILENAR DE JESUS

Zacarias muda então seu foco da primeira entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, para a época em que Ele governará como Rei, não apenas sobre Israel, mas sobre o mundo inteiro:

E de Efraim destruirei os carros, e de Jerusalém os cavalos; e o arco de guerra será destruído, e ele anunciará paz aos gentios; e o seu domínio se estenderá de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra.
(ZACARIAS 9:10)

Quando Jesus for rei em Israel, as carruagens e os cavalos de guerra não serão mais vistos em toda a terra. O “arco de guerra” será para sempre uma coisa do passado. Uma linguagem semelhante é usada em todos os profetas. Isaías descreve o povo de Israel reciclando instrumentos de guerra em ferramentas para a jardinagem: “e estes converterão as suas espadas em enxadões e as suas lanças em foices” (Is 2:4; cf. Mq 4:3; Jl 3:2). Ezequiel descreve Israel coletando as armas abandonadas de seus inimigos e utilizando-as como lenha por vários anos: “Eles não pegarão lenha do campo nem colherão lenha das florestas, pois farão fogueiras com as armas” (Ez 39:9-10). Em vez de guerra, o Rei fará com que as nações gentílicas caminhem pacificamente com Israel, pois Seu governo se estenderá desde Jerusalém até os confins da Terra (cf. Sl 72:8).

A PROFECIA DO DESERTO DE ZACARIAS

Zacarias faz outra mudança abrupta. Agora, ele fala do retorno triunfante de Jesus. Aqui, temas comuns às Profecias do Deserto emergem claramente. Por causa de Suas promessas de aliança a Israel, está chegando o dia em que o Senhor libertará os prisioneiros judeus do Anticristo e seus exércitos:

Ainda quanto a ti, por causa do sangue da tua aliança, libertei os teus presos da cova em que não havia água. Voltai à fortaleza, ó presos de esperança; também hoje vos anuncio que vos restaurarei em dobro. (ZACARIAS 9:11-12)

Os prisioneiros são descritos como tendo sido mantidos em uma prisão deserta - um poço seco e “sem água”. Isto é compatível com as imagens das referências de Davi e Isaías sobre os prisioneiros que definhavam no deserto, mas sendo grandemente refrescados pelas chuvas que acompanharão Sua vinda para salvá-los (35:1-7; cf. Sl 68:9-10). Por causa das promessas da aliança do Senhor (Gn 15:8-21; Ex 24:3-8), eles serão libertados. As fases finais de restauração do ciclo da aliança estão sendo cumpridas. Os prisioneiros serão devolvidos à sua “fortaleza” de Jerusalém. Apesar de suas muitas perdas, sua restauração completa virá.

O CONFRONTO DE ISRAEL COM O ANTICRISTO NOS ÚLTIMOS DIAS

Em seguida, Zacarias canta as batalhas finais que ocorrerão pouco antes do retorno de Jesus:

Porque curvei Judá para mim, enchi com Efraim o arco; suscitarei a teus filhos, ó Sião, contra os teus filhos, ó Grécia! E pôr-te-ei, ó Sião, como a espada de um poderoso. (ZACARIAS 9:13)

Como George L. Klein afirma no *The New American Commentary*, este verso “declara claramente que no dia futuro da vitória divina, Deus usará Judá como um instrumento para derrotar a Grécia”.¹ Israel e a Grécia realmente se confrontam nos últimos dias? Na verdade, há problemas, com essa visão. Primeiro, é importante notar que a palavra hebraica traduzida como Grécia é na verdade *Yavan*. Na

época de Zacarias, no sexto século AC, a “Grécia” não era uma potência regional e não se tornaria uma por mais dois séculos.² Para o público de Zacarias, Yavan simplesmente referia-se ao litoral da Grécia moderna e ao sudoeste da Turquia. Em segundo lugar, o contexto da profecia não é de nenhum conflito histórico como o que ocorreu entre os Macabeus Epifanes e Antiocos Epifanes. Essa é uma profecia do tempo do fim, descrevendo uma batalha que se desdobrará nos últimos dias e que será finalmente resolvida quando Jesus voltar. Como observa Klein: “Os eventos preditos no v. 13 só verão sua conclusão quando o Senhor finalmente estabelecer seu reino na Terra”.³ Embora o significado exato desse versículo seja amplamente debatido entre os estudiosos, eu sugeriria que a melhor explicação é que Zacarias está simplesmente descrevendo o mesmo conflito que o profeta Ezequiel havia descrito anteriormente (Ez 38-39). A grande batalha de Gog e Magog é uma guerra dos últimos dias entre Israel e uma coalizão de nações liderada pela Turquia moderna. Como tal, a profecia de Zacarias deve ser entendida simplesmente como uma referência a Israel lutando contra o Anticristo e as nações alinhadas com ele.⁴

MARCHANDO NOS REDEMOINHOS DO SUL

A seguir vem uma descrição vívida do que só pode ser entendido como o retorno glorioso de Jesus do céu:

E o SENHOR será visto sobre eles, e as suas flechas sairão como o relâmpago; e o Senhor DEUS fará soar a trombeta, e irá com os redemoinhos do sul. (ZACARIAS 9:14)

Aqui vemos uma teofania rica em temas compatíveis com toda a Profecia do Deserto anterior. Em primeiro lugar, o Senhor “aparece” do céu. Segundo, como observa Barker,

“A linguagem também é antropomórfica”.⁵ Ele vem marchando, na forma de um homem. Terceiro, Suas flechas são como relâmpagos. Isso nos chama a atenção para as descrições de relâmpago ou fogo vindo das mãos do Senhor na Bênção de Moisés (Dt 33:2). Quarto, vemos referências à trombeta (shofar) sendo tocada. Mais uma vez, isto traz à mente o festival de outono de Yom Teruah ou o Dia do Tocar das Trombetas. A combinação de relâmpagos e trombetas nos lembra o dia em que Deus desceu ao Monte Sinai quando “havia trovões e relâmpagos e uma nuvem espessa sobre a montanha e um som muito alto de trombeta” (Ex 19:16). Em quinto lugar, Ele marcha em meio a tempestades e redemoinho. Esta imagem vem diretamente das descrições anteriores da vinda do Senhor feitas por Débora, Davi e Isaías (Jz 5:4; Sl 68:8-9; Is 66:15). Sexto e último, como todas as Profecias do Deserto reiteram, Ele vem do sul – do Sinai, Temã, Seir, Pará, Edom – para Jerusalém. Como Laney afirma categoricamente, este hino profético “descreve a marcha de um Guerreiro Divino”.⁶

O GRANDE BANQUETE

Os versículos 15-17 descrevem o início do reinado milenar do rei Messias: Depois que Israel for firmemente plantado de volta em suas terras, então as grandes celebrações começarão verdadeiramente:

O Senhor dos Exércitos os amparará; eles devorarão, depois que os tiverem sujeitado, as pedras da funda; também beberão e farão barulho como excitados pelo vinho; e encher-se-ão como bacias de sacrifício, como os cantos do altar. E o Senhor seu Deus naquele dia os salvará, como ao rebanho do seu povo: porque como pedras de uma coroa eles resplandecerão na sua terra. Porque, quão grande é a sua bondade! E quão grande

é a sua formosura! O trigo fará florescer os jovens e o mosto as virgens. (ZACARIAS 9:15-17)

Depois que o Senhor defender Israel e salvá-los, Israel dominará sobre seus inimigos. Enquanto a profecia começa com Israel escravizado em um poço deserto, ela termina com ele em sua própria terra, desfrutando de uma grande festa com comida em abundância para “devorar”. A referência a grãos e vinho novo remete novamente à época da colheita de outono e acompanhando festivais sagrados. Webb resume estes três versos: “Deus estará com eles e lutará por eles, como fez por Israel na época do Êxodo. E a luta não durará para sempre. Um dia terminará; o tempo dos grãos e do vinho novo terá chegado”.⁷ Daquele tempo em diante, Israel será como uma jóia brilhante e resplandecente na coroa do Senhor.

Desta forma, a profecia de Zacarias 9 é de fato mais uma importante passagem a ser acrescentada à lista de Profecias do Deserto. A partir das tempestades do sul, o guerreiro divino marchará, libertando os prisioneiros de Israel de seu lugar de escravidão em um poço deserto. Depois de trazer seu povo para a terra prometida, o Rei restaurará o reino a Israel e fará reinar a paz no mundo.

ZACARIAS 12 - 14

Enquanto o hino de batalha de Zacarias 9 é uma profecia messiânica essencial, os capítulos 12-14 também contêm detalhes profundos sobre o período final de redenção. Destacaremos aqui apenas as porções mais relevantes. Como no capítulo 9, o capítulo 12 também começa com: “O peso da palavra do Senhor a respeito de Israel” (v. 1). O profeta continua descrevendo a invasão e o “cerco” de Jerusalém e Judá (vv. 2-8). Ao invés de ser derrotado, porém, Israel obtém a vitória completa. Isto tem confundido alguns. Israel é derrotado nos últimos dias ou é vitorioso? A resposta é simples.

Antes do retorno de Jesus, Israel será derrotado. Depois de Ele voltar, ele será vitorioso. Outros sugeriram que isto pode se referir a conflitos passados, tais como os Seis Dias ou as guerras do Yom Kippur. O contexto, no entanto, é quando Israel for totalmente vitorioso sobre todos os seus inimigos. Isso só acontecerá quando o Messias estiver presente. Será então que as nações inimigas que cercarem Israel serão consumidas como lenha em uma fogueira (vv. 5, 6). A nação judaica estará tão capacitada, que eles serão descritos sendo “como Deus” (vv. 7, 8). Durante este tempo, o Senhor declara que Ele “ferirá de espanto cada cavalo e seu cavaleiro com loucura” (v. 4). A intenção desses versos é refletir a vitória de Deus durante o Êxodo. Como comenta Webb, “Esse é o tipo de coisa que aconteceu quando o Senhor derrubou o exército do faraó no Mar Vermelho”.⁸

AQUELES A QUEM ELES TRASPASSARAM

Os versículos 9-10 descrevem um dos eventos mais fundamentais e importantes da Bíblia. Zacarias capta o momento em que o Messias é plenamente revelado ao seu povo:

E acontecerá naquele dia, que procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém; Mas sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem traspassaram; e prantearão sobre ele, como quem pranteia pelo filho unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito. (ZACARIAS 12:9-10)

Aquele que é “traspassado” aqui é uma referência certa ao Servo Sofredor de Isaías, o Messias. De fato, Deus se identifica como Aquele que foi traspassado: “Olarão para Mim a quem traspassaram”. Webb capta a intensidade da aflição

do Senhor: “Não é um mero ferimento, mas um golpe de morte; um furo no coração”. Mas isso não é ainda o pior de tudo. A dor mais profunda é causada pelo conhecimento de quem o fez. Não é o inimigo... mas seu próprio povo”.⁹ Tendo finalmente e verdadeiramente “visto” o Messias que foi traspassado e esmagado por seus pecados, todas as tribos de Israel chorarão e se arrependerão pelo que fizeram. Como discutimos no capítulo 13, isso resultará no derramamento do Espírito Santo do Senhor sobre toda a nação e na consumação da nova aliança (Dt 32:36-39; Is 59:19-21; Jr 31:27-34; Ez 34:25-27; 36:23-31). Os versículos 11-14 descrevem as tribos de Israel, permitindo que essa nova revelação e arrependimento se aprofundem em seus corações. O capítulo 13 descreve os resultados deste grande trabalho espiritual interno:

Naquele dia haverá uma fonte aberta para a casa de Davi, e para os habitantes de Jerusalém, para purificação do pecado e da imundícia. E acontecerá naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, que tirarei da terra os nomes dos ídolos, e deles não haverá mais memória; e também farei sair da terra os profetas e o espírito da impureza. (ZACARIAS 13:1-2)

Israel se afastará para sempre de sua rebelião contra o Senhor. Idolatria, maus conselheiros e falsos profetas serão para sempre uma coisa do passado. O povo e a terra juntamente serão totalmente renovados.

OS CASTIGOS DA ALIANÇA

Zacarias volta, então, ao tema dos castigos da aliança:

E acontecerá em toda a terra, diz o Senhor, que as duas partes dela serão extirpadas, e expirarão; mas a terceira

parte restará nela. E farei passar esta terceira parte pelo fogo, e a purificarei, como se purifica a prata, e a provarei, como se prova o ouro. Ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi: É meu povo; e ela dirá: O Senhor é o meu Deus. (ZACARIAS 13:8-9)

A visão é chocante em sua especificidade e é devastadoramente dolorosa. Já discutimos essa passagem e seu significado em detalhes no capítulo 16 deste livro. O que está claro é que o Senhor conduzirá Israel através das punições de refinamento e purificação da aliança. O tema continua no capítulo 14:

Eis que vem o dia do SENHOR, em que teus despojos se repartirão no meio de ti. Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres forçadas; e metade da cidade sairá para o cativo, mas o restante do povo não será extirpado da cidade. (ZACARIAS 14:1-2)

As advertências proféticas encontradas em Levítico 23:14-33 e Deuteronômio 4:26-28, 32:23-27 agora encontram seu cumprimento final. Providencialmente, enquanto escrevo este capítulo, na verdade estou sentado na parte leste de Jerusalém. A exatidão da profecia de Zacarias não pode ser ignorada. Aqui o profeta descreveu Jerusalém sendo dividida, especificamente nos últimos dias. A metade dos habitantes da cidade será levada como prisioneira de guerra. Contudo, por razões que Zacarias não explica, metade permanecerá na cidade. Aqui eu me sento nesta mesma cidade, dividida, alguns dois mil anos mais tarde, exatamente como o profeta predisse.

ENTÃO, O SENHOR, MEU DEUS, VIRÁ

Agora vem a parte mais gloriosa da profecia. Logo após os últimos castigos, vem o Salvador de Israel:

Eis que vem o dia do SENHOR, em que teus despojos se repartirão no meio de ti. Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém; e a cidade será tomada, e as casas serão saqueadas, e as mulheres forçadas; e metade da cidade sairá para o cativoeiro, mas o restante do povo não será extirpado da cidade. E o Senhor sairá, e pelejará contra estas nações, como pelejou, sim, no dia da batalha. E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; e metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade dele para o sul. E fugireis pelo vale dos meus montes, pois o vale dos montes chegará até Azel; e fugireis assim como fugistes de diante do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá. (ZACARIAS 14:1-5)

Esta parte da profecia de Zacarias levou a muita confusão em relação ao local real do retorno de Jesus. Enquanto a passagem diz que os pés do Senhor realmente estarão no Monte das Oliveiras, muitos acreditam que a passagem ensina que Jesus descerá do céu e pousará no Monte das Oliveiras. Discutiremos o local de Seu retorno com muito mais detalhes no capítulo 27. Mas, por enquanto, basta observar que a passagem não diz especificamente onde o Senhor irá descer quando Ele voltar. Como vimos, porém, em toda a Profecia do Deserto, o Senhor é consistentemente descrito vindo do sul, em direção a Jerusalém, com seus exércitos celestiais. O próprio Zacarias já descreveu o mesmo na profecia anterior (9:14). O

profeta não se contradiz aqui. A declaração relativa aos pés do Senhor, de pé no Monte das Oliveiras “naquele dia”, deve ser entendida referindo-se ao período geral de Seu reinado. Se o texto dissesse que Jesus pousará no Monte das Oliveiras, então por que todo o Seu povo está fugindo? Não faria sentido que o povo fugisse da chegada de seu Salvador. Eu sugeriria que a melhor solução para isso está no reconhecimento de que essa passagem de Zacarias não se trata de uma série de eventos claramente sequenciados cronologicamente, mas sim de uma série de declarações gerais relativas a este período mais amplo. Quando essa parte da profecia de Zacarias é considerada, juntamente com sua profecia anterior do capítulo 9, então entendemos que a ordem dos eventos se desenvolverá da seguinte forma: algum tempo antes do retorno real de Jesus durante a grande tribulação, haverá um grande terremoto. Isto fará com que o Monte das Oliveiras seja dividido em dois. Quando isso ocorrer, muitos dos habitantes de Jerusalém fugirão da cidade. Então, algum tempo depois, o Senhor, juntamente com as miríades de Seus santos, “virá” a Jerusalém e trará a Seu povo de volta para a cidade. Essa entrada triunfal em Jerusalém só ocorre após a grande procissão do sul. Portanto, será depois que os habitantes de Jerusalém fugirem, que o Senhor virá e irá trazê-los de volta a Jerusalém. Assim Zacarias reitera:

Então virá o Senhor meu Deus, e todos os santos contigo. E acontecerá naquele dia, que não haverá preciosa luz, nem espessa escuridão. Mas será um dia conhecido do Senhor; nem dia nem noite será; mas acontecerá que ao cair da tarde haverá luz. Naquele dia também acontecerá que sairão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental, e metade delas para o mar ocidental; no verão e no inverno sucederá isto. E o Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um será o Senhor, e um será o seu nome. (ZACARIAS 14:5-9)

Aqui vemos a linguagem de Deus “vindo” e especificamente com os Seus santos. Ao chegarmos ao final do Antigo Testamento, essa imagem, que apareceu pela primeira vez na bênção de Moisés, tornou-se agora uma história muito bem desenvolvida de libertação divina. Como veremos, os escritores do Novo Testamento claramente olharam para este texto, e outras passagens semelhantes, como uma profecia messiânica que fala do retorno de Jesus.

O REINO RESTAURADO DE ISRAEL

A descrição de um rio que flui de Jerusalém é simbólica e literal. Enquanto fala simbolicamente da vida que irá fluir de Jerusalém quando Jesus for Rei, é também bastante literal. Durante o reino milenar, haverá um verdadeiro rio que flui para o sul de Jerusalém. Zacarias faz referência direta a Joel 3:18 e a Ezequiel 47:1-12 com esta imagem e, mais tarde, Apocalipse 22:1 descreveria exatamente a mesma coisa. O que vem a seguir é inequivocamente uma descrição do reinado milenar de Jesus:

E o Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um será o Senhor, e um será o seu nome. [...] E habitarão nela, e não haverá mais destruição, porque Jerusalém habitará segura. (ZACARIAS 14:9,11)

A natureza universal do reinado de YHVH é reafirmada. A afirmação de que não haverá mais “uma maldição” é uma referência às maldições da aliança. Da mesma forma que a desobediência de Israel será uma coisa do passado, as maldições da aliança também serão uma coisa do passado.

MALDIÇÃO DE MORTE

O versículo 12 tem sido fonte de muita especulação popular. Os exércitos do Anticristo que resistirem ao poder do Messias

experimentarão uma morte que muitos compararam com os efeitos de serem atingidos por uma explosão nuclear:

E esta será a praga com que o Senhor ferirá a todos os povos que guerrearam contra Jerusalém: a sua carne apodrecerá, estando eles em pé, e lhes apodrecerão os olhos nas suas órbitas, e a língua lhes apodrecerá na sua boca. (ZACARIAS 14:12)

Aqueles que ousarem enfrentar o poder do guerreiro divino radiante e encharcado de sangue serão devorados onde estiverem, como que por um fogo que consome tudo. Diante da fraca carne humana, o poder absoluto e incontrolável de Deus não é comparável. Mais tarde, o apóstolo Paulo diria que quando Jesus vier, Ele matará o Anticristo “pelo sopro de sua boca e [...] pelo esplendor de sua vinda” (2 Ts 2:8 NIV). Ao longo da parte restante da profecia, durante o reinado milenar de Jesus, as nações gentílicas são retratadas como inteiramente subjugadas pelo povo de Israel e seu Rei. Eles não serão meros inimigos derrotados, no entanto, eles realmente participarão dos dias santos de Israel. Como Boda descreve, “A derrota das nações leva à sua submissão a este rei cósmico, demonstrada em sua peregrinação anual a Jerusalém para a Festa dos Tabernáculos”.¹⁰

CONCLUSÃO

Zacarias, sendo um dos últimos dos profetas, apresenta magistralmente uma visão do retorno do Messias que combina idéias e temas de várias outras profecias. Combinando profecias da invasão e ocupação da cidade de Jerusalém de que falaram os profetas anteriores (Jl 3:1-3; Dn 11:31-45; Ez 38-39) com Profecias do Deserto em que Deus vem, ele pinta o primeiro quadro claro e mais abrangente da derradeira entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. O Senhor não só

volta com Seus santos do céu, mas também com aqueles que fugiram durante as horas finais, quando as forças do Anticristo terão tomado o controle da cidade. Ele volta então, não apenas como um rei retornando da guerra, mas como um libertador da própria cidade.

Ao concluirmos nossa discussão sobre as Profecias do Deserto do Antigo Testamento, notamos algo bastante surpreendente. Não precisamos nem mesmo recorrer ao Novo Testamento para entender a bela e gloriosa visão bíblica do retorno do Messias. Embora muitos cristãos assumam erroneamente que a concepção do retorno de Jesus é puramente uma doutrina do Novo Testamento, a verdade é que a rica tradição das Profecias do Deserto do Antigo Testamento, ao lado de muitas das outras profecias messiânicas classicamente reconhecidas, nos fornece uma vibrante, detalhada e gloriosa visão tecnicolor do retorno de Jesus. A Bíblia realmente pintou este quadro muito antes mesmo de o Novo Testamento ter sido escrito. Quando Jesus e os apóstolos apareceram, essa visão já teria sido amplamente conhecida e compreendida pelo povo de Deus.

A PROFECIA DE ENOQUE

Antes de completarmos nosso levantamento das Profecias do Deserto, também precisamos olhar para a profecia de 1 Enoque.¹ Embora 1 Enoque não faça parte do cânon bíblico, foi, no entanto, um livro muito conhecido e influente tanto antes quanto durante a vida de Jesus. Curiosamente, parte da profecia de Enoque realmente entrou no Novo Testamento, no livro de Judas. A profecia começa:

As palavras das bênçãos de Enoque, com as quais ele abençoou os eleitos e os justos, os quais devem existir nos tempos da tribulação, rejeitando toda iniquidade e mundanismo. Enoque, um homem justo, o qual estava com Deus, respondeu e falou com Deus enquanto seus olhos estavam abertos, e enquanto via uma santa visão dos céus. Isto os anjos me mostraram. Deles eu ouvi todas as coisas e entendi o que vi; coisas que não terão lugar nesta geração, mas numa geração que deve acontecer num tempo distante, por causa dos eleitos. (1ENOQUE 1:1-3)

A profecia começa de maneira muito semelhante à Bênção de Moisés. Em vez de “a bênção com a qual Moisés, o homem de Deus, abençoou os filhos de Israel” (Dt 33:1),

temos aqui “a bênção com a qual Enoque abençoou o justo escolhido que estará presente no dia da tribulação” (1:1). A visão, de acordo com o autor, foi dada durante uma visita ao céu, e também transmitida através da audição das palavras dos “observadores” e dos “santos” enquanto lá estavam. Enoque deixa claro o contexto de Sua profecia. É para uma geração distante, especificamente para aqueles que estarão vivos durante a grande tribulação para testemunhar a vinda de Deus do céu. Desta forma, a profecia começa:

As palavras das bênçãos de Enoque, com as quais ele abençoou os eleitos e os justos, os quais devem existir nos tempos da tribulação, rejeitando toda iniquidade e mundanismo. Enoque, um homem justo, o qual estava com Deus, respondeu e falou com Deus enquanto seus olhos estavam abertos, e enquanto via uma santa visão dos céus. Isto os anjos me mostraram. Deles eu ouvi todas as coisas e entendi o que vi; coisas que não terão lugar nesta geração, mas numa geração que deve acontecer num tempo distante, por causa dos eleitos. A respeito deles eu falei e conversei com Ele, o qual virá de Sua habitação, o Santo e Poderoso, o Deus Criador do mundo: O qual pisará sobre o Monte Sinai; aparecerá com Suas hostes e se manifestará com a força do Seu poder dos céus. Todos estarão temerosos e as sentinelas estarão aterrorizados. Grande temor e tremor se apoderarão deles, mesmo aos confins da terra. As alturas das montanhas serão abaladas, e os altos montes serão abatidos, derretidos como o favo de mel na chama de fogo. A terra será imersa e todas as coisas que nela estão perecerão; enquanto um julgamento virá sobre todos, mesmo sobre todos os justos. (1 ENOQUE 1:1-9)

Os comentários iniciais sobre Deus vindo de Seu lugar de morada no céu e aterrissando no Monte Sinai são fascinantes,

pois se relacionam com nosso estudo. Enquanto Deuteronômio 33, Juízes 5 e Habacuque 3 prevêm Deus vindo do Sinai e marchando em direção a Jerusalém, algumas traduções da profecia de Enoque parecem retratá-Lo pousando diretamente no Monte Sinai. O grego estrutural de Enoque inclui as palavras “sobre a terra” que tornam difícil determinar o significado exato de Enoque. Será que a profecia indica que Deus virá diretamente do céu para o Sinai ou que Ele descerá do céu para a terra, eventualmente chegando ao Sinai? Enquanto as traduções de Charlesworth e Nickelsburg apontam para a primeira, as traduções de Charles e Evans apontam para o último. Isso imediatamente levanta perguntas sobre Zacarias 14, que muitos se lembram erroneamente de afirmar que Ele “pousará” no Monte das Oliveiras. Como discutimos no último capítulo, no entanto, a afirmação real ali é simplesmente que “naquele dia”, ou seja, dentro de um período mais abrangente ao mencionado, Seus pés “pisarão” no Monte das Oliveiras. Isso não acontecerá, é claro, até que Ele venha a Jerusalém com miríades de Seus santos, como os outros textos indicam em consenso. Discutiremos esse assunto mais detalhadamente à medida que avançarmos.

A ênfase da profecia de Enoque diz respeito ao julgamento contra os ímpios. Como comenta Nickelsburg:

Essa parte inicial da profecia de Enoque descreve a vinda do Deus transcendente, o Guerreiro divino, que aparecerá na Terra para executar o julgamento universal sobre a humanidade e sobre os observadores rebeldes.³

A profecia parece confundir Deuteronômio 33 com Miquéias 1:3-4. Enquanto a Bênção de Moisés prevê que Deus vem do Sinai, Miquéias prevê que Deus desce do céu:

Porque eis que o Senhor está para sair do seu lugar, e descerá, e andaré sobre as alturas da terra. E os montes debaixo dele se derreteráo, e os vales se fenderáo, como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo. (MIQUÉIAS 1:3-4)

Enoque emprega uma linguagem semelhante à das montanhas que derretem como cera de Miquéias. Isso também faz lembrar as palavras de Davi no início do Salmo 68, que chama a Deus para se levantar e julgar Seus inimigos, que derreteráo como cera. A poesia aqui pretende transmitir o julgamento de Deus contra as nações e os ímpios em toda a Terra. Diante de Sua presença e de Seus julgamentos, eles se dissiparão como cera diante de um fogo furioso. James H. Charlesworth resume a profecia desta forma:

Israel será salvo entre os gentios e o Messias aparecerá a eles e os levará a Jerusalém com grande alegria. Além disso, o reino de Israel, reunido dos quatro cantos do mundo, comerá com o Messias, e os gentios comeráo com eles.⁴

O que é tão fascinante sobre essa profecia é o fato de que a parte final (v. 9) é citada textualmente por Judas no Novo Testamento (Judas 14). Judas e outros na igreja primitiva interpretaram essa profecia como referindo-se ao retorno de Jesus. Então Judas cita a profecia de Enoque, que descreve Deus descendo do céu para o Monte Sinai e a aplica ao retorno de Jesus. Enoque, no entanto, baseia-se na Bênção de Moisés, a primeira das Profecias do Deserto.

O SEGUNDO ÊXODO NA MENTE JUDAICA DO PRIMEIRO SÉCULO

Embora o conceito de Jesus marchando pelo deserto quando Ele volta seja, sem dúvida, um conceito estrangeiro para

a maioria dos cristãos de hoje, G. K. Beale argumenta que na verdade teria sido amplamente conhecido durante o primeiro século. Durante este período, segundo Beale, além de Enoque, vários outros “escritos judeus desenvolveram a crença de que o Messias reuniria seu povo no deserto no fim dos tempos”.⁵ Além disso, “Essa visão do futuro está refletida nos escritos de Josefo, que identifica explicitamente os movimentos messiânicos do primeiro século com temas do deserto e do Êxodo”.⁶ Por exemplo, Josefo faz menção a várias figuras falsas do messias que conduziram grupos para o deserto “fingindo que Deus ali lhes mostraria os sinais de liberdade”.⁷ Um desses falsos profetas, nos é dito,

reuniu trinta mil homens que foram iludidos por ele; os quais ele conduziu pelo deserto até o monte que era chamado de Monte das Oliveiras, e estava pronto para invadir Jerusalém a força a partir daquele lugar; e se ele pudesse apenas uma vez conquistar a guarnição romana e o povo, ele pretendia dominá-los com a ajuda dos guardas que iriam invadir a cidade com ele.⁸

Como comenta corretamente N. T. Wright, “Qualquer pessoa que ajunte pessoas no deserto do Jordão estava dizendo simbolicamente: este é o novo Êxodo”.⁹ Beale acrescenta, “A associação com o deserto dos Zelotes e movimentos similares é provavelmente parte desta expectativa messiânica maior”.¹⁰ De acordo com Beale, a comunidade Qumran especificamente mudou-se para o deserto, acreditando que estavam começando a cumprir essas profecias de restauração.¹¹ Embora o autor de 1 Enoque e os da comunidade de Qumran, vários judeus zelotes e João Batista provavelmente tivessem crenças drasticamente diferentes, eles compartilharam a visão comum de que a restauração messiânica acontece no deserto. Com base em todas as várias profecias que estudamos, o

enredo geral da Profecia do Deserto obviamente tornou-se um ponto de vista amplamente difundido. Provavelmente essa é a razão pela qual Jesus realmente advertiu seus seguidores para não saírem para o deserto em busca de cada nova figura messiânica que aparecesse (Mt 24:24-26). Jesus deixou claro que quando o verdadeiro Messias vier, como é descrito em passagens como Deuteronômio 33 ou Habacuque 3, Ele virá brilhando como o resplendor do sol. Sua vinda será gritante e inevitavelmente óbvia: “Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem” (Mt 24:27).

Em conclusão, a narrativa que examinamos ao longo das várias profecias do deserto era amplamente conhecida e acreditada pelos judeus do primeiro século. Jesus, João Batista e os apóstolos, todos teriam sido muito familiarizados, em diferentes níveis, com essa bela história de restauração. Como veremos no próximo capítulo, a expectativa também se reflete claramente em todos os escritos do Novo Testamento.

O RETORNO DE JESUS NO NOVO TESTAMENTO

Finalmente, chegamos ao testemunho do Novo Testamento. Quando os cristãos desejam compreender o retorno de Jesus, na maioria das vezes esta é a única parte da Bíblia à qual eles se voltarão. Muitos nunca consideram sequer se o Antigo Testamento tem algo a dizer sobre esse assunto.

A visão bíblica da vinda do Messias do céu, entretanto, é muito mais antiga do que o Novo Testamento. Como já demonstramos, no tempo de Jesus e dos apóstolos, o enredo da gloriosa vinda do Messias e da marcha vitoriosa pelo deserto era amplamente conhecido e compreendido pelo povo de Deus. Os autores do Novo Testamento raramente elaboraram sobre a história em grandes detalhes, porque suas Bíblias já faziam isso. Existem exceções, onde mistérios que haviam sido em grande parte escondidos foram aprofundados. O fato de que haveriam duas vindas do Messias, por exemplo, pode ser a mais significativa dessas exceções. Os autores do Novo Testamento entenderam claramente que a primeira vinda do Messias foi para a expiação dos pecados, enquanto a segunda vinda é para julgamentos e recompensas. Como afirma o autor da carta aos Hebreus, Jesus veio “uma vez para levar os pecados de muitos” e “aparecerá uma segunda vez, sem pecado, para a salvação daqueles que O esperam ansiosamente” (Hb 9:28).

Neste capítulo, mostraremos que a visão do Novo Testamento para o retorno de Jesus é inteiramente derivada e construída a partir dos textos fundamentais do Antigo Testamento que examinamos. Praticamente todas as passagens do Novo Testamento que falam do retorno de Jesus remetem à Profecia do Deserto.

O RETORNO DE JESUS DE ACORDO COM JESUS

A primeira referência no Novo Testamento à bendita esperança vem de ninguém menos que do próprio Jesus. Ele descreve seu retorno desta maneira: “Porque o Filho do Homem virá na glória de seu Pai com seus anjos, e então retribuirá a cada homem segundo suas obras” (Mt 16:27; cf. Lc 9:26). Mais tarde, em Seu Sermão do Monte das Oliveiras, Jesus se refere ao Seu retorno duas vezes. Primeiro Ele diz: “Verá o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória”. E Ele enviará Seus anjos com uma grande trombeta, os quais reunirão Seus eleitos dos quatro ventos, de uma ponta à outra do céu” (Mt 24:30-31; cf. Mc 13:26; Lc 21:27). Ainda mais tarde, Ele diz: “E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória” (Mt 25:31).¹

Dentro das descrições do próprio Jesus de Sua vinda, observamos os seguintes temas:

1. Jesus chama a si mesmo de “o Filho do Homem”;
2. Ele virá;
3. Em grande glória;
4. Nas nuvens;
5. Com Seus anjos;
6. Com o clamor da trombeta;
7. Tudo isso será acompanhado pela reunião de Seus eleitos.

De onde vêm estes sete conceitos? Quatro deles são encontrados pela primeira vez na Bênção de Moisés. Ali Deus é visto como (1) “vindo” do céu (2) em radiante glória, (3) cavalcando sobre as nuvens, (4) com miríades de Seus santos anjos. Mais tarde os mesmos temas são repetidos nas Profecias do Deserto de Juízes 5, Salmo 68, Isaías 35 e 40, e Zacarias 14. Além disso, Jesus associa seu retorno com o soar de uma grande trombeta e com a reunião de Seus eleitos. Esse tema faz referência direta ao Êxodo, quando no dia em que o Senhor desceu, havia “um som de trombeta muito alto” (Ex 19:16). Os dois temas, do som da trombeta e a reunião de Seus eleitos, se encontram juntos em Isaías 27: “E será naquele dia que se tocará uma grande trombeta, e os que andavam perdidos pela terra da Assíria, e os que foram desterrados para a terra do Egito, tornarão a vir, e adorarão ao Senhor no monte santo em Jerusalém” (v. 13). O contexto desse verso é obviamente a grande reunião escatológica dos eleitos de Deus para a terra e parece ser o principal ponto de referência de Jesus. A Profecia do Deserto de Zacarias também descreve o soar de trombetas em associação com a vinda do Guerreiro Divino:

E o SENHOR será visto sobre eles, e as suas flechas sairão como o relâmpago; e o Senhor DEUS fará soar a trombeta, e irá com os redemoinhos do sul. (ZACARIAS 9:14)

E o termo “Filho do Homem”? De onde vem esse termo? É encontrado na visão de Daniel de quatro bestas e do tribunal do céu. Lá, nos é mostrada uma figura que, embora tenha a forma de um humano, também cavalga sobre as nuvens (Dn 7:13). Novamente, Aquele que aparece ou cavalga sobre as nuvens não é outro senão YHVH (Ex 13:21; 16:10; 24:16; 20:21; 33:9,10; 34:5; 40:34, 38; Dt 33:26; Sl 18:9-11; 68:4, 32-33; Sl 104:3; Is 19:1). Além disso, essa figura

receberá um “reino eterno” para que “todos os povos, nações e homens de todas as línguas” O sirvam (Dn 7:14). Não é preciso dizer que a figura que Daniel vê não é outra senão a de YHVH na forma humana. Ele também é o vitorioso Cavaleiro das Nuvens da Profecia do Deserto que voltará para estabelecer “Seu reino” (Dn 7:14). É absolutamente surpreendente que esta seja a maneira que Jesus se identifica. Ele essencialmente disse a seus discípulos: “Vocês leram as profecias sobre YHVH voltando do céu em glória, marchando até Jerusalém para estabelecer Seu reino. Eles estavam falando de mim. Eu sou Aquele que Moisés viu vindo em radiante glória do Monte Sinai. Eu sou Aquele sobre quem Débora cantou, marchando nas nuvens da tempestade através de Edom. Eu sou Aquele que Davi imaginou liderando uma grande procissão até Jerusalém. Eu sou Aquele que Daniel viu - plenamente Deus, mas plenamente homem. Você me verá voltando sobre as nuvens, em glória, brilhando como o sol. Tudo o que os profetas têm dito é verdade”. As próprias descrições de Jesus de Sua segunda vinda estão quase inteiramente enraizadas no imaginário da teofania no Monte Sinai, assim como as visões posteriores dos profetas, particularmente Daniel 7. Todos os sete temas e motivos principais que Jesus usa para descrever Sua própria volta ou se ligam ao Monte Sinai ou ao enredo profético das Profecias do Deserto.

O RETORNO DE JESUS DE ACORDO COM PAULO

E quanto aos apóstolos? Como eles descrevem o retorno de Jesus? A primeira referência direta de Paulo ao retorno de Jesus é encontrada em 1 Tessalonicenses, onde ele menciona “a vinda de nosso Senhor Jesus com todos os seus santos” (3:13). Ele usa os dois temas “a vinda de nosso Senhor” e “com os Seus santos”. Onde encontramos estes dois temas juntos? Eles aparecem juntos pela primeira vez na Bênção

de Moisés, a mãe de todas as outras Profecias do Deserto. No capítulo seguinte, Paulo começa dizendo: “Para isto vos dizemos pela palavra do Senhor” (4:15), inferindo que ele está prestes a citar textos do Antigo Testamento. Ele então diz, “Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus” (1Ts 4:16). Novamente, o conceito de Deus descendo ou vindo do céu aponta primeiro para o momento em que: “O Senhor desceu no Monte Sinai” (Ex 19:20). O conceito do Senhor descendo do céu, ou vindo sobre as nuvens do céu, como temos repetidamente discutido é, talvez, o tema mais consistente em toda a Profecia do Deserto. O termo específico “descer do céu”, no entanto, também pode ser uma referência mais direta tanto a Miquéias 1: “Pois eis que o Senhor está saindo de Seu lugar”. Ele descerá e pisará nos lugares altos da terra” (v. 3), quanto a 1 Enoque, que declara: “O Deus do universo, o Grande Santo, vai sair de sua morada. E dali ele marchará sobre o Monte Sinai” (1:3-4).² O conceito do “grito de Deus” parece apontar para a descrição de Isaías de que o Senhor vai adiante como o Guerreiro Divino, deixando sair um grito e levantando “um grito de guerra” (Is 42:13). Jeremias também diz: “O Senhor bramará do alto e proferirá Sua voz de Sua santa morada” (Jr 25,30). Da mesma forma, ambos Oséias como Joel falam do Senhor rugindo e gritando em voz alta de Sião no contexto da salvação escatológica (Jl 3:16; Os 11:10). O conceito da voz de um arcanjo é um pouco misterioso, como parece estar sem precedentes claros do Antigo Testamento. Talvez seja Miguel (Judas 9). O toque de trombeta de Deus, por outro lado, como discutimos acima, não está enraizada apenas na história da teofania no Sinai, mas é mencionado por Isaías e Zacarias associado à vinda de Deus no fim dos tempos.

Em sua segunda epístola aos Tessalonicenses, Paulo diz “quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder, Com labareda de fogo, tomando vingança dos

que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo” (2Ts 1:7-8). Em vez de se referir a Jesus “vindo”, Paulo fala aqui de Jesus sendo “revelado” do céu. A palavra grega para “revelado” é *apokalypsei*, do qual vem o inglês “apocalypse”. Assim, o livro de Apocalipse também é chamado “Apocalypse” ou “Apocalipse de Jesus Cristo”, e o assunto principal do livro é a revelação ou a vinda de Jesus do céu. O texto a que se faz alusão é a Profecia do Caminho no Deserto de Isaías 40:

E a glória do Senhor se manifestará, e toda a carne juntamente a verá, pois a boca do Senhor o disse. (ISAÍAS 40:5)

Além disso, notamos que Paulo usa os outros temas seguintes: (1) Jesus será revelado “do céu” (2) com Seus anjos (3) em fogo ardente (4) para trazer o castigo a Seus inimigos. Mais uma vez, todos esses temas são encontrados consistentemente em toda a Profecia do Deserto. O conceito de Ele vir em fogo ardente para julgar Seus inimigos, embora originários da teofania no Monte Sinai (Ex 19:18; 24:17), parece ser uma referência direta ao capítulo final da profecia de Isaías:

Porque, eis que o Senhor virá com fogo; e os seus carros como um torvelinho; para tornar a sua ira em furor, e a sua repreensão em chamas de fogo. Porque com fogo e com a sua espada entrará o Senhor em juízo com toda a carne; e os mortos do Senhor serão multiplicados. (ISAÍAS 66:15-16)

Mais tarde, Paulo fala do “aparecimento da glória de nosso grande Deus e Salvador, Cristo Jesus” (Tg 2:13). Simplesmente observamos que Paulo se refere a Jesus como Deus e Salvador. Mais uma vez, o Novo Testamento faz referências às muitas passagens que falam da vinda de Deus para salvar

Seu povo e vê o retorno de Jesus. Além do apóstolo Paulo, Pedro também se refere à “promessa de Sua vinda” (2Pd 3:4), assim como o autor da carta aos hebreus, que nos assegura: “O que há de vir virá” (Hb 10:37). Essa é na verdade uma citação direta da Profecia do Deserto de Habacuque (2Pd 3:4). Tiago fala da vinda do Senhor (5:7,8). Novamente, o tema geral da “vinda” de Deus tem origem nas Bênçãos de Moisés. Finalmente, Judas, o irmão de Jesus, refere-se a Jesus como quem virá do céu “com muitos milhares de Seus santos, para executar juízo sobre todos” (Judas 14-15). Como já discutimos, trata-se de uma citação direta de 1 Enoque, o único texto que pode afirmar explicitamente que Jesus virá do céu e pousará no Monte Sinai.

O RETORNO DE JESUS DE ACORDO COM O LIVRO DE APOCALIPSE

Finalmente, no livro de Apocalipse, o apóstolo João primeiro declara: “Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. É assim que deve ser. Amém”. (Ap 1:7). Aqui está uma passagem que mistura imagens de Zacarias 12 com os profecias do Cavaleiro das Nuvens. O verso seguinte diz: “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso” (Ap 1:8), uma afirmação inequívoca de que Jesus é tanto o Deus Todo-Poderoso como O que há de vir.

Assim, em Apocalipse 12, Israel é descrito como uma mulher que foge “para o deserto onde tinha um lugar preparado por Deus, para lá ser alimentada por mil duzentos e sessenta dias” (v. 6). Aqui temos um exemplo claro do Novo Testamento espelhando a narrativa do Antigo Testamento de Israel fugindo para o deserto para aguardar YHVH, o Guerreiro Divino e salvador. Apenas alguns versículos mais adiante, nos é dito:

E foram dadas à mulher duas asas de grande águia, para que voasse para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentada por um tempo, e tempos, e metade de um tempo, fora da vista da serpente. (APOCALIPSE 12:14)

A referência à mulher a quem foram dadas asas de uma águia reflete o tema intencional do “segundo Êxodo”, pois aponta diretamente para o primeiro Êxodo quando o Senhor declarou a Israel: “Como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a Mim” (Ex 19:4). Então, no final da profecia, João descreve o retorno de Jesus com muito mais detalhes do que qualquer outra passagem do Novo Testamento:

Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos. E disse-me: Escreve: Bem Aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus. E eu lancei-me a seus pés para o adorar; mas ele disse-me: Olha não faças tal; sou teu conservo, e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus. Adora a Deus; porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia. E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça. E os seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão ele mesmo. E estava vestido de veste tingida em sangue; e o nome pelo qual se chama é A Palavra de Deus. E seguiam-no os exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro. E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e ele as regerá com vara de ferro; e

ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso. E no manto e na sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis, e Senhor dos senhores. E vi um anjo que estava no sol, e clamou com grande voz, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde, e ajuntai-vos à ceia do grande Deus; Para que comais a carne dos reis, e a carne dos tribunos, e a carne dos fortes, e a carne dos cavalos e dos que sobre eles se assentam; e a carne de todos os homens, livres e servos, pequenos e grandes. E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército. E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre. E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes. (APOCALIPSE 19:7-21)

João agora acrescenta a todos os temas anteriormente mencionados, que quando Jesus voltar:

1. Ele celebrará seu banquete de casamento;
2. Ele voltará como um guerreiro;
3. O céu será aberto;
4. Ele virá montado em um cavalo;
5. Suas vestes ficarão encharcadas de sangue;
6. Seus exércitos também estarão montando a cavalo;
7. Ele virá para esmagar seus inimigos como uvas;
8. Ele matará o Anticristo e suas hordas;
9. Os animais comerão a carne de seus inimigos;
10. Ele virá para governar as nações.

Cada um desses temas é extraído diretamente da Profecias do Deserto. É claro, qualquer um que entenda a natureza do pacto no Sinai como uma cerimônia de noivado, seguida de muitas referências feitas pelos profetas a Deus como marido de Israel, reconhecerá a importância da referência ao “casamento do Cordeiro”. Então, ao longo dos Evangelhos, quando Jesus se refere a Ele mesmo como noivo, trata-se de uma declaração direta de que Ele é YHVH Deus Todo-Poderoso que voltará para restaurar Sua noiva. A referência aqui ao banquete matrimonial apresenta o retorno de Jesus como a culminação da aliança matrimonial iniciada no Sinai, da maneira mais explícita possível. Como já discutimos várias vezes até o momento, o conceito de que Ele vem do céu permeia a Profecia do Deserto. A imagem de Jesus e seus exércitos cavalcando cavalos vem diretamente de Habacuque 3:8,15 onde YHVH e Seus exércitos são descritos montados em cavalos e “carruagens de salvação” na grande derrota escatológica dos inimigos de Deus. A imagem de Jesus pisando o lagar da ira de Deus, mergulhando Suas vestes no sangue de Seus inimigos, vem diretamente da visão de Isaías de YHVH marchando da terra de Edom (Is 63). Na verdade, é aqui que a profecia de Gênesis 3:15 do Esmagador chega ao círculo completo (cf. Nm 24:17; Dt 32:35; 33:21; 1 Sm 2:10; Jz 5:26-27; Sl 58:10; 68:21; 110:5; Joel 3:13; Is 63:3; Hc 3:13; Mt 25:23,31-46; Jd 14; Ap 14:20). O banquete dos animais remete ao Salmo 68, onde Israel tem certeza de que chegará o dia em que “Deus quebrará o cabeça de Seus inimigos [...] Que o teu pé mergulhe no sangue de teus inimigos, e no mesmo a língua dos teus cães”(v. 23). Mais adiante, Ezequiel ampliou mais o assunto (39:17-20) e, aqui, João parafraseou suas descrições. A referência específica de matar a besta e o falso profeta encontra sua gênese mais clara na referência de Habacuque de YHVH esmagando “a cabeça da casa do ímpio, deitá-lo aberto da coxa ao pescoço” (3:13). Em resumo, o livro de Apocalipse

começa descrevendo Israel fugindo para o deserto e culmina com o retorno de Jesus com todos os Seus santos para salvar Seu povo. A tradição da Profecia do Deserto, com sua rica visão do guerreiro divino voltando em glória, encontra assim sua reiteração final no livro de Apocalipse.

CONCLUSÃO

Praticamente todas as referências do Novo Testamento ao retorno de Jesus estão enraizadas na Profecia do Deserto do Antigo Testamento. Embora muitos estudiosos e comentaristas tenham olhado em grande parte para as profecias messiânicas mais clássicas, outra tradição completa, uma ampla gama de textos, tem sido amplamente ignorada. Essas passagens, extremamente detalhadas, gráficas e belas, são na verdade as maiores fontes de conhecimento a respeito do retorno de Jesus em toda a Bíblia. Por mais novo que o conceito da grande marcha pelo deserto possa ser para muitos estudantes das Escrituras, é um conceito totalmente comprovado em toda a Palavra de Deus. Ao reconhecer que esta é a chave que desbloqueia a versão bíblica completa do retorno triunfante de Jesus o Messias, agora podemos apreciar plenamente Sua paixão por completar a obra que Ele iniciou na época do Êxodo original. Como dissemos no início deste capítulo, o quadro pintado por estes textos é uma visão de tal majestade que não pode absolutamente permanecer mais velada.

ONDE JESUS RETORNA?

Após apresentar o argumento de que depois que Jesus voltar, Ele literalmente marchará pelo deserto até Jerusalém – uma visão que poucos cristãos já tenham considerado – é importante que discutamos também onde a Bíblia diz especificamente que Ele voltará. Os muçulmanos acreditam que Jesus retornará a Damasco, e os mórmons acreditam que Ele retornará à Independence, Missouri. Mas onde a Bíblia diz que Ele retornará? A resposta vai surpreender muita gente.

Infelizmente, se perguntássemos a uma ampla gama de cristãos onde Jesus voltará, a maioria provavelmente diria que não tem idéia. Dos que derem suas opiniões, no entanto, quase todos diriam que Ele retornará primeiro a Jerusalém. Por muitos anos, eu teria concordado. Alguns outros podem sugerir que Ele retornará primeiro a Petra, no sul da Jordânia. Um número ainda menor poderia sugerir que Ele retornará primeiro ao Monte Sinai ou ao Egito. Surpreendentemente, essas são, na verdade, posições muito legítimas e bíblicas. Neste capítulo, consideraremos cada um desses pontos de vista e os argumentos bíblicos de apoio para cada um deles.

JERUSALÉM

A visão mais popular, de que Jesus voltará ao Monte das Oliveiras em Jerusalém, gira principalmente em torno de duas passagens: Zacarias 14 e Atos 1. Já discutimos um pouco Zacarias no capítulo 24, mas o revisitaremos aqui. A parte mais relevante do texto diz: “E o Senhor sairá, e pelejará contra estas nações, como pelejou, sim, no dia da batalha. E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente” (vv. 3-4a). Curiosamente, enquanto a passagem diz que o Senhor “ficará de pé” no Monte das Oliveiras, muitos se lembram disso para dizer que Ele realmente “pousará” lá. Na verdade, ele não diz tal coisa. Como salientamos anteriormente, se esse versículo descrevesse o verdadeiro retorno glorioso de Jesus, seria extremamente estranho. Pois imediatamente após isso, os habitantes de Jerusalém são descritos fugindo em direção aos desertos ao leste de Jerusalém (vv. 4b-5a). Por que os habitantes judeus de Jerusalém fugiriam de seu Deus que voltou especificamente para salvá-los? Apenas um pouco antes, em Zacarias 12, diz-se que quando Ele voltar, eles “O olharão” ou O reconhecerão, resultando em arrependimento nacional. Não diz que eles vão fugir Dele quando Ele vier. Além disso, em Zacarias 9, o profeta já havia descrito o Senhor “vindo” a Jerusalém nos redemoinhos e tempestades do sul. Meu ponto é que não há razão para acreditar que Zacarias esteja contradizendo suas próprias declarações anteriores, ou qualquer uma das Profecias do Deserto. É importante reconhecer que esta parte da profecia de Zacarias não está delineando uma série de eventos claramente sequenciados, mas uma série de declarações gerais relativas a este período mais amplo do fim. Na verdade, só depois de descrever a fuga dos habitantes de Jerusalém é que ele realmente descreve a vinda do Senhor: “Então o Senhor, meu Deus, virá, e todos os santos com

Ele!” (v. 5b). Num esforço para conciliar todas essas passagens, alguns sugeriram que Jesus primeiro pousará no Monte das Oliveiras e depois essencialmente saltará para outro local, como uma espécie de personagem do Super-Homem. Embora eu entenda a motivação por trás de tal solução, é muito estranho. Devemos lembrar que a partir do momento em que Ele dividir o céu e descer, Ele será acompanhado por miríades de Seus santos, todos os quais serão visíveis aos que estão embaixo na terra. A noção de uma aterrissagem tão maciça em Jerusalém, apenas para saltar para outro lugar, parece muito forçada e incômoda e é sem qualquer outro suporte das Escrituras. Eu sugeriria que uma solução muito melhor é que a ordem real dos eventos descrita por Zacarias se desdobrar da seguinte forma: Primeiro, antes do retorno de Jesus, haverá um grande terremoto, resultando na divisão do Monte das Oliveiras pela metade e na fuga de muitos habitantes de Jerusalém para o deserto ao leste de Jerusalém. Esse terremoto poderia muito bem ser o terremoto descrito em Apocalipse 11:13, que ocorre depois que as Duas Testemunhas são mortas e levadas para o céu: “E naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram muito atemorizados, e deram glória ao Deus do céu”. Depois desse tempo, talvez meses depois, o Senhor virá a Jerusalém com todos os Seus santos, inclusive aqueles que antes tinham fugido, tendo agora sido salvos. Assim, será depois que Ele chegar a Jerusalém que Ele realmente ficará no Monte das Oliveiras. Pois naquele dia, o Senhor verdadeiramente “habitará em Sião” (Jl 3:17-21). Então, como o Senhor declarou através de Isaías, “glorificarei o lugar dos meus pés” (60:13). Essa posição, eu argumentaria, traz a reconciliação entre todos os textos relevantes; ela não é não forçada ou incômoda, com Jesus e Seus exércitos, limitando-se de um local para outro.

O que dizer de Atos 1? Muitos também apontam para esta passagem como fundamento para a visão de que Jesus voltará e pousará no Monte das Oliveiras. Após sua ressurreição, a Bíblia diz que Jesus apareceu a muitos dos discípulos e basicamente lhes deu um estudo bíblico particular durante quarenta dias (Atos 1:1-3). Então, Ele os reuniu e ordenou que esperassem o derramar do Espírito Santo (vv. 4, 5). Então, depois de dar-lhes algumas instruções finais, a Bíblia faz o seguinte relato:

E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. E, estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois homens vestidos de branco. Os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir. (ATOS 1:9-11)

Após Jesus ser levado ao céu, os discípulos voltaram a Jerusalém, que, segundo nos dizem, foi “à distância do caminho de um sábado” (v. 12). A conclusão do Evangelho de Lucas nos dá um relato paralelo e acrescenta alguns detalhes adicionais sobre onde tudo isso aconteceu:

E levou-os fora, até Betânia; e, levantando as suas mãos, os abençoou. E aconteceu que, abençoando-os ele, se apartou deles e foi elevado ao céu. E, adorando-o eles, tornaram com grande júbilo para Jerusalém. E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém. (LUCAS 24:50-53)

A aldeia de Betânia, hoje chamada al-Eizariya em árabe, era uma pequena aldeia no lado sudeste do Monte das Oliveiras, aproximadamente a três quilômetros do Monte do

Templo. Isso é importante porque muitos cristãos visitam Jerusalém e ficam no mirante ocidental olhando para o Monte do Templo, imaginando que foi lá que Jesus subiu ao céu. Na verdade, foi a alguns quilômetros a leste. O Monte das Oliveiras é na verdade muito maior do que muitos imaginam. Dito isto, no que diz respeito ao lugar para onde Jesus voltará, muitos leram os comentários do anjo em Atos 1 e argumentam que, uma vez que Ele subiu naquele local, ele também voltará lá. Numa leitura cuidadosa das palavras do anjo, no entanto, não se encontra tal coisa. O texto afirma que Jesus foi levado para as nuvens e voltará “há de vir assim como para o céu o vistes ir” (v. 11). Em outras palavras, Ele retornará visivelmente nas nuvens do céu. Nada mais é dito ou mesmo inferido. Assim, apesar da opinião generalizada de que Jesus voltará do céu especificamente no Monte das Oliveiras, a evidência bíblica para isso é bastante problemática. Essa visão é baseada em grande parte em suposições e inferências. Sendo muito claro, Jesus certamente seguirá para Jerusalém logo após seu retorno, e há muitas passagens nas Escrituras que falam disso. Mas não há textos específicos e claros que digam que lá é onde Ele vai descer pela primeira vez. Como vimos, o consenso das imagens em toda a Bíblia retrata a entrada de Jesus na cidade de maneira semelhante, mas muito mais gloriosa, como a primeira entrada triunfal (Mt 21:1-11, Mc 11:1-11, Lc 19:28-44, e Jo 12:12-19).

PETRA

Alguns outros que observaram as muitas Profecias do Deserto através das Escrituras sugeriram que Jesus voltará para a região de Petra nos dias modernos do reino Hachemita da Jordânia. Essa posição é defendida por Arnold Fruchtenbaum em seu impressionante volume *The Footsteps of the Messiah* (Os Passos do Messias), assim como por Noé W. Hutchings

em seu livro *Petra in History and Prophecy*,¹ e Robert Van Kampen em sua monumental obra *The Sign of Christ's Coming and the End of the Age*.² De acordo com Van Kampen, “Imediatamente após o encerramento da septuagésima semana, Cristo voltará fisicamente à terra especificamente para Edom”.³ Da mesma forma, Fruchtenbaum afirma: “Quatro passagens-chave indicam o lugar da Segunda Vinda em Bozra”,⁴ assim como Habacuque 3:3 e Miquéias 2:12-13. Os dois primeiros textos falam do Senhor executando um grande massacre na terra de Edom. Habacuque e Miquéias falam ambos do Senhor marchando por essa região. Obviamente, concordo de todo o coração que Jesus marchará por esta região e massacrará muitos de Seus inimigos no curso de tal marcha. Grande parte deste livro tem defendido tal ideia. Dito isso, nenhuma dessas passagens realmente declara ou mesmo implica fortemente que se trata de onde Jesus necessariamente começa sua jornada. Fruchtenbaum conclui sabiamente sua pesquisa com uma nota de atenção:

Não é realmente certo que estes versos estejam falando da Segunda Vinda, mas se assim for (e o autor se inclina para esta posição com cautela), Deus é visto como vindo do Monte Seir e da terra de Edom. O Monte Seir é a cordilheira do sul da Jordânia na qual está localizada a cidade de Bozra.⁵

Como já demonstramos, o consenso das Escrituras indica que Jesus deve começar sua jornada não em Edom, mas mais ao sul, no Monte Sinai, ou talvez até mesmo no Egito. Vamos examinar as evidências bíblicas para estes dois pontos de vista.

MONTE SINAI

Um dos temas principais deste livro tem sido destacar a ênfase repetida ao longo das Escrituras proféticas na narrativa da grande marcha de Jesus do sul, quando Ele retornar. Peters argumenta que, enquanto o retorno de Jesus se desdobra em fases, Ele primeiro vem visivelmente com seus santos ao Monte Sinai:

Uma comparação das Escrituras mostra que, quando os santos são removidos pelo poder da ressurreição e da transladação, eles não permanecem no “ar”, mas são transmitidos ao Monte Sinai, onde, como no estabelecimento da Teocracia, os cargos são atribuídos, a realeza e o sacerdócio são inaugurados, as instruções dadas para a preparação da inauguração da “dispensação da plenitude dos tempos”.⁶

Examinamos, de forma um tanto exaustiva, vários textos que falam de Deus vindo do Sinai e não vamos repetir essa discussão aqui. Dito isso, nenhuma das Profecias do Deserto, (exceto 1 Enoque), declara explicitamente que Jesus voltará de fato primeiro no Monte Sinai. No entanto, certamente está implícito que Ele vem do Sinai para Edom. Portanto, no mínimo, devemos reconhecer que Ele certamente passa pela região do Sinai. Sabemos disso, primeiro, porque todas as Profecias do Deserto olham para a viagem de Israel do Monte Sinai para a terra prometida como um prenúncio da vinda do Senhor. Da mesma forma que a arca da aliança, representando a presença de YHVH, começou no Sinai e finalmente chegou em Jerusalém, assim as Escrituras apresentam a marcha da vitória de Jesus. Segundo, sabemos disso porque a Bênção de Moisés afirma abertamente que Deus vem “do Sinai”. Da mesma forma, Davi associa o Sinai à Grande Procissão de Jesus no Salmo 68. Habacuque também se refere às regiões

de Midiã e Cusã (ambas intimamente associadas com a região do Sinai) tremendo quando Jesus volta. Portanto, é justo dizer que Jesus não começa em Edom, mas vem primeiro do sul, ainda mais ao sul, no Monte Sinai. Mais uma vez, porém, é aqui que Ele realmente desce, como argumenta Peters e como 1 Enoque parece afirmar claramente? Se quisermos ser coerentes, devemos reconhecer que as Escrituras nunca dizem isso de fato. Existem várias passagens, na verdade, que acrescentam mais dúvidas a esta posição, quase sempre esquecidas, elas parecem fazer referência à marcha vitoriosa de Jesus, que começa no Egito. Vamos dar uma olhada nelas.

EGITO

Uma visão final sustenta que quando Jesus retornar, Ele não simplesmente traçará o caminho feito pela arca da aliança do Sinai para Jerusalém, mas essencialmente irá refazer todo o Êxodo, especificamente começando no Egito. Como o grande Moisés, Jesus conduzirá muito do seu povo para fora do Egito e continuará a libertá-lo enquanto Ele refaz grande parte da rota do primeiro Êxodo. Embora esse conceito seja, sem dúvida, inteiramente novo para a maioria, fique certo de que há um embasamento bíblico muito sólido para essa visão. Em um livro que eu altamente recomendo, *The Passover King (O Rei da Páscoa)*, o autor Travis Snow apresenta um excelente ponto a favor dessa visão.⁷ Os argumentos a favor do retorno de Jesus ao Egito são os seguintes: Primeiro, há evidências de que durante a grande tribulação, muitos dos que estão em Israel fugirão e irão para o Egito. Moisés menciona isso quando descreve as várias calamidades que Israel enfrentará por desobediência à aliança: “E o Senhor te fará voltar ao Egito em navios, pelo caminho de que te tenho dito; nunca jamais o verás; e ali sereis vendidos como escravos e escravas aos vossos inimigos; mas não haverá quem vos compre.” (Dt 28:68). Novamente, o contexto disso é o castigo dos últimos dias que

se abate sobre Israel pouco antes do retorno de Jesus. Segundo, há uma Escritura que afirma abertamente que Jesus realmente voltará ao Egito. Fazendo uso da imagem de Deus vindo sobre as nuvens, Isaías declara: “Eis que o SENHOR vem cavalgando numa nuvem ligeira, e entrará no Egito” (19:1a). Enquanto alguns podem ser tentados a ignorar tal passagem como mera poesia descrevendo os julgamentos de Deus, a segunda parte do versículo afirma que Ele estará presente no Egito literal e fisicamente: “e os ídolos do Egito estremeceirão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá no meio deles”. (v. 1b). Em Números 24, a profecia de Balaão parece indicar que a “semente” e o “rei” de Israel, (dois dos títulos mais comuns para o Messias), sairá do Egito, especificamente para devorar e esmagar aquelas nações adversárias a Ele, Seu reino e Seu povo:

De seus baldes manarão águas, e a sua semente estará em muitas águas; e o seu rei se erguerá mais do que Agague, e o seu reino será exaltado. Deus o tirou do Egito; as suas forças são como as do boi selvagem; consumirá as nações, seus inimigos, e quebrará seus ossos, e com as suas setas os atravessará. (NÚMEROS 24:7,8 - grifos do autor)

Na Septuaginta, o versículo 7 realmente diz: “Um homem sairá de sua semente e prevalecerá sobre muitos povos, e será elevado mais alto que o reino de Gog, e seu reino aumentará”.⁸ Que este rei é aquele que derrota Gog certamente o identificaria como o Messias. Como já discutimos inúmeras vezes, o tema do Messias esmagando Seus inimigos quando Ele retornar é talvez um dos temas proféticos mais consistentemente utilizados em associação ao Messias ao longo das Escrituras. Aqui, aquele Esmagador vem de fora do Egito. Como declara Snow, “Quando Jesus sair do Egito, Ele

irá com efeito refazer o caminho do Êxodo original de Israel e travar uma série de batalhas contra as nações do Oriente Médio que estão situadas a caminho de Israel”.⁹ Finalmente, e numa nota verdadeiramente fascinante, há, na verdade algumas passagens que parecem indicar que quando Jesus voltar, Ele irá realmente dividir o Mar Vermelho, *novamente*. Isso, naturalmente, exigiria que Ele começasse no Egito e prosseguisse em direção ao Monte Sinai. Em Isaías 10, o profeta fala do julgamento do Senhor contra o assírio. O contexto maior da passagem é o castigo final e a redenção de Israel. O “Assírio” aqui é, portanto, uma referência ao Anticristo.

Por isso assim diz o Senhor DEUS dos Exércitos: Povo meu, que habitas em Sião, não temas à Assíria, quando te ferir com a vara, e contra ti levantar o seu bordão à maneira dos egípcios. Porque daqui a bem pouco se cumprirá a minha indignação e a minha ira, para a consumir. (ISAÍAS 10:24-25)

Hipólito de Roma, um dos mais importantes teólogos da Igreja Primitiva, em seu tratado do segundo século, Sobre Cristo e o Anticristo, interpretou essa passagem como referindo-se a “nenhum outro senão aquele tirano, sem vergonha, e adversário de Deus”.¹⁰ No entanto, o que Isaías diz do Senhor naquela época? “e a sua vara estará sobre o mar, e ele a levantará como sucedeu aos egípcios” (v. 26). *Isto é fascinante!* Da mesma forma que Moisés estendeu seu bastão e o Mar Vermelho foi dividido, também se afirma aqui que Jesus, o profeta maior do que Moisés (Dt 18), levantará de forma semelhante sua vara sobre o mar. No próximo capítulo, o mesmo tema é reiterado. O capítulo começa descrevendo o segundo, maior Êxodo: “E há de ser que naquele dia o Senhor tornará a pôr a sua mão para adquirir outra vez o remanescente do seu povo, que for deixado, da Assíria, e

do Egito, e de Patros, e da Etiópia, e de Elá, e de Sinar, e de Hamate, e das ilhas do mar” (Isaías 11:11). O “disperso de Judá” será reunido “a partir dos quatro cantos da terra” (v. 12). Tudo isso acontecerá quando Jesus voltar. O capítulo conclui, no entanto, com uma declaração muito chocante. Durante o período final de redenção,

E o Senhor destruirá totalmente a língua do mar do Egito, e moverá a sua mão contra o rio com a força do seu vento e, ferindo-o, dividi-lo-á em sete correntes e fará que por ele passem com sapatos secos. (ISAÍAS 11:15)

A língua do mar do Egito é uma referência ao Mar Vermelho, pelo qual os israelitas passaram há tanto tempo. Mais uma vez, ela será golpeada e dividida. Os israelitas são descritos caminhando sobre o mar como em terra firme! Da mesma forma, o profeta Habacuque, em sua grande Profecia do Deserto, descreve Jesus durante a grande marcha pelo deserto, e diz o seguinte: “Tu com os teus cavalos marchaste pelo mar, pela massa de grandes águas.” (Hc 3:15). A linguagem de pisar os mares com Seus cavalos parece falar dele dividindo o mar mais uma vez. Finalmente, o profeta Zacarias acrescenta sua voz. Mais uma vez, o contexto da profecia é o Senhor trazendo Seu povo de volta do mundo inteiro: “Porque eu os farei voltar da terra do Egito, e os congregarei da Assíria” (10:10). Então Ele declara:

Porque eu os farei voltar da terra do Egito, e os congregarei da Assíria; e trá-los-ei à terra de Gileade e do Líbano, e não se achará lugar bastante para eles. E ele passará pelo mar com angústia, e ferirá as ondas no mar, e todas as profundezas do Nilo se secarão; então será derrubada a soberba da Assíria, e o cetro do Egito se retirará. (ZACARIAS 10:10-11)

Assim, o conceito do Senhor dividindo mais uma vez o Mar Vermelho, especificamente no contexto da redenção final de Israel é, na verdade, um tema que aparece várias vezes através dos profetas. Considerando todos os aspectos, a visão de que Jesus voltará ao Egito e retomará toda a rota do Êxodo dispõe de alguns fundamentos das escrituras. Das várias posições, essa visão, embora quase nunca considerado pelos estudiosos das Escrituras, parece ser a visão mais bíblica. Jesus, como o Moisés maior, e a Glória de Deus em carne e osso, executará a maior marcha do Êxodo ao Egito, através do Mar Vermelho, até o Monte Sinai e prosseguirá até Jerusalém.

CONCLUSÃO

Concluimos enfatizando que, certamente, não precisamos ser excessivamente dogmáticos sobre este assunto. Nosso propósito aqui não é ficarmos muito envolvidos no que pode facilmente se tornar uma trivialidade escatológica. Nosso propósito, ao invés disso, deveria ser o de nos aprofundarmos no mistério do que as Escrituras têm a dizer sobre este grande evento e simplesmente nos divertirmos com a beleza da história do retorno triunfante de Jesus. Certamente esse não é um assunto a ser discutido. Em vez disso, é um assunto para se emocionar. É por essa razão que o capítulo final percorrerá a grande marcha em ordem cronológica, na esperança de capturar, em forma de história, o glorioso, majestoso e triunfante retorno de Jesus, o Messias.

O RETORNO TRIUNFAL DE JESUS

Após apresentar o exemplo bíblico da procissão vitoriosa do Messias quando Ele retornar, vamos agora tentar sintetizar as Escrituras e detalhar uma visão livre geral cronológica dos eventos. Nosso método será simplesmente destacar muitas das principais temáticas, termos e temas que as Escrituras repetidamente usam para descrever Seu retorno vitorioso. As passagens ou versículos que apresentam os mesmos assuntos e temas serão agrupados. Para ser muito claro, com certeza vamos deixar de incluir muitas passagens, pois não pretendemos de forma alguma ser completos. Quando qualquer texto em particular apresenta mais de um assunto ou tema, ele pode ser citado mais de uma vez. O objetivo destes três próximos capítulos é, portanto, servir tanto como inspiração quanto como recurso para um estudo mais aprofundado. Não é uma cronologia abrangente de cada detalhe associado ao Seu retorno. Não estamos, por exemplo, procurando sintetizar esta visão com uma cronologia altamente detalhada ou excessivamente dogmática dos selos, trombetas e taças de Apocalipse. Tampouco é um esforço para coordenar os eventos de Seu retorno com os vários dias santos bíblicos, festas, jejuns e festivais. Mais uma vez, nosso propósito é dar uma visão ampla das fases primárias da gloriosa procissão de Jesus a Jerusalém.

A ÚLTIMA TROMBETA

O padrão que foi estabelecido pela primeira vez durante a grande teofania no Monte Sinai é que Deus aparece em meio ao som de uma grande trombeta (itálico meu nas seguintes passagens das Escrituras):

E aconteceu que, ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e *um somido de buzina mui forte*, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial. E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente. *E o somido da buzina ia crescendo cada vez mais*; Moisés falava, e Deus lhe respondia em voz alta. E, descendo o Senhor sobre o monte Sinai, sobre o cume do monte, chamou o Senhor a Moisés ao cume do monte; e Moisés subiu. (ÊXODO 19:16; 18-20)

E será naquele dia que *se tocará uma grande trombeta*, e os que andavam perdidos pela terra da Assíria, e os que foram desterrados para a terra do Egito, tornarão a vir, e adorarão ao Senhor no monte santo em Jerusalém. (ISAÍAS 27:13)

E o SENHOR será visto sobre eles, e as suas flechas sairão como o relâmpago; e o Senhor DEUS fará soar a trombeta, e irá com os redemoinhos do sul. (ZACARIAS 9:14)

E ele enviará os seus anjos *com rijo clamor de trombeta*, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. (MATEUS 24:31)

Num momento, num abrir e fechar de olhos, *ante a última trombeta; porque a trombeta soar*, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. (1 CORÍNTIOS 15:52)

Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e *com a trombeta de Deus*; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. (1 TESSALONICENSES 4:16)

Mas *nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta*, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos. (APOCALIPSE 10:7)

E o sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre. (APOCALIPSE 11:15)

VINDO SOBRE AS NUUVENS

Quando Jesus voltar, Ele virá cavalgando sobre as nuvens. Mais uma vez, o padrão para isto começou durante o Êxodo:

E aconteceu que, ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um somido de buzina mui forte, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. (ÊXODO 19:16-17)

Com a teofania no Sinai servindo como um poderoso prenúncio, Moisés e os profetas começaram então a visualizar Deus vindo sobre as nuvens no futuro, para salvar Seu povo:

Não há outro, ó Jesurum, semelhante a Deus, que cavalga *sobre os céus para a tua ajuda*, e com a sua majestade sobre as mais altas nuvens. (DEUTERONÔMIO 33:26)

Ó Senhor, saindo tu de Seir, caminhando tu desde o campo de Edom, a terra estremeceu; até os céus gotejaram; *até as nuvens gotejaram águas*. Os montes se derreteram diante do Senhor, e até Sinai diante do Senhor Deus de Israel. (JUÍZES 5:4-5)

E abaixou os céus, e desceu; e uma escuridão havia de baixo de seus pés. E subiu sobre um querubim, e voou; e foi visto sobre as asas do vento. E por tendas pôs as trevas ao redor de si; *ajuntamento de águas, nuvens dos céus*. Abaixou os céus, e desceu, e a escuridão estava de baixo de seus pés. (2SAMUEL 22:10-12; SALMOS 18:9)

Cantai a Deus, cantai louvores ao seu nome; *louvai aquele que vai montado sobre os céus*, pois o seu nome é Senhor, e exultai diante dele. (SALMOS 68:4)

Tocai a trombeta em Sião, e clamai em alta voz no meu santo monte; tremam todos os moradores da terra, porque o dia do SENHOR vem, já está perto; Dia de trevas e de escuridão; dia de nuvens e densas trevas, como a alva espalhada sobre os montes; povo grande e poderoso, qual nunca houve desde o tempo antigo, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração. (JOEL 2:1-2)

O grande dia do Senhor está perto, sim, está perto, e se apressa muito; amarga é a voz do dia do Senhor; clamará ali o poderoso. Aquele dia será um dia de indignação, dia de tribulação e de angústia, dia de alvoroço e de assolação, dia de trevas e de escuridão, dia de nuvens e de densas trevas. (SOFONIAS 1:14-15)

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. (DANIEL 7:13)

Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, *vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.* (MATEUS 24:30)

Disse-lhe Jesus: Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do homem assentado à direita do Poder, *e vindo sobre as nuvens do céu.* (MATEUS 26:64)

E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. E, estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois homens vestidos de branco. Os quais lhes disseram: *Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.* (ATOS 1:9-11)

Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim. Amém. (APOCALIPSE 1:7)

E olhei, e eis *uma nuvem branca,* e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda. (APOCALIPSE 14:14)

COM MIRÍADES DE SEUS SANTOS

Os exércitos do céu, compostos de miríades de anjos, juntamente com os crentes ressuscitados, estarão com Ele:

O Senhor veio de Sinai, e lhes subiu de Seir; resplandeceu desde o monte Parã, e veio com dez milhares de santos; à sua direita havia para eles o fogo da lei. (DEUTERONÔMIO 33:1-2)

Os carros de Deus são vinte milhares, milhares de milhares. O Senhor está entre eles, como em Sinai, no lugar santo. (SALMOS 68:17)

Então virá o Senhor meu Deus, e *todos os santos contigo*. (ZACARIAS 14:5)

Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, *com os seus anjos*; e então dará a cada um segundo as suas obras. (MATEUS 16:27)

E ele *enviará os seus anjos* com rijo clamor de trombeta, *os quais ajuntarão os seus escolhidos* desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. (MATEUS 24:31)

E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; (MATEUS 25:31)

Porquanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, *com os santos anjos*. (MARCOS 8:38)

Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, *e os mortos ressuscitarão incorruptíveis*, e nós seremos transformados. (1CORÍNTIOS 15:52)

Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, *então também vós vos manifestareis com ele em glória*. (COLOSSENSES 3:4)

Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; *e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro*. (1TESSALONICENSES 4:16)

Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. (1TESSALONICENSES 4:17)

Se de fato é justo diante de Deus que dê em paga tribulação aos que vos atribulam, E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, *quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder*. (2TESSALONICENSES 1:6-7)

E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor *com milhares de seus santos*; (JUDAS 1:14)

E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; *e julga e peleja com justiça*. E os seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão ele mesmo. E estava vestido de veste tingida em sangue; e o nome pelo qual se chama é A Palavra de

Deus. *E seguiram-no os exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro.* E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército. (APOCALIPSE 19:11-14, 19)

O SENHOR VEM PARA O EGITO

Como discutimos no capítulo 27, parece bastante provável que Jesus volte primeiro ao Egito:

Peso do Egito. Eis que o SENHOR vem cavalgando numa nuvem ligeira, e entrará no Egito; e os ídolos do Egito estremeecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá no meio deles. (ISAÍAS 19:1)

Jesus então liderará uma procissão vitoriosa de Seu povo, fora do Egito, e realmente dividirá o Mar Vermelho mais uma vez:

Quão formosas são as tuas tendas, ó Jacó, as tuas moradas, ó Israel! De seus baldes manarão águas, *e a sua semente estará em muitas águas;* e o seu rei se erguerá mais do que Agague (Gogue, na Septuaginta) e o seu reino será exaltado. Deus o tirou do Egito; as suas forças são como as do boi selvagem; *consumirá as nações, seus inimigos, e quebrará seus ossos,* e com as suas setas os atravessará. (NÚMEROS 24:5, 7-8)

Por isso assim diz o Senhor DEUS dos Exércitos: Povo meu, que habitas em Sião, não temas à Assíria, quando te ferir com a vara, e contra ti levantar o seu bordão à maneira dos egípcios. Porque daqui a bem pouco se cumprirá a minha indignação e a minha ira, para a consumir. Porque o Senhor dos Exércitos suscitará contra

ela um flagelo, como na matança de Midiã junto à rocha de Orebe; e a sua vara estará sobre o mar, e ele a levantará como sucedeu aos egípcios. (ISAÍAS 10:24-26)

E o Senhor destruirá totalmente *a língua do mar do Egito, e moverá a sua mão contra o rio com a força do seu vento e, ferindo-o, dividi-lo-á em sete correntes* e fará que por ele passem com sapatos secos. (ISAÍAS 11:15)

Tu com os teus cavalos marchaste pelo mar, pela massa de grandes águas. (HABACUQUE 3:15)

Porque eu os farei voltar da terra do Egito, e os congregarei da Assíria; e trá-los-ei à terra de Gileade e do Líbano, e não se achará lugar bastante para eles. E ele passará pelo mar com angústia, e ferirá as ondas no mar, e todas as profundezas do Nilo se secarão; então será derrubada a soberba da Assíria, e o cetro do Egito se retirará. (ZACARIAS 10:10-11)

O SENHOR VEM DO SINAI

A grande procissão da vitória prosseguirá então para o Monte Sinai, passando pela Arábia e Edom, em direção a Jerusalém:

O Senhor veio de Sinai, *e lhes subiu de Seir; resplandeceu desde o monte Parã,* e veio com dez milhares de santos; à sua direita havia para eles o fogo da lei. Na verdade ama os povos; todos os seus santos estão na sua mão; postos serão no meio, entre os teus pés, e cada um receberá das tuas palavras. (DEUTERONÓMIO 33:2-3)

Ó Senhor, saindo tu de Seir, *caminhando tu desde o campo de Edom,* a terra estremeceu; até os céus gotejaram; até as nuvens gotejaram águas. Os montes

se derreteram diante do Senhor, e até Sinai diante do Senhor Deus de Israel. (JUÍZES 5:4-5)

Levante-se Deus, e sejam dissipados os seus inimigos; fugirão de diante dele os que o odeiam. Cantai a Deus, cantai louvores ao seu nome; louvai aquele que vai montado sobre os céus, pois o seu nome é Senhor, e exultai diante dele. Deus faz que o solitário viva em família; liberta aqueles que estão presos em grilhões; mas os rebeldes habitam em terra seca. Ó Deus, quando saías diante do teu povo, quando caminhavas pelo deserto, (Selá.). A terra abalava-se, e os céus destilavam perante a face de Deus; até o próprio Sinai foi comovido na presença de Deus, do Deus de Israel. Tu, ó Deus, mandaste a chuva em abundância, confortaste a tua herança, quando estava cansada. Nela habitava o teu rebanho; tu, ó Deus, fizeste provisão da tua bondade para o pobre. O Senhor deu a palavra; grande era o exército dos que anunciavam as boas novas. Reis de exércitos fugiram à pressa; e aquela que ficava em casa repartia os despojos. *Os carros de Deus são vinte milhares, milhares de milhares. O Senhor está entre eles, como em Sinai, no lugar santo. Tu subiste ao alto, levaste cativo o cativo, recebeste dons para os homens,* e até para os rebeldes, para que o Senhor Deus habitasse entre eles. Bendito seja o Senhor, que de dia em dia nos carrega de benefícios; o Deus que é a nossa salvação. (Selá). O nosso Deus é o Deus da salvação; e a DEUS, o Senhor, pertencem os livramentos da morte. Mas Deus ferirá gravemente a cabeça de seus inimigos e o crânio cabeludo do que anda em suas culpas. Disse o Senhor: Eu os farei voltar de Basã, farei voltar o meu povo das profundezas do mar; Para que o teu pé mergulhe no sangue de teus inimigos, e no mesmo a língua dos teus cães. *Ó Deus, eles têm visto os teus caminhos; os caminhos do meu Deus, meu Rei, no santuário.*

Os cantores iam adiante, os tocadores de instrumentos atrás; entre eles as donzelas tocando adufes. Celebrai a Deus nas congregações; ao Senhor, desde a fonte de Israel. Ali está o pequeno Benjamim, que domina sobre eles, os príncipes de Judá com o seu ajuntamento, os príncipes de Zebulom e os príncipes de Naftali. O teu Deus ordenou a tua força; fortalece, ó Deus, o que já fizeste para nós. Por amor do teu templo em Jerusalém, os reis te trarão presentes. Repreende asperamente as feras dos canaviais, a multidão dos touros, com os novilhos dos povos, até que cada um se submeta com peças de prata; dissipa os povos que desejam a guerra. Príncipes virão do Egito; a Etiópia cedo estenderá para Deus as suas mãos. Reinos da terra, cantai a Deus, cantai louvores ao Senhor. (Selá.) *Aquele que vai montado sobre os céus dos céus*, que existiam desde a antiguidade; *eis que envia a sua voz, dá um brado veemente. Atribuí a Deus fortaleza; a sua excelência está sobre Israel e a sua fortaleza nas mais altas nuvens.* Ó Deus, *tu és tremendo desde os teus santuários*; o Deus de Israel é o que dá força e poder ao seu povo. Bendito seja Deus! (SALMO 68:1,4, 6-12, 17-35)

Deus veio de Temã, e do monte de Parã o Santo (Selá). A sua glória cobriu os céus, e a terra encheu-se do seu louvor. E o resplendor se fez como a luz, raios brilhantes saíam da sua mão, e ali estava o esconderijo da sua força. Adiante dele ia a peste, e brasas ardentes saíam dos seus passos. Parou, e mediu a terra; olhou, e separou as nações; e os montes perpétuos foram esmiuçados; os outeiros eternos se abateram, porque os caminhos eternos lhe pertencem. *Vi as tendas de Cusã em aflição*; tremiam as cortinas da terra de Midiã. (HABACUQUE 3:3-7)

O Senhor sairá como poderoso, *como homem de guerra despertará o zelo; clamará, e fará grande ruído*, e prevalecerá contra seus inimigos. (ISAÍAS 42:13)

Quem é este, que vem de Edom, de Bozra, com vestes tintas; este que é glorioso em sua vestidura, que marcha com a sua grande força? Eu, que falo em justiça, poderoso para salvar. Por que está vermelha a tua vestidura, e as tuas roupas como as daquele que pisa no lagar? Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém houve comigo; e os pisei na minha ira, e os esmaguei no meu furor; e o seu sangue salpicou as minhas vestes, e manchei toda a minha vestidura. Porque o dia da vingança estava no meu coração; e o ano dos meus remidos é chegado. E olhei, e não havia quem me ajudasse; e admirei-me de não haver quem me sustivesse, por isso o meu braço me trouxe a salvação, e o meu furor me susteve. E atropelei os povos na minha ira, e os embriaguei no meu furor; e a sua força derrubei por terra. (ISAÍAS 63:1-6)

Porque, eis que o Senhor virá com fogo; *e os seus carros como um torvelinho*; para tornar a sua ira em furor, e a sua repreensão em chamas de fogo. Porque com fogo e com a sua espada entrará o Senhor em juízo com toda a carne; e os mortos do Senhor serão multiplicados. (ISAÍAS 66:15-16)

E o SENHOR será visto sobre eles, e as suas flechas sairão como o relâmpago; e o Senhor DEUS fará soar a trombeta, e irá com os redemoinhos do sul. (ZACARIAS 9:14)

Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos; Para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade, que

impiamente cometeram, e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele. (JUDAS 1:14-15)

AQUELE A QUEM TRASPASSARAM

Porque Jesus está ativamente empenhado em literalmente salvar Seu povo, Israel corporativamente “olha” para Ele, reconhecendo sua verdadeira identidade como YHVH, o libertador prometido. Assim, todo o Israel se arrependará de sua antiga descrença e confiará em YHVH para sempre:

Sião será remida com juízo, e os que voltam para ela com justiça. (ISAÍAS 1:27)

E acontecerá naquele dia, que procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém; Mas sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem traspassaram; e prantearão sobre ele, como quem pranteia pelo filho unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito. Naquele dia será grande o pranto em Jerusalém, como o pranto de Hadade-Rimom no vale de Megido. E a terra pranteará, cada família à parte: a família da casa de Davi à parte, e suas mulheres à parte; e a família da casa de Natã à parte, e suas mulheres à parte; (Zacarias 12:9-12)

Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra, que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo ... E, quem cair sobre esta pedra, despedaçará-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó. (MATEUS 21:42a, 44)

Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, *até que a plenitude dos gentios haja entrado. E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades. E esta será a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados.* (ROMANOS 11:25-27)

Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim. Amém. (APOCALIPSE 1:7)

O REMANESCENTE

Ao longo dos vários textos proféticos que descrevem a vinda de Deus para salvar Seu povo, a linguagem usada consistentemente se refere ao remanescente sobrevivente:

Porque o que escapou da casa de Judá, e restou, tornará a lançar raízes para baixo, e dará fruto para cima. Porque de Jerusalém *sairá o restante, e do monte Sião* o que escapou; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto. (2REIS 19:30-31)

Naquele dia o renovo do Senhor será cheio de beleza e de glória; e o fruto da terra excelente e formoso para os que escaparem de Israel. E será que aquele *que for deixado em Sião, e ficar em Jerusalém*, será chamado santo; todo aquele que estiver inscrito entre os viventes em Jerusalém; (ISAÍAS 4:2-3)

E acontecerá naquele dia que *os restantes de Israel, e os que tiverem escapado da casa de Jacó*, nunca mais se estribarão sobre aquele que os feriu; antes estribar-se-ão

verdadeiramente sobre o Senhor, o Santo de Israel. *Os restantes se converterão ao Deus forte, sim, os restantes de Jacó.* Porque ainda que o teu povo, ó Israel, seja como a areia do mar, *só um remanescente dele se converterá;* uma destruição está determinada, transbordando em justiça. (ISAÍAS 10:20-22)

E há de ser que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo; porque no monte Sião e em Jerusalém *haverá livramento, assim como disse o Senhor, e entre os sobreviventes,* aqueles que o Senhor chamar. (JOEL 2:32)

Mas *deixarei no meio de ti* um povo humilde e pobre; e eles confiarão no nome do Senhor. O remanescente de Israel não cometerá iniquidade, nem proferirá mentira, e na sua boca não se achará língua enganosa; mas serão apascentados, e deitar-se-ão, e não haverá quem os espante. (SOFONIAS 3:12-13)

Naquele tempo, diz o SENHOR, serei o Deus de todas as famílias de Israel, e elas serão o meu povo. Assim diz o Senhor: O povo dos que escaparam da espada achou graça no deserto. Israel mesmo, quando eu o fizer descansar. (JEREMIAS 31:1-2)

Mas no monte Sião haverá livramento, e ele será santo; e os da casa de Jacó possuirão as suas herdades. (OBADIAS 1:17)

Também Isaías clama acerca de Israel: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, *o remanescente é que será salvo.* (ROMANOS 9:27)

De maneira semelhante, o Novo Testamento diz que Jesus voltará para libertar e salvar Seu povo todo de seus inimigos e perseguidores. Ele recompensará os justos, enquanto executa julgamento contra os ímpios. Dentro do contexto do Novo Testamento, os justos incluem todos os crentes fiéis, sejam judeus ou gentios:

Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então *dará a cada um segundo as suas obras*. (MATEUS 16:27)

Se de fato é justo diante de Deus que dê em paga tribulação aos que vos atribulam, E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder, Com labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; (2TESSALONICENSES 1:6-8)

Mas este, havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus, Daqui em diante *esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés*. (HEBREUS 10:12-13)

E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram. (APOCALIPSE 6:9-11)

E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus, Dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste. E iraram-se as nações, *e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra.* (APOCALIPSE 11:16-18)

Aleluia! A salvação, e a glória, e a honra, e o poder pertencem ao Senhor nosso Deus; Porque verdadeiros e justos são os seus juízos, pois julgou a grande prostituta, que havia corrompido a terra com a sua fornicação, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos. (APOCALIPSE 19:1-2)

UMA PROCISSÃO DE CANTOS

Talvez uma das características mais comoventes e emocionantes da marcha da vitória são as repetidas descrições dos músicos e uma grande quantidade de cantores que vão antes e depois da grande procissão. Eles são constantemente descritos cantando, regozijando-se, e gritando em voz alta, pois eles não podem conter sua alegria. Há várias razões para acreditar que entre as canções cantadas estarão “os Salmos de Ascensão” normalmente cantados por peregrinos que sobem a Jerusalém para os três festivais anuais de peregrinação.

Deus subiu com júbilo, o Senhor subiu ao som de trombeta. *Cantai louvores a Deus, cantai louvores; cantai louvores ao nosso Rei, cantai louvores. Pois Deus é o Rei de toda a terra, cantai louvores com inteligência.*

Deus reina sobre os gentios; Deus se assenta sobre o trono da sua santidade. (SALMOS 47:5-8)

Deus dá um lar aos solitários, liberta os presos para a prosperidade com canto, mas os rebeldes vivem em terra árida. (SALMOS 68:6)

Ó Deus, eles têm visto os teus caminhos; os caminhos do meu Deus, meu Rei, no santuário. *Os cantores iam adiante, os tocadores de instrumentos atrás;* entre eles as donzelas tocando adufes. (SALMOS 68:24-25)

E os resgatados do Senhor voltarão; e *virão a Sião com júbilo, e alegria eterna haverá sobre as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão,* e deles fugirá a tristeza e o gemido. (ISAÍAS 35:10)

Canta alegremente, ó filha de Sião; rejubila, ó Israel; regozija-te, e exulta de todo o coração, ó filha de Jerusalém. O Senhor afastou os teus juízos, exterminou o teu inimigo (SOFONIAS 3:14-15a)

A IRA DE DEUS

À medida que Jesus marcha adiante, a ira das grandes tempestades de Deus, pesadas chuva, granizo, terremotos, assim como pestilência e fogo – serão derramados sobre os inimigos de Deus. A ira de Deus é derramada a partir céu, mas também por Jesus pessoalmente:

À sua direita havia para eles o fogo da lei. (DEUTERONÔMIO 33:2)

Sobre os ímpios fará chover laços, fogo, enxofre e vento tempestuoso; isto será a porção do seu copo. (SALMOS 11:6)

A terra abalava-se, e os céus destilavam perante a face de Deus; até o próprio Sinai foi comovido na presença de Deus, do Deus de Israel. (SALMOS 68:8)

E o resplendor se fez como a luz, *raios brilhantes saíam da sua mão, e ali estava o esconderijo da sua força. Adiante dele ia a peste, e brasas ardentes saíam dos seus passos.* Parou, e mediu a terra; olhou, e separou as nações; *e os montes perpétuos foram esmiuçados; os outeiros eternos se abateram,* porque os caminhos eternos lhe pertencem. Vi as tendas de Cusã em aflição; tremiam as cortinas da terra de Midiã. Aca-so é contra os rios, Senhor, que estás irado? É contra os ribeiros a tua ira, ou contra o mar o teu furor, visto que andas montado sobre os teus cavalos, e nos teus carros de salvação? *Descoberto se movimentou o teu arco; os juramentos feitos às tribos foram uma palavra segura.* (Selá.) *Tu fendeste a terra com rios. Os montes te viram, e tremeram; a inundação das águas passou; o abismo deu a sua voz, levantou ao alto as suas mãos. O sol e a lua pararam nas suas moradas; andaram à luz das tuas flechas, ao resplendor do relâmpago da tua lança.* Com indignação marchaste pela terra, com ira trilhaste os gentios. (Habacuque 3:4-12)

Porque disse no meu zelo, no fogo do meu furor, que, certamente, naquele dia haverá grande tremor sobre a terra de Israel; De tal modo que tremerão diante da minha face os peixes do mar, e as aves do céu, e os animais do campo, e todos os répteis que se arrastam sobre a terra, e todos os homens que estão sobre a face da terra; e os montes serão deitados abaixo, e os precipícios se

desfarão, e todos os muros desabarão por terra. Porque chamarei contra ele a espada sobre todos os meus montes, diz o Senhor DEUS; a espada de cada um se voltará contra seu irmão. E contenderei com ele por meio da peste e do sangue; e uma chuva inundante, e grandes pedras de saraiva, fogo, e enxofre farei chover sobre ele, e sobre as suas tropas, e sobre os muitos povos que estiverem com ele. (EZEQUIEL 38:19-22)

E enviarei um fogo sobre Magogue e entre os que habitam seguros nas ilhas; e saberão que eu sou o Senhor. (EZEQUIEL 39:6)

E esta será a praga com que o Senhor ferirá a todos os povos que guerrearam contra Jerusalém: a sua carne apodrecerá, estando eles em pé, e lhes apodrecerão os olhos nas suas órbitas, e a língua lhes apodrecerá na sua boca. (ZACARIAS 14:12)

E o sétimo anjo derramou a sua taça no ar, e saiu grande voz do templo do céu, do trono, dizendo: Está feito. E houve vozes, e trovões, e relâmpagos, e houve um grande terremoto, como nunca houve desde que há homens sobre a terra; tal foi este tão grande terremoto. E a grande cidade fendeu-se em três partes, e as cidades das nações caíram; e da grande babilônia se lembrou Deus, para lhe dar o cálice do vinho da indignação da sua ira. E toda a ilha fugiu; e os montes não se acharam. E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva, pedras do peso de um talento; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da saraiva; porque a sua praga era mui grande. (APOCALIPSE 16:17-21)

JESUS, O GUERREIRO

Ao longo de Sua marcha vitoriosa, Jesus matará Seus inimigos à medida que Ele os encontra. Isso continuará durante toda a procissão, mas culminará em Jerusalém, onde o Anticristo, o Falso Profeta e a maior parte de seus exércitos será destruída. Novamente, a temática de o Senhor como guerreiro começou durante o Êxodo:

Então cantou Moisés e os filhos de Israel este cântico ao SENHOR, e falaram, dizendo: Cantarei ao SENHOR, porque gloriosamente triunfou; lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro. O Senhor é a minha força, e o meu cântico; ele me foi por salvação; este é o meu Deus, portanto lhe farei uma habitação; ele é o Deus de meu pai, por isso o exaltarei. O Senhor é homem de guerra; o Senhor é o seu nome. (ÊXODO 15:1-3)

Após o Êxodo, este tema se destacaria através de muitas das próprias descrições do Senhor de Si mesmo, assim como as profecias a respeito de Sua salvação futura:

Bem-aventurado tu, ó Israel! Quem é como tu? Um povo salvo pelo Senhor, *o escudo do teu socorro, e a espada da tua majestade; por isso os teus inimigos te serão sujeitos*, e tu pisará sobre as suas alturas. (DEUTERONÔMIO 33:29)

Levante-se Deus, e sejam dissipados os seus inimigos; *fugirão de diante dele os que o odeiam. Como se impele a fumaça, assim tu os impeles; assim como a cera se derrete diante do fogo, assim pereçam os ímpios diante de Deus.* O nosso Deus é o Deus da salvação; e a DEUS, o Senhor, pertencem os livramentos da morte. *Mas Deus ferirá gravemente a cabeça de seus*

inimigos e o crânio cabeludo do que anda em suas culpas. Disse o Senhor: *Eu os farei voltar de Basã, farei voltar o meu povo das profundezas do mar; Para que o teu pé mergulhe no sangue de teus inimigos, e no mesmo a língua dos teus cães.* Repreende asperamente as feras dos canaviais, a multidão dos touros, com os novilhos dos povos, até que cada um se submeta com peças de prata; dissipa os povos que desejam a guerra. (SALMOS 68:1-2, 20-23, 30)

O Senhor, à tua direita, ferirá os reis no dia da sua ira. Julgará entre os gentios; tudo encherá de corpos mortos; ferirá os cabeças de muitos países. (SALMOS 110:5-6)

Com indignação marchaste pela terra, com ira trilhaste os gentios. Tu saíste para salvação do teu povo, para salvação do teu ungido; *tu feriste a cabeça da casa do ímpio, descobrindo o alicerce até ao peçoço.* (Selá.) *Tu traspassaste com as suas próprias lanças a cabeça das suas vilas; eles me acometeram tempestuosos para me espalharem; alegravam-se, como se estivessem para devorar o pobre em segredo.* (HABACUQUE 3:12-14)

Dizei aos turbados de coração: Sede fortes, não temais; *eis que o vosso Deus virá com vingança, com recompensa de Deus; ele virá, e vos salvará.* (ISAÍAS 35:4)

Quem é este, que vem de Edom, de Bozra, com vestes tintas; este que é glorioso em sua vestidura, que marcha com a sua grande força? *Eu, que falo em justiça, poderoso para salvar.* Por que está vermelha a tua vestidura, e as tuas roupas como as daquele que pisa no lagar? *Eu sozinho pisei no lagar, e dos povos ninguém houve comigo; e os pisei na minha ira, e os esmaguei*

no meu furor; e o seu sangue salpicou as minhas vestes, e manchei toda a minha vestidura. Porque o dia da vingança estava no meu coração; e o ano dos meus remidos é chegado. E olhei, e não havia quem me ajudasse; e admirei-me de não haver quem me sustentasse, por isso o meu braço me trouxe a salvação, e o meu furor me susteve. *E atropeliei os povos na minha ira, e os embriaguei no meu furor; e a sua força derrubei por terra.* (ISAÍAS 63:1-6)

Naquele dia se dirá a Jerusalém: Não temas, ó Sião, não se enfraqueçam as tuas mãos. O Senhor teu Deus, o poderoso, está no meio de ti (SOFONIAS 3:16-17)

E acontecerá naquele dia, que procurarei destruir todas as nações que vierem contra Jerusalém; (ZACARIAS 12:9)

E o Senhor sairá, e pelejará contra estas nações, como pelejou, sim, no dia da batalha. (ZACARIAS 14:3)

E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre. E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes. (APOCALIPSE 19:20-21)

MEU POVO ISRAEL

É interessante notar que um dos temas mais repetidos apresentados sobre o porquê de Jesus julgar as nações é especificamente por causa dos seus maus-tratos a seu povo, Israel:

Por causa da violência feita a teu irmão Jacó, cobrir-te-á a confusão, e serás exterminado para sempre. No dia em que o confrontaste, no dia em que estranhos levaram cativo o seu exército, e os estrangeiros entravam pelas suas portas, e lançaram sortes sobre Jerusalém, tu eras também como um deles. Porque o dia do Senhor está perto, sobre todos os gentios; *como tu fizeste, assim se fará contigo; a tua recompensa voltará sobre a tua cabeça.* Porque, como vós bebestes no meu santo monte, assim beberão também de contínuo todos os gentios; *beberão, e sorverão*, e serão como se nunca tivessem sido. (OBADIAS 1:10-11, 15-16)

Congregarei todas as nações, e as farei descer ao vale de Jeosafá; *e ali com elas entrarei em juízo, por causa do meu povo, e da minha herança, Israel, a quem elas espalharam entre as nações* e repartiram a minha terra. (JOEL 3:2)

Porque será o dia da vingança do Senhor, ano de retribuições pela contenda de Sião. (ISAÍAS 34:8)

Porque a nação e o reino que não te servirem perecerão; sim, essas nações serão de todo assoladas. A glória do Líbano virá a ti; a faia, o pinheiro, e o álamo conjuntamente, para ornarem o lugar do meu santuário, e glorificarei o lugar dos meus pés. *Também virão a ti, inclinando-se, os filhos dos que te oprimiram; e prostrar-se-ão às plantas dos teus pés todos os que te desprezaram;* e chamar-te-ão a cidade do Senhor, a Sião do Santo de Israel. (ISAÍAS 60:12-14)

ELE LIBERTA OS PRISIONEIROS

Quando Jesus e seus exércitos marcharem em direção a Israel, eles também libertarão um poderoso grupo daqueles que, entre Israel, haviam sido prisioneiros de guerra:

Tu te levantarás e terás piedade de Sião; pois o tempo de te compadeceres dela, o tempo determinado, já chegou. Pois olhou desde o alto do seu santuário, desde os céus o Senhor contemplou a terra, *para ouvir o gemido dos presos, para soltar os sentenciados à morte*; para anunciar o nome do Senhor em Sião, e o seu louvor em Jerusalém, quando os povos se ajuntarem, e os reinos, para servirem ao Senhor. (SALMOS 102:13,19-22)

Bem-aventurado aquele que tem o Deus de Jacó por seu auxílio, e cuja esperança está posta no Senhor seu Deus. O que fez os céus e a terra, o mar e tudo quanto há neles, e o que guarda a verdade para sempre; O que faz justiça aos oprimidos, o que dá pão aos famintos. O Senhor solta os encarcerados. (SALMOS 146:5-7)

Porque, eis que naqueles dias, e naquele tempo, em que removerei o cativeiro de Judá e de Jerusalém. (JOEL 3:1)

Porque o Senhor seu Deus os visitará, e os fará tornar do seu cativeiro. (SOFONIAS 2:7)

O espírito do Senhor DEUS está sobre mim; porque o SENHOR me ungiu, para pregar boas novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, *a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos*; A apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes (ISAÍAS 61:1-2)

Porque eis que vêm dias, diz o Senhor, em que farei voltar do cativeiro o meu povo Israel, e de Judá, diz o Senhor; e tornarei a trazê-los à terra que dei a seus pais, e a possuirão. (JEREMIAS 30:3)

Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre, e montado sobre um jumento, e sobre um jumentinho, filho de jumenta. E de Efraim destruirei os carros, e de Jerusalém os cavalos; e o arco de guerra será destruído, e ele anunciará paz aos gentios; e o seu domínio se estenderá de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra. Ainda quanto a ti, por causa do sangue da tua aliança, libertei os teus presos da cova em que não havia água. (ZACARIAS 9:9-11)

Portanto assim diz o Senhor DEUS: *Agora tornarei a trazer os cativos de Jacó, e me compadecerei de toda a casa de Israel*; zelarei pelo meu santo nome. E levarão sobre si a sua vergonha, e toda a sua rebeldia, com que se rebelaram contra mim, quando eles habitarem seguros na sua terra, sem haver quem os espante. *Quando eu os tornar a trazer de entre os povos, e os houver ajuntado das terras de seus inimigos*, e eu for santificado neles aos olhos de muitas nações, Então saberão que eu sou o Senhor seu Deus, *vendo que eu os fiz ir em cativeiro entre os gentios, e os ajuntarei para voltarem a sua terra, e não mais deixarei lá nenhum deles*. (EZEQUIEL 39:25-28)

E cairão ao fio da espada, *e para todas as nações serão levados cativos*; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem. (LUCAS 21:24)

A ÚLTIMA ENTRADA TRIUNFAL

Quando Jesus chegar a Jerusalém, “a última entrada triunfal” na cidade será a seguir. De maneira semelhante à primeira entrada triunfal, o canto, a adoração e a celebração jubilosa chegarão a um glorioso crescendo à medida que a poderosa procissão entrar em Sião. Os portões de Jerusalém se abrirão para a vinda do tão esperado Messias:

Então virá o Senhor meu Deus, e todos os santos contigo. (ZACARIAS 14:5)

Levantai, ó portas, as vossas cabeças; levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória. Quem é este Rei da Glória? O Senhor forte e poderoso, o Senhor poderoso na guerra. Levantai, ó portas, as vossas cabeças, levantai-vos, ó entradas eternas, e entrará o Rei da Glória. Quem é este Rei da Glória? O Senhor dos Exércitos, ele é o Rei da Glória. (Selá.) (SALMOS 24:7-10)

Abri-me as portas da justiça; entrarei por elas, e louvarei ao Senhor. Esta é a porta do Senhor, pela qual os justos entrarão. Louvar-te-ei, pois me escutaste, e te fizeste a minha salvação. (SALMOS 118:19-21)

Naquele dia se entoará este cântico na terra de Judá: Temos uma cidade forte, a que Deus pôs a salvação por muros e antemuros. Abri as portas, para que entre nelas a nação justa, que observa a verdade. (ISAÍAS 26:1-2)

Porque eu vos digo que desde agora me não vereis mais, até que digais: *Bendito o que vem em nome do Senhor.* (MATEUS 23:39)

A ENTRONIZAÇÃO DO REI DAVIDICO

Após a chegada a Jerusalém, começarão as gloriosas cerimônias de cumprimento de milhares de anos de antigas profecias. Jesus tomará seu lugar como o legítimo Rei Messias no trono de seu pai Davi (itálico do autor):

Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, *então farei levantar depois de ti um dentre a tua descendência, o qual sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino. Este edificará uma casa ao meu nome, e confirmarei o trono do seu reino para sempre. Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; e, se vier a transgredir, castigá-lo-ei com vara de homens, e com açoites de filhos de homens. Mas a minha benignidade não se apartará dele; como a tirei de Saul, a quem tirei de diante de ti. Porém a tua casa e o teu reino serão firmados para sempre diante de ti; teu trono será firme para sempre.* (2SAMUEL 7:12-16)

Por que se amotinam os gentios, e os povos imaginam coisas vãs? Os reis da terra se levantam e os governos consultam juntamente contra o Senhor e contra o seu ungido, dizendo: Rompamos as suas ataduras, e sacudamos de nós as suas cordas. Aquele que habita nos céus se rirá; o Senhor zombará deles. Então lhes falará na sua ira, e no seu furor os turbará. Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião. (SALMOS 2:1-6)

Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés. O Senhor enviará o cetro da tua fortaleza desde Sião, dizendo: Domina no meio dos teus inimigos. (SALMOS 110:1-2)

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará

o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento deste principado e da paz não haverá fim, *sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar com juízo e com justiça*, desde agora e para sempre; o zelo do Senhor dos Exércitos fará isto. (ISAÍAS 9:6-7)

Disse-lhe, então, o anjo: Maria, não temas, porque achaste graça diante de Deus. E eis que em teu ventre conceberás e darás à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. *Este será grande, e será chamado filho do Altíssimo; e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; E reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.* (LUCAS 1:30-33)

E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, *na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória*, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. (MATEUS 19:28)

E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, *então se assentará no trono da sua glória*; (MATEUS 25:31)

Mas, do Filho, diz: Ó Deus, *o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos*; Cetro de equidade é o cetro do teu reino. (HEBREUS 1:8)

O SENHOR HABITA EM SIÃO

Finalmente, depois de Jesus ser entronizado como Rei em Jerusalém, então será dito que o Senhor habita em Sião. O “tabernáculo” ou morada de Deus estará agora com os homens. Os justos finalmente herdaram o que há muito esperavam:

E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. E irão muitos povos, e dirão: Vinde, subamos ao monte do Senhor, *à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos*, e andemos nas suas verdades; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor. (ISAÍAS 2:2-3)

E vós sabereis que eu sou o Senhor vosso Deus, que habito em Sião, o meu santo monte; e Jerusalém será santa; estranhos não passarão mais por ela. Mas Judá será habitada para sempre, e Jerusalém de geração em geração. E purificarei o sangue dos que eu não tinha purificado; porque o Senhor habitará em Sião. (JOEL 3: 17, 20-21)

O rei de Israel, está no meio de ti; tu não verás mais mal algum. (SOFONIAS 3:15)

Assim diz o Senhor: *Voltarei para Sião, e habitarei no meio de Jerusalém*; e Jerusalém chamar-se-á a cidade da verdade, e o monte do Senhor dos Exércitos, o monte santo. (ZACARIAS 8:3)

Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra. Porque, os que isto dizem, claramente mostram que *buscam uma pátria*. (HEBREUS 11:13-14)

E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, *pois com eles habitará*, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. (APOCALIPSE 21:3)

OS GENTIOS SE ARREPENDEM

Durante este tempo, as crianças e o remanescente sobrevivente das nações gentias virão para se arrepender e servir a Israel e a Jesus seu rei:

Naquele dia tornarei a levantar o tabernáculo caído de Davi, e repararei as suas brechas, e tornarei a levantar as suas ruínas, e o edificarei como nos dias da antiguidade; *Para que possuam o restante de Edom*, e todos os gentios que são chamados pelo meu nome, diz o Senhor, que faz essas coisas. (AMÓS 9:11-12)

O restante do meu povo os saqueará, e o restante do meu povo os possuirá. (SOFONIAS 2:9)

E os gentios caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor que te nasceu. Levanta em redor os teus olhos, e vê; todos estes já se ajuntaram, e vêm a ti; teus filhos virão de longe, e tuas filhas serão criadas ao teu lado. Então o verás, e serás iluminado, e o teu coração estremececerá e se alargará; porque a abundância do mar se tornará a ti, e as riquezas dos gentios virão a ti. E os filhos dos estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão; porque no meu furor te feri, mas na minha benignidade tive misericórdia de ti. E as tuas portas estarão abertas de contínuo, nem de dia nem de noite se fecharão; para que tragam a ti as riquezas dos gentios, e, conduzidos com elas, os seus reis. Porque a nação e o reino que não te servirem perecerão; sim, essas nações serão de todo assoladas. A glória do Líbano virá a ti; a faia, o pinheiro, e o álamo conjuntamente, para ornarem o lugar do meu santuário, e glorificarei o lugar dos meus pés. Também virão a ti, inclinando-se, os filhos dos que te oprimiram; e prostrar-se-ão às plantas dos teus pés todos os que te desprezaram; e chamar-te-ão a cidade do Senhor, a Sião do Santo de Israel. (ISAÍAS 60:3-5, 10-14)

E acontecerá que, todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorar o Rei, o Senhor dos Exércitos, e para celebrarem a festa dos tabernáculos. (ZACARIAS 14:16)

E as nações dos salvos andarão à sua luz; e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra. (APOCALIPSE 21:24)

O REAGRUPAMENTO GLOBAL

Considerando que Jesus terá salvo muitos judeus durante Sua vitoriosa marcha, depois de Ele chegar a Jerusalém, o reagrupamento global irá continuar. O remanescente de seu povo, que havia sido espalhado por todo o mundo, será trazido de volta à terra:

Andarão após o Senhor; ele rugirá como leão; rugindo, pois, ele, os filhos do ocidente tremerão. *Tremendo virão como um passarinho, os do Egito, e como uma pomba os da terra da Assíria*, e os farei habitar em suas casas, diz o Senhor. (OSÉIAS 11:10-11)

E há de ser que naquele dia o Senhor tornará a pôr a sua mão para adquirir outra vez o remanescente do seu povo, que for deixado, da Assíria, e do Egito, e de Patros, e da Etiópia, e de Elã, e de Sinar, e de Hamate, e das ilhas do mar. E levantará um estandarte entre as nações, e ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da terra. (ISAÍAS 11:11-12)

E será naquele dia que o Senhor debulhará seus cereais desde as correntes do rio, até ao rio do Egito; e vós, ó filhos de Israel, sereis colhidos um a um. E será naquele dia que se tocará uma grande trombeta, e os que andavam

perdidos pela terra da Assíria, e os que foram desterrados para a terra do Egito, tornarão a vir, e adorarão ao Senhor no monte santo em Jerusalém. (ISAÍAS 27:12-13)

Não temas, pois, porque estou contigo; *trarei a tua descendência desde o oriente, e te ajuntarei desde o ocidente. Direi ao norte: Dá; e ao sul: Não retenhas;* trazei meus filhos de longe e minhas filhas das extremidades da terra, *a todos os que são chamados pelo meu nome*, e os que criei para a minha glória: eu os formei, e também eu os fiz. (ISAÍAS 43:5-7)

E farei de todos os meus montes um caminho; e as minhas estradas serão levantadas. *Eis que estes virão de longe, e eis que aqueles do norte, e do ocidente,* e aqueles outros da terra de Sinim. (ISAÍAS 49:11-12)

Levanta em redor os teus olhos, e vê; todos estes já se ajuntaram, e vêm a ti; *teus filhos virão de longe*, e tuas filhas serão criadas ao teu lado. (ISAÍAS 60:4)

Naqueles dias andarás a casa de Judá com a casa de Israel; e virão juntas da terra do norte, para a terra que dei em herança a vossos pais. (JEREMIAS 3:18)

Portanto, eis que dias vêm, diz o Senhor, em que nunca mais se dirá: Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito. Mas: *Vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do norte, e de todas as terras para onde os tinha lançado; porque eu os farei voltar à sua terra, a qual dei a seus pais.* (JEREMIAS 16:14-15)

Eis que os trarei da terra do norte, e os congregarei das extremidades da terra; entre os quais haverá cegos e aleijados, grávidas e as de parto juntamente; *em*

grande congregação voltarão para aqui. Virão com choro, e com súplicas os levarei; guiá-los-ei aos ribeiros de águas, por caminho direito, no qual não tropeçarão, porque sou um pai para Israel, e Efraim é o meu primogênito. (Jeremias 31:8-9)

E fortalecerei a casa de Judá, e salvarei a casa de José, e fá-los-ei voltar, porque me compadeci deles; e serão como se eu não os tivera rejeitado, porque eu sou o Senhor seu Deus, e os ouvirei. Eu lhes assobiarei, e os ajuntarei, porque eu os tenho remido; e multiplicar-se-ão como antes se tinham multiplicado. Ainda que os espalhei por entre os povos, eles se lembrarão de mim em lugares remotos; e viverão com seus filhos, e voltarão. Porque eu os farei voltar da terra do Egito, e os congregarei da Assíria; e trá-los-ei à terra de Gileade e do Líbano, e não se achará lugar bastante para eles. (Zacarias 10:6,8-10)

A CEIA DE CASAMENTO

Então, com Seu povo reunido de volta à cidade santa, começará a grande festa de casamento:

Naquele dia o renovo do Senhor será cheio de beleza e de glória; e o fruto da terra excelente e formoso para os que escaparem de Israel. E será que aquele que for deixado em Sião, e ficar em Jerusalém, será chamado santo; todo aquele que estiver inscrito entre os viventes em Jerusalém; Quando o Senhor lavar a imundícia das filhas de Sião, e limpar o sangue de Jerusalém, do meio dela, com o espírito de justiça, e com o espírito de ardor. E criará o Senhor sobre todo o lugar do monte de Sião, e sobre as suas assembléias, uma nuvem de dia e uma fumaça, e um resplendor de fogo flamejante

de noite; porque sobre toda a glória haverá proteção (Chuppah). E haverá um tabernáculo para sombra contra o calor do dia; e para refúgio e esconderijo contra a tempestade e a chuva. (ISAÍAS 4:2-6)

E o Senhor dos Exércitos dará neste monte a todos os povos uma festa com animais gordos, *uma festa de vinhos velhos, com tutanos gordos, e com vinhos velhos, bem purificados*. E destruirá neste monte a face da cobertura, com que todos os povos andam cobertos, e o véu com que todas as nações se cobrem. Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor DEUS as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróbrio do seu povo de toda a terra; porque o SENHOR o disse. E naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará; este é o Senhor, a quem aguardávamos; na sua salvação gozaremos e nos alegraremos. (ISAÍAS 25:6-9)

Porque o teu Criador é o teu marido; o Senhor dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; que é chamado o Deus de toda a terra. Porque o Senhor te chamou como a mulher desamparada e triste de espírito; como a mulher da mocidade, que fora desprezada, diz o teu Deus. Por um breve momento te deixei, mas com grandes misericórdias te recolherei; Com um pouco de ira escondi a minha face de ti por um momento; mas com benignidade eterna me compadecerei de ti, diz o Senhor, o teu Redentor. (ISAÍAS 54:5-8)

Por amor de Sião não me calarei, e por amor de Jerusalém não me aquietarei, até que saia a sua justiça como um resplendor, e a sua salvação como uma tocha acesa. E os gentios verão a tua justiça, e todos os reis a tua glória; e chamar-te-ão por um nome novo, que a boca do Senhor designará. E serás uma coroa de glória na mão

do Senhor, e um diadema real na mão do teu Deus. Nunca mais te chamarão: Desamparada, nem a tua terra se denominará jamais: Assolada; mas chamar-te-ão: O meu prazer está nela, e à tua terra: A casada; porque o Senhor se agrada de ti, e a tua terra se casará. Porque, como o jovem se casa com a virgem, assim teus filhos se casarão contigo; *e como o noivo se alegra da noiva*, assim se alegrará de ti o teu Deus. (ISAÍAS 62:1-5)

Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus; (MATEUS 8:11 cf. LUCAS 13:29)

Regozijemo-nos, e alegremo-nos, e demos-lhe glória; *porque vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou*. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiça dos santos. E disse-me: Escreve: Bem Aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E disse-me: Estas são as verdadeiras palavras de Deus. (APOCALIPSE 19:7-9)

Em uma descrição tão impressionante, Jesus realmente disse a Seus discípulos que, na festa de casamento, Ele servirá pessoalmente àqueles que aguardaram ansiosa e fielmente seu retorno:

Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas as vossas candelas. E sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, quando houver de voltar das bodas, para que, quando vier, e bater, logo possam abrir-lhe. Bem-aventurados aqueles servos, os quais, quando o Senhor vier, achar vigiando! Em verdade vos digo que *se cingirá, e os fará assentar à mesa e, chegando-se, os servirá*. (LUCAS 12:35-37)

O NOIVO SE ALEGRA

Por mais belo que seja ver o canto abundante, quando a poderosa multidão entrar em Jerusalém, o próprio Jesus também cantará e se regozijará sobre seu povo. É algo muito maravilhoso de se refletir. Para aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro, iremos de fato ouvir, com nossos ouvidos, em nossos corpos ressuscitados glorificados, o som de Jesus cantando alegremente sobre nós, Seu povo (itálico meu):

E os gentios verão a tua justiça, e todos os reis a tua glória; e chamar-te-ão por um nome novo, que a boca do Senhor designará. E serás uma coroa de glória na mão do Senhor, *e um diadema real na mão do teu Deus. Nunca mais te chamarão: Desamparada, nem a tua terra se denominará jamais: Assolada; mas chamar-te-ão: O meu prazer está nela, e à tua terra: A casada*; porque o Senhor se agrada de ti, e a tua terra se casará. *Porque, como o jovem se casa com a virgem*, assim teus filhos se casarão contigo; e como o noivo se alegra da noiva, assim se alegrará de ti o teu Deus. (ISAÍAS 62:2-5)

O Senhor, o seu Deus, está em seu meio, *poderoso para salvar*. Ele se regozijará em você, *com o seu amor a renovar*, ele se regozijará em você com brados de alegria”. (SOFONIAS 3:17)

Mas vós folgareis e exultareis perpetuamente no que eu crio; porque eis que crio para Jerusalém uma alegria, e para o seu povo gozo. *E exultarei em Jerusalém, e me alegrarei no meu povo*; e nunca mais se ouvirá nela voz de choro nem voz de clamor. (ISAÍAS 65:18-19)

E alegrar-me-ei deles, fazendo-lhes bem; e plantá-los-ei nesta terra firmemente, com todo o meu coração e com toda a minha alma. (JEREMIAS 32:41)

O REINO DE JUSTIÇA E RETIDÃO

A essência do reino que será estabelecido é justiça e retidão. O reino será um tempo de recompensa para os fiéis, os mansos, justos, vitimizados, oprimidos, pobres, carentes, aflitos, marginalizados, coxos, doentes, etc. Eles serão curados, restaurados, honrados, exaltados, e recompensados. Alternativamente, os orgulhosos e que exaltam a si mesmos serão reduzidos, abatidos, humilhados, ou realmente lançados no lago de fogo:

Compadecer-se-á do *pobre e do aflito, e salvará as almas dos necessitados*. (SALMOS 72:13)

Os olhos altivos dos homens serão abatidos, e a sua altivez será humilhada; e só o Senhor será exaltado naquele dia. (ISAÍAS 2:11)

Mas julgará com justiça aos pobres, e repreenderá com equidade aos mansos da terra (ISAÍAS 11:4)

E os mansos terão gozo sobre gozo no Senhor; e *os necessitados entre os homens se alegrarão* no Santo de Israel. (ISAÍAS 29:19)

Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se abrirão. Então os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará; (ISAÍAS 35:5-6)

Em lugar de seres deixada, e odiada, de modo que ninguém passava por ti, far-te-ei uma excelência perpétua, um gozo de geração em geração. (ISAÍAS 60:15)

O espírito do Senhor DEUS está sobre mim; porque o SENHOR me ungiu, *para pregar boas novas aos*

mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes; a ordenar acerca dos tristes de Sião que se lhes dê glória em vez de cinza, óleo de gozo em vez de tristeza, vestes de louvor em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem árvores de justiça, plantações do Senhor, para que ele seja glorificado. (ISAÍAS 61:1-3)

Naquele dia, diz o Senhor, *congregarei a que coxeava, e recolherei a que tinha sido expulsa, e a que eu tinha maltratado. (MIQUÉIAS 4:6)*

Eis que naquele tempo procederei contra todos os que te afligem, *e salvarei a que coxeia, e recolherei a que foi expulsa; e deles farei um louvor e um nome em toda a terra em que foram envergonhados. (SOFONIAS 3:19)*

A perdida buscarei, e a desgarrada tornarei a trazer, e a quebrada ligarei, e a enferma fortalecerei; mas a gorda e a forte destruirei; apascentá-las-ei com juízo. (EZEQUIEL 34:16)

Esses eventos, que terão início durante o início do reino milenar de Cristo, alcançarão sua objetivo final e último após a conclusão desse período, durante o que é chamado de “o novo céu e a nova terra”. É então que o desdobramento do plano de redenção de Deus terá chegado à sua gloriosa conclusão:

E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará de seus

olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis. (APOCALIPSE 21:3-5)

Maranata e Amém!

APÊNDICE A

A DERROTA DO LEVIATÃ

No princípio criou Deus o céu e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. (GÊNESIS 1:1-2)

Assim começa a epopeia divina. Para a maioria dos leitores modernos, os primeiros versículos da Bíblia são um relato de criação muito simples. Todos os blocos essenciais de construção do universo estavam presentes, mas eles eram uma confusão selvagem e desordenada. Então, o Espírito de Deus Todo-Poderoso falou e colocou tudo em seu devido lugar. Através do processo de separação, o Senhor começou a trazer ordem ao caos. Ele separou a luz da escuridão, o dia da noite, e as águas de baixo das águas de cima (Gn 1:3-7). O que antes era puro caos, agora foi domado para tornar-se um mundo de tremenda ordem e beleza. Olhando para o que Ele tinha acabado de fazer: “Deus viu que era bom” (1:10). Qualquer leitura superficial do texto verá um relato de criação muito simples. Quando muitos dos antigos hebreus leram essa passagem, no entanto, eles teriam visto algo mais. Eles também teriam visto uma prefiguração

do futuro do Senhor e a vitória final sobre o caos e sobre os poderes das trevas. O primeiro capítulo do Gênesis realmente contém uma poderosa dica do plano final do Senhor para destruir o mal e restaurar o mundo como um lugar de perfeita ordem e beleza. Em certo sentido, o primeiro capítulo de Gênesis contém uma prefiguração do próprio evangelho.

O ABISMO

Para entender como os antigos hebreus teriam visto isso, nós devemos iniciar com a compreensão do como o mundo era antes de ser domado. Primeiro, a terra era “sem forma e vazia”. As palavras hebraicas, *tohu wavohu*, são traduzidas em outros lugares como “selvagens e desperdício”.¹ Em outras palavras, era o caos. Em segundo lugar, a palavra hebraica para “o profundo” é *tehom*. É frequentemente traduzida como “oceano”, “mar” ou “o abismo”.² A palavra transmitia a idéia de “um lugar escuro, inacessível, inesgotável e misterioso”.³ Na antiga mente hebraica, a totalidade do mar em si era vista como um lugar indomável, aterrador e sem fundo. Não devemos nos surpreender que eles o vissem dessa forma. Até mesmo hoje, tendo enviado homens para a lua (sim, isso aconteceu) e numerosos cientistas na órbita da Terra na Estação espacial Internacional, ainda não exploramos totalmente as partes mais profundas do oceano.

MONSTROS MARINHOS

Eu cresci filho de um pescador. Na pesca do atum-rabilho do Atlântico, meu pai e eu costumávamos entrar no o barco horas antes do amanhecer e depois ele pilotava por 80 quilômetros ao que se chama *Stellwagen Bank*, ao largo da costa do Cabo Cod, Massachusetts. O fundo do oceano ali tem a profundidade de até 90 metros. É o lugar preferido dos observadores de baleias para ver as enormes baleias-jubarte

brincando. Nunca vou esquecer a primeira vez que fui para Stellwagen com meu pai. Eu tinha apenas cinco anos de idade mas, até onde me lembro, meu pai me ensinou a sondar a superfície do oceano em busca de sinais de atividade por baixo. Pequenos peixes isca rompendo a água, aves excessivamente ativas circulando e mergulhando, manchas de óleo; essas eram todas as coisas que eu tinha me acostumado a notar. Quando estávamos saindo, eu vi algo na superfície da água logo à frente, a estibordo. A princípio, me pareceu uma lona flutuando na superfície da água com uma enorme bolha de ar. Se estivéssemos perto da costa, isso teria feito sentido, pois não é incomum acontecer ocasionalmente com itens aleatórios flutuando na água. Mas estávamos a mais de vinte milhas (37 km) da costa. Como nosso pequeno barco se aproximou dessa curiosidade, de repente me ocorreu que não era uma lona, mas a parte de trás de uma baleia. Foi a primeira vez que eu vi uma. No momento em que percebi isso, meu pai também notou a baleia e virou o barco abruptamente para evitar atropelá-la. Enquanto passávamos, inclinei-me sobre a lateral do barco e olhei para dentro da água para ver esta criatura gigante submergir na escuridão. “Pai, nós quase atropelamos aquela baleia!” Eu gritei para ele. “Não conte a sua mãe”, respondeu ele, e nós continuamos. Desde então, já vi centenas de baleias por aí, na sua maioria jubartes, mas elas sempre estavam longe. Uma forma de onda escura rolava para fora da água, e um foguete nebuloso de água irrompia no ar enquanto a baleia limpava seu espiráculo. Em seguida, ela rolava de volta para debaixo d’água. Outras vezes, uma enorme cauda se levantava do mar e esbofeteava a água antes de desaparecer novamente. Em raras ocasiões, a baleia inteira brincava com o ar numa incrível exibição. Essas não foram as únicas vezes em que eu tive vislumbres dos monstros que vivem sob as ondas. Em outra ocasião, nós pegamos acidentalmente um tubarão-mako. Os makos são tubarões muito

rápidos e agressivos, com uma média de comprimento de cerca de três metros. Lembro-me de ver a figura sombria de um metro e meio debaixo de nós. Ele causou um calafrio em mim. A inquietação que senti não foi totalmente irracional. Até meu pai, o pescador por excelência, decidiu cortar a linha. Seja qual for o equipamento que ele perdeu, não valia a pena lutar com um monstro com dentes de navalha. A razão pela qual eu compartilhei essas histórias é porque, juntas, elas provocaram em mim um certo medo do oceano. Provavelmente, o fato de minha família ter me levado para ver o filme Tubarão no cinema drive-in quando eu tinha apenas três anos de idade não tenha ajudado muito. Mesmo agora como adulto, ocasionalmente tenho sonhos de nadar no oceano e vislumbrar alguma criatura colossal nas profundezas escuras abaixo de mim. Tais visões sempre trazem um sentimento de tremenda vulnerabilidade. O que quer que esteja lá embaixo na escuridão é vasto e incontrolável. Os antigos hebreus parecem ter adotado uma percepção muito semelhante das profundezas. O fato é que os humanos não estão em seu habitat natural no oceano. Sim, aprendemos como criar embarcações robustas que podem flutuar na superfície da água. Uma vez fora do barco, porém, estamos à mercê de algo muito mais vasto, poderoso e intransponível do que podemos compreender. Não são apenas as ondas, as correntes e o imenso oceano muito além de nosso controle, há todo um mundo de criaturas sob o mesmo - e algumas delas são gigantes. Costumava ser muito pior. Eu adoro visitar o Museu de História Natural de Harvard, em Boston. Um dos esqueletos mais aterrorizantes abrigados lá já pertenceu a uma criatura chamada Kronossauro. Tratava-se de um réptil marinho de quarenta e dois metros de comprimento que era parecido com algo como um crocodilo gigante com barbatanas. Ele poderia facilmente ter comido um humano em uma mordida e sem hesitar. A própria idéia de

que essas coisas em algum momento já vagaram livremente pelo oceano, é absolutamente aterrorizante. Quais outros monstros gigantescos caçaram seus próximas refeições sob a superfície? Hoje temos uma boa noção, mas em tempos antigos, era um mistério completo. Por todas essas razões, os antigos hebreus viam o oceano como o abismo incontrollável, interminável e aterrorizante.

No entanto, indo um passo além de tudo isso, os antigos hebreus viam o oceano como mais do que apenas um lugar onde os peixes vivem. Em suas mentes, algo ainda mais assustador do que tubarões e criaturas marinhas viviam sob as ondas. Para os antigos hebreus, o *tehom*, abismo, também era o reino do mal.

HISTÓRIAS ALTERNATIVAS DA CRIAÇÃO

Para entender como ou porque os hebreus pensavam dessa forma, é útil nos familiarizarmos com alguns relatos muito diferentes da criação que também eram bem conhecidos no antigo mundo bíblico. Uma história da criação particularmente influente foi chamada de *Enuma Elish*. Embora este relato babilônico alternativo seja claramente mítico na natureza, cheio de monstros e bestas,⁴ contém, na verdade, alguns conceitos que os estudiosos concordam que são mencionados Bíblia. O *Enuma Elish* conta a história do deus Marduk, o deus da tempestade, que trava uma guerra cósmica contra Tiamat, que era tanto a deusa como a fonte de toda a vida.⁵ Depois de Marduk ter derrotado Tiamat, ele a cortou e criou o céu e a terra a partir dos pedaços de seu corpo.⁶ Um mito semelhante do deus-mito cananita, foi chamado de “O Ciclo de Baal”, que conta de uma antiga batalha entre o deus Baal, o deus da tempestade, e a deusa do mar Yam.⁷ Nesse relato, Baal derrotou Yam e ascendeu ao papel de deus chefe do panteão cananeu. Há algumas semelhanças notáveis entre o Gênesis e essas outras tradições. Enquanto o *Enuma*

Elish retrata uma batalha entre Marduk e a deusa do oceano, Gênesis descreve Deus Todo-Poderoso subjugando o oceano selvagem. Enquanto Marduk mata Taimat e divide seu corpo para criar o céu e a terra,⁸ Deus Todo-Poderoso cria o mundo dividindo o grande abismo aquático em luz e escuridão, dia e noite, e águas e águas. Os estudiosos se referem a essa antiga batalha entre algum deus particular e o caos como o *caoskampf* (alemão para “a luta do caos”).⁹ A diferença óbvia entre esses relatos pagãos e a Bíblia é que enquanto o Enuma Elish e o Ciclo de Baal personificam o oceano como uma deusa, o relato de Gênesis não faz tal coisa. Ele trata as profundezas caóticas como nada mais do que materiais impessoais da criação.¹⁰ Enquanto as tradições pagãs retratam, cada uma delas, um poderoso deus engajado em uma luta cósmica contra outra divindade poderosa, O Gênesis é claro quanto ao fato de que oceano está inteiramente subordinado a YHVH, que é o todo-poderoso criador e governante de tudo. No entanto, há um porém. Embora o relato de criação de Gênesis não retrate uma antiga luta entre Deus e algum deus ou deusa do oceano, há várias passagens na Bíblia que de fato relacionam o diabo com o caos e os mares.

O DRAGÃO-MARINHO NA BÍBLIA

Ambos, o Salmo 89:8-10 e Isaías 51:9-10 se referem a um monstro que vive no mar chamado “Rahab”. Da mesma forma, Jó 7:12 e Salmo 74:13, ambos fazem referências ao “monstro marinho”. Em Jó 3, o monstro é chamado de “Leviatã”. Finalmente, como veremos, o livro de Apocalipse se refere a essa criatura duas vezes, chamando-a de Diabo e Satanás (12:9; 20:2). Em todas essas passagens, o dragão-marinho é subjogado por Deus ou morto por completo. Desta forma, embora a Bíblia não ensine que Satanás estivesse de fato lá no caos primordial antes da criação, em várias passagens ecoam elementos do antigo mito pagão, apresentando o Diabo como um

monstro marinho ou um dragão que está sempre procurando incitar o caos de novo, para puxar o mundo de volta para um estado “selvagem e de desordem”.¹¹ Novamente, a Bíblia não concorda com ou valida os antigos mitos pagãos, ao invés de usar imagens que eram comuns entre os antigos como uma polêmica contra eles, para proclamar a superioridade absoluta e, mais importante ainda, sua futura vitória sobre Satanás, o dragão que vive no mar.

LEVIATÃ NA LITERATURA INTERTESTAMENTAL

Fora da Bíblia, o Leviatã também aparece em alguns antigos escritos judeus apocalípticos que eram amplamente conhecidos e lidos na época de Jesus.¹² Cada uma dessas obras retrata a tradição judaica que algum tempo depois de Deus ter dividido a terra do mar, Ele banuiu o Leviatã das profundezas do mar, enquanto outro monstro chamado “Beemote” foi lançado no deserto. No final da era, ambos os monstros reaparecerão, apenas para serem mortos e deixados como alimento para os animais e talvez até os habitantes justos da era messiânica. Parece muito improvável que os primeiros cristãos tivessem entendido todo esse cenário dessa maneira. Esses textos apocalípticos transmitem, de fato, realidades espirituais muito autênticas. Eles também servem para demonstrar ainda mais a opinião generalizada entre os judeus do período do segundo templo de que, nos últimos dias, o monstro do caos, o próprio Satanás, será completamente derrotado e destruído, de uma vez por todas.

Assim, logo nos primeiros versículos da Bíblia, quando Deus trouxe ordem ao caos, não foi apenas uma demonstração poderosa do poder de Deus sobre toda a criação, mas também um prenúncio da vitória futura e final do Senhor sobre o Diabo, que a Bíblia chama de o antigo dragão que vive no mar, sempre buscando reviver o caos, para desfazer as obras de Deus, e para semear a desordem. Embora a maioria não esteja

familiarizada com essa história, ela teria sido compreendida por muitos dos antigos judeus e certamente é abordada em várias passagens das Escrituras.¹³ Assim, mesmo dentro dos primeiros versículos da Bíblia, logo abaixo das ondas, está escondido um prenúncio profético da vinda do Senhor e da vitória final sobre o caos, sobre o mal e, em última análise, sobre todas as coisas. À medida que avançamos, em dois momentos muito importantes dentro do desdobramento da história da redenção – o Êxodo e o fim dos tempos – veremos o tema do dragão-marinho ressurgir.

O DRAGÃO-MARINHO E O ÊXODO

Muitos anos após as poderosas vitórias do Senhor durante todo o Êxodo, os salmistas, os profetas e os apóstolos comemorariam e celebrariam o triunfo daqueles dias, muitas vezes fazendo menção do Senhor conquistando o Leviatã, o antigo monstro marinho:

Todavia Deus é o meu Rei desde a antiguidade, operando a salvação no meio da terra. Tu dividiste o mar pela tua força; quebrantaste as cabeças das baleias nas águas. Fizeste em pedaços as cabeças do leviatã, e o deste por mantimento aos habitantes do deserto. Fendeste a fonte e o ribeiro; secaste os rios impetuosos.
 (SALMOS 74:12-15)

Como acabamos de discutir, quando o Senhor trouxe a ordem para o caos na aurora da criação, era um prenúncio profético de sua vitória futura final sobre o caos, com a qual o Diabo é muitas vezes associado. Ao dividir o Mar Vermelho durante o Êxodo, o Senhor mostrou mais uma vez Sua superioridade sobre toda a criação e sobre os poderes do mal e do caos. Assim como Ele separou as águas no início, então, novamente, Ele separou as águas. Ainda mais incrível,

o salmista realmente descreve a derrota do Faraó, usando a linguagem do Senhor esmagando a cabeça do monstro marinho Leviatã. Como fez no início da criação, Deus estava mais uma vez colocando Seu poder em exposição e, mais uma vez, profeticamente prefigurando sua vitória final sobre Satanás e o caos deste sistema mundial caído e corrupto. O mesmo paradigma é repetido novamente no Salmo 89:

Ó Senhor Deus dos Exércitos, quem é poderoso como tu, Senhor, com a tua fidelidade ao redor de ti? Tu dominas o ímpeto do mar; quando as suas ondas se levantam, tu as fazes aquietar. Tu quebraste a Raabe como se fora ferida de morte; espalhaste os teus inimigos com o teu braço forte. (SALMOS 89:8-10)

Aqui novamente, o poder por trás do Faraó é chamado de “Raabe,” um nome alternativo para Leviatã, o dragão-marinho. A frase “seu poderoso braço” também é uma linguagem clara que aponta para o Êxodo. Enquanto Deus Todo-Poderoso permaneceu no céu, entronizado nas alturas, Ele se aproximou para realizar seus propósitos na terra abaixo. Como os salmistas antes dele, Isaías também lembrou o Êxodo, e o descreveu através da linguagem de YHVH matando o dragão Raabe:

Desperta, desperta, veste-te de força, ó braço do Senhor; desperta como nos dias passados, como nas gerações antigas. Não és tu aquele que cortou em pedaços a Raabe, o que feriu ao chacal? Não és tu aquele que secou o mar, as águas do grande abismo? O que fez o caminho no fundo do mar, para que passassem os remidos? (ISAÍAS 51:9-10)

A confiança de Isaías na futura e última derrota de Satanás pelo Senhor nos últimos dias foi enraizado em seus atos históricos de primeira subjugação do caótico abismo na criação, e depois Sua derrota do Faraó no Mar Vermelho. Se o Senhor realizasse tais libertações maravilhosas e milagrosas na época, certamente Ele o fará novamente.

A DESTRUIÇÃO PREVISTA DO MONSTRO MARINHO

Na grande profecia do deserto de Habacuque (ver capítulo 23), o profeta descreve a “vinda” de Deus para travar uma guerra contra os rios e os mares:

Acaso é contra os rios, Senhor, que estás irado? É contra os ribeiros a tua ira, ou contra o mar o teu furor, visto que andas montado sobre os teus cavalos, e nos teus carros de salvação? Descoberto se movimentou o teu arco; os juramentos feitos às tribos foram uma palavra segura. (Selá.) Tu fendeste a terra com rios. Os montes te viram, e tremeram; a inundação das águas passou; o abismo deu a sua voz, levantou ao alto as suas mãos. O sol e a lua pararam nas suas moradas; andaram à luz das tuas flechas, ao resplendor do relâmpago da tua lança. (HABACUQUE 3:8-11)

Com que propósito Deus está vindo para travar uma guerra? Como sempre, é para derrotar os ímpios e salvar Seu povo. No entanto, em vez de descrevê-Lo esmagando pessoas reais, Habacuque descreve o Senhor guerreando contra os rios e mares, que representam Satanás e os inimigos de Deus. Armerding observa a clara conexão aqui entre a criação e o retorno do Messias:

No Êxodo, como no início, Deus destruiu os poderes de caos e anarquia que ameaçam engolir sua criação;

e a batalha cósmica retratada em Habacuque 3:8-15 se baseia nesse contexto.¹⁴

Quando Habacuque descreve poeticamente a vinda do Senhor para guerrear contra os rios e os mares, ele está descrevendo o retorno de Jesus, o Deus do Êxodo, que virá novamente para completar tudo que Ele começou há tanto tempo.

A DERROTA FINAL DO DRAGÃO MARINHO

Finalmente, no livro de Apocalipse, a imagem tanto da criação como do Êxodo colidem uma última vez para a grande conclusão da história. O que Habacuque previa é agora descrito em grande detalhe. Primeiro, João identifica claramente o Leviatã, a antiga serpente do mar, como nada mais nada menos que Satanás: “E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele” (Ap 12:9). Em seguida, a linguagem do Êxodo retorna. Israel recebe asas como uma águia para fugir para o deserto, onde se refugia da serpente por três anos e meio (12:14; cf. Ex 19:4). Determinado a matar a mulher, Israel, “a serpente lançou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, para que pela corrente a fizesse arrebatá-la” (v. 15). Mais uma vez, a linguagem das águas é utilizada; um rio em ascensão e inundações. Além de estarem associadas ao caos e a Satanás, as enchentes são poeticamente usadas para descrever exércitos invasores (por exemplo, Is 28:18-19; Dn 9:26). Apesar dos melhores esforços de Satanás, no entanto, “a terra ajudou a mulher; e a terra abriu a sua boca, e tragou o rio que o dragão lançara da sua boca” (v. 16). E assim, “o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao remanescente da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo” (v. 17). Estes outros que se apegam ao testemunho de Jesus teriam que ser Cristãos

gentílicos que também são filhos de Deus pela fé. O grande e último esforço de Satanás para travar uma guerra contra o povo de Deus é empregado principalmente através de exércitos humanos. Apocalipse 13 começa descrevendo Satanás, o dragão do mar, tendo rastejado para fora do mar e sentado na margem, conjurando seus exércitos das profundezas:

E eu pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia. (APOCALIPSE 13:1)

Além de todas as imagens apocalípticas, a Bíblia está simplesmente descrevendo um último, grande ditador inspirado e movido satanicamente, que levantará uma poderosa coalizão de exércitos para lutar contra Israel e o povo de Deus em toda a Terra. Apesar de toda a farra, quando Jesus voltar, Ele lidará muito rapidamente com todos eles:

E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que não mais engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto por um pouco de tempo. (APOCALIPSE 20:1-3)

De acordo com Apocalipse, Jesus governará a terra a partir de Jerusalém por mil anos. Embora muitos teólogos cristãos tenham feito grandes esforços para categorizar esse período de tempo como simbólico, sendo cumprido enquanto falamos. Os profetas também dão grande atenção a este período que, embora seja muito melhor do que o mundo como o conhecemos agora, ainda é menos do que perfeito.

Assim, no final dos mil anos, o julgamento final de Satanás virá: “Quando os mil anos forem completados, Satanás será libertado de sua prisão, e sairá para enganar as nações” (v. 7). Apesar desse último e muito breve esforço para incitar novamente o caos, o Senhor rapidamente porá um fim aos esforços da serpente: “E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre” (v. 10).

CONCLUSÃO

Em conclusão, a Bíblia se refere consistentemente a estes três pontos dentro da história da criação e redenção, e os destaca juntos: (1) a Criação, (2) o Êxodo, e (3) a vinda de Deus no fim dos tempos. No início, Deus domou o *tehom* (abismo), demonstrando Seu poder sobre os mares e o caos primordial. Então, durante o Êxodo, o Senhor demonstrou mais uma vez Sua completa soberania sobre os mares ao derrotar totalmente seus inimigos. Finalmente, no final desta era, Jesus o Messias voltará para pôr um fim completo e definitivo ao caos desta era e a todos os poderes do mal. Pela compreensão desta história, um pouco escondida dentro da narrativa bíblica, podemos compreender muito melhor muitos trechos da Bíblia que muitas vezes são confusos para o leitor médio que se esforça compreender grande parte da linguagem poética e apocalíptica. A história da soberania de Deus e de Sua grande vitória sobre o maligno apoia-se na Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse, pontuada pela história do Êxodo, como o grande sinal e prenúncio da vitória final que ainda está por vir quando Jesus dividir o céu e descer para nos salvar. Naquele tempo, em vez de ser coberto pelos mares caóticos, nos é dito que “a terra será cheia com o conhecimento de a glória do Senhor como as águas cobrem o mar” (Hb 2:14 NVI).



APÊNDICE B

O SINAL DA VINDA DO FILHO DO HOMEM

Antes de dar início a este anexo final, gostaria de compartilhar brevemente os bastidores. Assim que o livro estava pronto para ir para as gráficas, um bom amigo meu, Stephen Holmes, compartilhou comigo uma nova visão sobre “o sinal da vinda do Filho do Homem” mencionado por Jesus no Sermão do Monte das Oliveiras. Stephen é um autêntico e fervoroso estudante das Escrituras. Sempre que temos conversas sobre qualquer passagem ou assunto que ele ou eu estamos estudando, eu sempre saio edificado e desafiado. Na verdade, reconheço que uma dessas conversas me provocou a mergulhar com muito mais cuidado no Cântico de Moisés em Deuteronômio 32. Há muito tempo eu tinha notado a importância dada a essa profecia fundamental por G. H. Pember em seu livro *The Great Prophecies Concerning the Gentiles, the Jews and the Church of God* (escrito em 1885). No entanto, foi a instigação de Stephen que realmente me impulsionou a estudá-la mais profundamente e a compreender verdadeiramente sua importância fundamental dentro da narrativa bíblica profética. Aqueles que leram este livro sabem da importância do canto profético de Moisés ao longo deste estudo. Assim, a influência de Stephen neste livro vai muito além deste anexo,

apenas. Por isso, eu sou grato. Mas foi a visão de Stephen sobre “o sinal da vinda do Filho do Homem” que me comoveu o suficiente para atrasar a impressão e acrescentar este apêndice final e muito importante.

O SINAL DA ALIANÇA DE YHWH NAS NUVENS

Nosso estudo começa com Noé. Todos nós conhecemos a história de como ele e sua família sobreviveram à grande tempestade do julgamento do Senhor na arca. Depois que as águas purgantes diminuíram e sua grande embarcação se estabeleceu nas montanhas de Ararate, Noé, seus filhos e suas famílias emergiram para descobrir um mundo totalmente novo. Pouco tempo depois, Noé construiu um altar e ofereceu todo tipo de animais ao Senhor como holocaustos (Gn 8:20). O Senhor estava tão satisfeito com as ofertas de Noé que Ele fez uma promessa de nunca mais destruir a Terra da mesma maneira:

E o Senhor sentiu o suave cheiro, e o Senhor disse em seu coração: Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem; porque a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice, nem tornarei mais a ferir todo o vivente, como fiz. Enquanto a terra durar, sementeira e sega, e frio e calor, e verão e inverno, e dia e noite, não cessarão. (GÊNESIS 8:21-22)

Essa promessa feita por Deus é chamada de Pacto Noético está entre as primeiras alianças bíblicas. Como um sinal específico de Sua aliança, pela primeira vez na história, o Senhor colocou um arco-íris nas nuvens:

O meu arco tenho posto nas nuvens; este será por sinal da aliança entre mim e a terra. E acontecerá que, quando eu trouxer nuvens sobre a terra, aparecerá o arco nas

nuvens. Então me lembrarei da minha aliança, que está entre mim e vós, e entre toda a alma vivente de toda a carne; e as águas não se tornarão mais em dilúvio para destruir toda a carne. E estará o arco nas nuvens, e eu o verei, para me lembrar da aliança eterna entre Deus e toda a alma vivente de toda a carne, que está sobre a terra. (GÊNESIS 9:13-16)

O sinal (hebraico: *oth*) dessa aliança em particular foi o arco-íris, exibido nas nuvens diante de toda a humanidade. Da mesma forma, Jesus, o sinal final da aliança do Senhor, também será visto por toda a humanidade nas nuvens. Neste sentido, pode-se dizer que o arco-íris na nuvem é um tipo ou uma imagem, e até mesmo uma promessa, do próprio Jesus e a certeza de Sua vinda futura.

A COLUNA DE NUVEM E DE FOGO

O próximo grande episódio foi quando o próprio Senhor apareceu em uma nuvem, quando Ele conduziu Israel para fora do Egito:

E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os iluminar, para que caminhassem de dia e de noite. Nunca tirou de diante do povo a coluna de nuvem, de dia, nem a coluna de fogo, de noite. (ÊXODO 13:21-22)

Durante a fuga de Israel do Faraó, através do Mar Vermelho, e todo o caminho até o Monte Sinai, uma enorme coluna de nuvens e fogo os conduziu. Esse verdadeiramente é um dos fenômenos mais singulares e misteriosos de toda a Bíblia. Embora o pilar fosse apenas isto – uma enorme coluna cilíndrica de nuvens e fogo – era também a própria

personificação real e presença do próprio Senhor: “E o anjo de Deus, que ia diante do exército de Israel, se retirou, e ia atrás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles, e se pôs atrás deles” (Ex 14:19). Em outras palavras, “o anjo de Deus” e “a coluna de nuvem” são uma mesma coisa, descrita de duas maneiras diferentes.

Mais tarde, o Senhor descreveu-se a si mesmo como estando na própria nuvem: “E aconteceu que, na vigília daquela manhã, o Senhor, na coluna do fogo e da nuvem, viu o campo dos egípcios; e alvoreçou o campo dos egípcios” (Ex 14:24). Embora o pilar pareça ter mantido com mais frequência esta forma de coluna, houve momentos em que ele tomou uma forma muito maior, transformando-se em um dossel para dar a Israel cobertura do calor do sol. Esse também foi o caso quando Israel finalmente alcançou o Monte Sinai.

DEUS DESCEU

Embora o pilar tenha acompanhado Israel ao longo de todo o Êxodo, a presença manifesta de Deus entre seu povo atingiu seu maior ápice no Monte Sinai. Não há dúvida de que a grande teofania no Monte Sinai é a maior aparição de Deus em toda a história humana. O Êxodo 19 retrata um pouco do terror e da majestade daquele dia em que Deus desceu:

E aconteceu que, ao terceiro dia, ao amanhecer, houve trovões e relâmpagos sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um somido de buzina mui forte, de maneira que estremeceu todo o povo que estava no arraial. E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. E todo o monte Sinai fumegava, porque o Senhor descera sobre ele em fogo; e a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente. E o somido da buzina ia crescendo cada vez mais; Moisés falava, e Deus lhe respondia

em voz alta. E, descendo o Senhor sobre o monte Sinai, sobre o cume do monte, chamou o Senhor a Moisés ao cume do monte; e Moisés subiu. (ÊXODO 19:16-20)

No Sinai, além do pilar das nuvens e do fogo, havia também trovões, relâmpagos, fumaça, o som de trombetas, e até mesmo um terremoto.

DO SINAI A SIÃO

Após a cerimônia da aliança e enquanto Israel se preparava para seguir em direção à terra de Canaã, o Senhor prometeu que Sua presença continuaria a permanecer com eles e os guiaria. Embora Sua presença fosse vista na forma do pilar, ela continuou a ser referida como o anjo da presença do Senhor:

Eis que eu envio um anjo diante de ti, para que te guarde pelo caminho, e te leve ao lugar que te tenho preparado. Guarda-te diante dele, e ouve a sua voz, e não o provoques à ira; porque não perdoará a vossa rebeldia; porque o meu nome está nele. Mas se diligentemente ouvires a sua voz, e fizeres tudo o que eu disser, então serei inimigo dos teus inimigos, e adversário dos teus adversários. Porque o meu anjo irá adiante de ti, e te levará aos amorreus, e aos heteus, e aos perizeus, e aos cananeus, heveus e jebuseus; e eu os destruirei. (ÊXODO 23:20-23)

Esse episódio da ordem do Senhor para ouvir o anjo do O Senhor foi refletido mais tarde no Monte da Transfiguração quando “a voz saiu da nuvem, dizendo: ‘E saiu da nuvem uma voz que dizia: Este é o meu amado Filho; a ele ouvi!’” (Lc 9:35). Ao longo dos quarenta anos de peregrinação pelo deserto, o pilar da presença do Senhor permaneceu com eles, os protegeu e os conduziu.

A TENDA DO ENCONTRO

No Monte Sinai, o Senhor deu a Moisés instruções para construir o tabernáculo, ou tenda do encontro. Antes que o tabernáculo fosse realmente construído, entretanto, uma tenda temporária que também foi chamada a tenda do encontro. Lá, ele literalmente se encontrou e falou com Deus. A descrição bíblica desses encontros é mais do que fascinante:

E tomou Moisés a tenda, e a estendeu para si fora do arraial, desviada longe do arraial, e chamou-lhe a tenda da congregação. E aconteceu que todo aquele que buscava o Senhor saía à tenda da congregação, que estava fora do arraial. E acontecia que, saindo Moisés à tenda, todo o povo se levantava, e cada um ficava em pé à porta da sua tenda; e olhava para Moisés pelas costas, até ele entrar na tenda. E sucedia que, entrando Moisés na tenda, descia a coluna de nuvem, e punha-se à porta da tenda; e o Senhor falava com Moisés. E, vendo todo o povo a coluna de nuvem que estava à porta da tenda, todo o povo se levantava e cada um, à porta da sua tenda, adorava. E falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala com o seu amigo; depois tornava-se ao arraial; mas o seu servidor, o jovem Josué, filho de Num, nunca se apartava do meio da tenda. (ÊXODO 33:7-11)

O simples pensamento da coluna das nuvens e do fogo que descia do céu sempre que Moisés entrava na tenda se apodera absolutamente de nossa imaginações. Que maravilha contemplar! Todas as pessoas compreenderam bem a rara majestade do que estavam testemunhando. Em admiração, eles ficavam de pé e olhavam atentamente para esta manifestação visível da presença de YHVH diante deles. A descrição adicional de Moisés de pé diante da coluna em chamas, na verdade falando com Deus “face a face” de uma maneira tão

íntima, faz desta passagem uma das passagens mais expressivas de toda a Bíblia.

O hábito de o próprio Senhor descer do céu na nuvem continuou. Moisés pediu ao Senhor que lhe mostrasse Sua glória (Ex 33:18). Surpreendentemente, o Senhor concordou. E assim:

E o Senhor desceu numa nuvem e se pôs ali junto a ele; e ele proclamou o nome do Senhor. Passando, pois, o Senhor perante ele, clamou: O Senhor, o Senhor Deus, misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade; Que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade, e a transgressão e o pecado; que ao culpado não tem por inocente; que visita a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos até a terceira e quarta geração. E Moisés apressou-se, e inclinou a cabeça à terra, adorou (ÊXODO 34:5-8)

Durante este evento inigualável, YHVH revelou seu nome e a essência de Seu caráter para Moisés. Mais uma vez, tudo isso aconteceu de dentro do pilar da nuvem, do fogo e da glória.

O QUE CAVALGA NAS NUVENS

Após Moisés e o povo de Israel terem experimentado a presença manifesta de Deus de formas tão evidentes, eles falavam d'Ele em poesia sublime como na Bênção de Moisés. Foi na declaração profética final de Moisés, como já vimos, que o Senhor foi primeiramente referido como o único “que atravessa os céus[...] e sobre as nuvens em sua majestade” (Dt 33:26 NIV). Centenas de anos depois, o rei Davi também chamaria todo Israel a cantar para Deus e “Exaltai Aquele que cavalga sobre as nuvens!” (Sl 68:4 NET). Embora o cavaleiro das nuvens fosse um título também reivindicado pelo

deus cananeu Baal, o povo de Israel teve uma experiência muito diferente. Durante quarenta anos, eles testemunharam pessoalmente seu Deus cavalgando sobre as nuvens. Para os israelitas, esse não era um título meramente hiperbólico ou extravagante.

A importância da nuvem dentro da narrativa bíblica não pode ser superestimada. Além da encarnação, quando o próprio Deus se encarnou, a manifestação da presença de YHVH no pilar da nuvem e do fogo é a única forma maior na qual YHVH já se revelou. Pergunte a qualquer judeu bíblicamente alfabetizado, seja nos tempos modernos ou no primeiro século, qual é o sinal mais seguro da presença de Deus. A resposta, sem dúvida, seria o sinal visível da coluna de nuvem e fogo. Durante todo o período do Antigo Testamento, o pilar não era simplesmente um de muitos outros sinais iguais, mas era o único grande e definitivo sinal da presença de YHVH.

A COLUNA NO NOVO TESTAMENTO

Não devemos nos surpreender então quando lemos no Novo Testamento que Judas identificou o pilar como sendo realmente uma manifestação pré-encarnada do próprio Jesus: “Agora quero lembrá-lo [...] que Jesus salvou um povo fora do Egito” (Jd 5). Embora algumas traduções não incluam o nome de Jesus aqui, mas simplesmente dizem “o Senhor”, Thomas R. Shreiner, autor do Novo Comentário Americano sobre Judas, observa que “as evidências externas sugerem que ‘Jesus’ em vez de ‘Senhor’ seria a leitura correta”.¹ Da mesma forma, o professor do Novo Testamento Jarl E. Fossum argumenta que Judas entendeu que Jesus é o Anjo do Senhor que aparece em todo o Antigo Testamento, inclusive na coluna de nuvem.² O que é coerente com a doutrina dos apóstolos, como já discutimos anteriormente,

que reconhece sistematicamente Jesus em textos que se referem a YHVH no Antigo Testamento (cf. Is 6; Is 45:23; Jo 12:41; Fp 2:10-11).

O RETORNO DE JESUS NO PENSAMENTO POPULAR CRISTÃO

Após um breve levantamento do tema da nuvem ao longo do Antigo Testamento, vamos agora voltar nossa atenção para como o retorno de Jesus é popularmente imaginado. Se você perguntar aos cristãos como eles imaginam o retorno de Jesus, provavelmente eles descreveriam um homem vindo do céu para a terra, rodeado de nuvens brancas fofas, talvez em um céu azul cristalino. Certamente, é assim que a segunda vinda é mais frequentemente retratada na arte cristã. Para apoiar esse ponto de vista, as pessoas mencionam a ascensão de Jesus ao céu a partir do Monte das Oliveiras, conforme registrado no livro de Atos. Depois que Jesus disse a seus discípulos para serem suas testemunhas “em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (Atos 1:8) Depois disso, Jesus “foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos” (Atos 1:9). Dois homens (anjos) que de repente se colocaram ao lado deles disseram-lhes que Jesus voltaria da mesma maneira que Ele subiu às nuvens. Muitos outros dariam os detalhes com as descrições de Jesus surgindo do céu, como descrito em Apocalipse 19. Lá, Ele é retratado montando um cavalo branco e sendo seguido por os exércitos do céu. Ele voltará em nuvens de tempestade espessas com todos os grandes turbulências que estavam presentes durante a teofania do Senhor no Sinai. Jesus, no entanto, parece nos dar algumas provas sólidas de que realmente haverá mais do que possamos ter percebido. Vamos ver mais de perto como Ele descreveu exatamente Seu próprio retorno, e considerar cuidadosamente os textos específicos que Ele citou ao fazer isso.

A DESCRIÇÃO DE JESUS DE SEU PRÓPRIO RETORNO

O Sermão do Monte de Jesus está redigido de maneiras ligeiramente diferentes nos três evangelhos sinópticos. No relato de Mateus, Jesus diz que Ele voltará “sobre as nuvens do céu” (24:30 NVI). No relato de Marcos, diz-se que Ele voltará “nas nuvens” (13:26), enquanto o relato de Lucas diz que Ele voltará “numa nuvem” (21:27). “Nas nuvens”, “nas nuvens” e “numa nuvem”. Assim como o anjo de Deus estava presente *na coluna de nuvem* durante o Êxodo, também Jesus descreve Sua própria volta do céu na nuvem.

Além disso, Jesus citou especificamente dois textos muito importantes do Antigo Testamento em conexão com Seu retorno. O primeiro é Daniel 7, no qual Jesus se identifica como o divino “Filho do Homem” que virá com as nuvens. Ele virá no mesmo corpo humano que Ele assumiu na encarnação. Além disso, Ele virá como o Cavaleiro das Nuvens, como YHVH Deus Todo-Poderoso. Como Moisés disse, “Não há outro, ó Jesurum, semelhante a Deus, que cavalga sobre as nuvens” (Dt 33:26). Só YHVH é o Cavaleiro das Nuvens. Que Jesus voltará como o divino Deus-homem no entanto, certamente não é nada novo para os cristãos. É exatamente o que eles têm esperado por dois mil anos. A importância da segunda passagem que Jesus cita ao descrever seu retorno, no entanto, é muitas vezes negligenciada. Ao afirmar que todas as tribos da terra O verão, Ele fez uma clara referência à profecia de Zacarias 12. Ambos os textos – Daniel 7 e Zacarias 12 – são mencionados em todos os três relatos sinóticos do evangelho, bem como no livro de Apocalipse. No Evangelho de Mateus, Jesus é retratado dizendo: “todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu” (Mt 24:30). No livro de Apocalipse, entretanto, sua citação de Zacarias é ainda mais explícita:

Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Sim. Amém. (Apocalipse 1:7)

A maioria dos cristãos leram “todas as tribos da terra” e imediatamente assumiram que Jesus estava descrevendo um evento global. Agora, para ser claro, acredito que Seu retorno será exatamente isso. Devemos observar, entretanto, que o contexto original de Zacarias 12 é na verdade uma profecia muito específica, centrada em Israel. Por tribos, Zacarias se refere claramente às tribos de Israel, e, por terra, se refere à terra (hebraico: *eretz*) de Israel. Quando nós lemos o texto mais completo da profecia, isto se torna muito claro:

Mas sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem traspassaram; e prantearão sobre ele, como quem pranteia pelo filho unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito. Naquele dia será grande o pranto em Jerusalém, como o pranto de Hadade-Rimom no vale de Megido. E a terra pranteará, cada família à parte: a família da casa de Davi à parte, e suas mulheres à parte; e a família da casa de Natã à parte, e suas mulheres à parte; A família da casa de Levi à parte, e suas mulheres à parte; a família de Simeí à parte, e suas mulheres à parte. Todas as mais famílias remanescentes, cada família à parte, e suas mulheres à parte. (ZACARIAS 12:10-14)

Novamente, a questão aqui não é argumentar que o retorno de Jesus será um evento exclusivamente local. O objetivo é observar que o retorno de Jesus gira inteiramente em torno de Israel. Diz respeito especificamente às tribos de Israel reconhecendo aquele a quem traspassaram, e assim se arrependendo,

cada tribo e clã individualmente. A casa de Davi individualmente, a casa de Natã individualmente, a casa dos Levitas individualmente, e assim por diante. Como já discutimos anteriormente muito detalhadamente, esta passagem está descrevendo o auge da história redentora de Israel, o momento exato em que “todo Israel será salvo” (Rm 11:26).

CONCLUSÃO: O SINAL DA VINDA DO FILHO DO HOMEM

Aqui está então o ponto crucial que não podemos perder. O sinal da vinda do Filho do Homem é algo que será especificamente reconhecido pelo povo judeu! Sim, Jesus voltará em sua forma imortal, glorificada, mas muito humana. Ele virá do céu no mesmo corpo em que Ele ascendeu. Aqui devemos perguntar qual é o sinal específico e definitivo que seria reconhecido pelo povo judeu, que levaria todas as tribos a reconhecer exatamente quem está vindo para salvá-los? A resposta não é simplesmente que um homem descerá do céu para a terra. Tampouco será a aparência física específica de Jesus. Não é como se os judeus dissessem: “Ah, olha, é Jesus”, “Eu O reconheço de todos os ícones e pinturas cristãs”. Não, o sinal definitivo que fará com que Jesus seja reconhecido por Seu próprio povo não pode ser outra coisa senão aquela manifestação específica da coluna de nuvem, fogo e glória. Esse somente é o sinal que seria reconhecido por Seu povo cujos pais Ele conduziu para fora do Egito. Que revelação maior podemos imaginar? Como foi no primeiro Êxodo, assim será durante o segundo. Mesmo quando José se revelou aos filhos de Israel, declarando: “Eu sou seu irmão!” (Gn 45:4), assim Jesus revelará a si mesmo ao seu povo, declarando-se tanto como seu Deus YHVH quanto como seu salvador. No tempo de escuridão de Israel, quando toda esperança parecer perdida, quando Israel tiver chegado ao fim de suas forças, tendo suportado a plenitude da tribulação de Jacó, a coluna divina

das nuvens voltará a aparecer e descerá do céu para salvá-los. Este é o sinal da vinda do Filho do Homem.

Assim como em todo o Êxodo, no Monte Sinai e na tenda do encontro, a coluna descerá. Todos ficarão admirados, olhando para a glória da presença de YHVH enquanto a ficha finalmente cai, ao reconhecerem aquele a quem traspassaram. Pois dentro da nuvem estará o Filho do homem, Jesus, o radiante, o único salvador de Israel. Na verdade, o rei Davi estava certo em ter clamado: “Cantai a Deus, cantai louvores ao seu nome; louvai aquele que vai montado sobre os céus, pois o seu nome é Senhor, e exultai diante dele” (Sl 68:4 CSB). Ao qual, todo o povo de Deus responde: “*Amém e Amém. Vem, Senhor Jesus!*”



NOTAS

INTRODUÇÃO: RECUPERANDO O CLAMOR MARANATA

1. (1 Cor 16:22, Ap 22:20; cf. Didaquê 10:6).

CAPÍTULO 1: O ROMANCE DO ÊXODO

1. Nahum M. Sarna, *The JPS Torah Commentary: Exodus* (Filadélfia: Sociedade de Publicações Judaicas, 1991), 32.

CAPÍTULO 2: YHWH SE INCLINA

1. Louis Ginzberg, Henrietta Szold, and Paul Radin, *Legends of the Jews*, 2ª ed. (Filadélfia: Sociedade de Publicações Judaicas, 2003), 550.

CAPÍTULO 3: YHWH ELIMINA A COMPETIÇÃO

1. Louis Ginzberg, Henrietta Szold, and Paul Radin, *Legends of the Jews*, 2ª ed. (Filadélfia: Sociedade de Publicações Judaicas, 2003), p. 553–554.
2. Douglas K. Stuart, *Êxodo*, vol. 2, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2006), 346.
3. Louis Ginzberg, Henrietta Szold, e Paul Radin, *Lendas dos Judeus*, 2ª ed. (Filadélfia: Sociedade de Publicações Judaicas, 2003), 563.
4. Alfred Edersheim, *Bible History: Old Testament*, vol. 2 (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1975), 88.
5. Alfred Edersheim, *Bible History: Old Testament*, vol. 2 (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1975), 88.

CAPÍTULO 4: YHWH O PROVEDOR

1. Dentro da área de estudos do Êxodo, há uma ampla gama de opiniões entre os estudiosos sobre quantos israelitas estavam realmente presentes para o Êxodo. Embora o número mais alto sugerido é de cerca de três milhões, outros acreditam que havia aproximadamente vários milhares. Enquanto existem alguns fatores relevantes que levam diferentes estudiosos a chegar a suas conclusões, os mais significativos delas é a tradução apropriada da palavra hebraica “eleph em Êxodo 12:37”. A palavra hebraica desse versículo diz literalmente, Os israelitas viajaram de Ramsés a Suco-te, cerca de seiscentos ‘eleph de soldados, além de mulheres e crianças”. Algumas versões bíblicas traduzem ‘eleph como “milhares”, enquanto outros estudiosos acreditam que o termo simplesmente significa algo semelhante a “homens de idade de lutar”. A diferença então é drástica no que diz respeito ao número de israelitas que estavam lá no Êxodo. Com base nos melhores estudiosos e nos melhores argumentos, parece provável que o número de israelitas que deixaram o Egito era muito inferior a milhões de pessoas. Para um exame e explicação mais detalhados desse tópico, veja o excerto de Douglas Stuart em *The New American Commentary, New American Commentary, An Exegetical and Theological Exposition of Holy Scripture Êxodo*, p. 297-302, e D. M. Fouts, “A Defense of the Hyperbolic Interpretation of Large Numbers in the Old Testament”, *JETS* 40: 3 (1997): 377-87.
2. Flávio Josefo e William Whiston, *The Works of Josephus: Complete and Unabridged* (Peabody: Hendrickson, 1987), 80-81. (*Antiguidades Judaicas* 1:33-38).
3. Charles Duke Yonge com Philo de Alexandria, *The Works of Philo: Complete and Unabridged* (Peabody, MA: Hendrickson, 1995), 519.

CAPÍTULO 5: O PEDIDO DE CASAMENTO

1. Douglas K. Stuart, *Êxodo*, vol. 2, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2006), 423.
2. Christopher J.H. Wright, *Knowing Jesus Through the Old Testament* (Downers Grove, IL: Intervarsity Press), 39.
3. Nahum M. Sarna, *The JPS Torah Commentary: Exodus* (Filadélfia: Sociedade de Publicações Judaicas, 1991), 104.

CAPÍTULO 6: A ALIANÇA MATRIMONIAL NO MONTE SINAI

1. Martin H. Manser, *Dictionary of Bible Themes: The Accessible and Comprehensive Tool for Topical Studies* (Londres: Martin Manser, 2009). Betrothal.
2. Abraham P. Bloch, *The Biblical and Historical Background of Jewish Customs and Ceremonies* (KTAV Publishing, Nova Iorque, 1980), 34 (Ketubot 10a).
3. חֹפּוּאֵי, chuppáh, khoop-paw'; 2645; a canopy:—chamber, James Strong, *Dicionário conciso das palavras em Grego e da Bíblia Hebraica* (Bellingham, Washington: Logos Bible Software, 2009), 41.
4. Gordon J. Wenham, *Exploring the Old Testament: The Pentateuch*, vol. 1 (Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 2003), 68.
5. Michael Carasik, ed., *Deuteronomy: Introduction and Commentary*, trans. Michael Carasik, *The Commentators' Bible* (Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2015), 239.
6. H. D. M. Spence-Jones, ed., *Exodus*, vol. 2, *The Pulpit Commentary* (Londres; Nova Iorque: Funk & Wagnalls Company, 1909), 130.
7. Carl Friedrich Keil e Franz Delitzsch, *Commentary on the Old Testament*, vol. 1 (Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1996), 391-392.
8. Douglas K. Stuart, *Exodus*, vol. 2, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2006), 440.
9. Douglas K. Stuart, *Exodus*, vol. 2, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2006), 455-456.

CAPÍTULO 7: ATÉ QUE A MORTE NOS SEPRE

1. Nahum M. Sarna, *The JPS Torah Commentary: Exodus* (Filadélfia: Sociedade de Publicações Judaicas, 1991), 109.
2. Como comenta Sarna: “É provável que o derramamento do sangue ‘sobre o povo’ descrito no versículo 8 tenha sido realizado aspergindo-o sobre os pilares”. Nahum M. Sarna, *Comentário da Torah JPS: Êxodo* (Filadélfia: Sociedade de Publicações Judaicas, 1991), 151.
3. Douglas K. Stuart, *Êxodo*, vol. 2, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2006), 552.
4. Douglas K. Stuart, *Êxodo*, vol. 2, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2006), 552.

5. Eugene H. Merrill, Deuteronomio, vol. 4, The New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1994), 163.

CAPÍTULO 8: A NOIVA ADÚLTERA

1. Edward Dennett, Typical Teachings of Exodus: Being a Simple Exposition (Londres: W. H. Broom, 1882), 354.
2. Walter C. Kaiser Jr. “Exodus”. The Expositor’s Bible Commentary: Genesis–Leviticus (Edição revisada), ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 540.
3. Walter C. Kaiser Jr. “Exodus”. The Expositor’s Bible Commentary: Genesis–Leviticus (Edição revisada), ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 540-541.
4. Douglas K. Stuart, Exodus, vol. 2, The New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2006), 668.
5. Nahum M. Sarna, The JPS Torah Commentary: Exodus (Filadélfia: Sociedade de Publicações Judaicas, 1991), 207.
6. Nahum M. Sarna, The JPS Torah Commentary: Exodus (Filadélfia: Sociedade de Publicações Judaicas, 1991), 208.
7. Alec Motyer, The Message of Exodus: The Days of Our Pilgrimage, eds. Alec Motyer and Derek Tidball, The Bible Speaks Today (Nottingham, Inglaterra: Inter-Varsity Press, 2005), 292.
8. Carl Friedrich Keil e Franz Delitzsch, Comentário do Antigo Testamento, vol. 1 (Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1996), 469.
9. Walter C. Kaiser Jr. “Exodus”. The Expositor’s Bible Commentary: Genesis–Leviticus (Edição revisada), ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 541.
10. Nahum M. Sarna, The JPS Torah Commentary: Exodus (Filadélfia: Sociedade de Publicações Judaicas, 1991), 209.
11. Walter C. Kaiser Jr. “Exodus”. The Expositor’s Bible Commentary: Genesis–Leviticus (Edição revisada), ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 548.
12. Nahum M. Sarna, The JPS Torah Commentary: Exodus (Filadélfia: Sociedade de Publicações Judaicas, 1991), 217.

CAPÍTULO 9: SÍNTESE DOS TEMAS RELACIONADOS A CASAMENTO NO ÊXODO

1. Arnold G. Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah: A Study of the Sequence of Prophetic Events*, ed. Rev. (Tustin, Califórnia: Ariel Ministries, 2003), 570.

CAPÍTULO 10: AS MALDIÇÕES DA ALIANÇA

1. Gordon J. Wenham, *Exploring the Old Testament: The Pentateuch*, vol. 1 (Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 2003), 128.

CAPÍTULO 11: A ÉPOCA DA TRIBULAÇÃO DE JACÓ

1. Peter C. Craigie, *Comentário do antigo Testamento - Deuterônômio* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976), 140.
2. Gary V. Smith, *Isaías 1-39*, ed. E. Ray Clendenen, *The New American Commentary* (Nashville: B & H Publishing Group, 2007), 451.
3. F. Duane Lindsey, "Zechariah." *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, ed. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 1569.
4. David Baron, *Zechariah: A Commentary on His Visions and Prophecies*, (Grand Rapid, MI, Kregel Publications, 1919), 493.

CAPÍTULO 12: A SALVAÇÃO DE ISRAEL

1. Peter C. Craigie, *Comentário do antigo Testamento - Deuterônômio* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976), 140.
2. Jack S. Deere, "Deuteronomy." *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, eds. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 270.
3. Segundo Eitan Bar do One For Israel, existem cerca de 20.000 judeus messiânicos em Israel, que constituem apenas 0,03% do total da população judaica.
4. John D. Currid, *A Study Commentary on Deuteronomy*, EP Study Commentary (Darlington, Inglaterra; Webster, Nova Iorque: Evangelical Press, 2006), 510.

5. John A. Martin. "Isaiah." *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, eds. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 1114.
6. John Peter Lange et al., *A Commentary on the Holy Scriptures: Jeremiah* (Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2008), 257.

CAPÍTULO 13: A REUNIFICAÇÃO FINAL DE ISRAEL NA TERRA

1. F. B. Huey, *Jeremias, Lamentações*, vol. 16, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1993), 212.
2. Risa Levitt Kohn, *A New Heart and a New Soul: Ezekiel, the Exile, and the Torah*, vol. 358, *Revista para o Estudo da Série de Suplementos do Antigo Testamento* (Londres; Nova Iorque: Sheffield Academic Press, 2002), 87.
3. Daniel Isaac Block, *The Book of Ezekiel, Chapters 25–48*, *The New International Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997-), 389. Citações de blocos: (Midrash Rabbah: Gen. Rab. 13.6; 14.5; Deut. Rab. 7.7; Lev. Rab. 14.9.)
4. Tertuliano. "Sobre a Ressurreição da Carne". *O cristianismo latino: Seu Fundador, Tertuliano*, eds. Alexander Roberts, James Donaldson, e A. Cleveland Coxe, trans. Peter Holmes, vol. 3, *The Ante-Nicene Fathers* (Buffalo, NY: Christian Literature Company, 1885), 566.
5. Ibid.
6. Daniel Isaac Block, *The Book of Ezekiel, Chapters 25–48*, *The New International Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997), 392.
7. Charles H. Dyer. "Ezekiel." *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, ed. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 1298-1299.
8. John A. Martin. "Micah." *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, eds. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 1491.
9. James M. Hamilton Jr., *With the Clouds of Heaven: The Book of Daniel in Biblical Theology*, ed. D. A. Carson, vol. 32, *New Studies in Biblical Theology* (Downers Grove, IL; Inglaterra: Apollos; InterVarsity Press, 2015), 45.

CAPÍTULO 14: O RENASCIMENTO DO ISRAEL MODERNO NA PROFECIA

1. Mark Hitchcock, *The Coming Islamic Invasion of Israel* (Colorado Springs, CO: Multnomah Books, 2002), 87.

CAPÍTULO 15: GRAÇA NO DESERTO

1. John F. Walvoord, *The Prophecy Knowledge Handbook* (Wheaton, IL: Victor Books, 1990), 332.
2. Timothy LaHaye, Ed Hindson, editores gerais, *The Popular Prophecy Bible Commentary*, (Eugene, Oregon: Harvest House Publishers, 2006), 312.
3. Kenneth L. Barker. "Zechariah". *The Expositor's Bible Commentary: Daniel-Malachi* (Edição Revisada), eds. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 8 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 821.
4. J. Barton Payne. *The Encyclopedia of Biblical Prophecy*, quarta edição. (Grand Rapids, MI: Baker, 1997), 467.
5. Barry Webb, *The Message of Zechariah: Your Kingdom Come*, eds. Alec Motyer e Derek Tidball, *The Bible speaks Today* (Nottingham: Inter-Varsity Press, 2003), 168 (ver, nota final 202).
6. F. Duane Lindsey, "Zechariah." *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, eds. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 1569.
7. Para uma discussão mais detalhada da viagem de Paulo ao Monte Sinai, veja Joel Richardson, *Monte Sinai, na Arábia: A verdadeira localização revelada*, (Leawood, KS: Winepress Media, 2019), 77-84.
8. John F. Walvoord, "Revelation," in *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, ed. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 2 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 957.
9. G. K. Beale, *The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary* (Grand Rapids, MI: Carlisle, Cumbria: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1999), 643.
10. John F. Walvoord. "Revelation," in *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, ed. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 2 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 958.

CAPÍTULO 16: A ALIANÇA DE CASAMENTO RENOVADA

1. Arnold G. Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah: A Study of the Sequence of Prophetic Events*, ed. revisada (Tustin, CA: Ariel Ministries, 2003), 581.
2. Portanto: “O título Meu povo se aplica a Israel como um todo, às doze tribos da antiga confederação e ao reino unido”. Francis I. Andersen e David Noel Freedman, *Oséias: Uma Nova Tradução com Introdução e Comentário*, vol. 24, Anchor Yale Bible (New Haven; Londres: Yale University Press, 2008), 198.
3. Francis I. Andersen e David Noel Freedman, *Hosea: A New Translation with Introduction and Commentary*, vol. 24 (New Haven; Londres: Yale University Press, 2008), 209.
4. Duane A. Garrett, *Hosea, Joel*, vol. 19A, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1997), 73.
5. Francis I. Andersen e David Noel Freedman, *Hosea: A New Translation with Introduction and Commentary*, vol. 24, Anchor Yale Bible (New Haven; Londres: Yale University Press, 2008), 209.
6. Carl Friedrich Keil e Franz Delitzsch, *Comentário sobre o Antigo Testamento*, vol. 10 (Peabody, MA: Hendrickson, 1996), 40-42.
7. J. A. Motyer, *The Prophecy of Isaiah: An Introduction & Commentary* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996), 446.
8. John A. Martin. “Isaiah.” *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, eds. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 1116.
9. Gary Smith, *Isaias 40-66*, vol. 15B, *The New American Commentary* (Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 2009), 649.
10. Mais tarde, no capítulo 23, Ezequiel continua a desenvolver esta metáfora de Israel e Judá como duas irmãs casadas com o Senhor que se tornaram prostitutas infiéis.

CAPÍTULO 17: O BANQUETE DE CASAMENTO

1. John A. Martin. “Isaias”. Em “Isaiah.” In *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, eds. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 1041.

2. Curiosamente, a palavra é usada apenas em duas outras passagens de toda a Bíblia (Salmo 19:5; Joel 2:16).
3. J. A. Motyer, *The Prophecy of Isaiah: An Introduction & Commentary* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996), 66.
4. J. A. Motyer, *The Prophecy of Isaiah: An Introduction & Commentary* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996), 209.
5. John A. Martin. “Isaías”. “Isaiah.” *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, ed. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 1073.
6. J. A. Motyer, *The Prophecy of Isaiah: An Introduction & Commentary* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996), 209.
7. Brian J. Vickers, “God Fearer”, eds. Chad Brand et al., *Holman Illustrated Bible Dictionary* (Nashville, TN: Holman Bible Publishers, 2003), 661.
8. David Turner e Darrell L. Bock, *Cornerstone Comentário Bíblico, Vol 11: Matthew and Mark* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, 2005), 125.
9. Craig Blomberg, *Matthew*, vol. 22, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992), 326.
10. Como observa Leon Morris, “Em Mateus é geralmente o reino dos céus (32 vezes), enquanto ‘o reino de Deus’, que é a expressão mais usual em Marcos e Lucas, ocorre apenas 5 vezes”. Leon Morris, *The Gospel according to Matthew, The Pillar New Testament Commentary* (Grand Rapids, MI; Leicester, Inglaterra): W.B. Eerdmans; Inter-Varsity Press, 1992), 53.
11. Louis A. Barbieri, Jr. “Matthew.” *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, ed. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 2 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 71.
12. Craig Blomberg, *Matthew*, vol. 22, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992), 327.
13. Arnold G. Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah: A Study of the Sequence of Prophetic Events*, Rev. ed. (Tustin, CA: Ariel Ministries, 2003), 372.
14. J. Dwight Pentecost, *Things to Come: A Study in Biblical Eschatology* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1958), 227.
15. David Turner e Darrell L. Bock, *Cornerstone Comentário Bíblico, Vol 11: Matthew and Mark* (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, 2005), 323.

16. Ibid.
17. Robert H. Stein, Luke, vol. 24, The New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992), 359.
18. David W. Pao e Eckhard J. Schnabel, “Luke,” in Commentary on the New Testament Use of the Old Testament (Grand Rapids, MI; Nottingham, UK: Baker Academic; Apollos, 2007), 331.
19. Paige Patterson, Revelation, ed. E. Ray Clendenen, vol. 39, The New American Commentary (Nashville, TN: B&H, 2012), 343.

CAPÍTULO 18: A BÊNÇÃO DE MOISÉS

1. Michael Carasik, ed., Deuteronomy: Introduction and Commentary , trans. Michael Carasik, The Commentators’ Bible (Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2015), 239.
2. J. A. Thompson, Deuteronomy: An Introduction and Commentary, vol. 5,, Tyndale Comentários do Antigo Testamento (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1974), 334.
3. Michael Carasik, ed., Deuteronomy: Introduction and Commentary, trans. Michael Carasik, The Commentators’ Bible (Philadelphia: The Jewish Publication Society, 2015), 256.
4. Eugene H. Merrill, Deuteronomy, vol. 4, The New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1994), 449.
5. Veja, por exemplo, o Testamento de Levi 3:3; O Apocalipse Copta de Elias 3:4; 1 Enoque 102:1-3; 2 Enoque 17.
6. Carl Friedrich Keil e Franz Delitzsch, Commentary on the Old Testament, vol. 1 (Peabody, MA: Hendrickson, 1996), 1008.
7. Peter C. Craigie, Comentário do antigo Testamento - Deuteronomio (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1976), 403-404.
8. George N. H. Peters, The Theocratic Kingdom of Our Lord Jesus, the Christ, vol. 3 (Nova Iorque; Londres: Funk & Wagnalls, 1884), 20-21.
9. D. A Carson. “Jude.” Commentary on the New Testament Use of the Old Testament (Grand Rapids, MI; Nottingham, UK: Baker Academic; Apollos, 2007), 1078.

CAPÍTULO 19 : A CANÇÃO DE DÉBORA

1. Barry G. Webb. “Judges.” New Bible Commentary: Edição do Século 21, ed. D. A. Carson et al., 4ª edição, ed. (Leicester, Inglaterra; Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1994), 270.
2. Arthur E. Cundall e Leon Morris, Judges and Ruth: An Introduction and Commentary, vol.7, Tyndale Old Testament Commentaries (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1968), 91.
3. Daniel Isaac Block, Judges, Ruth, vol. 6, The New American Commentary (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1999), 211.
4. Isto não deve ser confundido com “Pseudo-Jasher” que, tendo se tornado bastante popular e até amplamente aceito nos últimos anos, é, de fato, meramente um livro mais moderno (século 18), falsificação e tentativa de recriar o antigo Livro perdido de Jasher, de Jacob Ilive. Também não deve ser confundido com a obra midrashic judaica do século 16, Sefer HaYashar.
5. Lawson G. Stone. “Juízes,” “Judges,” Cornerstone Biblical Commentary: Joshua, Judges, Ruth., ed. Philip W. Comfort, Comentário Bíblico Cornerstone (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 2012), 261.
6. Barry G. Webb. “Judges.” New Bible Commentary: Edição do Século 21, ed. D. A. Carson et al., 4ª ed. (Leicester, Inglaterra; Downers Grove, IL: Inter-Varsity Press, 1994), 270.
7. Mark J. Boda. “Judges.” The Expositor’s Bible Commentary: Numbers–Ruth (Edição revisada), ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 2 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012), 1124.

CAPÍTULO 20: O GRANDE SALMOS PROCESSIONAL DE DAVI

1. Nancy deClaisé-Walford e Beth Tanner. “Book Two of the Psalter: Psalms 42–72.” The Book of Psalms, ed. E. J. Young, R. K. Harrison, and Robert L. Hubbard Jr., The New International Commentary on the Old Testament - (Grand Rapids, MI; Cambridge, Reino Unido: William B. Eerdmans Publishing Company, 2014), 542.
2. Michael Wilcock, The Message of Psalms: Songs for the People of God, ed. J. A. Motyer, vol. 1, A Bíblia Fala Hoje (Nottingham, Inglaterra: Inter-Varsity Press, 2001), 235.
3. “Esse salmo como uma catarata acelerada - uma das mais turbulentas e emocionantes do Saltério... pode ter sido composta para a procissão de Davi com a arca “da casa de Obede-Edom à cidade de Davi com regozijo”.

Derek Kidner, *Psalms 1–72: An Introduction and Commentary*, vol. 15, Tyndale Old Testament Commentaries (Downers Grove, IL: InterVarsity Imprensa, 1973), 256. Veja também: R. E. O. White, “Psalms,” in *Evangelical Commentary on the Bible*, vol. 3, Baker Reference Library (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1995), 384, e Gray, John. “A Cantata of the Autumn Festival: Salmo LXVIII”. *Revista de Estudos Semíticos* 22 (1977): 2–26. 4. Marvin E. Tate, *Salmos 51-100*, vol. 20, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, Incorporated, 1998), 172. 5. Da mesma forma, a Bíblia em inglês Lexham diz: “Deus se levantará; seus inimigos serão dispersos e os que o odeiam fugirão de diante dele”. W. Hall Harris III et al., eds., *A Bíblia Lexham em inglês* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2012), Sl 68:1.

6. A NET, NKJV, NVI, LEB, NRSV e GNT o descrevem montado “nas nuvens”, a KJV o descreve montado através dos “céus”.
7. A NASB e a ESV descrevem-no cavalgando pelos “desertos”.
8. Michael Wilcock, *The Message of Psalms: Songs for the People of God*, ed. J. A. Motyer, vol. 1, *A Bíblia Fala Hoje* (Nottingham, Inglaterra: Inter-Varsity Press, 2001), 236.
9. Marvin E. Tate, *Salmos 51-100*, vol. 20, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, Incorporated, 1998), 176.
10. C. H. Spurgeon, *The Treasury of David: Psalms 56-87*, vol. 3 (Londres; Edimburgo; Nova Iorque: Marshall Brothers, n.d.), 139.
11. “Nos versículos 9 e 10 (Hb. 10, 11) os verbos derramar e prover devem ser presentes ou futuros; cf. neb.” Derek Kidner, *Psalm 1–72: An Introduction and Commentary*, vol. 15, Tyndale Old Testament Commentaries (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1973).
12. Marvin E. Tate, *Salmos 51-100*, vol. 20, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, Incorporated, 1998), 178.
13. Arnold G. Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah: A Study of the Sequence of Prophetic Events*, ed. Rev. (Tustin, Califórnia: Ariel Ministries, 2003), 292.
14. Esse conceito de Jesus conduzindo pessoalmente Israel através do “redemoinho” de Edom quando Ele retorna também podem estar por trás dos comentários que Jesus fez a seus discípulos: “Em verdade, em verdade, eu digo a você, aquele que não entra pela porta no curral das ovelhas, mas sobe em algum outro maneira, ele é um ladrão e um assaltante. Mas aquele que entra pela porta é um pastor de ovelhas. Para ele o porteiro abre, e as ovelhas ouvem sua voz, e ele chama suas próprias ovelhas pelo nome e as conduz para fora. Quando ele faz tudo o que é seu, ele vai

à frente deles, e as ovelhas o seguem porque conhecem sua voz. Um estranho, eles simplesmente não o seguirão, mas fugirão dele, porque elas não conhecem a voz de estranhos”. (Jo 10:1-5) Se assim for, então a referência ao falso pastor é provavelmente uma referência ao Anticristo.

15. Willem A. VanGemeren. “Salmos”. *The Expositor’s Bible Commentary: Psalms* (Edição revisada), ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 5 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 519.
16. Avraham Negev. “Hermon (Mount).” *The Archaeological Encyclopedia of the Holy Land* (Nova Iorque: Prentice Hall Press, 1990).
17. Derek Kidner, *Psalms 1–72: An Introduction and Commentary*, vol. 15, *Tyndale Old Testament Commentaries* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1973), 260.
18. Derek Kidner, *Psalms 1–72: An Introduction and Commentary*, vol. 15, *Tyndale Old Testament Commentaries* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1973), 260.
19. Para uma discussão útil sobre a relação de Efésios 4:8 ao Salmo 6:18, veja: Frank S. Thielman. “Ephesians.” *Commentary on the New Testament Use of the Old Testament* (Grand Rapids, MI; Nottingham, UK: Baker Academic; Apollos, 2007), 820.

CAPÍTULO 21: UM CAMINHO NO DESERTO

1. Barry Webb, *The Message of Isaiah: On Eagles’ Wings*, ed. J. A. Motyer e Derek Tidball, *The Bible Speaks Today* (Inglaterra: Inter-Varsity Press, 1996), 144.
2. Barry Webb, *The Message of Isaiah: On Eagles’ Wings*, ed. J. A. Motyer e Derek Tidball, *The Bible Speaks Today* (Inglaterra: Inter-Varsity Press, 1996), 145.
3. “A mensagem escatológica do julgamento divino no capítulo anterior é contrastada com as novas promessas sobre a aparição de Deus na Terra”. Gary V. Smith, *Isaiah 1–39*, ed. E. Ray Clendenen, *The New American Commentary* (Nashville: B & H Publishing Group, 2007), 577.
4. J. Alec Motyer, *Isaiah: An Introduction and Commentary*, vol. 20, *Tyndale Old Testament Commentaries* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999), 244.
5. J. A. Motyer, *The Prophecy of Isaiah: An Introduction & Commentary* - (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1996), 300.

6. Barry Webb, *The Message of Isaiah: On Eagles' Wings*, ed. J. A. Motyer e Derek Tidball, *The Bible Speaks Today* (Inglaterra: Inter-Varsity Press, 1996), 161.
7. J. Ridderbos, *Isaiah, Bible Student's Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984), 340.
8. George N. H. Peters, *O Reino Teocrático de Nosso Senhor Jesus, o Cristo*, vol. 3 (Nova Iorque; Londres: Funk & Wagnalls, 1884), 23.
9. John A. Martin "Isaías". *O Comentário do Conhecimento Bíblico: Uma Exposição das Escrituras*, ed. J. F. Walvoord e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 1096. 10. Brevard S. Childs, *Isaías: Um Comentário*, ed. William P. Brown, Carol A. Newsom, e Brent A. Strawn, 1ª ed., *The Old Testament Library* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001), 517.
11. J. Alec Motyer, *Isaiah: An Introduction and Commentary*, vol. 20, *Tyndale Old Testament Commentaries*, vol. 20 (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999), 435.
12. George N. H. Peters, *The Theocratic Kingdom of Our Lord Jesus, the Christ*, vol. 3 (Nova Iorque; Londres: Funk & Wagnalls, 1884), 22.
13. (Gn 3:15; Num 24:17; Dt 32:35; 33:21; 1 Sam 2:10; Jz 5:26-27; Sl 58:10; 68:1-2, 21; 110:5; Jl 3:13; Is 63:3; Hb 3: 13; Mal 4:3; Lc 1:51-56; 68-75; 2:25; Rom 8:17; 2 Ts 1:5-6; Hb 10:27; 1 Pe 4:12-19; Judas 14; Ap 14:20; Ap 19:1, 15).
14. Risa Levitt Kohn, *A New Heart and a New Soul: Ezekiel, the Exile, and the Torah*, vol. 358,, *Revista para o Estudo da Série de Suplementos do Antigo Testamento* (Londres; Nova Iorque: Sheffield Academic Press, 2002), 107-110.

CAPÍTULO 22: A ORAÇÃO DE HABACUQUE

1. George Adam Smith, *The Book of the Twelve Prophets*, 2 vols.. (Londres: Hodder e Stoughton, 1898), 2:150.
2. Arnold G. Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah: A Study of the Sequence of Prophetic Events*, ed. Rev. (Tustin, CA: Ariel Ministries, 2003), 349.
3. O. Palmer Robertson, *Os Livros de Naum, Habacuque e Sofonias, O Novo Comentário Internacional sobre o Antigo Testamento* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1990), 224.

4. Richard D. Patterson e Andrew E. Hill, Comentário Bíblico Cornerstone, Vol 10: Profetas Menores, Oséias-Malaquias (Carol Stream, IL: Tyndale House Publishers, 2008), 430.
5. David Prior, A Mensagem de Joel, Miquéias e Habacuque: Ouvindo a voz de Deus, ed. J. A. Motyer e Derek Tidball, A Bíblia Fala Hoje (Notttingham, Inglaterra: Inter-Varsity Press, 1988), 265.
6. Carl Friedrich Keil e Franz Delitzsch, Comentário do Antigo Testamento, vol. 10 (Peabody, MA: Hendrickson, 1996), 417. O mesmo ocorre com Timothy Shenton: “Assim como ele apareceu no Monte Sinai, assim ele aparecerá novamente”. . . . A declaração retrata uma futura revelação da glória do Senhor”. Tim Shenton, Habacuque: Um Comentário Expositivo, Explorando o Comentário Bíblico (Leominster, UK: Day One Publications, 2007), 71.
7. O. Palmer Robertson, The Books of Nahum, Habakkuk and Zephaniah, The New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1990), 222.
8. Carl E. Armerding. Habakkuk.” The Expositor’s Bible Commentary: Daniel and the Minor Prophets, ed. Frank E. Gaebelin, vol. 7 (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1986), 526.
9. Daniel C. Juster, Passover: The Key That Unlocks the Book of Revelation - (Clarksville, MD: Messianic Jewish Publishers, 2011), 79.
10. Para um exame detalhado da localização do Monte Sinai, veja: Joel Richardson, Monte Sinai, na Arábia: A Verdadeira Localização Revelada, (Leawood, KS: Winepress Media, 2019).
11. Como Robertson aponta, “Esse chefe é o principal objeto da ofensiva do Senhor. Deus esmaga esse líder principal das multidões de malvados (v. 14) da mesma forma que a estrela de Jacó era para bater os cantos de Moabe (Núm. 24:17), e Jael feriu Sisera (Jz. 5:26), e o Messias feria a cabeça de muitos (Sl. 110:5-6)”. O. Palmer Robertson, The Books of Nahum, Habakkuk and Zephaniah: The New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1990), 239.
12. Ralph L. Smith, Micah-Malachi, vol. 32, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, Incorporated, 1984), 116.
13. Roger Ellsworth, Opening up Psalms, Opening Up Commentary (Leominster: Day One Publications, 2006), 11.

14. O. Palmer Robertson, *The Books of Nahum, Habakkuk and Zephaniah: The New International Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co, 1990), 215–216.

CAPÍTULO 23: A PROFECIA DE ZACARIAS

1. George L. Klein, *Zechariah*, vol. 21B, *The New American Commentary* (Nashville, TN: B & H Publishing Group, 2008), 279.
2. Como pergunta Klein: “Mais especificamente, a referência à Grécia foi anacrônica uma vez que a nação helenística se tornou verdadeiramente uma potência mundial dois séculos depois?” George L. Klein, *Zechariah*, vol. 21B, *The New American Commentary* (Nashville, TN: B & H Publishing Group, 2008), 279.
3. George L. Klein, *Zechariah*, vol. 21B, *The New American Commentary* (Nashville, TN: B & H Publishing Group, 2008), 280.
4. Para um exame completo de Ezequiel 38-39, a batalha de Deus e Magogue, veja meu livro *A Besta Vem do Oriente Médio: O Argumento Bíblico para Um Anticristo Islâmico*.
5. Kenneth L. Barker, “Zechariah,” *The Expositor’s Bible Commentary: Daniel–Malachi* (Edição revisada), ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 8 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 799.
6. Kenneth L. Barker. “Zechariah”. *The Expositor’s Bible Commentary: Daniel–Malachi* (Edição Revisada), ed. Tremper Longman III e David E. Garland, vol. 8 (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2008), 792.
7. Barry Webb, *The Message of Zechariah: Your Kingdom Come*, ed. Alec Motyer and Derek Tidball, *The Bible Speaks Today* (Nottingham: Inter-Varsity Press, 2003), 134-135.
8. Barry Webb, *The Message of Zechariah: Your Kingdom Come*, ed. Alec Motyer and Derek Tidball, *The Bible Speaks Today* (Nottingham: Inter-Varsity Press, 2003), 157-158.
9. Barry Webb, *The Message of Zechariah: Your Kingdom Come*, ed. Alec Motyer and Derek Tidball, *The Bible Speaks Today* (Nottingham: Inter-Varsity Press, 2003), 160.
10. Mark J. Boda, Haggai, *Zechariah*, *The NIV Application commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 2004), 522.

CAPÍTULO 24: A PROFECIA DE ENOQUE

1. Há duas traduções primárias em inglês de 1 Enoque. Aqui, usamos a tradução de George W. E. Nickelsburg.
2. George W. E. Nickelsburg, 1 Enoque: Um Comentário sobre o Livro de 1 Enoque ed. Klaus Baltzer, Hermeneia- a Critical and Historical Commentary on the Bible (Minneapolis, MN: Fortaleza, 2001), 142.
3. George W. E. Nickelsburg, 1 Enoch: A Commentary on the Book of 1 Enoch, ed. Klaus Baltzer, Hermeneia- a Critical and Historical Commentary on the Bible (Minneapolis, MN: Fortress, 2001), 143.
4. James H. Charlesworth, The Old Testament Pseudepigrapha, vol. 1 (Nova Iorque; Londres: Yale University Press, 1983), 301-302.
5. (Por exemplo, Tanchuma Jacob 7b; Leqach Tob Nm 24:17; Mt. 24:24-26; Atos 21:38. G. K. Beale, The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids, MI; Carlisle, Cumbria: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1999), 644.
6. G. K. Beale, The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids, MI; Carlisle, Cumbria: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1999), 644.
7. Flávio Josefo e William Whiston, The Works of Josephus: Complete and Unabridged (Peabody: Hendrickson, 1987), 614. (Guerras dos Judeus 2.259-62)
8. Ibid.
9. N. T. Wright, Jesus and the Victory of God, Christian Origins and the Question of God (Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1996), 160.
10. G. K. Beale, The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids, MI; Carlisle, Cumbria: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1999), 644.
11. 1QM 1.2-3; 1QS 8.12-15; 9.18-21; 4QpPsa.

CAPÍTULO 25: O RETORNO DE JESUS NO NOVO TESTAMENTO

1. Destas três passagens, a primeira diz que Jesus virá na glória de Seu Pai. Na segunda passagem, diz simplesmente em “grande glória”, enquanto que a terceira passagem nos diz que Ele virá em Sua própria glória. Como conciliar estas passagens? A resposta é simples. Como Hebreus 1:3 nos

informa, Jesus “é o resplendor da glória [do Pai e a representação exata de Sua natureza”. Em outras palavras, a glória de Jesus e a glória do Pai são uma e a mesma coisa. Jesus aqui não tenta velar sua altíssima cristologia. Embora várias seitas pseudo-cristãs ao longo da história tenham afirmado que Jesus nunca se autoproclamou Deus, exemplos como esse mostram essa afirmação como sendo falsa. Jesus entendia a si mesmo como sendo YHVH Todo Poderoso, e Ele queria que todos que O escutassem entendessem isto.

2. James H. Charlesworth, *The Old Testament Pseudepigrapha*, vol. 1 (Nova Iorque; Londres: Yale University Press, 1983), 13.

CAPÍTULO 26: ONDE JESUS RETORNA?

1. Noah W. Hutchings, *Petra in History and Prophecy* (Oklahoma City: Bible Belt Publishing, 2003).
 2. Robert Van Kampen, *The Sign of Christ’s Coming and of the End of the Age*, terceira edição. (Wheaton, IL: Crossway, 1992).
 3. Robert Van Kampen, *The Sign of Christ’s Coming and of the End of the Age*, terceira edição. (Wheaton, IL: Crossway, 1992), 380.
 4. Arnold G. Fruchtenbaum, *The Footsteps of the Messiah: A Study of the Sequence of Prophetic Events*, Edição Revisada. (Tustin, Califórnia: Ariel Ministries, 2003), 339.
 5. *Ibid*, 342.
 6. George N. H. Peters, *The Theocratic Kingdom of Our Lord Jesus, the Christ*, vol. 3 (Nova Iorque; Londres: Funk & Wagnalls, 1884), 19.
 7. Travis Snow, *The Passover King: Exploring the Prophetic Connection Between the Passover, the End Times, and the Return of Jesus* (Dallas: Voice of Messiah, Inc., 2020).
 8. Rick Brannan et al., eds., *The Lexham English Septuagint* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2012).
 9. Travis Snow, *The Passover King: Exploring the Prophetic Connection Between the Passover, the End Times, and the Return of Jesus* (Dallas: Voice of Messiah, Inc., 2020), 100.
 10. Hipólito de Roma, ““Treatise on Christ and Antichrist,” in *Fathers of the Third Century: Hippolytus*,
- Cyprian, Novatian, Appendix , eds. Alexander Roberts, James Donaldson, e A. Cleveland Coxe, trans. S. D. F. Salmond, vol. 5, *The Ante-Nicene Fathers* (Búfalo, NY: Christian Literature Company, 1886), 207.

APÊNDICE A: A DERROTA DO LEVIATÃ

1. Everett Fox, *The Five Books of Moses*, Schocken Bible 1 (Dallas: Word, 1995) A tradução de Robert Alter usa de forma semelhante “solda e desperdício”. Robert Alter, *The Hebrew Bible: A Translation with Commentary*, Volume 1, *The Five Books of Moses* (Norton, Nova Iorque, 2019).
2. Francis Brown, Samuel Rolles Driver, e Charles Augustus Briggs, *Enhanced Brown-Driver- Briggs Léxico hebraico e inglês* (Oxford: Clarendon Press, 1977), 1062.
3. (tehôm): James Swanson, *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domains: Hebrew (Old Testament)* (Oak Harbor: Logos Research Systems, Inc., 1997).
4. Por exemplo: “Tiamate deu à luz cobras monstruosas, ... dragões ferozes, ... serpentes, dragões, heróis peludos, monstros leões, homens leões, homens escorpiões, demônios poderosos, homens peixes, homens touro”. (Enuma Elish 1.134-46) como citado em Gregory Mobley, *The Return of the Chaos Monsters—and Other Backstories of the Bible* (Grand Rapids, MI; Cambridge, Reino Unido: William B. Eerdmans Publishing Company, 2012), 18.
5. De acordo com Tzvi Abusch, professor de Assiriologia e religião antiga do Oriente Próximo, o Tiamate babilônico deriva seu nome da palavra acádica tamtu, que significa simplesmente “mar”. Ela é “a fonte aquosa da vida e o oponente derrotado de Marduk”. I. Tzvi Abusch, “Tiamat”, ed. Mark Allan Powell, *Dicionário Bíblico Harper Collins (Revisado and Atualizado)* (Nova Iorque: HarperCollins, 2011), 1044.
6. I. Tzvi Abusch, “Tiamat”, ed., I. Tzvi Abusch, “Tiamat”, ed. Mark Allan Powell, *Dicionário Bíblico Harper Collins (Revisado e Atualizado)* (Nova Iorque: Harper Collins, 2011), 1044. Ver também John H. Walton, *Genesis 1 as Ancient Cosmology* (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2011), 145. Para um tratamento completo, ver Tsumura, Tsumura, *Creation and Destruction*, 46-57; ver também Horowitz, *Mesopotamian Cosmic Geography*, 301-6.
7. Amy L. Balogh e Douglas Mangum, “O Ciclo de Baal”, ed. John D. Barry et al., *The Lexham Bible Dictionary* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2016).
8. Da mesma forma, o Ciclo Canaanita de Baal retrata a batalha do deus Baal contra o deus do mar, Yamm (a mesma palavra semítica do hebraico para mar, yam). Com ecos da história bíblica em Gênesis, a vitória de Baal sobre Yamm simboliza o triunfo da ordem sobre o caos.

9. Andrew Tobolowsky. “Tiamat. ed.”. John D. Barry et al., *The Lexham Bible Dictionary* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2016).
10. Embora a Bíblia reflita alguns dos conceitos que se encontram no *Enuma Elish* e em outros mitos antigos do Oriente Próximo, isso não significa que o Gênesis tenha se baseado nestes relatos pagãos. Como o *Dicionário Bíblico Lexham* corretamente afirma, “Quaisquer elementos que possam ter sido captados, adaptados ou incorporados na visão da criação do antigo Israel lhes deram um novo significado”. John E. Anderson, “Criação”, ed. John D. Barry et al., *The Lexham Bible Dictionary* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2016). Enquanto o *Enuma Elish* apresenta a história de um deus lutando e, em última instância, prevalecendo sobre outro deus, o relato de Gênesis não está em todo confuso sobre quem é Deus, o Criador de todas as coisas, e quem é o subjugado. O Gênesis não apresenta Satanás e Deus como estando no mesmo plano. O oceano, por mais escuro, caótico e misterioso que seja, é apenas a criação. E enquanto outras passagens associam claramente Satanás com o oceano poderoso e ameaçador, nem se compara ao Deus Todo-Poderoso. Também é importante notar que a influência babilônica no relato bíblico não significa que o Gênesis seja dependente dessa tradição pagã. Pelo contrário, ao transformar conceitos pagãos comumente entendidos, o Gênesis refutou essas idéias. Ao contrário dessas outras histórias pagãs, Gênesis comunica que existe apenas um Deus e Criador supremo e todo-poderoso.
11. Dempsey Rosales Acosta. “Lord of Hosts”. ed. John D. Barry et al., *The Lexham Bible Dictionary* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2016).
12. “Então você manteve em existência dois seres vivos; aquele que você chamou de Beemote e o nome do outro Leviatã. E você separou um do outro, para a sétima parte onde a água tinha sido reunida não podia segurar os dois. E você deu a Beemote uma das partes que haviam sido secas no terceiro dia, para viver nele, onde há mil mas ao Leviatã você deu a sétima parte, a parte aquosa; e você manteve para serem comidos”. (2 Esdras 6:49-52). *A Bíblia Sagrada: Nova Versão Padrão Revisada* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1989), 2 Esdras 6:49-52.
- “Nesse dia, dois monstros serão separados - um monstro, uma fêmea chamada Leviatã, a fim de habitar no abismo do oceano sobre as fontes de água; e (o outro), um macho chamado Beemote. . . Então pedi ao segundo anjo para que ele me mostrasse (como) estes monstros são fortes, como eles foram separados neste dia e foram lançados, um no abismo do oceano, e o outro no deserto seco. . . E o anjo de paz que estava comigo disse-me: ‘Estes dois monstros estão preparados para o grande dia do Senhor (quando) eles devem se transformar em alimento’”. (1 Enoque 60:7-10,

24) James H. Charlesworth, *The Old Testament Pseudepigrapha*, vol. 1 (Nova Iorque; Londres: Yale University Press, 1983), 40-42.

“E acontecerá que quando tudo o que deveria acontecer nestas partes tiver sido realizado, o Ungido começará a ser revelado. E o Beemote se revelará a partir de seu lugar, e o Leviatã virá do mar, os dois grandes monstros que eu criei no quinto dia da criação e que terei guardado até esse momento. E eles serão o alimento para todos os que restam”. (2 Baruque 29:4) James H. Charlesworth, *The Old Testament Pseudepigrapha*, vol. 1 (Nova Iorque; Londres: Yale University Press, 1983), 630.

A. Rabbah disse R. Yohanan disse: “O Santo, bendito seja Ele, está destinado a fazer um banquete para os justos com a carne do Leviatã: ‘Os companheiros farão dele um banquete’ (Jó 40:30). O significado de ‘banquete’ deriva do uso da mesma palavra no verso: ‘E preparou para eles um grande banquete e comeram e beberam’ (2 Reis 6:23)”. Jacob Neusner, *The Babylonian Talmud: A Translation and Commentary*, vol. 15 (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2011), 223. Baba Batra IV.28.

13. Veja, por exemplo, os comentários de R. Yohanan do Talmud na nota de rodapé anterior.

14. Carl E. Armerding. “Habakkuk.” *The Expositor’s Bible Commentary: Daniel and the Minor Prophets*, ed. Frank E. Gaebelien, vol. 7 (Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1986), 521.

APÊNDICE B: O SINAL DA VOLTA DO FILHO DO HOMEM

1. Thomas R. Schreiner, 1, 2 Peter, Jude, vol. 37, *The New American Commentary* (Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2003), 444.

2. Fossum “Angel of the Lord”, 226-43; assim também R. Martin, “Jude,” in *The Theology of the Letters of*

James, Peter, and Jude (Cambridge: University Press, 1994), 77-78.

